

GEORGE R.R. MARTIN
GARDNER DOZOIS
DANIEL ABRAHAM



CAÇADOR EM
FUGA

SOBREVIVER É A ÚNICA LEI





Ao despertar num lugar escuro, Ramón Espejo não se lembra de como foi parar ali. Logo ele descobre que é refém de uma raça alienígena e que, para recuperar sua liberdade, será forçado a ajudá-los a encontrar outro humano como ele – um fugitivo.

Quando a caçada começa, no entanto, Ramón recupera algumas lembranças: a miséria e as péssimas condições de trabalho e de vida no México; a decisão de deixar a Terra e explorar um novo planeta-colônia, São Paulo; o sonho de encontrar metais valiosos e enriquecer; o desejo de uma nova chance.

Agora, envolvido numa estranha perseguição nesse mundo hostil e imprevisível, Ramón precisa encontrar uma maneira de escapar de seus captores... e, depois, de alguma forma, sobreviver. No entanto, à medida que suas memórias se fortalecem, Ramón descobre que seu pior inimigo pode ser ele mesmo.

CAÇADOR EM
FUGA

GEORGE R.R. MARTIN
GARDNER DOZOIS
DANIEL ABRAHAM



CAÇADOR EM
FUGA

Tradução
Fábio M. Barreto



Copyright © 2008, George R.R. Martin, Gardner Dozois e Daniel Abraham
Publicado de acordo com os autores, aos cuidados de The Lotts Agency, Ltd.
Copyright da tradução © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Fábio M. Barreto
Copyright do mapa © 2008 by HarperCollins Publishers

Título original
Hunter's Run

Produção editorial: Oliveira Editorial | Anna Beatriz Seilhe
Preparação: Rayssa Galvão
Revisão: Flávia Midori
Capa: James L. Iacobelli
Imagem da capa: Stephan Martinieri
Mapa: Andrew Ashton
Adaptação de capa e projeto gráfico de miolo: Leandro Dittz
Diagramação: DTPPhoenix Editorial
Curadoria: Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Martin, George R.R.
Caçador em fuga / George R.R. Martin,
Gardner Dozois e Daniel Abraham; tradução de
Fábio M. Barreto. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

ISBN 978-85-441-0521-4

Título original: Hunter's Run

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I.
Título II. Dozois, Gardner III. Abraham, Daniel III.
Barreto, Fábio M.

CDD 813

17-0301

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

*Para Connie Willis, que aprendeu tudo que sabe com Gardner e George
e ensinou para Daniel*

ÍNDICE

PRELÚDIO

PARTE UM

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

PARTE DOIS

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

PARTE TRÊS

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

PARTE QUATRO

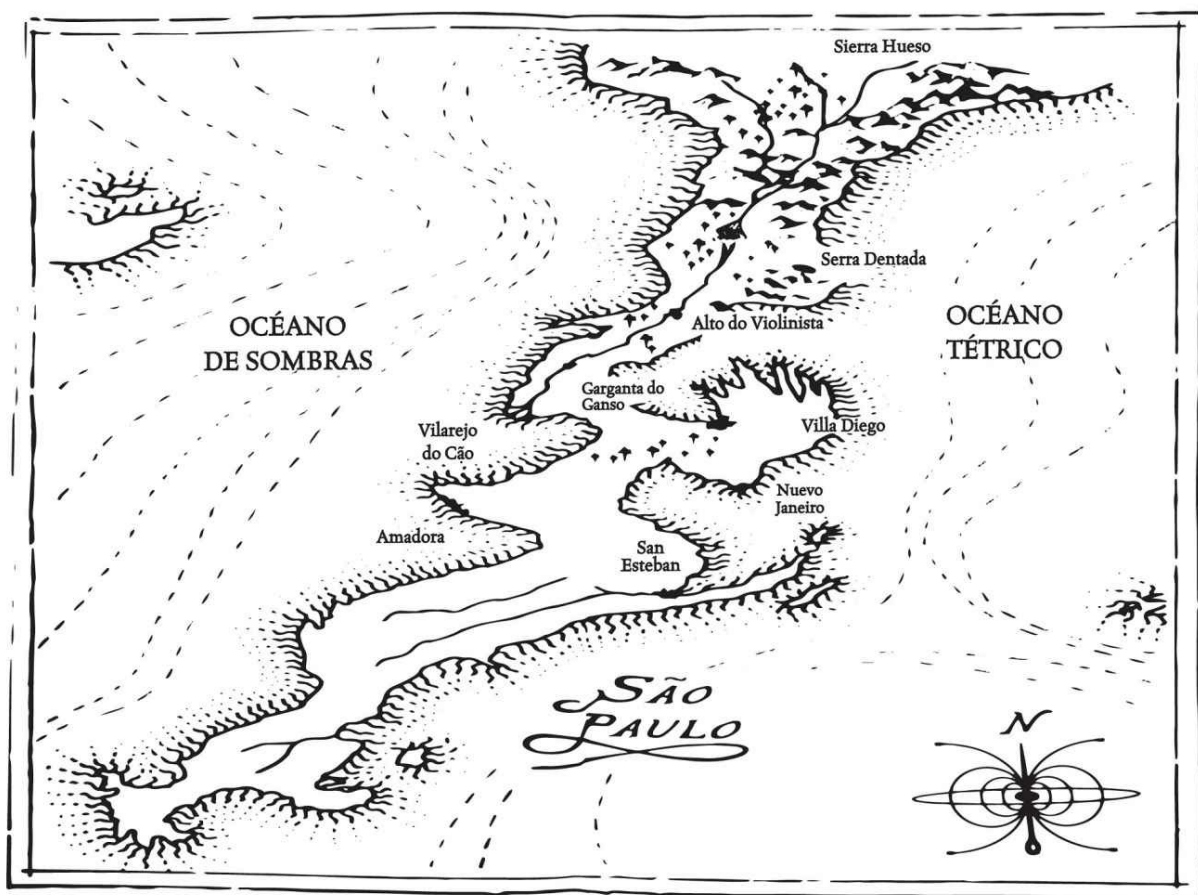
CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29



Quando Ramón Espejo acordou, estava flutuando num mar de escuridão. Por um instante, sentiu-se relaxado e despreocupado, boiando tranquilo. Até que sua identidade retornou preguiçosamente, uma lembrança tardia e indesejada.

Depois do vazio profundo e aconchegante, ele não sentiu prazer algum ao se lembrar de quem era. Mesmo sem estar completamente desperto, Ramón sentiu o peso da própria existência afundar em seu coração. O desespero, a raiva e a preocupação constante martelavam em sua mente como um homem pigarreando no quarto ao lado. Por um instante de pura felicidade, Ramón não era ninguém, mas agora tinha voltado a ser ele mesmo. Seu primeiro pensamento consciente foi negar a frustração que sentia por isso.

Ele era Ramón Espejo. Tinha um contrato de mineração em Nuevo Janeiro. Ele era... era... Ramón Espejo.

Embora esperasse que mais detalhes de sua vida invadissem sua mente — o que havia feito na noite anterior, o que faria naquele dia, os rancores que guardava, os ressentimentos que o incomodavam —, Ramón simplesmente não pensou em mais nada. Sabia quem era, mas não sabia onde estava. Nem como tinha chegado ali.

Perturbado, tentou abrir os olhos, mas descobriu que já estavam abertos. Onde quer que se encontrasse, era um lugar completamente desprovido de luz, mais escuro que as noites na floresta, mais escuro que as cavernas profundas dos desfiladeiros de arenito perto da Garganta do Ganso.

Ou talvez estivesse cego.

Pensar naquilo deu início a uma leve onda de pânico. Passaram-lhe pela cabeça histórias de homens que haviam se embriagado com moscatel ou Sweet Mary sintéticos ou de baixa qualidade e acordado cegos. Será que era isso? Será que tinha perdido o controle a tal ponto? Um rastro de medo, líquido e gelado, percorreu sua espinha. Mas a cabeça não doía, e a barriga

não incomodava. Fechou os olhos, apertando-os bem forte várias vezes, numa esperança irracional de que a dor traria a visão de volta. Só teve como resultado uma explosão brilhante de bolhas pastel na retina, multitudes de rastros coloridos ainda mais perturbadoras que a escuridão.

A sensação inicial de tontura letárgica se dissipou, e ele tentou gritar. Parecia que a boca se mexia bem devagar, mas não ouviu nada. Será que também estava surdo? Tentou rolar para o lado e se sentar, mas sem sucesso. Manteve as costas apoiadas contra o nada, flutuando de novo, sem esforço, mas com a mente disparada. Tinha acordado de vez, mas ainda não conseguia se lembrar de quem era ou de como havia chegado até ali. Talvez estivesse em perigo: a imobilidade era igualmente sugestiva e aterradora. Teria sido vítima de um desabamento na mina? Talvez um deslizamento de rochas o prendera. Tentou se concentrar para sentir o corpo, aguçando os sentidos, até que se convenceu de que não havia peso ou pressão, nada o prendia no lugar. “Mas também não sentiria nada se a minha coluna tivesse se partido”, pensou, com um lampejo de horror. Depois de um momento de ponderação, ele se convenceu de que não era o caso: ainda *conseguia* mover um pouco o corpo, embora algo o impedisse de tentar se sentar, algo que mantinha suas costas retas e puxava os braços e os ombros para trás. Era como se mover num mar de xarope, mas era um xarope que reagia, segurando-o firme e implacavelmente no lugar.

Não sentia umidade contra a pele, nem ar, brisa, calor ou frio. Tampouco parecia estar apoiado contra algo sólido. Pelo que sabia, sua primeira impressão estava correta: estava flutuando, aprisionado na escuridão, preso no mesmo lugar. Imaginou-se como um inseto no âmbar, capturado pelo xarope gosmento que o cercava, em que parecia estar totalmente submerso. Mas como estava respirando?

“Não estou”, percebeu. “Não estou respirando.”

Sentiu o pânico estilhaçar sua mente como se fosse vidro. Todos os vestígios de pensamento sumiram, e ele se debateu como um animal lutando pela própria vida. Arranhou o vazio em volta, tentando escalar o ar imaginário. Tentou gritar. O tempo perdeu o significado, o esforço consumia todas as suas forças, e ele não soube dizer quantos minutos se passaram até desabar, exausto. Com uma força firme e delicada, o xarope em volta o puxou para a posição inicial. Ramón achou que deveria ter ficado ofegante,

com a pulsação acelerada ecoando na cabeça e o coração martelando no peito... mas não. Nada de respiração nem de batimentos cardíacos. Os pulmões vazios não ardiam em busca de ar.

Estava morto.

Estava morto, flutuando num mar vasto e vazio que se estendia para todos os lados pela eternidade. Mesmo cego e surdo, sentia a imensidão daquilo, daquele oceano imensurável da meia-noite.

Estava morto e no Limbo — um Limbo que o Papa de San Esteban repudiava —, perdido na escuridão, esperando o Dia do Juízo Final.

Quase riu com a ideia — era um destino melhor do que havia prometido o padre católico na igrejinha de barro da pequena vila onde nasceu, nas montanhas do norte do México. Padre Ortega sempre garantira que Ramón iria direto para as chamas e os tormentos do Inferno se morresse sem o perdão de Cristo. Mas ainda assim Ramón não conseguia afastar a ideia da cabeça. Estava morto, e aquele vazio — aquela escuridão e imobilidade infinita, aquela prisão dentro da própria mente — sempre o aguardara, por toda a vida, apesar de todas as bênçãos e graças da Igreja, apesar dos pecados e dos arrependimentos ocasionais e pouco sinceros. Nada tinha feito diferença. Todos aqueles incontáveis anos se estendiam à sua frente, trazendo apenas seus próprios pecados e falhas para contemplar. Estava morto, e sua punição era — para todo o sempre, e sob a vigília implacável e invisível de Deus — ser ele mesmo.

Mas *como* aquilo havia acontecido? Como ele tinha morrido? Sua memória parecia lenta, não respondia direito a seus comandos, assim como o motor de um trator numa manhã fria de inverno. Era difícil dar a partida e andar sem engasgar ou travar.

Ramón começou visualizando as memórias mais familiares. O quarto de Elena em Villa Diego, com a janelinha acima da cama e as grossas paredes de terra batida. As torneiras na pia, muito velhas e enferrujadas, embora a humanidade tivesse chegado ao planeta havia pouco mais de quarenta anos. Os pequenos velocípedes escarlates correndo pelo teto, suas várias fileiras de pernas movendo-se como remos. O cheiro pungente de raiz-de-gelo, maconha, respingos de tequila e pimentão assado. O ruído do tráfego acima da casa, abrindo caminho pelo céu até entrar em órbita.

Aos poucos, os acontecimentos recentes em sua vida começaram a ganhar forma, ainda tão embaçados quanto um filme fora de foco. Tinha ido a Villa Diego para ver a Bênção da Frota. Assistiu ao desfile. Comeu peixe assado com arroz de açafrão numa barraquinha de rua e viu a queima de fogos. A fumaça fedia como uma mina a céu aberto, e, ao caírem no mar, os fogos de artifício chiavam como serpentes. Um gigante envolto em chamas sacudia os braços, desesperado. Será que aquilo tinha mesmo acontecido? Lembrou o cheiro de limão e açúcar. O velho Manuel Griego tinha contado seus planos para quando as naves Enye emergissem de volta do salto até o planeta-colônia de São Paulo. Ramón sentiu-se corar com a lembrança súbita e poderosa do cheiro do corpo de Elena. Mas isso tinha sido antes...

Ele se lembrou de uma briga. Brigara com Elena, é verdade. A voz dela soava alta, acusatória e maldosa como a de um pitbull. Tinha batido nela. Disso ele se lembrava bem. Elena tinha gritado e arranhado seus olhos, tentando chutar o saco dele. Os dois fizeram as pazes depois, como sempre. Mais tarde, ela percorrera suas cicatrizes de machete com os dedos, deitada em seus braços enquanto ele se entregava a um sono satisfeito. Ou tinha sido em outra noite? Tantas noites deles terminavam daquele jeito...

Ele se lembrava ainda de *outra* briga, ainda mais cedo, com outra pessoa... Mas seus pensamentos fugiam com o mesmo ímpeto que uma mula fugiria de uma cobra em seu caminho.

Tinha deixado Elena logo ao amanhecer, esgueirando-se para fora do quarto que cheirava a suor e sexo enquanto ela ainda dormia só para não terem que conversar, sentindo a fria brisa matinal contra a pele. Os pelobaixos tinham corrido para fora de seu caminho na rua lamacenta, emitindo gritos de alerta que soavam como oboés apavorados. Voara em seu furgão até a oficina, porque tinha que... antes que o pegassem...

A mente travou de novo. Mas dessa vez era diferente, não era o esquecimento nauseante que parecia ter consumido seu mundo. Sua mente parecia não querer se lembrar de alguma coisa. Cerrando os dentes com o esforço, ele aos poucos forçou a memória a obedecer.

Passara o dia realinhando dois tubos de elevação do furgão. Tinha alguém junto com ele lá. Griego, reclamando de algumas peças. Depois, voara até os ermos, no interior, até o *terreno cimarrón*...

Mas o furgão tinha explodido! Não tinha? De súbito veio a memória do

furgão explodindo, mas a lembrança era de ver a cena de longe. Não fora pego pela explosão, mas mesmo assim era uma memória densa de tanto desespero. Então a destruição do veículo era *parte* da coisa toda, fosse lá o que tivesse acontecido. Tentou se concentrar no momento, no brilho das chamas, no calor, no sopro súbito da concussão...

Se o coração estivesse batendo em seu peito, teria parado na mesma hora, horrorizado, conforme a memória retornava.

Ele se lembrava. Talvez tivesse sido melhor morrer e ir para o Inferno.

CAPÍTULO 1

Ramón Espejo ergueu a cabeça, desafiando o oponente a atacar. A multidão que lotava o beco atrás da espelunca chamada El Rey formou um círculo, todos apertados uns contra os outros para ficar perto o bastante para ver o que estava acontecendo e ao mesmo tempo manter uma distância segura. As vozes eram uma mistura de gritos de incentivo aos dois homens e de pedidos sem muito entusiasmo para que parassem. O grandalhão que gingava e se esquivava de Ramón era um europeu pálido com bochechas coradas pela bebida e as mãos largas e macias cerradas em punhos. Era mais alto, tinha alcance maior. Dava para ver que seus olhos se voltavam para os lados, tão atento à multidão quanto a Ramón.

— Vamos lá, *pendejo* — provocara Ramón, sorrindo. Estava com os braços erguidos e abertos, como se pronto para abraçar o brigão. — Você queria poder, venha aqui ter uma provinha.

As luzes de LED inconstantes no letreiro luminoso do bar piscavam, se alternando e dando à noite um tom azul, vermelho ou âmbar. Acima de todos, o céu noturno reluzia com incontáveis estrelas brilhantes, próximas demais para serem ofuscadas pelas luzes de Villa Diego.

A constelação do Homem de Pedra olhava lá de cima enquanto os dois homens percorriam círculos, sempre um de frente para o outro, encarando-os com a estrela solitária que ardia, ameaçadora, como um único olho vermelho. Parecia assistir à briga, instigando-os a continuar.

— É o que vou fazer, mexicano feioso! — retrucou o europeu. — Vou quebrar essa sua cara magrela ao meio!

Ramón apenas arreganhou os dentes e incitou o homem a se aproximar

com um movimento das mãos. O europeu queria uma briga *verbal*, mas era tarde demais para isso. As vozes na multidão se mesclaram num único rugido, como uma cascata. O europeu avançou com tanta delicadeza quanto uma árvore caindo, seu punho esquerdo enorme se aproximando devagar, como se o ar fosse denso como xarope. Ramón deu um passo adiante, na direção do golpe, deixando a faca de gravidade escorregar por dentro da manga até a mão. A lâmina deslizou para fora da bainha apenas com a força da gravidade, como era de se esperar, e ele aproveitou o movimento para levar o punho contra a pança do grandalhão.

O europeu fez uma expressão de surpresa quase cômica e perdeu o fôlego com um suspiro.

Ramón o esfaqueou mais duas vezes, em movimentos rápidos e firmes, girando a faca só para garantir. Estava perto o bastante do sujeito para sentir no rosto uma baforada nauseante do perfume floral e o hálito pesado de alcaçuz. A multidão ficou em silêncio quando o europeu caiu de joelhos e se sentou, de pernas abertas, no chão sujo de lama daquele beco nojento. As mãos enormes e molengas se abriam e fechavam sem propósito, escorregadias com o sangue que parecia pálido à luz das luzes de LED vermelhas, e preto quando elas ficavam azuis.

O europeu estava de boca aberta, o sangue jorrando por entre os dentes. Devagar, bem devagar, parecendo se mover em câmera lenta, ele tombou de lado, caindo no chão. Suas pernas se debatiam, os calcanhares tamborilando contra o solo. E então ficou imóvel.

Alguém na multidão proferiu uma obscenidade, a voz soando apavorada.

Ramón sentiu aquela sensação intensa de prazer e autossatisfação se desfazer. Observou os rostos em volta, os olhos esbugalhados, as bocas abertas em O's de surpresa. O álcool em seu sangue pareceu minguar, a sobriedade vindo à tona. Sentiu-se tomado por um intenso sentimento de traição: aquelas pessoas o tinham incentivado, *encorajado* a lutar. E agora o abandonavam só porque tinha vencido!

— Qual é? — gritou Ramón para os clientes do El Rey. — Vocês ouviram o cara! Vocês viram o que ele fez!

Mas o beco já começava a esvaziar. Até a mulher que acompanhava o europeu, que, por sinal, tinha provocado a coisa toda, sumira. Mikel Ibrahim,

gerente do El Rey, foi lentamente até Ramón. Seu enorme rosto de urso era a imagem da paciência, do sofrimento inocente e beatífico. Ele estendeu a mão larga. Ramón ergueu a cabeça e estufou o peito, como se aquele gesto de Mikel fosse um insulto. O gerente apenas suspirou e balançou a cabeça para a frente e para trás, movendo os dedos como se o puxasse. Ramón comprimiu os lábios, virou-se um pouco de lado e depositou a bainha da faca na mão aberta de Mikel.

— A polícia está vindo — anunciou o gerente. — É melhor você ir para casa, Ramón.

— Você viu o que aconteceu.

— Não, eu não estava aqui na hora — retrucou Mikel. — E *muito menos* você, está bem? Vá para casa. E fique de boca fechada.

Ramón cuspiu no chão e saiu noite adentro. Só quando começou a andar é que percebeu quão bêbado estava. Ao chegar ao canal ao lado da praça, agachou-se, apoiou as costas numa árvore e esperou até ter certeza de que conseguia andar sem cambalear. A seu redor, a população de Villa Diego gastava o pagamento da semana em álcool, *kaafa kyit* e sexo. A música vazava das rústicas casas-barco dos ciganos ancorados no canal, a melodia rápida e festiva dos acordeões se misturando com os tambores de aço e os gritos dos dançarinos.

De algum lugar na escuridão, vinha o lamento de um barbataninha, o “pássaro” — que, na verdade, era um lagarto voador —, cujo canto soava assustadoramente igual aos soluços sofridos e desesperados de uma mulher. Era o canto desse bicho que havia levado os agricultores mexicanos — a maior porcentagem da população da colônia —, muito supersticiosos, a acreditar que *La Llorona*, a Mulher da Meia-Noite, cruzara as estrelas com eles, ao migrarem do México, e agora vagava pela noite do novo planeta. E não chorava apenas pelas crianças que tinha perdido na Terra, mas por todos que morreriam naquele novo mundo de labuta.

Claro que ele não acreditava naquela baboseira, mas não pôde evitar o arrepio que percorreu sua espinha conforme o lamento fantasmagórico se acelerava, num ritmo intenso e de partir o coração.

Sozinho, Ramón podia muito bem se sentir arrependido por ter esfaqueado o europeu. Teria bastado encher o cara de porrada, deixando-o

humilhado e arrasado. Mas quando estava bêbado e irritado Ramón sempre passava da conta. Sabia que não devia beber tanto, que ficar perto de outras pessoas sempre terminava daquele jeito. Sempre começava a noite com o costumeiro embrulho no estômago que parecia acompanhá-lo quando estava na cidade, e, quando bebia o suficiente para se sentir melhor, alguém dizia ou fazia alguma coisa que o irritava. A noite nem sempre terminava na faca, mas era raro acabar bem. Ramón não gostava, mas também não se envergonhava daquilo. Ele era homem, trabalhava como minerador independente numa complicada colônia na fronteira, um lugar fundado havia menos de uma geração. Ele era homem, Jesus! Bebia para valer, brigava para valer e, se alguém discordasse, teria que ser esperto o bastante para engolir suas opiniões *de pinche*!

Da água saiu uma família de *tapanos*, pequenos anfíbios que lembravam uma mistura de guaxinim com porco-espinho, já que a pele era coberta de escamas pontudas e finas. Os bichinhos avançaram a passos pesados, encararam Ramón com seus olhos escuros e brilhantes e seguiram para a praça, a fim de vasculhar o lixo em busca de restos de comida. Ramón ficou olhando enquanto os bichinhos passavam, deixando rastros escuros e viscosos da água do canal, então bufou e se levantou.

O apartamento de Elena ficava num labirinto de ruas ao redor do Palácio dos Governantes. Ficava em cima de um açougue, e o ar que entrava pela janela dos fundos quase sempre fedia a sangue velho. Pensou em dormir no furgão, mas se sentia grudento e exausto. Queria tomar um banho, beber uma cerveja e comer alguma coisa quente para fazer a barriga parar de roncar. Subiu as escadas bem devagar, tentando não fazer barulho, mas as luzes da casa ainda estavam acesas. Ao norte, viu um transportador decolando do distante espaçoporto, as luzes de navegação emitindo um brilho azul e vermelho conforme o veículo subia em direção às estrelas. Ramón tentou abafar o clique e o chiado da porta se abrindo, combinando o barulho ao ribombar pulsante do motor do transportador. Mas não adiantou.

— Onde você estava? — gritou Elena, assim que ele botou o pé dentro de casa.

O vestido fino de algodão que ela usava tinha uma mancha na manga. O cabelo estava preso num coque, os fios mais escuros que o céu. Elena arreganhava os dentes, irritada, os lábios se abrindo quase que num retângulo.

Ramón fechou a porta atrás de si e ouviu a mulher soltar um suspiro de surpresa. A raiva tinha passado de repente. Ele seguiu o olhar de Elena até a mancha de sangue do europeu na camisa e na perna da calça. E deu de ombros.

— Vamos ter que queimar essas roupas — anunciou ele.

— Tudo bem com você, *mi hijo*? O que aconteceu?

Ramón odiava ser chamado daquele jeito. Não era filhinho de ninguém. Mas era melhor que brigar, então abriu um sorriso e puxou a lingueta do cinto.

— Estou bem. O outro *cabrón* é que levou a pior.

— A polícia... A polícia vai...?

— Provavelmente não — respondeu Ramón, deixando a calça cair até os joelhos. Tirou a camisa. — Mas mesmo assim é melhor queimar isso aqui.

Elena não fez mais pergunta alguma. Enquanto Ramón tomava banho, levou as roupas para o incinerador comunitário entre os apartamentos daquele bloco. O medidor de tempo no espelho anunciava que ainda faltavam três ou quatro horas para amanhecer. Ele ficou parado sob o fluxo de água morna, pensando nas cicatrizes em seu corpo: a faixa branca e larga na barriga, onde Martín Casaus abrira um talho com um gancho de metal; o caroço desfigurado abaixo do cotovelo, cujo osso um imbecil bêbado quase quebrou com um machete. Cicatrizes antigas. Algumas mais que as outras. Não incomodavam — Ramón até gostava delas. Faziam com que ele parecesse mais forte.

Quando saiu do banho, Elena estava de pé diante da janela dos fundos, os braços cruzados sobre o peito. Quando ela se virou para vê-lo, Ramón se preparou para receber o golpe incandescente de sua fúria. Mas, em vez disso, ela o encarou com a boca apertada como um pequeno botão de rosa, os olhos arregalados e redondos. Quando falou, Elena soou como uma criança — pior ainda: como uma mulher tentando imitar uma criança.

— Fiquei preocupada.

— Não precisa se preocupar — rebateu ele. — Sempre falo que vaso ruim não quebra.

— Mas você é um só — insistiu ela. — Quando mataram Tomás Martinez, eram oito. Oito caras que partiram para cima dele quando estava

saindo da casa da namorada e...

— Tomás era um puto — retrucou Ramón, acenando como se dissesse que um homem *de verdade* conseguiria dar conta de oito capangas enviados para acertar as contas.

Elena relaxou os lábios num sorriso e andou até ele, rebolando mais a cada passo, como se sua boceta é que estivesse avançando para ele e o resto apenas se arrastasse relutantemente atrás. Aquilo poderia ter tomado um rumo bem diferente, Ramón sabia. Os dois poderiam ter passado mais uma noite como tantas outras, gritando e jogando coisas um no outro até começarem a se estapear. Mas isso também poderia terminar em sexo, e ele estava tão cansado que ficou genuinamente grato por poderem só transar, dormir e esquecer aquele dia vazio e inútil. Elena tirou o vestido por cima da cabeça. Ramón envolveu aquela pele familiar entre os braços. O cheiro de sangue velho subiu do açougue que havia embaixo como um fedor da Terra e da humanidade que os perseguira até ali através do vácuo.

Depois de tudo, Ramón ficou deitado na cama, esgotado. Outro transportador estava decolando. Em geral, era difícil ver mais de um decolando por mês, mas os Enye logo chegariam — muito antes do esperado, inclusive —, e a plataforma acima de Villa Diego precisava ser preparada para receber as grandes naves com seus carregamentos alienígenas.

Gerações atrás, a humanidade escapara dos poços gravitacionais da Terra, de Marte e da Europa e partira para as estrelas com sonhos de conquista. A humanidade planejava espalhar suas sementes por todo o universo, tal como faria o filho de algum alto conselheiro no bordel de alguma cidade portuária, mas acabou desapontada. O universo já estava ocupado. Outras raças cheias de sonhos estelares tinham chegado primeiro.

Sonhos de impérios definharam, tornando-se sonhos de riqueza. Sonhos de riqueza se deterioraram em espanto e vergonha. Não era apenas a tecnologia impressionante e enigmática dos Enye de Prata e dos Turu. A própria natureza do espaço os derrotara, assim como aconteceu com todas as outras raças com ambições estelares. A vastidão escura era grandiosa. *Grandiosa demais*. Qualquer comunicação à velocidade da luz era tão lenta que nem merecia ser chamada de comunicação. Governar era impossível. Qualquer lei além do que pudesse ser imposto apenas no local governado era uma farsa. Os postos avançados da Aliança Comercial — organização à qual

os Enye tinham “persuadido” a humanidade a se unir (assim como os aviões militares do almirante Perry “persuadiram” o Japão a abrir os portos para o comércio, numa época bem anterior) — estavam entregues ao abandono, alguns se mantinham sem comunicação havia gerações, enquanto outros acabavam perdidos e esquecidos, ou colocados na lista de problemas de algum burocrata para só serem resolvidos na geração seguinte, por algum burocrata ainda não nascido.

Estabelecer um domínio — ou mesmo se manter no poder — do outro lado daquela Noite infinita só parecia possível para alguém com um ponto de vista limitado e provinciano, típico de quem olha do fundo de um poço gravitacional. Quem escapa e se vê entre as estrelas entende que a realidade é outra.

Nenhuma raça jamais superou tamanha distância, então começaram a brigar para superar o tempo. Foi quando a humanidade finalmente encontrou um pequeno nicho, um local onde se ancorar na escuridão lotada e caótica do universo. Os Enye e os Turu notaram os danos que a humanidade causara a seu próprio meio ambiente, repararam na profunda propensão humana a gerar mudanças e a tomar o controle, e na limitadíssima habilidade de antecipar as consequências de suas ações. Consideraram essas características mais como virtudes do que como pecados. As vastas mentes institucionais, tanto humanas quanto alienígenas, começaram a estabelecer um acordo de dominação, que se desenvolveria a um passo glacialmente lento. Quando encontrassem planetas vazios, hostis, inconvenientes e perigosos, com flora selvagem e fauna desconhecida, enviariam os humanos. Ao longo dos lentos anos ou séculos necessários para domar, dominar ou abrir caminho por quaisquer maravilhas e ameaças que a evolução tivesse colocado naqueles lugares, os Enye de Prata, os Cian e os Turu — ou qualquer outra grande raça que por acaso passasse por ali — cumpririam o papel dos navios mercadores da Antiguidade, quando a humanidade ainda se espalhava por cada ilha ou colina insignificante da Terra.

A colônia de São Paulo mal tinha chegado à segunda geração. Ainda havia mulheres vivas com memórias da descida inicial àquele mundo intocado. Villa Diego, Nuevo Janeiro, San Esteban. Amadora. Vilarejo do Cão. Alto do Violinista. Todas as cidades do sul que surgiram desde então se proliferavam como mofo numa placa de Petri. Algumas pessoas morreram

devido às toxinas ocultas nos alimentos nativos. Homens descobriram os grandes gato-lagartos — que logo foram batizados de chupacabras, em homenagem aos sugadores de sangue caprino da Velha Terra —, animais tolos que sustentavam orgulhosamente a primeira posição na cadeia alimentar local, e esses homens morreram por suas descobertas. Mas os Enye de Prata, com seus olhos de ostra, não morreram. Os Turu, com seus corpos de insetos-de-vidro, também não morreram. Os enigmáticos Cian, com sua propensão a não ter peso, também não.

E agora as grandes naves estavam chegando antes do previsto. Cada nave de meia-vida vinha carregada com novos equipamentos e gente de outras colônias, ou pelo menos era o que todos esperavam. Naves cheias de esperanças de encontrar um lugar ao sol ali em São Paulo, e também uma chance de escapar para os que começavam a ver aquela colônia como uma prisão. Já tinham perguntado mais de uma vez se Ramón estava pensando em subir, em ir lá para fora, para a escuridão, mas eram pessoas que não o entendiam. Ramón já *estivera* no espaço, e *escolheu* a colônia. O único interesse em partir seria a possibilidade de ir para um lugar com ainda menos gente, o que era pouco provável. Não importava quão mal se encaixasse entre as pessoas de São Paulo, Ramón não conseguia se imaginar numa situação menos repulsiva.

Não se lembrava de cair no sono, mas acordou quando o sol do fim da manhã entrou pela janela de Elena e bateu em seu rosto. Ouvia a mulher cantarolando no cômodo ao lado, dando conta dos afazeres da manhã. “Cale a boca, piranha desgraçada”, pensou, retraindo-se ao sentir o lampejo de uma ressaca persistente. Elena não tinha talento para o canto, e cada nota saía insossa e dissonante. Ramón ficou deitado em silêncio, obrigando-se a voltar a dormir, a escapar daquela cidade, daquele som irritante, daquela mulher, daquele momento. Até que o murmúrio foi afogado por um chiado alto e, instantes depois, o quarto foi invadido pelo aroma de alho, linguiça de *chili* e cebola frita. Ramón de repente reparou no vazio em seu estômago. Com um suspiro, apoiou-se nos cotovelos e ergueu o corpo, girou as pernas embriagadas de sono para fora da cama e, cambaleando, foi até a porta.

— Você está um lixo — comentou Elena. — Nem sei por que ainda deixo você dormir aqui em casa. Não encosta nisso! É o *meu* café da manhã. Vai trabalhar para ganhar o seu!

Ramón jogou a linguiça de uma mão para a outra, sorrindo, até a carne esfriar o bastante para ele dar uma mordida.

— Eu trabalho cinquenta horas por semana para garantir os meus créditos. E você, faz *o quê*? — inquiriu Elena. — Fica perdendo tempo no *terreno cimarrón* e vem para a cidade beber o que ganha. Você não tem nem onde cair morto!

— Tem café? — perguntou Ramón. Com o queixo, Elena indicou a velha garrafa térmica de plástico e quitina sobre o balcão da cozinha. Ramón lavou um copo de latão e o encheu com café velho. — Ainda vou encontrar coisa grande — retrucou. — Urânio ou tântalo. Vou ganhar dinheiro o suficiente para não ter que trabalhar pelo resto da vida.

— Aí vai me dar um pé na bunda e arranjar uma dessas *putinhas* das docas para correr atrás de você. Eu sei como os homens são.

Ramón surrupiou outra linguiça do prato dela, levando um tapa tão forte nas costas de sua mão que a pele ardeu.

— Hoje é dia de desfile — anunciou Elena. — Depois da Bênção da Frota. O governador quer dar um show para impressionar os Enye. Fazer com que pensem que estamos felizes por eles terem vindo mais cedo. Vai ter dança e rum de graça.

— Os Enye acham que somos um bando de cachorros treinados — resmungou Ramón, a boca cheia de linguiça.

Vincos profundos surgiram nos cantos da boca de Elena, e seus olhos adquiriram um brilho frio.

— Eu acho que vai ser divertido — retrucou ela, num tom meio ácido.

Ramón deu de ombros. Dormia na cama dela. Sempre soube que tinha que pagar pelo privilégio.

— Vou me trocar — anunciou ele, engolindo o resto do café. — Tenho uma graninha guardada. Fica por minha conta.

Não foram para a Bênção da Frota, já que Ramón não tinha o menor interesse em ouvir os sacerdotes murmurando suas lorotas de merda enquanto despejavam água benta em barcos de pesca caindo aos pedaços. Mas chegariam a tempo para o desfile que aconteceria em seguida, na rua

principal que passava pelo Palácio dos Governantes — larga o bastante para passarem cinco caminhões de carga lado a lado, se parassem o tráfego nos dois sentidos. Grandes carros alegóricos avançavam lentamente, fazendo muitas paradas de poucos minutos, trazendo alegorias mundanas — uma “espaçonave Turu” cheia de luzes, puxada por cavalos; um chupacabra de plástico com olhos vermelhos brilhantes, a mandíbula abrindo e fechando para mostrar os dentes enormes feitos de canos velhos — em meio a representações religiosas gigantescas de Jesus, Bob Marley e a Virgem da Estação do Desapego. Também passou uma caricatura satírica do governador (reconhecível mas pouco lisonjeira) e duas vezes maior que o original, os lábios imensos fechados como se estivessem prontos para beijar o traseiro dos Enye de Prata, causando uma onda de gargalhadas que percorreu a multidão. A primeira leva de colonos, que deram ao planeta o nome de São Paulo, vinha do Brasil e, embora poucos — talvez nenhum — tivessem visitado Portugal, eram chamados de portugueses pelos colonos que falavam espanhol, a maioria mexicanos vindos na segunda e na terceira leva. Os portugueses ainda ocupavam as posições mais altas no governo e na administração, tendo os empregos mais bem-pagos, e eram alvo de ressentimento e aversão — principalmente dos falantes de espanhol, que se sentiam rebaixados a cidadãos de segunda categoria em seu novo lar. Um coral de vaias e xingamentos seguiu o carro alegórico com a estátua do governador.

Um grupamento de músicos ia atrás dos carros grandes e lentos: baterias, bandas de cordas, *mariachis*, bandas de *tuk*, batalhões de zuavos, violeiros tocando fado. Malabaristas sobre pernas de pau e acrobatas saltitantes. Moças em fantasias de Carnaval arranjadas às pressas acompanhavam a procissão, dançando como pássaros. Lembrando-se de Elena a seu lado, Ramón tomou o cuidado de não olhar para aqueles seios meio expostos (ou pelo menos de não ser flagrado).

O labirinto de ruas transversais estava abarrotado. Havia barracas de café e vendedores de rum; padeiros oferecendo bolinhos em forma de courovermelho e de chupacabra cobertos de glacê; ambulantes vendendo peixe frito, tacos, espetinhos de *satay* e *jug-jug*, uma massa de ervilha com bucho; músicos mambembes, artistas de rua, devoradores de fogo e picaretas, tentando convencer as pessoas a apostar no velho truque de encontrar a

bolinha. Todos tentavam tirar o máximo do festival improvisado. Durante a primeira hora, foi quase agradável. Depois, o barulho constante, o contato e o cheiro de gente deixou Ramón irritado. Elena mais parecia uma menininha, dando gritinhos animados e arrastando-o de um lado para o outro, gastando seu dinheiro em tiras de caramelo e caveirinhas de açúcar. Ramón conseguiu reduzir um pouco o ritmo da mulher quando comprou comida de verdade — um cone de papel encerado com arroz de açafrão, pimenta e fatias de carne de barbatana-de-seda assada, além de um copo alto e fino de rum saborizado. Levou-a até uma colina no parque mais próximo ao palácio, onde se sentaram na grama e ficaram assistindo ao lento movimento do imenso mar de gente que passava.

Quando Patricio Gallegos os viu, Elena estava encostada em Ramón, sugando dos dedos o resto do tempero, envolvendo-o com os braços como uma corrente. O sujeito foi subindo devagar até o topo da colina, andando daquele mesmo jeito coxo desde que quebrara o quadril num deslizamento de rochas — a mineração não era um emprego seguro. Ramón ficou olhando ele se aproximar.

— Olá — cumprimentou Patricio. — E aí, como vão as coisas?

Ramón deu de ombros, tentando se mexer com Elena agarrada nele daquele jeito.

— E você? — perguntou.

Patricio acenou com a mão, num gesto que dizia “nem bem, nem mal”.

— Estava coletando dados sobre sais minerais na costa sul para uma das corporações. É um pé no saco, mas pagam direitinho. É mais estável que trabalhar por conta.

— A gente se vira como pode — retrucou Ramón, e Patricio assentiu, como se fosse um comentário bastante profundo.

Na avenida, o carro alegórico com o chupacabra virava lentamente, a bocarra mordendo o ar daquele jeito besta. Patricio não se afastou. Ramón protegeu os olhos do sol e virou o rosto para cima, na direção dele.

— O que houve?

— Ficou sabendo do que aconteceu com o embaixador da Europa? — perguntou Patricio. — Ele se meteu numa briga no El Rey, na noite passada. Um *pendejo* maluco esfaqueou o cara com uma garrafa de vidro, ou coisa do

tipo.

— Sério?

— Sério. O cara morreu antes de chegar ao hospital. O governador está bem puto.

— E por que você está *me* contando isso? — perguntou Ramón. — Não sou o governador.

Elena estava dura como pedra a seu lado, estreitando os olhos numa expressão pouco astuta. Ramón desejou que Patricio fosse embora, ou que pelo menos calasse a boca. Mas o homem não se tocou.

— O governador está ocupado com as naves Enye chegando. Agora tem que rastrear o cara que matou o embaixador para mostrar como a colônia sabe manter a lei e a ordem, essas coisas. Um primo meu trabalha para o xerife. A coisa está feia por lá.

— Certo — retrucou Ramón.

— Sabe, eu estava pensando. Às vezes você fica bebendo lá no El Rey.

— Mas não fui ontem — retrucou Ramón, olhando feio para Patricio. — Pode perguntar para o Mikel. Não fui lá ontem.

Patricio sorriu e deu um passo para trás, meio sem jeito. O chupacabra soltou um rugido fraco, falso, e a plateia perto dele explodiu em gargalhadas e aplausos.

— Tudo bem, então — comentou Patricio. — Só estava pensando... Sabe...

E, sem completar o que ia dizer, Patricio abriu um sorriso, assentiu e foi mancando morro abaixo.

— Não foi *você*, foi? — perguntou Elena, num misto de sussurro e sibilo. — Você não matou a porra do *embaixador*, não é?

— Eu não matei ninguém, muito menos um europeu. Não sou idiota — retrucou Ramón. — Por que você não assiste à merda do desfile, hein?

A noite foi chegando conforme o desfile terminava. Ao pé da colina, num campo perto do palácio, estavam ateando fogo à pilha de madeira ao redor do Velho Melancólico — ou sr. Harding, como alguns colonos de Barbados o chamavam —, uma estátua malfeita de quase seis metros de altura, exibindo um rosto que parecia uma caricatura grotesca de um europeu ou um nort-

americano, com as bochechas pintadas de verde e um nariz gigante de Pinóquio. A fogueira ardia e, envolta em chamas, a estátua gigante começou a balançar os braços e a gemer como se estivesse em agonia, um espetáculo meio sinistro que causou um arrepio em Ramón — como se tivesse recebido o privilégio questionável de testemunhar uma alma sendo atormentada pelas chamas do Inferno.

Em tese, todo o azar que afetara as pessoas ao longo daquele ano deveria queimar com o Velho Melancólico, mas, vendo o gigante se revirar e se contorcer lentamente ao sabor das chamas e ouvindo as lamúrias profundas que eram amplificadas por aparelhos eletrônicos e ecoavam pelas paredes do Palácio dos Governadores, Ramón teve o pressentimento sombrio de que, na verdade, era a sorte *dele* que queimava ali — e que dali em diante só teria miséria e desgraça em sua vida.

Bastou um olhar para Elena, sentada em silêncio, a boca bem fechada, os lábios irritados se curvando em rugas profundas, a raiva contida desde a briga. Aquilo foi o suficiente para ele saber que não demoraria para a profecia começar a virar realidade.

CAPÍTULO 2

Ramón pretendia ficar na cidade por pelo menos mais um mês. E, mesmo que ele e Elena tenham transado apaixonadamente na noite anterior, depois de uma de suas brigas mais intensas, dilacerando o corpo um do outro como criaturas ensandecidas, decidiu que iria embora antes de a mulher acordar. Se esperasse, os dois brigariam de novo, e ela provavelmente o botaria para fora da casa. Antes do sexo da noite anterior, Ramón tinha tentado acertá-la com uma garrafa, e assim que a ressaca passasse Elena ficaria indignada. Não fosse pelo sujeito que morrera no El Rey, Ramón poderia ter ficado na cidade. Elena se acalmaria em um dia ou dois, ou pelo menos entraria num estado de espírito em que poderiam conversar sem gritar. Só que a notícia da morte do europeu e de como isso deixara o governador furioso fez Villa Diego parecer ainda menor e mais claustrofóbica. Quando foi até o mercado comprar comida e filtros de água, sentiu que estava sendo observado. Quantas pessoas poderiam reconhecê-lo, quantas sabiam seu nome? O mercado não vendia tudo que havia na sua lista, mas Ramón comprou o que estava disponível e foi voando com o furgão até o desmanche de Manuel Griego, em Nuevo Janeiro. O veículo precisava de alguns reparos antes de encarar o mundo lá fora, e Ramón queria arrumar tudo *logo*.

O desmanche de Griego ficava no extremo da cidade. As grandes carcaças de furgões antigos, capotas e transportadores privados estavam amontoadas de qualquer jeito por muitos acres de terra. O hangar funcionava tanto como loja de ferragem quanto como oficina mecânica. Havia núcleos de energia pendurados das vigas, emitindo o brilho sinistro daquela luz que parecia envolver toda a tecnologia Turu. Um gerador nuclear do tamanho de

um apartamento pequeno estava encostado numa das paredes, zumbindo baixinho. As pilhas de unidades de armazenamento iam até o teto, e tanques de gases raros e nanopasta indiferenciados estavam misturados com pneus meio carecas e transmissões oleadas. Custaria mais que o salário de um ano inteiro para conseguir fazer uso de metade daquelas coisas, e a outra metade nem valia o esforço de jogar fora. O velho Griego estava marretando um tubo de flutuação quando Ramón estacionou na plataforma.

— *Ese!* Tranquilo? — cumprimentou Griego, quando Ramón abriu a porta do furgão e desceu para o piso da oficina. — Quanto tempo! Onde você se enfiou?

Ramón deu de ombros.

— O furgão está com uma queda de força nos flutuadores traseiros — anunciou.

Griego franziu o cenho, largou a marreta e limpou as mãos sujas de graxa nas calças também sujas de graxa.

— Acione o diagnóstico, vamos dar uma olhada — respondeu.

De todos os homens em Villa Diego e Nuevo Janeiro — ou talvez em todo aquele planeta —, era do velho Griego que Ramón mais gostava, o que queria dizer que só o odiava um pouquinho. Além de expert em veículos, Griego era um marxista pós-contato e, pelo que Ramón percebia, encarava a vida sem julgamento moral algum. Levaram pouco mais de uma hora para descobrir onde os chips do tubo de flutuação perdiam a coerência, trocar o cartão e iniciar a autoconferência extensiva do sistema. Enquanto o furgão balbuciava e roncava sozinho, Griego foi a passos pesados até uma das unidades de armazenamento cinza, digitou o código de segurança e abriu um painel de refrigeração, revelando uma caixa de cerveja preta local. Puxou duas garrafas, abrindo as tampas com um movimento rápido dos dedos grossos e calejados. Ramón aceitou a oferta, se agachou, encostando-se num barril vazio de lubrificante, e bebeu. Era uma cerveja fermentada encorpada, e o sedimento no fundo parecia lama.

— Boa, né? — perguntou Griego, tomando um quarto da garrafa de um gole só.

— Nada mau.

— Então, vai voltar lá para fora?

— Desta vez vou tirar a sorte grande — respondeu Ramón. — Vou voltar rico. Pode esperar. Você vai ver.

— Espero que não. Dinheiro demais é a morte para homens como eu e você. Deus queria que a gente fosse pobre, ou não teria nos feito tão ruins.

Ramón sorriu.

— Deus fez *você* ruim, Manuel. Ele só não queria que eu levasse desaforo para casa.

Ramón franziu o cenho, tendo um vislumbre do europeu, a boca escancarada, o sangue jorrando por entre os dentes feios.

Griego balançava a cabeça.

— A mesma coisa de sempre, né? *Agora* é a hora, que nem das outras vezes em que você foi lá para fora. — Ele sorriu. — Sabe quantas vezes ouvi isso de você?

— É — concordou Ramón. — Mas agora é diferente, como sempre.

— Então vá com Deus — respondeu Griego. Seu sorriso murchou. — Está todo mundo correndo. Tentando terminar as coisas. Os alienígenas pegaram o povo com as calças na mão, chegando cedo desse jeito. Mas acho engraçado. Não sei de muita gente se arriscando a ir lá fora por agora. Está quase todo mundo voltando para a cidade por causa das naves... menos você.

Ramón soltou um muxoxo zombeteiro, mas sentiu o medo constante apertar seu peito um pouco mais.

— Ah, como se eles fossem dar bola para um minerador como eu. O que eu ganho ficando aqui?

— Eu nunca disse que ficar era uma boa ideia — retrucou Griego. — Só falei que não tem muita gente saindo.

“Pareço suspeito”, pensou Ramón. “Pareço estar fugindo. Ele vai contar para a polícia, e eu vou me ferrar.” Segurou a garrafa com tanta força que os nós dos dedos doeram.

— É a Elena — explicou, torcendo para que a mentira soasse convincente.

— Ah — murmurou Griego, assentindo com ar de quem entendia. — Achei mesmo que fosse coisa do tipo.

— Ela me botou para fora de novo. — Ramón tentou soar culpado,

mesmo sentindo uma onda de alívio. — Tivemos uma briga por causa do desfile. A coisa saiu um pouco do controle.

— Ela sabe que você está caindo fora?

— Acho que nem liga — respondeu Ramón.

— Neste exato momento, talvez não ligue mesmo. Mas, se você voar para longe e daqui a três semanas Elena decidir que perdoa tudo, ela vai vir chorar aqui na minha oficina.

Ramón gargalhou, lembrando-se do acontecimento em questão. Mas Griego estava errado. Ela não tinha ido lá para fazer as pazes: estava convencida de que Ramón tinha levado uma mulher para os ermos. Não parou de gritar e xingar até encontrar a garota alvo da paranoia ainda na cidade e envolvida com um dos magistrados. E, mesmo assim, ainda guardou um pouco de rancor. Ramón acabou gastando metade do dinheiro que ganhara no levantamento topográfico da área ao pagar cerveja e *kaafa kyit* para todos os contatos comerciais que ela infernizou.

Griego não o acompanhou na risada. Em vez disso, perguntou:

— Você sabe que ela é doida, né?

— Ela às vezes exagera — concordou Ramón, com um meio sorriso, experimentando a expressão como quem prova uma camisa nova.

— Não, não, eu conheço mulheres que exageram. Elena é uma *loca* do caralho. Sei que você gosta daquela garota do entreposto... Qual é mesmo o nome dela?

— Lianna? — perguntou Ramón, descrente.

— É, essa mesma. Ela mora lá na zona norte. Você não tinha uma quedinha por ela?

Ramón parou para pensar nos velhos tempos, quando era mais jovem, novo na colônia. Sim, a mulher tinha pele cor de café com leite e uma risada que o deixava feliz só de ouvir. Talvez até tenha sonhado com ela algumas vezes. Mas a lembrança também o fazia pensar que pagara um preço alto demais. Ramón coçou a cicatriz em seu estômago. Griego ergueu a sobrancelha, e o outro tossiu e deu risada ao mesmo tempo.

— Ela... Não. Não, ela não é desse tipo. Não existe chance de acontecer algo entre alguém como ela e alguém como eu. E nem pense em dizer o contrário para Elena.

Griego gesticulou, ainda segurando a garrafa, indicando que manteria o silêncio. Ramón tomou outro gole. Estava começando a gostar daquele sabor terroso e encorpado da cerveja. Ficou imaginando se seria muito alcoólica.

— Lianna era uma boa mulher — continuou Ramón. — Mas Elena é igual a mim. A gente se entende, sabe? — Sua voz saiu com uma amargura que o deixou surpreso. — A gente se merece.

— Você é quem sabe — retrucou Griego, e o furgão emitiu um chiado harmônico de aviso: a autoconferência estava completa.

Ramón se levantou e seguiu Griego para ver os resultados que flutuavam no ar. O fluxo de energia e suas variações foram checados em todos os níveis, e as medições estavam levemente abaixo do ideal. Griego balançou um dedo torto, examinando a perda de potência.

— Isso é meio estranho — comentou. — Talvez seja melhor dar outra olhada na...

— É o cabo — declarou Ramón. — Os ratos de sal roeram o velho. Tive que usar ouro no substituto. A malha de carbono sairia muito cara.

— Ah... — Griego estalou a língua, numa mistura de simpatia e reprovação. — É, deve ser. Sinto muito pelos ratos. Esse é o problema de espantar os predadores, né? Acabamos protegendo tudo o que eles costumavam comer, como os ratos de sal e os pelobaixos, só que aí esses bichos viraram uma praga.

— Eu até aturo alguns ratos se não tiver que me preocupar com chupacabras e courovermelhos na rua sempre que quiser dar uma mijada — retrucou Ramón. — Além do mais, como a gente ia saber se conseguimos construir uma cidade de verdade se não tivéssemos pestes?

Griego desviou a atenção do monitor e deu de ombros. Fecharam o preço: metade saiu do crédito disponível de Ramón, a outra parte seria descontada de uma conta automática com juros, fiscalizada pelo sistema do ferro-velho. O sol estava se pondo, e o céu exibia tons de rosa, dourado e lápis-lazúli. As estrelas emitiam um brilho tímido por trás do véu da luz do dia. E Villa Diego espalhava-se abaixo delas, emitindo suas luzes como num incêndio permanente. Ramón bebeu o resto da cerveja e cuspiu o sedimento. Ficou uma borra entre seus dentes.

— O último gole não é dos melhores — comentou Griego. — Mas

mesmo assim é melhor que água.

— Amém — concordou Ramón.

— Vai ficar fora por quanto tempo?

— Um mês. Talvez dois.

— Vai perder todo o festival.

— É a ideia.

— Tem comida para todo esse tempo?

— Tenho equipamento de caça. Se eu quisesse, poderia ficar lá para sempre. — Ramón ficou surpreso com a avidez em sua própria voz, soando empolgada.

Houve um momento de silêncio antes que Griego voltasse a falar. Suas palavras fizeram os nervos de Ramón tremerem com um medo súbito.

— Ouviu falar no europeu assassinado?

Ramón ergueu os olhos, chocado, mas Griego chupava os dentes, distraído.

— O que tem ele? — perguntou, hesitante.

— Pelo que ouvi, o governador está puto com essa história.

— Azar do governador.

— A polícia passou por aqui. Dois guardas todos sérios. Perguntaram se alguém veio à oficina querendo arrumar um furgão para ir embora às pressas. Sabe, alguém que talvez estivesse tentando não ser encontrado.

Ramón assentiu, olhando para o furgão. Sentia um aperto na garganta, a cerveja densa em sua barriga parecia ter virado pedra.

— E o que você disse?

— Disse que não — respondeu Griego, dando de ombros.

— E ninguém apareceu mesmo?

— Umas duas pessoas. O filho do Orlando Wasserman. E aquela gringa maluca de Garganta do Ganso. Mas eu acho que... Ah, foda-se, sabe? A polícia não me paga, mas as outras pessoas, sim. A quem eu devo minha lealdade, afinal?

— Mataram um cara... — retrucou Ramón.

— É — concordou Griego, afável. — Um gringo. — Ele cuspiu para o

lado e deu de ombros, como se a morte de um gringo ou de qualquer europeu não fosse muito relevante. — Só estou contando isso porque não fui o único para quem perguntaram. Você está caindo fora, e isso pode ser interpretado de outro jeito. Pode acabar ficando feio para o seu lado. Não se esqueça disso quando for reabastecer seus suprimentos.

Ramón assentiu.

— Acha que vão pegar o cara? — perguntou.

— Ah, vão. Eles não têm escolha. Podem até botar a culpa num inocente, se precisarem. Precisam mostrar aos Enye que somos um povo comprometido com a justiça. Não que os Enye deem a mínima. Porra, aqueles alienígenas de merda se *lambem* em vez de dizer “oi”. E devem lamber o governador e ainda ficar putos se ele não lamber de volta. Enfim, vai ter um estardalhaço durante o julgamento, o governador vai fazer de tudo para provar que pegou o cara certo e depois vai executar o sujeito feito um vira-lata. Seja lá quem eles decidirem que foi culpado. Se não aparecer ninguém, sempre tem o Johnny Joe Cardenas. Faz anos que estão atrás de um motivo para enforcar o cara.

— Então talvez seja até bom eu ficar longe por um tempo — comentou Ramón. Tentou abrir um sorrisinho, mas pareceu-lhe tão óbvio quanto uma confissão. — Para evitar mal-entendidos, sabe.

— É. E dessa vez você vai tirar a sorte grande, não vai?

— Isso mesmo — concordou Ramón.

Ele sentiu a diferença assim que ligou o furgão. Os canos de flutuação pareciam sibilar quando alçou voo, pairando acima do labirinto não planejado de ruas estreitas e prédios de telhado vermelho de Villa Diego. Elena estava lá embaixo, em algum lugar. A polícia também. E o corpo do europeu. E Mikel Ibrahim e a faca de gravidade que Ramón lhe entregara sem nem pensar. A arma do crime! E, enfurnado num bar ou num porão de ópio — ou quem sabe arrombando a casa de alguém —, Johnny Joe Cardenas esperava para ser enforcado.

E talvez Lianna estivesse em algum lugar na parte boa do porto, sem pensar em Ramón — provavelmente nunca mais pensaria.

Sua mente, perdida em divagações, foi interrompida pelo zumbido pulsante de um transportador decolando ao longe, no ar rarefeito. Outro carregamento de metal, plástico, combustível ou quitina para a plataforma de

boas-vindas. Ramón virou o furgão para o norte, acionou o modo de evitar corpos próximos e foi embora sozinho, deixando o inferno, a bosta e a tristeza de Villa Diego para trás.

CAPÍTULO 3

Era um dia quente de Segundo Junho. Ele voou com o velho furgão para o norte, passando pelas Fingerlands, pelos campos de Greenglass, pelos rios pantanosos e pelo Oceano Tétrico, adentrando o território desconhecido. No Alto do Violinista, ao norte, o posto avançado mais distante da infecção humana que avançava pelo planeta como que por metástase, ele seguiu ainda mais para o norte: lá havia milhares de hectares ainda inexplorados — até mesmo em sonhos. Era uma terra tão distante que só tinha sido vislumbrada pelos primeiros levantamentos para a colônia, quando os fundadores ainda se mantinham na órbita.

A colônia humana no planeta São Paulo tinha pouco mais de quarenta anos, e a maioria das cidades ficava na zona subtropical do continente leste, uma trilha sinuosa de terra que se estendia quase de um polo a outro. A maior parte dos colonos vinha do Brasil e do México, com alguns poucos da Jamaica, de Barbados, de Porto Rico e de outras nações caribenhas, de forma que tinham uma tendência natural de se expandir para o sul, até as terras úmidas perto do equador. Não eram como os frescos dos norte-americanos, pois estavam habituados àquele tipo de clima, sabiam conviver com o calor e cultivar as florestas, e a pele deles não queimava com o sol. Então se voltavam para o sul e tinham o costume de ignorar os territórios frios do norte. Talvez fosse por alguma convicção nunca dita — mas comum a todo aquele povo, e que existia séculos antes de os primeiros colonos espanhóis chegarem ao Novo Mundo das Américas — de que não valia a pena viver em qualquer lugar onde existisse a mais remota chance de nevar.

Mas Ramón tinha descendência Yaqui, crescera num planalto judiado no

interior norte do México. Gostava das colinas e da água branca e não se importava com o frio. Sempre soube que a cadeia de montanhas de Sierra Hueso, no hemisfério norte de São Paulo, era mais propícia para encontrar minérios valiosos do que as regiões mais planas nos arredores de Palma, Nuevo Janeiro e Vilarejo do Cão. Os picos ao redor de Sierra Hueso tinham se formado havia alguns milhões de anos por uma colisão entre duas placas tectônicas continentais que resultou na extinção do oceano que existia entre elas. O que antes era o fundo do mar foi espremido e empurrado para o alto ao longo da linha de colisão e devia ser rico em cobre e outros metais.

Poucos mineradores solitários como ele já tinham considerado aquele raciocínio — se é que algum chegara a sequer cogitá-lo — e quase nenhum dava muita importância às terras do norte. Ainda havia muita coisa de valor no sul, o que fazia a longa viagem não valer a pena para a maioria. Sierra Hueso fora mapeada da órbita, mas Ramón não conhecia ninguém que de fato tivesse ido até lá, e o território era tão inexplorado que os picos ainda nem haviam sido batizados. O que significava que não existiam povoados humanos por centenas de quilômetros, muito menos satélites para propagar suas transmissões, tão a norte. Se Ramón tivesse problemas, estaria por conta própria. Seria o primeiro a sondar aquele terreno, mas os anos logo se passariam, fazendo aumentar a pressão econômica no sul, levando mais gente a explorar o norte gelado. As pessoas seguiriam os mapas que ele mesmo tinha feito e vendido ou interpretariam os dados que ele cedera para as corporações e os órgãos governamentais. Todo mundo o seguiria como as formigas-escorpião nativas do planeta — primeiro uma, depois um punhado, então milhares de pequenos insetos num rio consumista. Ramón seria a primeira formiga, movida pelo risco, pela exploração. Ele seria o líder daquelas formigas — e não por escolha, pois ficar longe de todos era parte de sua natureza.

Era melhor ser a primeira formiga. Embora relutasse em admitir, Ramón finalmente percebera que era melhor para ele trabalhar longe dos outros mineradores. Longe das pessoas. As grandes cooperativas de mineração até podiam oferecer contratos e equipamentos melhores, mas sempre vinham acompanhados de mais rum e mais mulheres. E, com esses dois, Ramón sabia, mais brigas. Não podia se dar ao luxo de confiar no próprio temperamento volátil, nunca pudera. Perdeu muitos anos com isso, com as

brigas e os problemas que elas geravam. E, se fosse pego, estaria envolvido em algo que poderia lhe custar a vida. Não. Era *melhor* assim — uma exploração solitária, só ele e o furgão.

Além disso, estava começando a perceber que gostava de ficar sozinho naqueles dias de céu aberto, o sol grande e morno de São Paulo piscando para ele, refletido em rios, lagos e folhas. Reparou que assoviava uma melodia sem ritmo conforme o furgão sobrevoava as infundáveis florestas. Aos poucos as plantas baixas do calor, como confrei e arbustos de zambujeiros, eram substituídas pelos equivalentes locais das coníferas: raiz-de-gelo, salgueiro-trepador, *hierba*. Finalmente não havia mais ninguém por perto para irritá-lo. Pela primeira vez no dia, seu estômago quase parou de doer.

Quase.

A cada hora que passava, a cada floresta e lago que aparecia ao longe, para então chegar mais perto e, finalmente, ficar para trás, a lembrança do europeu assassinado crescia em sua mente, uma presença cada vez mais intensa, entrando em foco pixel por pixel, cada vez mais real. Até quase poder vê-lo sentado na cadeira do copiloto, aquela expressão idiota, surpresa com a própria mortalidade, ainda estampada em seu rosto grande e pálido. Conforme a presença fantasmagórica se tornava mais e mais real, mais profundo era o ódio que Ramón sentia.

Ele não odiava o sujeito, lá no El Rey. Era só mais um otário procurando encrenca e que acabou encontrando Ramón — coisa mais frequente do que ele gostaria. Era assim que as coisas funcionavam. Ele voltava para a cidade, bebia e encontrava algum idiota arruaceiro, então um deles caía fora. Às vezes era ele, às vezes era o outro. Sentira raiva, sim, em parte, mas não ódio. O ódio só vinha quando se conhecia a pessoa, quando se importava com ela. A raiva o deixava acima de qualquer coisa, da moralidade, do medo, dele mesmo. O ódio indicava que a pessoa tinha controle sobre quem o sentia.

Aquele lugar em geral lhe trazia paz, o interior inexplorado, os territórios remotos, os lugares desabitados. A tensão que sentia quando estava perto das pessoas diminuía. Na cidade, seja Villa Diego, Nuevo Janeiro ou qualquer outra com muita gente, Ramón sempre sentia a pressão das pessoas contra ele. As vozes muito próximas, as risadas que podiam ou não ser por causa dele, os olhares desinteressados de homens e mulheres, o corpo suntuoso e a mente incerta de Elena. Era por isso que Ramón se embriagava quando estava

na cidade e ficava sóbrio durante suas explorações. Longe de tudo, não havia razão para beber.

Mas ali, onde deveria encontrar paz, achou-se na companhia do europeu. Ao olhar para a infinidade do céu, sua mente voltaria para aquela noite no El Rey, trazendo a memória do silêncio repentino da multidão embasbacada. O sangue jorrando da boca do sujeito. Os calcanhares sacudindo, batendo no chão. Ramón conferiu os mapas e, em vez de deixar a mente correr livre pelas fissuras e pelos planaltos da superfície do planeta, pensou em onde a polícia poderia procurá-lo. Não conseguia esquecer o que tinha acontecido, e a frustração o deixava quase tão irado quanto a culpa.

Mas culpa era coisa de gente fraca e tola. Tudo ficaria bem. Passaria o tempo concentrado no trabalho de campo, em comunhão com as pedras e o céu, e, quando voltasse, o europeu seria coisa do passado. Uma história mal lembrada, recontada em milhares de versões diferentes, nenhuma verdadeira. Mais uma morte irrelevante entre as outras centenas de milhões — naturais ou não — que acontecem todo ano universo afora. A falta daquele sujeito seria como a marca que fica na água ao enfiar e tirar o dedo de um riacho: inexistente.

Montanhas se enfileiravam diante dele: gelo e ferro, ferro e gelo.

Deviam ser as montanhas de Serra Dentada, o que significava que já tinha sobrevoado o Alto do Violinista. Quando conferiu os *transponders* de navegação, não encontrou sinal algum. Estava isolado, longe do contato humano, da rede de comunicações deficiente da colônia. Por conta própria. Fez os ajustes que tinha planejado, alterando o plano de voo na intenção de despistar qualquer cão de caça humano que a lei pudesse mandar atrás dele, mas, mesmo enquanto o fazia, sentiu que aquilo parecia desnecessário. Não seria seguido. Ninguém dava a mínima.

Ligou o piloto automático, inclinou a cadeira para trás até ficar quase paralelo ao chão e, a despeito da semipresença acusatória do europeu, deixou os quilômetros que se desenrolavam abaixo embalarem seu sono.

Quando acordou, os picos cada vez mais altos da cordilheira de Sierra Hueso se projetavam acima do horizonte, e o Sol começava a descer no céu, criando sombras na face das montanhas. Desligou o piloto automático e estacionou o furgão numa campina escarpada num planalto entre os declives da parte sul da cordilheira. Depois de montar a barraca-bolha, instalar o

último alarme de perímetro, cavar um buraco para a fogueira e encontrar lenha seca, Ramón andou até a margem de um pequeno lago próximo. Ali, tão ao norte, fazia frio mesmo no verão, e a água cristalina estava gélida. O biochip no cantil não encontrou nada mais alarmante que vestígios de arsênico na água. Ramón apanhou um bocado de besouros-doces e voltou para o acampamento. Cozidos, os besouros-doces tinham um gosto que era um misto de lagosta e caranguejo, e o interior cinza das cascas que pareciam pedra ganhava um brilho imprevisível de cores iridescentes depois que a carne era sugada. Era fácil viver daquela terra, bastava saber como. Além dos besouros-doces e de outros alimentos fáceis de coletar, havia água de sobra e caça fácil, caso ele decidisse ficar por um ou dois meses a mais do que permitiam os suprimentos no furgão. Ramón inclusive começou a considerar se seria muito difícil encarar o inverno ali no norte. Se descesse até o Alto do Violinista para reabastecer e dormisse no furgão durante os meses mais frios...

Depois de comer, acendeu um cigarro, recostou-se e ficou olhando as montanhas escurecerem junto com o céu. Um levantador voava contra as nuvens altas, e Ramón apoiou-se nos cotovelos para assistir. O bicho ondulava o corpo imenso, reto e encouraçado, remando o ar com as pontas das asas, sondando o lugar em busca de traços de calor. Seu guincho meio ridículo soou com clareza, amplificado pelas correntes de vento. Estavam quase emparelhados, e o animal avaliava a nave, tentando decidir se era grande demais para comer. O levantador se inclinou, deslizou e desceu, parecendo deslizar por uma enorme colina invisível, saindo em busca de gafanhotos ou guinchadores no vale lá embaixo. Ramón ficou olhando o levantador até o bicho ficar pequeno como uma moeda, seu brilho bronze cintilando contra a luz fraca.

— Boa caçada! — desejou, então sorriu. Que os dois tivessem uma boa caçada.

Quando os últimos traços de luz do dia tocaram o topo das montanhas na cordilheira a leste do vale, Ramón reparou numa coisa estranha. Uma descontinuidade nas rochas. Não a cor nem estria ou risco chamativo, era mais sutil. Algo no modo como toda a face da montanha estava posicionada. E era mais interessante do que preocupante. Ramón marcou o lugar mentalmente. Tinha alguma coisa estranha ali, algo digno de ser investigado

na manhã seguinte.

Ele relaxou em frente à fogueira por mais algum tempo enquanto a noite envolvia de vez a paisagem ao redor, e as estrelas alienígenas começavam a surgir, em seus exércitos frios e incandescentes. Recitou os nomes das estranhas constelações definidas pelo povo de São Paulo para substituir as da Terra — a Mula, o Homem de Pedra, a Flor de Cacto, o Gringo Doido — e ficou imaginando em qual delas ficava a estrelinha brilhante que era o Sol da Terra (já lhe mostraram uma vez, mas ele esquecera). Então foi para a cama e dormiu, sonhando que voltava a ser um garotinho nas ruas do vilarejo no topo do planalto, sentado no telhado da casa do pai, no escuro, envolvido por um fino cobertor de lã, tentando ignorar as vozes altas e irritadas dos pais no quarto de baixo e procurando a estrela de São Paulo no céu de inverno.

CAPÍTULO 4

J á de manhã, Ramón despejou água sobre os restos da fogueira e mijou na brasa, só para garantir que se apagasse. Comeu tortilhas e feijão frio, desconectou a pistola da bateria do furgão e a deixou no coldre, fazendo uma pressão morna, leve e agradável contra o quadril. Ali nos ermos, não daria para prever quando um chupacabra ou um agarrador apareceria. Trocou as sandálias macias de couro de pelobaixo que usava dentro do veículo pelas botas de caminhada, velhas e resistentes, e saiu para uma longa marcha até a discrepância que notara na noite anterior. Como sempre, as botas pareciam mais confortáveis ao pisarem no solo irregular do que nas ruas da cidade. A grama e as folhas dos arbustos estavam encharcadas de orvalho. Lagartinhos que lembravam macacos pulavam de galho em galho à frente dele, chamando uns aos outros com vozes agudas e assustadas. Existiam milhões de espécies ainda não catalogadas em São Paulo. Nos vinte minutos que levou para chegar até a área promissora na base de um paredão de rocha, Ramón deve ter passado por centenas de plantas e animais nunca vistos por olhos humanos.

Pouco depois, encontrou a discrepância e inspecionou o local quase com pesar. Passara o caminho todo saboreando o prazer do esforço da subida, parando volta e meia para curtir a vista ou descansar sob a luz aquosa do sol. Agora, teria que trabalhar.

O líquen agarrado às rochas da base da montanha era verde-escuro e crescia em largas espirais que lembravam pinturas rupestres. De perto, a discrepância era menos aparente. Dava para rastrear as estrias da pedra de um lado a outro sem sinal de quebra ou mudança de nível. Fosse lá o que Ramón

tivesse visto à luz do crepúsculo do dia anterior, estava invisível.

Tirou a mochila dos ombros, acendeu um cigarro e avaliou a face da montanha à frente. As rochas ao redor pareciam ter sido assoladas por transformações intensas, e seus grumos alongados eram sinal da pressão inimaginável e do calor perto do manto de São Paulo. Quando as geleiras afetaram aquele lugar, penetraram fundo no solo, espalhando os pedaços para áreas muito longe do local de origem. Mas, ainda assim, as rochas da camada inferior eram vulcânicas ou metamórficas. As camadas sedimentárias, se é que havia alguma, estariam mais no alto, onde o solo era mais novo. Era o tipo de lugar onde um homem poderia encontrar o sucesso que buscava. Minério de urânio, possivelmente. Tungstênio ou tântalo, se desse sorte. E, mesmo que só encontrasse ouro, prata ou cobre, poderia vender os dados para alguém. A informação valeria mais que os metais.

Ramón não deixava de reparar na triste ironia da profissão que escolhera. Nunca saíria de São Paulo por vontade própria. Aquela vastidão desocupada é que fazia do planeta um paraíso. Numa colônia mais desenvolvida, com satélites globais e redes terrestres de partículas, a solidão seria impossível. São Paulo ainda tinha fronteiras e limites entre o mundo civilizado e terras de que se sabia pouco ou quase nada. Ele e os outros como ele eram as mãos e os olhos da indústria da colônia. O amor pelos cantos e nichos inexplorados do mundo não importava. Sua experiência com os dados, os levantamentos e o conhecimento geológico é que tinham valor. Então, ganhava dinheiro justamente quando acabava com aquilo que lhe dava algum consolo. Era um esquema maligno, avaliou, mas bem típico da humanidade, com sua necessidade genética de contradição. Apagou a guimba do cigarro, pegou a picareta de mão na mochila e começou o longo e demorado processo de buscar um bom lugar para posicionar a sonda de amostragem.

O sol brilhava com intensa benevolência, e Ramón tirou a camiseta, prendendo-a no cinto da pistola. Alternando-se entre a picareta e uma pequena pá, ele limpou a fina cobertura de plantas e solo até encontrar rocha sólida e dura a menos de 45 centímetros da superfície. Se tivesse precisado cavar mais fundo, teria tido que voltar ao furgão para pegar ferramentas eletrônicas para pequenas escavações — eram caras e fáceis de quebrar e emitiam um zumbido elétrico que protestava contra seu uso. Examinou a lateral da montanha, pensando em como deveria haver lugares que

precisariam de uma escavação mais intensa. Ainda bem que tinha começado por ali.

A sonda de amostragem era feita para penetrar a rocha e retirar uma amostra de aproximadamente um braço de comprimento. Até maior, se fosse uma pedra pouco dura. Ao longo da semana seguinte, Ramón recolheria cerca de dez amostras de vários pontos do vale. Depois disso, aguardaria três ou quatro dias enquanto o equipamento no furgão analisava os fragmentos em busca de traços de elementos e minérios, coisas pequenas demais para serem identificadas a olho nu. Assim que estivesse de posse da informação, Ramón poderia criar uma estratégia para reunir as informações mais úteis com o mínimo de custos. Ainda enquanto preparava a primeira sonda, começou a fantasiar sobre longos e vagarosos dias de marasmo enquanto esperava pelo resultado dos testes. Poderia ir caçar. Ou explorar os lagos. Ou encontrar um lugar gostoso sob o sol para cochilar enquanto a brisa cantasse por entre a folhagem baixa da campina. Seus dedos dançaram pelos explosivos, puxando os fios e manipulando os chips do cronômetro com a habilidade da prática. Muitos mineradores perdiam as carreiras e as mãos — e, às vezes, as vidas — por serem descuidados com suas ferramentas. Ramón era cuidadoso, mas também tinha prática. Depois de escolher e desobstruir o local, posicionar a sonda levava menos que uma hora.

Reparou que, estranhamente, estava enrolando um explosivo para detoná-lo. Tudo estava tão quieto, tão parado, tão pacífico! Dali de cima, os declives cobertos de floresta se estendiam em distantes traços de preto, azul cadavérico e laranja, as árvores se remexendo como um carpete de musgo quando o vento soprava em suas folhas. Exceto pelo ovo branco de sua barraca-bolha na lateral da montanha, aquela paisagem permanecia imutável talvez desde o início dos tempos. Por um momento, sentiu-se quase tentado a deixar a mineração de lado e apenas relaxar e esvaziar a cabeça durante aquela viagem, já que estava sendo forçado a se esconder nas montanhas. Mas afastou a tentação: assim que passasse o rebuliço por conta da morte do europeu e ele voltasse, precisaria de dinheiro. O furgão não se manteria inteiro para sempre, e ele não estava muito ansioso para enfrentar o olhar de escárnio de Elena se voltasse mais uma vez de mãos abanando. Talvez nem encontrasse minério ali, disse a si mesmo, quase desejando que fosse mesmo o caso. Então parou para pensar na gravidade do que estava pensando. Claro

que não seria ruim ficar rico, não é mesmo? O estômago voltou a doer.

Olhou para a face da montanha. Era linda, daquele jeito áspero e intocado. Depois que ele tivesse terminado, a paisagem nunca mais seria a mesma.

— Mil perdões — disse para a paisagem que estava prestes a arruinar. — É que um homem precisa ganhar dinheiro. E as montanhas não precisam comer.

Ramón tirou um último cigarro da cigarreira prateada e fumou como um homem que presenciava uma execução. Desceu até os pedregulhos que escolhera como abrigo, esticando o pavio ligado ao fusível, agachou-se atrás das pedras e acendeu o pavio com a ponta do cigarro.

Houve uma explosão, como era o esperado. Mas o som, que deveria ser um estalo seco ecoando entre as montanhas e depois sumindo, foi ficando mais alto e prolongado. O declive abaixo dele começou a deslizar como graxa, um gigante se ajeitando em seu sono agitado. Ramón ouviu o ribombar do trem expresso do deslizamento de rochas. Só pelo barulho, sabia que algo havia saído muito errado.

Uma grande nuvem de poeira o envolveu, branca como a neblina e com gosto de pedra e entulho. Um deslizamento. Sabe-se lá como, sua pequena carga explosiva provocara um deslizamento. Tossindo, ele soltou um palavrão enquanto se perguntava o que teria acontecido. Como deixara de reparar que a rocha ali era tão instável? O tipo de erro que matava mineradores. Se tivesse se abrigado um pouco mais perto, poderia ter morrido esmagado. Ou pior, teria ficado incapacitado, enterrado vivo onde ninguém o encontraria, preso ali até os courovermelhos o encontrarem e limparem a carne de seus ossos.

O rugido agressivo e ribombante foi minguando até sumir. Ramón saiu de detrás dos pedregulhos, abanando a mão na frente do rosto como se agitar o ar fosse aumentar o índice de oxigênio ou reduzir a grossa camada de poeira que, sem dúvida, estava se acumulando em seu nariz e seus pulmões. Avançou devagar, hesitante em firmar os pés nas pedras que tinham acabado de se amontoar na base do penhasco. As pedras possuíam um cheiro quente curioso.

Uma parede de metal jazia no lugar de onde o muro de rochas desabara.

Tinha metade do tamanho da montanha e entre vinte e 25 metros de largura.

Claro que era uma construção impossível. Só podia ser alguma formação natural bizarra. Ramón deu um passo à frente, e o próprio reflexo, pálido como o fantasma de um fantasma, avançou em sua direção. Quando esticou a mão, seu gêmeo fora de foco o imitou, parando sempre que ele parava. Interrompeu o movimento antes que sua mão tocasse a mão fantasmagórica, notando a expressão atordoada e desnorteada do reflexo no metal — sem dúvida uma cópia precisa de seu próprio rosto. Então, hesitante, tocou a parede.

Sentiu o metal gelado contra os dedos. Não havia nem um arranhão da explosão. E, embora a mente se rebelasse contra a ideia, estava óbvio que não era uma construção natural. Tinha sido *feita*. Obra de alguém, *escondida* por alguém atrás da rocha da montanha — mas ele não fazia ideia de quem.

Demorou um tempo para ele de fato compreender as implicações de sua descoberta. Tinha alguma coisa enterrada sob aquele morro, uma coisa grande, talvez algum prédio ou um abrigo subterrâneo. Talvez a montanha toda fosse oca.

Aquela era *mesmo* sua grande descoberta, bem como tinha dito a Manuel que seria. Mas não encontrara minério, e sim um artefato gigantesco. Não poderia ser humano, a colônia não estava ali por tempo suficiente para deixar ruínas. Só podia ser alienígena. Talvez datasse de milhões de anos antes. Todos os cientistas e arqueólogos iam surtar com aquilo, e talvez até os Enye ficassem interessados. Se não conseguisse transformar essa descoberta numa fortuna imensa, não era nem de longe tão esperto quanto pensava...

Pressionou a palma da mão contra a parede, tocando a mão do reflexo. O metal frio vibrava sob ela e, ainda ali, parado, Ramón sentiu uma vibração mais profunda percorrer a parede — boom, *boom*. Batidas baixas e rítmicas, como um coração oculto, como o próprio coração da montanha: vasto, petrificado e antigo.

Um alarme disparou em sua mente, e ele olhou ao redor, desconfortável. Qualquer outro homem poderia ter reagido à descoberta sem grandes suspeitas, mas o povo de Ramón fora perseguido durante centenas de anos, e ele mesmo se lembrava bem da vida à mercê do rancor dos *mejicanos*, sem nunca saber quando arrumariam alguma desculpa para aniquilar seu vilarejo.

Não importava o que fosse aquela parede, ou por que ela estava ali, no meio do nada, num planeta praticamente inexplorado. Aquilo não era uma ruína morta, alguma coisa estava em pleno funcionamento debaixo daquela montanha. E, se estava escondida, é porque alguém não queria que fosse *encontrada*. E esse alguém poderia ficar *furioso* pelo fato de o lugar ter sido descoberto. Alguém inimaginavelmente poderoso, a julgar pela escala daquele artefato, alguém provavelmente perigoso.

De repente, pareceu que o calor do sol em seus ombros vinha com uma sensação de gelo. Ele olhou em volta outra vez, ansioso, sentindo-se exposto demais na encosta daquela montanha. Outro levantador guinchou, bem longe, mas os chamados agora soavam como o lamento agudo de um morcego chorando pelos condenados.

Era hora de *sair* dali. Voltar ao furgão, talvez fazer uma filmagem rápida da parede e procurar outro canto. Qualquer lugar bem longe. Até mesmo em Villa Diego, onde ele ao menos conhecia as ameaças.

O terreno era acidentado demais, não havia como *correr* de volta ao acampamento, mas ele desceu a encosta o mais depressa que pôde, arriscando-se o máximo que sua ousadia permitia; escorregando de bunda, o que levantava uma nuvem de poeira e detritos; pulando de pedra em pedra, forçando a passagem por arbustos, raízes e moitas de *hierba*, espantando gafanhotos e almofadinhas.

Avançou tão depressa que já estava quase na metade do caminho para o acampamento quando a montanha atrás dele se abriu e o alienígena saiu.

Um buraco surgiu na lateral da montanha, bem acima. Uma abertura no metal que, momentos antes, não estava lá, surgindo sem explicação. Ouviu um ganido agudo, como uma centrífuga acelerando, e, um suspiro depois, *alguma coisa* voou para fora do buraco.

Era quadrado, um design esquisito para uma máquina voadora, parecia criado para se mover no vácuo. Tinha um tom branco-marfim e era bem silencioso, parecia um fantasma ou um crânio grande e voador. Visto contra o grande vazio azul do céu — a atmosfera no alto era fina o bastante para deixar ver as estrelas brilhando —, o objeto poderia ter qualquer tamanho e estar a qualquer distância. A caixinha esquisita ficou parada no céu, girando lentamente. Estava procurando, imaginou Ramón. Estava procurando por ele.

Um medo paralisante apertou seu peito. O acampamento. A coisa estava claramente em busca de algo, e Ramón não fizera nada para camuflar a redoma branca da barraca-bolha ou o furgão ao lado dela. Não havia por quê. A coisa até poderia não vê-lo ali embaixo, entre as plantas, mas *veria* o acampamento. Ele precisava chegar logo lá, voltar ao furgão e colocá-lo no ar antes que a coisa da montanha os descobrisse. Sua mente estava acelerada, já pensando muito à frente. Será que o furgão seria mais rápido que a caixa branca voadora? Só precisava começar a voar. Poderia se manter baixo, dificultar a localização ou algum ataque. Era um bom piloto. Conseguiria manobrar por entre as copas das árvores até o Alto do Violinista, se precisasse...

Mas primeiro precisava chegar lá.

Saiu em disparada, deixando seu pânico puro aniquilar os últimos resquícios de cautela. A caixa branca demoníaca estava fora de seu campo de visão quando ele chegou ao fim do amontoado resultante do deslizamento e se jogou no abrigo da vegetação. As moitas e os arbustos baixos, que pareciam esparsos e fáceis de atravessar na subida, formavam agora uma pista de obstáculos. Galhos tentavam agarrá-lo, arranhando seu rosto e rasgando suas roupas. Tinha a sensação de que a coisa voadora vinda da montanha estava bem em cima dele, espreitando, pronta para atacar. Sentia os pulmões arderem quando correu os últimos metros, forçando as pernas a chegar logo ao furgão.

— Eu não vi nada! — exclamou, ofegante. — Por favor. Eu não estava fazendo nada de mais! Não vi nada. Por favor. Foi um sonho!

Quando parou no meio do caminho de volta até o furgão, apoiando-se contra uma árvore para recuperar o fôlego, o céu estava vazio. Nenhuma caixa fantasmagórica pairava no ar, procurando por ele. Ficou surpreso ao notar que a pistola já estava em suas mãos. Não se lembrava de ter sacado a arma. Mesmo assim, agora que pensava no assunto, sentia que o peso e a solidez da pistola eram reconfortantes. Não estava indefeso. Não importava o que fosse aquela merda, poderia atirar nela. Cuspiu, a raiva substituindo o medo. Talvez não soubesse o que estava enfrentando, mas a coisa *também* não sabia quem ele era. Ele era Ramón Espejo! Abriria um novo cu naquele alienígena, se o bicho se metesse a besta com ele.

Com a confiança renovada pela ira e pela bravata, Ramón partiu para o

furgão, mantendo a atenção no céu. Avançara mais do que tinha imaginado, e o furgão estava a poucos minutos de distância. Só precisava colocá-lo para voar! Não pretendia parar para filmar nada, não com aquela coisa à espreita. Mas traria reforços de Villa Diego, talvez até a guarda pessoal do governador. A polícia. O Exército. Fosse lá o que estivesse enfiado naquela montanha, arrancaria a coisa do esconderijo e acabaria com ela. Não tinha medo daquilo, nem de nada. Não tinha nem medo de *Deus*. Seus suplícios de negativa — *Por favor! Eu não vi nada!* — já estavam esquecidos.

Chegou até a clareira onde ficava o acampamento bem no instante em que o alienígena reapareceu acima dele. Hesitou, dividido entre correr até o furgão ou mergulhar de volta entre os arbustos.

A coisa estava tão perto que Ramón já conseguia mensurar seu tamanho. Era menor do que tinha imaginado, com talvez metade do tamanho do furgão. Parecia feito de corda, a lateral coberta de fios longos e brancos como a cera que respingava de uma vela acesa. Ou talvez fosse a frente. A coisa mergulhou e se aproximou, e Ramón sentiu um nó na garganta. Estava perto demais. Ele não conseguiria chegar ao furgão antes de ser interceptado.

“Talvez seja pacífico”, pensou. “*Madre de Dios*, é melhor que seja.”

O furgão explodiu. Um gêiser de fogo e fumaça subiu do meio da clareira com o rugido de uma cachoeira, e os barbataninhas saíram em revoada, gritando enquanto percorriam a lateral da montanha. A onda de choque da explosão o atingiu como uma bofetada, cobrindo-o de poeira, pedrinhas e plantas destroçadas. Ramón cambaleou, com dificuldade de manter o equilíbrio. Pedacos de metal fundido caíram ao seu redor, queimando buracos no musgo do chão da clareira. A coisa estava atirando nele! Através da coluna de fumaça, Ramón viu a caixa dar a volta, voando cinco metros acima do chão, e mergulhar outra vez na direção dele. A barraca-bolha explodiu como uma bola de gás, pedaços de plástico contorcido se espalhando, fugindo como pássaros brancos assustados ao sabor do vento quente da explosão.

Ramón só viu a cena de relance. Já estava correndo em desespero, abrindo caminho e desviando pela vegetação. Ouvia a própria respiração ofegante, o coração martelando nas costelas. Mais rápido!

Sentiu mais do que viu o veículo alienígena chegando por trás. Com um grito de desespero, deu meia-volta e disparou três vezes contra a coisa que se aproximava, então se virou e saiu correndo. Uma árvore explodiu enquanto

ele passava, as farpas atacando seu rosto e suas pernas. Ouviu um chiado agudo cada vez mais perto, mais alto, a frequência propagada como o efeito *doppler*. Uma onda de choque atingiu o ar à sua frente, e ele pisou em falso. Atirou com a pistola enquanto caía, sem saber para onde apontar ou se acertaria alguma coisa.

Sentiu que algo o atingia. Forte. A consciência se foi, como se tivessem soprado a chama de uma vela.

Quando acordou, acordou no escuro...

CAPÍTULO 5

Imerso na escuridão, imóvel e sem conseguir respirar, as memórias de Ramón iam ficando cada vez mais claras. O jeito como Griego tinha dado de ombros. O chacoalhar mecânico do rugido do chupacabra no carro alegórico do desfile. O sangue do europeu ficando pálido quando exposto à luz vermelha e preto quando o LED piscava em azul. O gosto da poeira das pedras. O gosto da boca de Elena. Detalhes vagos iam ficando mais claros até que ele conseguiu se concentrar a ponto de ouvir as vozes, sentir o tecido da camiseta que tinha usado. Tudo. Fora capturado pela coisa da montanha, que fizera algo com ele. Fora aprisionado naquela escuridão vasta e vazia num processo misterioso que nem ele conseguia imaginar como funcionava, por razões que não conseguia adivinhar. O silêncio e a vastidão mudavam a natureza do tempo. Não tinha mais ideia da duração de nada. Não sabia dizer havia quanto tempo estava ali e se dormira ou não. Não conseguia mais nem julgar a própria sanidade, nem apontar para o norte. Sem contexto, conceitos como loucura e direção pareciam insignificantes.

Quando ele se movia, era algo tão ínfimo que podia até pensar que era só imaginação. Algo o cutucou. Sentiu aquele líquido correr contra sua pele — uma corrente invisível num mar invisível. Sentia que era girado em círculos vagarosos. Algo sólido esbarrou em seu ombro e subiu pelas costas — ou ele mergulhou dentro da coisa. O líquido viscoso fluiu ao redor, deslizando pelo seu rosto e seu corpo. Imaginava que a coisa estava sendo drenada, embora fosse fácil imaginar que estava sendo erguido acima daquele xarope. A sensação do líquido viscoso escorrendo foi ficando mais rápida e turbulenta. Sentiu o choque de uma vibração profunda: *boom*. E mais uma vez, pulsando

através da carne e dos ossos: *boom, boom*. Uma luz aquosa e embaçada surgiu acima, muito fraca e imensamente distante, como uma estrela numa constelação longínqua. O brilho aumentou. O líquido em que flutuara estava sendo drenado, e a superfície parecia cada vez mais próxima, como se ele estivesse emergindo do fundo de um lago. Até que finalmente rompeu o limiar, e o que restava da substância viscosa desapareceu.

Ar, luz e som o atingiram como um soco.

O corpo convulsionou, como um peixe numa frigideira quente, cada músculo retesado. Suas costas estavam arqueadas como as de um epilético, a cabeça e os calcanhares sustentando o peso, a coluna entortada como um arco. Algo que ele não conseguiu ver o virou de barriga para baixo, e Ramón sentiu uma agulha deslizando na base da espinha. Vomitou com uma violência arrebatadora — um xarope âmbar grosso jorrava pela boca e pelo nariz. Então, vomitou outra vez, e espasmos agonizantes faziam jorrar ainda mais daquele líquido, como se seus pulmões tivessem sido inundados com aquilo.

“Vou sobreviver”, disse a si mesmo. “Não é pior que porre de moscatel. Dá para aguentar...”

Outra agulha comprida afundou em seu pescoço. Sentiu um fogo gelado se avivar onde fora picado, uma secreção parecida com saliva escorrendo pela lateral do corpo e um calor, como se estivessem despejando água fervente sobre ele.

“O que você fez comigo?”, tentou gritar. “O que você colocou dentro de mim?”

De repente, violentamente, seu coração voltou à vida. Então, com um tremor terrível, ele começou a respirar.

O ar cortava como vidro, e seu coração trovejava no peito. O mundo ficou vermelho. A dor afastava qualquer pensamento, qualquer senso de individualidade, até que aos poucos foi perdendo a força.

Foi abatido por outra onda de mal-estar. Esvaziou o estômago, choramingando de dor e de vergonha quando não estava tossindo. Pareceu durar horas, mas os momentos de paz entre os espasmos foram ficando cada vez mais longos, e alguma força parecia retornar a seus braços e pernas. O coração parou de bater como um pássaro tentando se livrar de uma rede. Ele

tentou se sentar.

Estava deitado, estatelado e pelado no fundo de um tanque de metal com pouco mais de nove metros quadrados. O que poderia pensar agora daquele oceano infinito de meia-noite! As paredes eram altas demais para ver além delas, e as luzes — azuis, brancas e tristes —, brilhantes demais, impedindo que visse qualquer coisa por trás, até mesmo o teto. Tentou se levantar, mas os músculos estavam molengas. O frio era intenso. Acomodou-se contra o piso de metal e sentiu um calafrio, os dentes começaram a bater. Tentou levantar o braço, mas o impulso elétrico do cérebro era lento demais para chegar ao corpo, e o membro tremeu, sem forças, enquanto era erguido. Cheiros fortes, que ele não conseguia identificar, queimavam suas narinas.

Uma coisa parecida com uma cobra se ergueu de repente acima da borda do tanque. Era grossa como o braço de um homem forte, com uma cor cinza e cadavérica, como carne velha, o corpo segmentado como o de uma minhoca. Parecia acometida por pulsações. Ramón viu a coisa hesitar, como se o avaliasse, e se esticar até ele. Três tentáculos longos e finos saíam de onde deveria estar a cabeça. A cobra cinzenta ignorou sua tentativa estabaneada de defesa e agarrou o ombro dele. Ramón se debateu sem forças. Estava fraco, e a pegada da cobra era tão fria e impiedosa quanto a morte. Outra cobra se esticou até ele e se enrolou ao redor de sua cintura.

As criaturas o ergueram sem dificuldade para fora do tanque. Ele tentou gritar, só que soou mais como uma tosse. Estava pendurado, pairando no ar, acima do que parecia ser uma vasta caverna em forma de redoma, cheia de barulhos, luzes, movimentos e formas alienígenas. Lá dentro, havia um enxame de atividade que Ramón era incapaz de traduzir para padrões reconhecíveis, já que não tinha referências. O nariz e a boca estavam tomados por um odor acre e pungente, que lembrava formol.

As duas cobras o colocaram numa plataforma próxima à parede da caverna. A superfície era sólida, mas esponjosa, como uma língua enorme e escura. Sentiu o corpo ceder assim que o soltaram, as pernas fracas demais para suportar seu peso. Aguardou, de quatro, encarando as terríveis luzes brilhantes, ofegando como um animal encarcerado, sentindo falta da escuridão atemporal que deixara para trás.

Ali a luz era mais fraca, já que incidia no ângulo entre a parede e o chão da caverna. Formas primordiais moviam-se pesadamente nas sombras.

Ficavam cada vez mais definidas e encorpadas pela luz à medida que se aproximavam, mas mesmo assim Ramón não conseguia defini-las. A mente esforçava-se arduamente para encaixá-las nos conceitos familiares à humanidade, mas não conseguia — o que era horrível e aterrorizante. Eram grandes demais, com formas erradas. Os olhos de um laranja claro e brilhante.

Uma agulha deslizou da ponta de um tentáculo cinza que pairava no ar, avançando depressa contra seu braço — rápido demais para que ele pudesse desviar ou protestar. Outra onda de calor formigante percorreu seu corpo, e ele de repente se sentiu mais forte. Que tipo de injeção era aquela? Glicose? Vitaminas? Talvez também contivesse algum sedativo. Sua mente parecia mais clara, e ele se sentia mais alerta e menos assustado. Ficou de joelhos, cobrindo a virilha instintivamente com uma das mãos.

As formas pararam a alguns metros de distância. Eram três, todas bípedes, uma maior que as outras. Ramón conseguia ver com mais clareza, agora. Sua mente só aceitou as criaturas ao tratá-las como fraudes: pensava nelas como homens usando fantasias grotescas, não parava de procurar por algum detalhe pouco convincente que entregasse o disfarce.

Claro que, racionalmente, sabia que não era o caso. Não eram pessoas fantasiadas. Nem mesmo eram pessoas. Eram alienígenas, mas não pertenciam a nenhuma raça conhecida. Ramón tinha navegado por entre as estrelas a bordo de uma das grandes naves de transportes dos Enye de Prata e até vira, nas vielas de Acapulco, três H'zhei — seres peludos de seis pernas, criaturas exóticas que lembravam um cruzamento de gato com taturana. Só tinha visto os Turu em vídeo, mas mesmo assim sentira calafrios. Aqueles alienígenas ali não eram Turu, nem Enye, nem Cian. Não eram membros das Grandes Raças. Não eram parte do universo que ele conhecia. Não se encaixavam. Centenas de perguntas, acusações e súplicas tomavam sua mente. “Quem são vocês? O que querem? Por favor, não me matem.”

Pelo menos eram bípedes humanóides, não aranhas, polvos ou bolhas com olhos enormes, embora houvesse algo de perturbador e estranho em suas articulações. Os dois menores deviam ter quase dois metros de altura, o maior tinha quase dois e vinte — ou seja, até o menor deles era bem mais alto que Ramón. Os torsos tinham colunas, e eram da mesma largura do ombro ao quadril. Cada um deles com certeza devia pesar mais de cem quilos, embora a

principal impressão que passavam, sabe-se lá como, fosse de graça e elasticidade. Tinham a pele lustrosa e brilhante, mas cada um com uma coloração própria e distinta — um, mosqueado de azul e dourado; o segundo de um tom âmbar pálido; e o maior deles era amarelado e coberto por padrões estranhos espiralados em preto e dourado.

Todos usavam cinturões, de onde pendiam objetos desconhecidos de metal e vidro, e vestimentas indefinidas e sem manga feitas de algum material cinzento e opaco. Os braços eram desproporcionalmente longos, as mãos, enormes, os dedos — três finos e dois polegares — incongruentemente delgados e delicados. As cabeças eram afundadas num vão entre os ombros, sustentadas um pouco mais à frente do corpo por pescoços grossos, o que lhes dava um ar belicoso e agressivo, como tartarugas prestes a morder. Uma crina protuberante em forma de leque, feita de penas ou pelo, saía do topo da cabeça. Na nuca, do topo da coluna vertebral e dos ombros saíam protuberâncias que se juntavam como cerdas. As cabeças eram mais ou menos triangulares, atarracadas no topo, mas salientes na base do crânio, os rostos tinham a mesma forma pontiaguda. Os rostos eram um pesadelo: grandes e emborrachados; com focinhos negros rajados de azul e laranja que tremelicavam, farejando; as bocas pareciam feridas abertas e molhadas, muito largas e sem lábios; os olhos pequenos, baixos demais nos dois lados do focinho. Olhos alaranjados, quentes e sem nuances, como bolinhas de gude derretidas.

Todos o encarando.

Olhando como se Ramón fosse um inseto, o que acendeu uma centelha de raiva dentro dele. Ele se levantou e os encarou de volta, ainda trêmulo, mas determinado a não demonstrar fraqueza. Ramón Espejo não se ajoelhava diante de ninguém! Muito menos de aberrações horrorosas como aquelas!

— Qual de vocês — grasnou, então tossiu e recomeçou: — Qual de vocês, seus espetadores filhos da puta, é que vai pagar pelo meu furgão?

Os alienígenas não reagiram às palavras. O maior deles esticou um braço estranhamente articulado — um movimento que lembrava algas marinhas sendo balançadas por uma corrente oceânica fraca. Ramón franziu o cenho quando o alienígena ondulou o que achava serem os dedos na direção do próprio corpo — uma, duas, três vezes. A criatura fez uma pausa, então repetiu o movimento. Aquele gesto parecia ensaiado, como se tivesse sido

ponderado e aprendido por repetição, como se o equivalente natural não tivesse nenhum significado para os humanos. Um som grave e ribombante soou em algum lugar bem abaixo, um coração montanhoso que bateu duas vezes e se aquietou. Ramón olhou em volta. O alienígena repetiu o gesto ondulante.

— Você quer que eu chegue aí perto? — inquiriu Ramón.

O focinho daquela coisa enorme estremeceu, e as cerdas tubulares da cabeça se ergueram e abaixaram. Ele repetiu o estranho movimento ondular. Ramón de repente se lembrou de um jornalista de Kigiake que tinha ido a São Paulo: a única palavra em espanhol que sabia era *gracias*. O alienígena parecia igual: seu único gesto era repetido em todas as ocasiões, empregado a todo momento.

O alienígena deu meia-volta, avançou alguns passos graciosamente inumanos, virou o torso outra vez na direção de Ramón e repetiu o gesto. “Siga-me.” Os outros dois estavam imóveis feito pedra, exceto pelos focinhos tremelicanos.

— Sou capturado por alienígenas, mas os idiotas nem sabem falar — reclamou Ramón, enchendo-se de ira e bravata. — Ei, você. *Pendejo*. Por que diabos eu tenho que ir, hein? Quero uma bosta de uma boa razão.

O alienígena ficara imóvel. Ramón cuspiu, e o escarro desapareceu assim que atingiu a língua negra da plataforma, que pareceu absorvê-lo com um barulho de sucção. Ramón balançou a cabeça, enojado. Na verdade, não tinha muito o que fazer a não ser segui-los. Avançou bem devagar, com passos hesitantes no piso perturbadoramente úmido e aveludado que afundava a cada passo, olhando preocupado para todos os lados, ponderando se deveria ou não correr. Mas correr para onde? E tinha quase certeza de que alguns daqueles objetos pendurados no cinturão dos alienígenas eram armas...

À frente, uma porta cortava a rocha exposta da parede da caverna. O alienígena passou por ela, olhando para trás uma vez e repetindo seu gesto favorito.

Tentando vestir a nudez como uma roupa nova, Ramón seguiu o alienígena em direção à escuridão. As outras criaturas foram atrás, mantendo-se bem próximas dele.

CAPÍTULO 6

Mais tarde, Ramón não conseguiria se lembrar bem do trajeto. Foi conduzido por túneis largos e altos o bastante para permitir a passagem do alienígena. O chão era de uma inclinação bem acentuada para cima e para baixo, e o caminho dava voltas que pareciam aleatórias. A rocha era levemente fosforescente, fornecendo luz suficiente para que ele visse os próprios passos. Recusava-se a olhar para as formas que o seguiam, embora sentisse os nervos à flor da pele.

O silêncio era intenso, ali no âmago da montanha, embora volta e meia Ramón ouvisse um grito através das muitas camadas de rocha. Para ele, mais soava como o implorar de almas condenadas, clamores ignorados por um deus frio e distante. Às vezes, passavam por bolsões de luz e atividade, salas cheias de conversas barulhentas e vívidas e cheiros podres, salas mergulhadas em luzes vermelhas, azuis ou verdes, salas escuras como tinta negra, exceto pela ínfima linha prateada do caminho que seguiam. Em dado momento, ficaram um bom tempo parados numa delas — Ramón sentiu uma pressão no estômago e ficou imaginando se aquilo seria algum tipo de elevador.

Cada câmara por que passavam parecia mais surreal que a anterior. Numa delas, criaturas que lembravam aranhas gigantes dormiam numa pilha, no meio do que parecia ser uma piscina de um líquido viscoso azul e brilhante. Outra câmara, com pé-direito alto, estava abarrotada de alienígenas que se amontoavam ao redor de várias fileiras de objetos estranhos dispostos no chão. Equipamentos, talvez máquinas e computadores, embora a maioria fosse tão fora do comum que ele as registrou apenas como borrões indecifráveis, estranhos amálgamas de formas, sombras e luzes intermitentes.

Do outro lado da caverna, dois alienígenas gigantes — bem parecidos com seus três acompanhantes, mas com cerca de quatro e seis metros de altura — trabalhavam na penumbra, erguendo e empilhando o que pareciam ser pedaços imensos de favo de mel, movendo-se com uma lentidão graciosa, tão real quanto alucinatoriamente linda, como dinossauros e monstros dos antigos filmes de terror. De um lado, o alienígena menor guiava um fluxo do que parecia um melaço esponjoso por uma escadaria de pedregulhos, volta e meia tocando a massa fluida com uma vara longa e negra, como se a apressasse a descer.

Era coisa demais para assimilar. Ramón sentia a mente trabalhar depressa, numa tentativa desesperada de encontrar sentido naquilo que via. A caminhada assombrosa se transformou numa série interminável de incompreensibilidades. Um grande tentáculo cinza se projetou de uma parede, acariciou o alienígena à sua frente, então caiu no chão e serpenteou para longe como uma cobra. Um cheiro que lembrava cardamomo, cebolas fritas e álcool medicinal preencheu o ar, depois desapareceu. O ribombar baixo e profundo que ele ouvira mais cedo soava em intervalos que pareciam não ter padrão aparente, mas aos poucos Ramón começou a antecipá-los.

Longe das câmaras, nos túneis, tudo era apertado, escuro e quieto. As costas do líder alienígena emitiam um brilho pálido e fraco sob a iluminação fosforescente das rochas, como um peixe em águas escuras. Por um momento, Ramón achou que as marcas na pele da criatura estavam se movendo, se contorcendo e mudando, como coisas vivas. Ele tropeçou e, instintivamente, agarrou-se ao braço do alienígena para evitar a queda. A pele era morna e seca, como a de uma cobra. No espaço apertado do túnel, sentiu o cheiro da criatura: um odor pesado e almiscarado, como azeite e cravo, mais estranho que desagradável. A criatura não olhou para trás, nem parou, nem emitiu som algum. Os três extraterrestres continuaram andando no mesmo ritmo constante, imperturbáveis, e Ramón não teve escolha além de segui-los ou ser deixado ali, sozinho, na escuridão gélida daquele labirinto.

De repente, pararam numa câmara extravagantemente iluminada, e Ramón quase esbarrou nas costas do alienígena à frente. Para os olhos humanos, havia um erro sutil nas proporções e nas dimensões daquela câmara: era mais um losango que um retângulo, e nenhum ângulo estava bem onde deveria. O piso e o teto inclinavam-se em direções opostas. A altura não

era uniforme. Tudo parecia subliminarmente desorientador, *esquisito*, deixando Ramón tonto e enjoado. A luz era clara e azul demais, e a câmara estava repleta de sussurros que pairavam bem no limite da audição.

Aquele lugar não fora feito por seres humanos, nem era destinado a eles. Ao entrar na câmara, viu que as paredes eram cobertas de imagens minúsculas e rastejantes, como se uma camada de óleo escorresse sem parar do teto ao chão, carregando uma leve espuma, formada por imagens em constante transformação: redemoinhos de cores vívidas, formas geométricas, labirintos impressionistas, vastas paisagens surrealistas. Volta e meia, algo reconhecível surgia na transmissão: representações de árvores, montanhas, estrelas, rostinhos alienígenas saídos de um sonho febril que pareciam encará-lo com malícia conforme escorriam até serem engolidos pelo chão.

O alienígena que o escoltava gesticulou para que Ramón avançasse. Hesitante, ele atravessou a câmara, sentindo-se desconfortável e desconcertado, o corpo inconscientemente pendendo para o lado, para corrigir a inclinação do chão. Deu passos cautelosos, como se esperasse que o piso fosse mudar ou se inclinar ainda mais.

No centro da câmara, havia um poço profundo e circular, revestido de metal, e, no fundo, outro alienígena.

Era ainda mais alto que os guias de Ramón, e bem mais gordo, com a parte inferior do corpo inchada, quatro ou cinco vezes maior que a circunferência dos outros alienígenas. Sua crista e cerdas tubulares na cabeça eram muito mais longas. A pele era branca como um verme, sem qualquer marca. Branco pela idade? Tingido de branco como indicação de patente? Ou seria uma raça diferente? Era impossível dizer, mas, quando os olhos do alienígena se voltaram para cima, na direção dele, Ramón foi tomado pela força por trás do olhar, pela autoridade que a criatura emanava. Notou, com um pouco menos de espanto, que o alienígena estava fisicamente conectado ao poço. Coisas que poderiam ser cabos, fios ou tubos emergiam de seu corpo e desapareciam nas paredes lisas, formando uma teia intrincada ao redor dele. Alguns dos cabos eram negros e opacos; outros pareciam luminescentes; e alguns eram lustrosos, com tons de vermelho, cinza ou marrom, e pulsavam lentamente num ritmo obscuro, como se tivessem vida própria.

Os olhos de um tom laranja quente o avaliaram. Ramón sentiu a nudez se intensificar, mas se recusava a se dobrar aos olhares do alienígena e se cobrir.

A cabeçorra pálida mudou de posição.

— Substantivo — declarou o alienígena. — Forma verbal. Determinante. Marcador semântico. Senso de identidade.

Ramón encarou-o, esforçando-se para manter o rosto impassível, a despeito da surpresa. A criatura tinha falado em espanhol (Ramón também falava um pouco de inglês, português e francês, assim como portu inglês, claro, a língua comum e bastarda da colônia). E falara com clareza, embora a voz saísse perturbadoramente metálica e arranhada, como uma máquina. Como diabos ele tinha aprendido a linguagem humana?

— Caralho, o que foi que você disse? — indagou Ramón. — Meu Jesus amado, o que você quer?

— Vulgaridade idiomática. Temeridade religiosa — declarou o alienígena. Então, com algo que soava como desapontamento continuou: — Sem coerência.

A grande besta se moveu em sua rede de fios e cabos, o abdômen inchado oscilando como se tivesse vida própria.

Ramón sentiu o estômago se revirar.

— O que você quer de mim?

— Você é homem — entoou a besta.

— Sim, sou um homem, porra. O que *achou* que eu fosse?

— Você carece de *tatecreude*. É uma coisa falha. Sua natureza é perigosa e tende a ser *aubre*.

Ramón cuspiu no chão. A arrogância da voz dura e rascante combinada ao olhar fixo daqueles olhos laranja que não piscavam o deixou com raiva. Em momentos estressantes — quando perdeu o primeiro furgão numa aposta embriagada, quando Lianna o deixou, quando Elena ameaçou botá-lo para fora —, sua fúria nunca o abandonava. Agora tinha voltado, inundando-o com calor e certeza.

— O que *vocês são*, criaturas? — exigiu saber. — De onde vocês vêm? São desse planeta? De algum outro lugar? O que pensam que estão fazendo, me atacando, me mantendo preso contra minha vontade? E o meu furgão, hein? Quem vai me dar um *novo*?

Ramón de repente percebeu o absurdo da situação. Estava numa colmeia

alienígena, trancafiado no meio de uma montanha, cercado por demônios. E gemia por causa do furgão! Precisou lutar contra a vontade de rir, com medo de que, se começasse, não conseguisse parar.

O alienígena continuava encarando-o, sem palavras.

— Se quer falar, fale algo que faça sentido — ralhou Ramón. A raiva dava uma sensação de poder e controle que ele sabia estar distante da verdade. Mas qualquer coisinha que pudesse manter a mente sã valia a pena. — Se você não gosta do que eu sou, basta me mostrar como sair desse lugarzinho de merda.

O alienígena grande e pálido pareceu ponderar as palavras de Ramón. Erguia o focinho como se saboreasse o ar.

— São sons, não palavras — disse o alienígena, depois de uma longa pausa. — Discordância fora do fluxo apropriado de coerência. Você não deve falar com sons insignificantes, ou será corrigido.

Ramón sentiu um calafrio e desviou o olhar. Sua fúria se esgotou tão rápido quanto surgiu, e ele se sentia cansado, abatido pela frieza imperturbável daquela criatura.

— O que vocês querem comigo afinal? — perguntou, cansado.

— Não “queremos” nada — respondeu o alienígena. — Você mais uma vez fala fora do padrão da realidade. Você tem uma função: logo, existe. Você exercitará tal função, porque realizá-la é seu propósito, seu *tatecreude*. Nenhum “querer” está envolvido: tudo é inevitavelmente fluido. Você é homem. Você vai fluir pelos caminhos nos quais um homem deve fluir. Como ele é parte de você, nosso caminho até ele será o mais direto. Você vai cumprir sua função.

A voz da criatura pareceu ficar cada vez mais clara conforme ela falava, como se cada palavra gerasse uma compreensão maior da linguagem humana. Ramón se perguntou de quanto tempo a criatura precisaria para pegar seu sotaque mexicano e começar a soltar palavrões.

— E se eu não cumprir essa função como você deseja? — perguntou.

O alienígena fez uma pausa, parecendo um pouco intrigado.

— Você vive — retrucou, por fim. — Logo, você exerce sua função. Se não exercê-la, não pode existir. Se existir e, ao mesmo tempo, não existir... você seria uma contradição, um *aubre*, uma quebra no fluxo. *Aubre* não pode

ser tolerado. Para restaurar o equilíbrio do fluxo, seria necessário negar a ilusão de que você existe.

Pelo menos aquilo tinha sido claro o suficiente, avaliou Ramón, sentindo um arrepio. Escolheu as palavras com cuidado quando voltou a falar.

— E qual função devo exercer?

Os olhos de tom laranja incandescente se fixaram nele outra vez.

— Cuide para que não interpretemos seu *tatecreude* como sinal de que você tenda ao *aubre* — alertou o alienígena. — Mas ignoraremos o descuido, pois você não é uma criatura apropriada. Escute: um homem fugiu de nós. Três dias atrás, ele escapou, e não fomos capazes de encontrá-lo. Com isso, ele se mostrou *aubre* e, portanto, provou que não existe. Logo, a ilusão da existência dele deve ser negada. Não se pode permitir que o homem alcance o vilarejo humano, para contar aos outros humanos sobre nós. Caso o faça, isso interferiria em nosso próprio *tatecreude*. Essa interferência é um *gaesu*, uma contradição primordial. Portanto, você deve encontrá-lo e negar sua existência, para então restaurar o equilíbrio do fluxo.

— Mas como *eu* vou conseguir achar o cara se vocês não conseguiram?

— Você é homem. Vocês são o mesmo. Você vai encontrá-lo.

— A essa altura, ele poderia estar em qualquer lugar! — protestou Ramón.

— Aonde você iria e aonde ele iria... são a mesma coisa. Você irá até onde ele foi e o encontrará.

Ramón ponderou.

— Então quer dizer que tem um sujeito lá fora que encontrou vocês e fugiu, e agora vocês querem a minha ajuda para capturá-lo antes que ele volte para a civilização? Querem que eu cace para vocês? É isso?

A coisa nos cabos considerou a pergunta.

— Sim.

— E por que *diabos* eu faria isso?

O ribombar profundo e apavorante subiu das profundezas do planeta. Aquilo o fez lembrar outra vez de onde estava e com que tipo de criatura estava tratando. Uma onda de vertigem percorreu seu corpo. O alienígena pareceu não notar seu desconforto.

— Você está imbuído de propósito — explicou, num tom quase paciente. — Seu coração bate. Você troca gases. E faz isso por uma razão. Para algo ser e, mesmo assim, não ter propósito é contraditório. Sua linguagem é falha, uma vez que permite expressar estados ilusórios. Seu propósito é auxiliar na localização do homem. Se você estiver desprovido de propósito, a ilusão da sua existência deve ser retificada.

“Bem”, pensou Ramón, “o alienígena foi bem direto: caçar ou morrer”. A resposta era simples. Ia mentir. Não tinha a menor intenção de ser o cão de caça daqueles demônios, mas, ao mesmo tempo, não conseguiria fugir deles enquanto estivesse enfiado naquela montanha. Se conseguisse chegar a céu aberto, teria alguma esperança. Então, um pensamento arrepiante lhe ocorreu.

— Por quanto tempo vocês me mantiveram aqui? — perguntou. — Ainda é verão lá fora? Porque rastrear um puto insano desses no inverno não vai dar muito certo.

A criatura fez silêncio. Ramón começou a ficar impaciente. Se o tempo que passara na escuridão tivesse sido longo o suficiente para as estações mudarem, tentar escapar dos alienígenas seria suicídio. O clima lá fora o mataria tão depressa quanto uma faca enfiada entre as costelas.

— Por quanto tempo fiquei naquela merda daquele tanque?

— Três dias — respondeu a coisa, sem hesitar.

Ramón sentiu uma pontada de medo, que doeu mais por ter sido inesperada.

— O homem que querem que eu encontre. Faz quanto tempo que ele fugiu? Todo esse tempo que passei aqui?

O alienígena fez uma longa pausa antes de responder, com sua voz profunda e rouca:

— Sim.

Como estava tão ao norte, não poderia ser uma coincidência: Ramón fora seguido. Algum pobre coitado da delegacia tinha vindo até o norte atrás dele, procurando pelo assassino do europeu, mas em vez disso deu de cara com aquela cena infernal. Foi impossível não imaginar: um policial de Villa Diego, talvez até um dos próprios agentes de segurança do governador, aproximando-se furtivamente do acampamento e encontrando apenas o chão chamuscado, o plástico retorcido e aqueles monstros voando da grande

muralha de metal que ele descobrira. Será que o otário tivera tempo de pedir ajuda? Nenhum satélite tinha alcance tão ao norte, mas a polícia possuía rádios cujas ondas refletiam na atmosfera. Será que os alienígenas tinham destruído o veículo do policial, assim como fizeram com o dele?

Ramón fora pobre a vida toda, e, como a maioria dos pobres, o instinto de ter medo da polícia estava tatuado em sua alma. A ideia de que um deles estivera perto o bastante para cair na mesma armadilha alienígena deixou um gostinho ruim de pânico em sua boca. E, mesmo assim, seu lado analítico dizia que o policial era a maior esperança que tinha. Em geral, policiais eram a última coisa que ele queria ver por perto, mas havia situações como aquela — desesperadoras o bastante —, quando até alguém como ele, que já tinha o hábito de fugir da polícia, ficaria muito feliz em ver os oficiais descendo a colina. Se a mensagem chegasse ao Alto do Violinista, mandariam ajuda. As forças militares da colônia. Ramón tinha esperanças de que o homem encarregado de segui-lo fosse tão bom para fugir quanto para acompanhá-lo até ali.

E se a cavalaria viesse e o libertasse, o que aconteceria? Tinha matado o europeu. Será que o governador continuaria doido para enforcá-lo? Ou sua participação na descoberta de um enclave alienígena garantiria sua anistia? Estava preso entre a cruz e a espada.

— Está bem — declarou. — Você quer encontrar o sujeito, então vou encontrá-lo para você. Ele não é meu amigo.

Ramón esfregou o queixo, num gesto muito bem pensado. Aceitar tudo tão depressa não pegaria bem. Mesmo criaturas estranhas como aquelas poderiam perceber suas verdadeiras intenções. Então, incluiu uma pergunta particularmente sagaz:

— E se eu fizer o que você quer, o que ganho?

O alienígena o encarou por um longo tempo, longo o bastante para Ramón começar a achar que tinha forçado um pouco a barra.

— Você é uma criatura imprópria e contraditória. Pode ser que o *aubre* se manifeste em você. Vamos acompanhá-lo para impedir tal manifestação.

— Vocês? Todos vocês?

— Nós. Não nós. Sua linguagem é falha, permite contradição onde não existe contradição alguma. Separaremos parte do todo. Maneck se sacrificará

para manter o fluxo. Maneck é nós e é não nós. Maneck vai acompanhá-lo e observá-lo. Por meio dele, seu *tatecreude* será protegido.

Bem, a ideia de que os alienígenas o soltariam sozinho pela floresta, confiando que ele fosse realizar a tarefa, sempre lhe parecera boa demais para ser verdade. Mas o fato de que mandariam um único guarda era uma bênção. Seria difícil escapar de duas ou três daquelas coisas. Muito mais que difícil, seria impossível. Mas com uma só...

O alienígena que o guiara até ali avançou silenciosamente até seu lado. Era sinistro, nada tão grande deveria ser tão silencioso.

— Maneck, é? — perguntou Ramón, dirigindo-se à coisa. — Seu nome é Maneck? Sou Ramón Espejo.

Enquanto ele se perguntava se deveria tentar apertar a mão da criatura, Maneck deu um passo à frente, de repente, e o agarrou pelos ombros, erguendo-o como uma boneca e segurando-o no ar. Ramón se debateu instintivamente — a raiva das noites no bar e nas ruas voltava a seus braços e pernas. Teria sido o mesmo que esmurrar as ondas. Maneck nem se mexeu.

Uma cobra branca e pálida se ergueu do poço.

Ramón ficou olhando com um misto de horror e fascínio. Com certeza era algum tipo de cabo — dois fios desencapados se projetavam da extremidade visível —, mas se movia de forma tão maleável e realista que era impossível não pensar naquilo como uma naja pálida e sinistra. O cabo subiu até quase a altura dos olhos de Ramón, balançando lentamente de um lado para o outro, mirando a cabeça cega e pálida na sua direção. A cabeça tremia de leve, como se a cobra provasse o ar em busca de sua presa. Até que ela se esticou na direção dele.

Mais uma vez, Ramón tentou desesperadamente se soltar, mas Maneck o colocou de volta na posição sem muito esforço. Conforme a cobra-cabo se aproximava, ele viu que o corpo pálido pulsava numa batida rítmica e que os dois fios expostos vibravam como a língua inquieta de uma serpente. Sentiu um arrepio, sentiu os testículos se retraírem. Sentiu a nudez ainda mais intensamente. Ele estava desprotegido, indefeso, com todas as partes vulneráveis e moles do corpo expostas ao ar hostil.

— Eu faço! — guinchou Ramón. — Já falei que vou fazer o que pediram! Não precisam apelar! Vou ajudar vocês!

O cabo tocou seu pescoço logo abaixo do pomo de adão.

Ramón sentiu como se estivesse sendo tocado por lábios mortos, uma picada dupla de dor, um surto de frio intenso. Um choque esquisito e arrepiante percorreu seu corpo de ponta a ponta, como se alguém estivesse mapeando seu sistema nervoso com os dedos. A visão enfraqueceu por um segundo, então retornou. Maneck o devolveu ao chão.

O cabo estava pregado ao seu pescoço. Tentando conter a náusea, Ramón esticou o braço e o segurou, sentindo a pulsação em suas mãos. Era morno, como pele humana. Puxou, então tentou mais forte. Sentiu os músculos do pescoço se moverem junto com o puxão. Ficou claro que arrancar o cabo seria tão difícil quanto arrancar o próprio nariz. A coisa pulsou outra vez, e Ramón notou que a pulsação acompanhava o ritmo de seu coração. Enquanto olhava, o cabo pareceu escurecer aos poucos, como se estivesse se enchendo de sangue.

Notou, horrorizado, que a extremidade oposta estava de alguma forma ligada ao alienígena que o segurava, mesclando-se ao pulso direito da criatura. Maneck. Era uma coleira. Era o cão de caça daqueles demônios.

— O *sahael* não vai machucar, mas ajudará a aplacar suas contradições — explicou a coisa no poço, como se tivesse notado seu desconforto, mas fosse incapaz de compreendê-lo. — Você deveria estar feliz com ele. Vai ajudá-lo a se proteger do *aubre*. Caso você manifeste algum *aubre*, será corrigido. Assim.

Ramón estava no chão, mas não se lembrava de ter caído. Só depois que a dor passou é que conseguiu avaliar o que acontecera. Sabia que era a pior dor que já havia sentido, mas percebeu isso como um nadador que olha para trás e repara como era grande a onda que acabou de passar por cima de sua cabeça. Não se lembrava de ter gritado, mas a garganta doía e quase parecia que os ecos de seus berros ainda reverberavam pelas paredes da câmara. Recuperou o fôlego, depois vomitou. Sabia que faria o que fosse preciso para evitar passar por aquilo outra vez, qualquer coisa. E, pela primeira vez desde que acordara na escuridão, Ramón Espejo se sentiu envergonhado.

“Vou matar vocês”, pensou. “Não sei como, mas vou dar um jeito de cortar essa coisa do meu pescoço e voltar aqui para matar todos vocês.”

— Eduque-se — disse o alienígena pálido. — Se corrigir o *aubre*, até

uma coisa falha como você pode alcançar a coesão ou mesmo um nível coordenado.

Levou um tempo para Ramón perceber que aquele monte de balela tinha sido uma dispensa: um lembrete sério mas gentil da ameaça das chamas do inferno, com a perspectiva de redenção em jogo. Fora um “vá em paz e não peque mais”. O filho da puta era um missionário!

Maneck fez Ramón ficar de pé outra vez e o empurrou na direção de um túnel. A coleira de carne — o *sahael* — se encolhia para cobrir apenas a distância entre os dois, qualquer que fosse. Maneck fez um som que ele não conseguiu entender e, aparentemente, desistiu de ser gentil na tentativa de persuadi-lo. O alienígena avançou, e o *sahael* puxou Ramón pelo pescoço. Ele não teve escolha a não ser seguir, como um cachorro trotando aos pés do dono.

“E você, *mi amigo*”, pensou Ramón, encarando as costas indiferentes de Maneck, “vai ser o primeiro a morrer”.

CAPÍTULO 7

Eles voltaram pelos túneis por onde tinham vindo, passando por todas as cavernas ao som daquele barulho ritmado, com as sombras gigantescas e as luzes azuis ofuscantes. Ramón avançava sem vontade, como um autômato, com Maneck puxando-o pela pesada coleira, um objeto estranho em seu pescoço. O ar frio sugava o calor do seu corpo, e nem mesmo o esforço da caminhada era o suficiente para mantê-lo aquecido.

Enquanto cambaleava pelo caminho, Ramón buscava algum vestígio de esperança na privacidade da própria mente.

Quanto tempo levaria até Elena perceber sua ausência? Meses, pelo menos. Ou ela poderia pensar que ele dera no pé para Nuevo Janeiro sem ela outra vez, para entregar os relatórios, receber as comissões e ficar com o dinheiro todo para si. Ou que tinha tomado um porre e fugido com outra. Em vez de começar a procurar por ele, Elena provavelmente ficaria doida de raiva e tentaria se vingar trepando com algum minerador peludo numa espelunca qualquer. E Manuel Griego esperava que ele ficasse fora por três ou quatro semanas, pelo menos. Ramón ralhou consigo mesmo por ter falado sobre caçar, sobre o sonho de desaparecer no meio de Sierra Hueso e viver da terra. Manuel poderia presumir que ele não voltaria, ainda mais se suspeitasse (o que provavelmente era o caso) de que Ramón estava fugindo da polícia.

Os únicos que estavam procurando por ele eram os policiais, e só iam atrás dele movidos pela vontade de uma execução pública.

Não havia ninguém. Essa era a verdade. Ramón tinha vivido a vida de acordo com a própria vontade — sempre conforme as próprias regras — e aquele era o preço que devia pagar. Estava sozinho, centenas de quilômetros

distante do povoado humano mais próximo, capturado e escravizado.

Se quisesse escapar, teria que dar um jeito por conta própria.

Maneck deu um puxão no *sahael*, e Ramón ergueu os olhos, só então ciente de que tinham parado. O alienígena jogou uma trouxa em seus braços. Roupas.

Com os dedos duros por causa do frio, Ramón vestiu o que parecia uma camisola sem mangas e uma capa longa e calçou as botas fofas de sola grossa. Era tudo feito de um material opaco estranho. Obviamente, os alienígenas não estavam acostumados a fazer roupas para humanos, e elas tinham sido feitas de qualquer jeito e não cabiam muito bem. Pelo menos ofereciam alguma proteção contra o frio que deixava o corpo dele dormente. Só depois de cobrir sua nudez e de sentir o calor começar a retornar aos membros é que seus dentes voltaram a bater.

Maneck o conduziu por uma passagem muito branca e iluminada até outra enorme câmara com pé-direito alto. Coisas que tinham a cor e o tamanho de pulgões se apinhavam no chão, trombando uns nos outros e nas pernas de Ramón, as vozes doces e agudas cantando numa língua incompreensível. Uma caixa cor de osso, assim como a que tinha destruído seu furgão, os aguardava no centro do aposento. Quando se aproximaram, Ramón reparou que não era sólida. Milhões de pequenos filamentos gotejantes de tons de branco e creme criavam paredes de teias — e abriram espaço para uma abertura por onde eles passaram e depois se fecharam.

O interior da caixa também não era muito sólido, com um banco comprido e baixo que parecia adequado para o corpo-barril de Maneck e uma versão menor grudada à parede, onde Ramón poderia se sentar, com as pernas encolhidas junto ao peito.

Ramón aguardou, desanimado, enquanto Maneck examinava a caixa, inclinando-se para passar os dedos longos e finos pelos controles. Ficou zozinho e passivo, insensibilizado pela exaustão e pelo choque. Vivenciara muita coisa, e rápido demais. Estava cansado, mais cansado do que já estivera em toda a vida. Talvez o efeito da injeção de glicose, adrenalina ou fosse lá o que fosse estivesse passando. Ramón estava quase dormindo em pé quando Maneck o ergueu como uma criancinha e o enfiou dentro da caixa. Ele tentou se sentar, mas Maneck segurou seus braços e os colocou contra as costas, então os amarrou com o pedaço de uma substância parecida com fios e laceou

suas pernas antes de se virar e se sentar diante do painel de controle. O alienígena tocou uma placa de pressão, e a caixa se ergueu no ar.

A aceleração fez a cabeça de Ramón ir para o lado, pendendo-a num ângulo desconfortável. Apesar do pânico da situação, ele notou que não aguentava mais ficar acordado. Enquanto subiam para o teto da caverna abobadada, seus olhos se fecharam, como se a leve força-g, ao fazer pressão em seus ossos com aquela inevitabilidade gosmenta, também causasse um sono implacável.

Acima deles, a rocha se abriu.

Enquanto sua consciência se dissipava, afogando-o numa neve branca e sibilante, Ramón viu, pelo buraco na rocha, uma única estrela pálida.

Acordou com os golpes de um vento gélido. Sentou-se com dificuldade. A caixa deu uma guinada para a esquerda, e ele olhou para baixo, pelos espaços entre as cordas entrelaçadas, além do oceano de ar, e viu as pequeninas copas das árvores. A caixa deu uma guinada violenta para o outro lado, e o céu cada vez mais escuro do crepúsculo espiralou ao redor de sua cabeça, transformando as estrelas que tinham acabado de surgir em pequenos rabiscos de luz.

Então, a estranha nave encontrou o rumo. Maneck estava sentado atrás do painel de controle, imóvel e frio como uma estátua, as cerdas balançando ao sabor daquele vento implacável. A caixa virou de novo, e eles perderam um pouco de altitude ao passar por uma mudança de correntes de ar. Ramón achou que tinha ficado inconsciente por apenas alguns minutos — a montanha dos alienígenas estava logo ali atrás, o buraco de saída fechado como um olho sonolento. E lá estava a lateral da montanha onde ele fora capturado, logo abaixo. Enquanto desciam pela encosta, o céu foi ficando cada vez mais escuro. O sol tinha mergulhado atrás do horizonte havia alguns momentos, deixando apenas uma fina camada de vermelho ao longo da linha que unia terra e ar. O restante do céu tinha cor de ameixa, berinjala e cinza, tudo aquilo sumindo depressa para dar lugar à tinta negra que crescia acima, ao oeste. Armada e coberta por árvores, a encosta da montanha avançou na direção deles. Muito rápido! Com certeza iam bater...

Pousaram delicadamente no meio de um vale montanhoso, descendo do

céu com tanto rebuliço quanto uma pena. Maneck desligou o motor da caixa. Foram engolidos pela escuridão e cercados pelos ruídos predatórios e ardilosos do anoitecer. Maneck pegou Ramón e, erguendo-o como uma boneca de pano, arrastou o humano para fora da caixa, carregando-o por alguns metros e jogando-o no chão.

Ramón soltou um gemido involuntário e ficou assustado e envergonhado pelo volume da própria voz. Os braços ainda estavam atados às costas, e ficar deitado sobre eles causava uma dor excruciante. Rolou de barriga para baixo. O solo era tão frio que chegava a ser confortável, e, mesmo sentindo-se doente e confuso, Ramón sabia que aquela sensação significava a morte. Ele se contorceu, se debateu e deu um jeito de se enrolar na capa comprida que recebera. Era surpreendentemente quente. Teria caído no sono ali mesmo, apesar da dor e do desconforto, mas a luz se chocou contra suas pálpebras, naquele lugar onde não deveria haver luz, e ele abriu os olhos.

A princípio, a luz parecia cegante, mas a sensação foi diminuindo conforme seus olhos se ajustavam. Maneck tinha trazido algo da caixa, um pequeno globo preso a uma longa vara de metal, e cravava a extremidade pontiaguda no chão. O globo estava aceso, o interior queimando com uma luz azulada e fraca, emitindo ondas rítmicas de calor. Sob o olhar de Ramón, Maneck andou ao redor do globo — o *sahael* se encurtando visivelmente a cada passo — e caminhou lenta e deliberadamente até ele. Só então, vendo Maneck se aproximar, notando o brilho úmido no canto daqueles olhos alaranjados que viravam de um lado para o outro, vendo o modo como o focinho se enrugava e tremelicava e o jeito como a cabeça girava e balançava sem parar sobre o pescoço curto e grosso, reparando no movimento dos ombros a cada passo, ouvindo a rouquidão metálica de sua respiração e sentindo o odor denso e almiscarado... Foi só então que a última parte da mente de Ramón aceitou de vez o fato de que era prisioneiro daquela criatura, de que estava sozinho ali nos ermos, e à mercê dele.

Essa simples constatação o atingiu com tanta força que Ramón sentiu que ficava pálido. Enquanto se debatia tentando se afastar, numa tentativa fútil de se manter longe de seu captor, Ramón foi perdendo o contato com o mundo desperto, perdendo a consciência, escorregando escuridão adentro.

O alienígena parou diante dele, por trás daquele filtro nebuloso e branco como a neve criado pela tontura. Parecia se erguer infinitamente até o céu,

como um pé de feijão horrível e impossível, os olhos queimando feito sóis alaranjados. Foi a última coisa que Ramón viu antes de a neve se acumular sobre o próprio rosto e o enterrar. Então tudo desapareceu.

A manhã veio repleta de dor. Tinha dormido de costas e não conseguia mais sentir os braços. O resto do corpo doía como se tivesse sido espancado. O alienígena estava de pé, agigantando-se outra vez diante dele — ou vai ver não tinha nem se movido, talvez tivesse passado a noite toda ali, enorme e distante, terrível, incansável e insone. A primeira coisa que Ramón viu naquela manhã, através do torpor avermelhado de dor, foi o rosto do alienígena: o focinho longo, negro e irrequieto com suas marcas azuis e laranjas, as cerdas do corpo agitando-se contra o vento, parecendo se mover como as antenas de um inseto gigante.

“Vou matar vocês, seus putos”, pensou Ramón, mais uma vez. Havia pouca raiva na ideia. Apenas uma certeza profunda e animalesca. “Não sei como, mas vou.”

Maneck fez Ramón ficar de pé e o soltou, mas as pernas não aguentaram o peso, e ele caiu no chão. Maneck o colocou de pé outra vez, e, mais uma vez, Ramón caiu.

Quando o alienígena avançou para a terceira tentativa, Ramón gritou:

— Me mata logo! Por que você não me mata de uma vez? — Ele rastejou para trás, para longe da mão estendida de Maneck. — Me mata de uma vez, dá no mesmo!

A criatura parou. Inclinou a cabeça para o lado, analisando Ramón com curiosidade, lembrando, estranhamente, um pássaro. Os olhos daquele laranja incandescente o encaravam bem de perto, sem piscar.

— Preciso de comida — continuou Ramón, num tom mais razoável. — Preciso de água. Preciso descansar. Não consigo usar os braços e as pernas amarrados desse jeito. Nem consigo ficar de pé, que dirá andar! — Ele ouviu a própria voz ficando cada vez mais alta, mas não conseguia se conter. — Escuta aqui, seu *puto*, preciso mijar! Sou um homem, não uma máquina! — Com um esforço imenso, ele se levantou e se ajoelhou na terra, balançando o corpo. — Isso é *aubre*? É? Ótimo! Então, acabe comigo! Desse jeito eu não vou aguentar!

Homem e alienígena se encararam em silêncio por um longo tempo. Ramón, exausto com o surto, estava ofegante e agitado. Maneck avaliou o prisioneiro com cuidado, o focinho tremelizando. Finalmente, respondeu:

— Você possui *retehue*?

— Como é que eu vou saber que merda é essa? — grasniu Ramón, a voz arranhando a garganta seca. — Que porra é essa?

Ele se empertigou o máximo que pôde e encarou o alienígena.

— Você possui *retehue* — repetiu a criatura, mas desta vez não foi uma pergunta.

Ele deu um passo rápido à frente, e Ramón se esquivou, com medo de que a morte tanto exigida estivesse a caminho. Mas, em vez disso, Maneck o desamarrou.

A princípio, ele não sentia os braços e as pernas: estavam mortos como madeira velha. Então, a sensação inundou os membros, queimando feito gelo, e eles começaram a ter espasmos convulsivos. Ramón manteve uma expressão estoica e não disse nada, mas Maneck deve ter notado e interpretado corretamente a súbita mudança da coloração de sua pele, pois se abaixou e começou a massagear seus membros. Ramón se encolheu ao toque — ainda lembrava pele de cobra, seca, firme e morna —, mas os dedos poderosos do alienígena eram surpreendentemente hábeis e gentis, desatando nós nos músculos, e Ramón descobriu que não se importava com o contato tanto quanto pensara. Afinal, estava fazendo a dor ir embora, e era isso que importava.

— Seus membros não têm juntas suficientes — comentou Maneck. — Aquela posição não seria desconfortável para mim. — Ele articulou os próprios braços para a frente e para trás em ângulos impossíveis, para demonstrar.

De olhos fechados, Ramón quase conseguia acreditar que o que ouvia era a voz de um ser humano — o espanhol de Maneck era bem mais fluente que o do alienígena no poço, e sua voz tinha bem menos do timbre enferrujado de máquina. Mas, quando abria os olhos e via aquela face alienígena terrível, feia e bestial a apenas centímetros do seu rosto, seu estômago embrulhava, e ele precisava considerar outra vez o fato de que estava conversando com um monstro.

— Levante-se agora — disse Maneck.

Ele ajudou Ramón, apoiando-o enquanto ele mancava e dava passos firmes em semicírculos lentos, querendo se livrar das câimbras e restaurar a circulação com uma espécie de dança tribal artrítica. O humano, enfim, conseguiu ficar de pé sem apoio, embora suas pernas ainda estivessem trêmulas pelo desgaste.

— Perdemos tempo esta manhã. Todo esse tempo poderia ter sido empregado no exercício de nossas funções — declarou Maneck. Ramón quase conseguiu imaginar um suspiro acompanhando aquela fala. — Eu nunca tinha realizado esse tipo de função antes. Não notei que você possuía *retehue*, logo falhei ao considerar todos os fatores. Agora devemos sofrer os atrasos correspondentes.

De súbito, Ramón entendeu o que *retehue* significava. Estava mais perplexo que indignado.

— Como você não percebeu que eu tenho consciência? Você estava lá enquanto eu conversava com a coisa branca no poço!

— Estávamos presentes, mas eu ainda não estava integrado — explicou Maneck, sem cerimônia. E não elaborou a resposta, de forma que Ramón precisou se contentar com o que ouvira. — Agora que sei, observarei você com maior atenção. Você vai demonstrar as limitações do fluxo humano. Quando tivermos essas informações, será mais fácil prever o trajeto do homem. — Ele gesticulou para a área em volta. — Aqui foi o último lugar onde tivemos conhecimento do homem. — A coisa falava com uma voz profunda e ressoante. Ramón quase achou que fosse de pesar. — Vamos começar por aqui.

Ramón olhou em volta. De fato havia vestígios de um pequeno acampamento improvisado. Uma pequena cobertura de madeira larga o bastante para alguém dormir embaixo fora construída com galhos frescos amarrados com cascas maleáveis de algumas árvores. Uma fogueira cercada de pedras continha as cinzas de onde o homem da lei cozinhou alguma coisa na ponta de um galho enrijecido pelo fogo. Seja lá quem tivessem mandado atrás dele, o homem passara tempo suficiente no campo para saber como sobreviver com o que encontrasse. Sorte dele.

Maneck aguardou em silêncio ao lado da caixa cor de ossos, o *sahael*

grosso e carnudo anexado ao braço. Ramón olhou para ele, esperando para ver qual estratégia a coisa escolheria. Mas o alienígena nada fez. Depois de alguns minutos de silêncio desconfortável, o humano pigarreou:

— Monstro. Ei. Agora que estamos aqui, me diga o que querem que eu faça.

— Você é um homem — respondeu Maneck. — Comporte-se como ele se comportaria.

— Ele tem ferramentas e roupas e não está com uma coleira — retrucou Ramón.

— A princípio sua confluência será apenas por aproximação — declarou Maneck. — Isso é esperado. Você não será punido. Suas necessidades vão levá-lo a um fluxo equiparável ao do homem. E isso será o suficiente.

— Falando em necessidades e fluxo, preciso dar uma mijada.

— Isso serve — comentou Maneck. — Comece completando a mijada.

Ramón sorriu.

— Você fica aqui, e eu vou lá completar a mijada.

— Vou observar — retrucou o alienígena.

— Quer observar enquanto eu mijo?

— Devemos explorar as possibilidades vinculadas às possíveis necessidades do homem. Se essa tarefa é necessária à sua existência, então terei que compreendê-la.

Ramón deu de ombros.

— Você tem sorte por eu não ser tímido para essas coisas — comentou, andando até a árvore mais próxima. — Conheço homens que não soltariam nenhuma gota... Não com você olhando, sabe?

O terreno era duro, e os pés de Ramón, macios. O longo banho no gel alienígena pareceu ter amaciado todos os seus calos. Enquanto se aliviava no tronco da árvore, tentou entender o comportamento da criatura. As limitações do fluxo humano, não era isso? Para um ser tão impaciente e concentrado em resultados pragmáticos, Maneck tinha um interesse muito peculiar na sua necessidade de urinar, que na verdade deveria considerar irrelevante. Não era uma atividade que parecia importante para caçar o fugitivo. Mas o alienígena também não sabia que amarrar seus braços às costas seria desconfortável para

Ramón. Talvez os alienígenas precisassem dele para entender os hábitos de um humano. Ele era mais que um cão de caça. Pelo simples fato de *ser humano*, já era um guia.

Ramón ficou um bom tempo ali parado depois de esvaziar a bexiga, aproveitando a oportunidade para se concentrar e bolar uma estratégia. Não podia rejeitar os desejos dos alienígenas. A demonstração da dor que a coleira poderia provocar o convencera disso. Mas a humanidade tinha uma extensa história de protestos trabalhistas em que as coisas levavam um tempo maior e necessitavam de mais materiais do que o esperado. Podia demorar. Ramón podia até fazer o trabalho sujo para aqueles demônios, mas não precisava ser um funcionário exemplar. Andaria devagar, explicaria todos os detalhes envolvidos no ato de mijar, de cagar, de caçar e de montar armadilhas durante todo o tempo que Maneck lhe permitisse enrolar. Cada hora que desperdiçasse seria uma hora a mais para o homem da lei retornar à civilização e mandar ajuda. Ramón não sabia como as coisas se desenrolariam quando aquilo acontecesse.

Sacudiu o pênis pelo dobro do tempo realmente necessário, então deixou o manto cair e cobrir tudo até os joelhos. A cabeçorra de Maneck balançou, mas não dava para dizer se era um sinal de aprovação ou de nojo.

— Você está completo? — perguntou a criatura.

— Claro — respondeu Ramón. — Completo o suficiente por enquanto.

— Você tem outras necessidades?

— Preciso encontrar água fresca para beber. E alguma comida para comer.

— Compostos químicos complexos cujo potencial pode ser coletado para facilitar o fluxo e evitar a coagulação — comentou Maneck. — Isto é *mehiban*. Como vai fabricar essas coisas?

— Fabricar? Não vou fabricar nada. Vou *pegar*. Caçar. O que vocês, demônios, fazem para comer?

— Nós consumimos compostos químicos complexos. Eles são *ae euth'eloi*. Mas o *oekh* que tenho não seria nutritivo para você. Como você obtém comida? Vou permitir que procure por conta própria.

Ramón coçou o braço e deu de ombros.

— Bem, vou matar alguma coisa. Eu tentaria fazer um estilingue, talvez

matar um pelobaixo ou um *dragonjay*, mas estou com essa merda no pescoço. Será que você pode tirar isso de mim, só enquanto eu caço?

Maneck permaneceu de pé, indiferente como uma árvore.

— É, eu imaginei, seu monstro. Então, o negócio é preparar armadilhas. Pode demorar um pouco mais, mas vai servir. Vamos lá.

Na verdade, o mais rápido e fácil teria sido pegar alguns besouros-doces, como fizera da outra vez. Inclusive tinha visto alguns, mesmo naquele lugar tão escondido sob as copas das árvores. Meia hora colhendo e explorando teria lhe rendido *mianberry* para uma pequena refeição. Tão ao norte, dava para apanhar um bocado delas direto das árvores. Não era difícil sobreviver da terra. Os aminoácidos que compunham a biosfera de São Paulo eram quase idênticos aos da Terra. Mas teria sido simples, o que permitiria que avançassem mais depressa para a próxima fase da caçada, seja ela qual fosse. Então, em vez disso, Ramón ensinou o alienígena a montar armadilhas.

Claro que seu equipamento tinha sido destruído junto com o furgão. Se a ideia realmente fosse encontrar rápido algo de bom para comer, Ramón teria ficado furioso. Mas, como sua intenção era enrolar, só ficou mais rabugento. Aqueles malditos tinham destruído seu furgão.

Ramón vasculhou a vegetação rasteira em busca de matéria-prima para uma arapuca: cipó-de-chicote; alguns gravetos longos, velhos o suficiente para quebrar com facilidade, mas também verdes o bastante para entortar um pouco; e, de isca, um punhado do que os bichinhos de São Paulo comiam: em vez de nozes, pedaços de tronco grudentos com cheiro de mel e resina. Ficou irritado ao notar como aquilo fazia doer seus dedos, que antes eram duros como couro velho. O banho de xarope dos alienígenas também devia ter desfeito todos os calos das mãos, deixando os dedos despreparados para o trabalho pesado. Ramón acabou explicando o processo enquanto trabalhava. A pressão de ser observado o deixava apreensivo.

Quando finalmente as armadilhas estavam posicionadas, ele guiou Maneck de volta para a cobertura das árvores e ficou esperando que algum animal distraído passasse por ali. Não deveria demorar muito: no norte, os animais eram inocentes, desconheciam as armadilhas. Nunca tinham sido caçados, então eram presas fáceis. Mesmo assim, ele enrolaria o máximo antes de voltar e conferir as arapucas.

Sentaram-se entre os galhos, e Maneck o observava com o que às vezes parecia ser uma curiosidade profunda, às vezes uma impaciência, mas devia ser apenas uma emoção que Ramón nunca sentira ou poderia nomear.

— A coisa-alimento vem até você para ser encerrada? — indagou Maneck, com sua voz triste e forte.

— Não se você não parar de tagarelar — sussurrou Ramón. — Elas não sabem o que está acontecendo.

— Elas desconhecem? Isto é *niedutoi*?

— Não sei o que isso quer dizer.

— Interessante. Você entende propósito e matança, mas não entende *niedutoi*. Você é uma criatura perturbadora.

— É o que sempre dizem.

— Sob quais circunstâncias você mata?

— Eu?

Maneck ficou em silêncio. Ramón sentiu uma pontada de irritação por a criatura estar estragando a caçada, mesmo lembrando a si mesmo que só estava fazendo aquilo para ganhar tempo. Ele soltou um suspiro.

— Homens matam por muitos motivos. Se alguém quiser matá-lo, você tem que matar a pessoa primeiro. Ou se tiver alguém comendo sua mulher. Ou, às vezes, os homens ficam tão pobres que precisam roubar dinheiro. Isso pode acabar mal. Ou se alguém declara guerra, aí os soldados ficam se matando. Ou, às vezes... às vezes, você só entra no bar errado e começa a bancar o *cabrón*, aí o otário errado acaba ouvindo, e você morre por causa disso.

Por um momento, estava de volta ao El Rey. Não conseguia mais lembrar exatamente o que o europeu tinha dito para começar a confusão. Os detalhes surgiam nebulosos e confusos, como a lembrança incompleta de um sonho. Lembrava que tinha uma máquina de pachinko, as bolinhas de metal pulando de um lado para o outro no labirinto de pinos. E uma mulher de cabelo liso e preto. Não foi por qualquer coisa que o sujeito tinha dito. Ninguém gostava do *pendejo*. Todo mundo queria quebrar a cara dele, mas foi Ramón quem fez as honras.

“Sob quais circunstâncias você mata?”

Ramón sentiu um calafrio. O olhar fixo de Maneck parecia penetrar sua alma, como se cada verdade e mentira de sua vida longa e triste estivessem escritas em seu rosto. Um surto de vergonha se apossou dele.

— Você declarou guerra à coisa-alimento — entoou Maneck, e a culpa repentina de Ramón desapareceu.

O alienígena não conseguia entender, não mais do que um cachorro entenderia as notícias de um jornal. Precisou de muita força de vontade para evitar a risada.

— Não. É só um bicho. Eu preciso de comida. Ele é comida. Não estou matando, estou apenas caçando.

— A coisa-alimento não é morta?

— Sim... Está bem. Beleza. A gente mata animais para comer, quando precisamos de comida — respondeu Ramón. Então, instantes depois, completou: — E se eles decidirem trepar com a sua mulher.

— Compreendo — declarou o alienígena, voltando a fazer silêncio.

Ficaram esperando enquanto o sol subia mais alto no céu azul perfeito. Maneck comeu um pouco de *oekh*, uma pasta marrom com consistência de melaço e um cheiro forte de vinagre. Ramón coçou o pescoço no lugar onde o *sahael* estava ancorado à sua carne e tentou ignorar o vazio na barriga. A fome crescia rapidamente, então, a despeito de suas boas intenções de ganhar tempo, ele se levantou menos de duas horas depois e foi até as armadilhas para conferir o resultado. Dois gafanhotos — quase idênticos aos da Terra, mas de sangue quente e capazes de nutrir as crias por meio de pequenos mamilos carnudos nas juntas da carapaça — e uma *gordita*, um dos marsupiais peludos e rotundos que os colonos chamavam de “gordinhos da Virgem”. A *gordita* tivera uma morte feia, mordendo a própria carne em seu frenesi. Os pelos espinhosos já estavam pretos com o sangue grosso que parecia piche. Maneck ficou olhando, interessado, enquanto Ramón removia os animais das armadilhas.

— É difícil pensar que isso tenha alguma coisa a ver com comida — comentou. — Por que as criaturas se estrangulam por você? É o *tatecreude* delas?

— Não — respondeu Ramón, enrolando os corpos num cordão feito de ramos. — Não é o *tatecreude* delas. É só uma coisa que pode acontecer. —

Notou que encarava suas mãos enquanto trabalhava. Sabe-se lá por quê, elas o deixavam incomodado. — Vocês não caçam para comer?

— A caçada não é para comida — entouou Maneck, sem emoção. — A caçada é um desperdício se dedicada a criaturas como estas. Como os animais poderiam apreciá-la? Seus cérebros são pequenos demais.

— Meu estômago também é pequeno, mas vai adorar *isso aqui*.

Ele se levantou, jogando o cordão com os bichos mortos sobre o ombro.

— Você vai engolir as criaturas agora? — perguntou o alienígena.

— Elas precisam ser assadas.

— Assadas?

— Cozidas sobre o fogo.

— Fogo — repetiu Maneck. — Combustão não controlada. Comida apropriada não requer tal preparação. Você é uma criatura primitiva. Esses passos desperdiçam tempo, tempo que seria mais bem aproveitado para satisfazer seu *tatecreude*. *Ae euth'eloi* não interfere com o fluxo.

Ramón deu de ombros.

— Não posso comer a sua comida, monstro, e não posso comer isso aqui cru. — Ele ergueu as carcaças e as examinou. — Se vamos continuar com o exercício da minha função, preciso fazer uma fogueira. Me ajude a pegar alguns gravetos.

De volta à clareira, Ramón improvisou com dois galhos secos e acendeu uma pequena fogueira. Quando as chamas já estavam bem crepitantes, o alienígena se virou para ele.

— A combustão está em andamento. O que você vai fazer agora? Eu gostaria de observar essa função de “cozinhar”.

Teria mesmo ouvido uma ponta de desgosto na voz do alienígena? Súbito, Ramón teve um lampejo de como o processo poderia parecer peculiar para Maneck: capturar e matar um animal, retirar a pele, puxar os órgãos internos, desmembrar o bicho, tostar a carcaça morta sobre o fogo e, então, comer. Por um instante, aquilo lhe pareceu grotesco e macabro. Ramón nunca tinha encarado a situação dessa forma. Encarou a *gordita* que segurava e depois examinou a própria mão, coberta com o sangue escuro. A sensação de que algo estava muito errado, contra a qual estava lutando durante toda a

manhã, intensificou-se novamente.

— Primeiro, preciso limpar a pele desses bichos — explicou, resolutivo, aplacando o desconforto. — Antes de cozinhar.

— Mas a pele deles já não está limpa, pelos padrões deles?

Ramón ficou surpreso ao notar que sorria.

— Preciso tirar os pelos e a pele. Cortar tudo fora com uma faca, está vendo? Aí joga a carcaça fora, entende? É uma perda de dinheiro, mas carcaça de gafanhoto nem vale muito.

Maneck contorceu o focinho e cutucou os gafanhotos com o pé.

— Parece pouco eficiente. Não seria desperdício de comida? Cortar e jogar fora? Toda a carcaça.

— Eu não como isso.

— Ah. — Maneck se aproximou das costas de Ramón e se prostrou no chão, as pernas entortadas para trás de um jeito grotesco. — Será interessante observar esta função. Prossiga.

— Preciso de uma faca. — Como Maneck não respondeu, ele complementou: — O homem teria uma faca.

— Você também requer uma?

— Bem, não dá para fazer isso com os dentes.

Sem uma palavra, o alienígena sacou um cilindro do cinto e o entregou. Ramón manejou o item, confuso, então Maneck esticou o braço e fez alguma coisa com o cilindro. Um fio prateado e rígido de cerca de quinze centímetros saiu da base. Ramón pegou a estranha faca e começou a cortar a *gordita*. O fio deslizava sem resistência contra a carne. Talvez tenha sido a fome que o manteve tão concentrado na tarefa, mas ele só reparou no que estava acontecendo depois de enfiar a *gordita* no espeto e começar a preparar o primeiro gafanhoto.

“O alienígena me deu uma arma”, pensou.

A criatura cometera um erro. E agora pagaria com a vida.

Lutou contra a onda de adrenalina, esforçando-se para evitar que a lâmina vacilasse e suas mãos tremessem. Curvado, concentrado na difícil tarefa de retirar as guelras traseiras do gafanhoto, ele olhou para Maneck. O alienígena parecia não ter percebido. O problema era onde atacar. Apunhalar o corpo do

monstro seria muito arriscado, pois não sabia onde ficavam os órgãos vitais e nem se conseguiria matar a coisa com um golpe só. Maneck era maior e mais forte. Numa luta, Ramón sabia que perderia. Precisava ser rápido. O pescoço, decidiu, sentindo uma onda de empolgação como se estivesse voando. Rasgaria a garganta do alienígena, cravando a arma o mais fundo que pudesse. A coisa tinha uma boca e respirava, então devia haver uma passagem de ar em algum lugar por ali. Se pudesse interromper a ligação, só teria que se manter vivo até o alienígena engasgar e morrer com o próprio sangue. A chance era pequena, mas ele arriscaria.

— Olhe aqui — disse, erguendo o corpo da *gordita*.

Sem as pernas e as escamas, a carne era macia e rosada como salmão cru. Maneck se inclinou, como Ramón imaginara, os olhos fixos na carne morta em sua mão esquerda, ignorando a lâmina na direita. O torpor da violência o invadiu, como se estivesse na rua, do lado de fora de algum bar em Villa Diego. Os monstros não sabiam que o homem que tinham capturado também podia ser um monstro! Esperou até Maneck virar a cabeça um pouco para o lado para observar melhor a *gordita*, expondo a carne sarapintada de preto e amarelo no pescoço, e atacou...

De repente, viu-se estatelado, de costas no chão, encarando o céu violeta. Os músculos do estômago estavam travados, e ele respirava em espasmos curtos e dolorosos. A dor o atingira como o punho de um gigante de pedra, esmagando-o e jogando-o para longe. Tudo acabou num piscar de olhos, rápido demais para ele lembrar, mas o corpo ainda doía e sofria espasmos pelo choque. Largara a faca.

“Seu idiota”, pensou.

— Interessante — comentou Maneck. — Por que você fez aquilo? Não lhe ofereci perigo algum, logo, você não precisava se defender. Não sou comida para você, então não precisa me matar para comer. Você não declarou guerra contra mim. Não fui até um bar, nem tenho dinheiro. Não fiz sexo com a sua mulher. E, ainda assim, você sente a necessidade de me matar. Qual é a natureza desse impulso?

Ramón teria rido se pudesse. Era cômico e trágico, digno de sua fúria desesperada. Conseguiu se sentar. As mãos e o peito estavam lambuzados de sangue, por ter se debatido contra o corpo da *gordita*.

— Você... — começou Ramón. — Você *sabia*.

As cerdas de Maneck se ergueram e baixaram. O brilho laranja maligno e implacável de seus olhos pareceu ganhar um tom mais leve à luz filtrada pela copa das árvores.

— O *sahael* participa do seu fluxo — explicou. — Ele não permitirá que suas ações interfiram no seu *tatecreude*. Você não pode me ferir de maneira alguma.

— Então, você pode ler minha mente.

— O *sahael* pode prevenir ações que sejam *aubre* antes que a ação aconteça. Não compreendo “ler minha mente”.

— Você sabe o que estou pensando! Sabe o que vou fazer antes mesmo que eu faça.

— Não. Beber das primeiras intenções perturbaria o fluxo e afetaria sua função. Suas intenções só serão corrigidas quando expressarem *aubre*.

Ramón esfregou os olhos com as costas da mão.

— Então, você não sabe o que estou pensando, mas sabe o que vou fazer?

Maneck ponderou, em silêncio, então disse:

— Cada movimento é uma cascata, da intenção até a ação. O *sahael* bebe do topo máximo da cascata. A intenção de agir precede a ação, então não é possível que você aja antes que eu esteja ciente da ação. Tentativas de me ferir não podem ser concluídas e serão punidas. Você é um ser primitivo e não sabe disso. — Ele inclinou a cabeça para encará-lo mais de perto. — Por favor, retorne à questão corrente. Qual é a natureza daquele impulso? Por que deseja me matar?

— Porque os homens devem ser livres — explicou Ramón, puxando inutilmente a coleira grossa e carnuda presa ao pescoço. — Você me mantém como prisioneiro!

O alienígena moveu a cabeça de um lado para o outro, como se as palavras não significassem nada e estivessem, literalmente, entrando por um lado e saindo pelo outro. Maneck ergueu Ramón sem dificuldade e o colocou de pé. Para aumentar sua vergonha e humilhação, a criatura colocou a faca de fio de volta em sua mão com toda a delicadeza.

— Continue com a função — instruiu Maneck. — Você estava esfolando

o corpo do pequeno animal.

Ramón virou o cilindro prateado bem devagar, balançando a cabeça. Sentia-se emasculado. Sentia-se incapaz de lidar com aquela coisa, assim como uma criança era incapaz de derrotar o próprio pai. Ele era uma ameaça tão insignificante para a criatura que ela lhe entregava uma arma sem a menor preocupação. Sentiu vontade de enfiar a faca no próprio peito e acabar com aquilo, mas afastou os pensamentos antes que o *sahael* pudesse deflagrar sua punição.

Usando a lâmina alienígena, afiou um galho para fazer de espeto, empalou os corpos pequeninos e segurou a carne crua sobre as chamas. No início, manteve a *gordita* e os gafanhotos longe do fogo, para que o processo de cozimento fosse lento, mas, quando o cheiro de gordura e carne assada atiçou seu estômago, aproximou os espetos.

A carne magra e fibrosa era mais gostosa do que Ramón se lembrava, salgada e com um gosto forte e terroso. Quando terminou de tirar a carne dos corpos diminutos dos ossos finos e amarelados, limpou as mãos na vestimenta e se levantou.

— Vamos. Preciso encontrar água fresca.

— A carne cozida não é suficiente?

Ramón cuspiu.

— Posso sobreviver semanas sem comida. Sem água, morro em alguns dias.

A criatura se levantou e deixou Ramón tomar a dianteira, avançando pela floresta até chegarem a um riacho de correnteza forte, a superfície coberta de espuma da água que batia nas rochas do leito. Naquele ponto tão distante ao norte, as geleiras alimentavam os córregos e, eventualmente, o grande Río Embudo, que atravessava o Alto do Violinista. Enquanto estava agachado, com as mãos em concha levando a água gelada aos lábios, pensou em mandar uma mensagem dentro de uma garrafa, na esperança de ela flutuar até a civilização: “Preso por monstros! Mande ajuda!” Ou também poderia fazer um bando de levantadores o carregarem, voando, de volta a Villa Diego. Sonhar era perda de tempo.

Limpou a boca com as costas da mão e se sentou.

— Isso é tudo, então? — indagou Maneck. — Consumir carne morta e

água. Emitir mijó. Estes são os canais que compelem o homem?

— Bem, ele às vezes tem que dar uma cagada. É mais ou menos como mijar. E vai ter que dormir.

— Você vai fazer estas coisas — ordenou Maneck.

Ramón se levantou, voltando para o acampamento e a caixa voadora. O alienígena o seguiu.

— Não dá para fazer essas coisas na hora em que eu quiser — explicou Ramón. — Não sou uma máquina, para você apertar um botão e eu cair no sono. Cada coisa acontece a seu tempo.

— E a cagada?

Ramón sentiu uma onda de raiva. Aquela criatura era idiota. Tinha sido escravizado por uma raça de imbecis.

— Também acontece a seu próprio tempo.

— Então vamos observar os tempos — constatou Maneck.

— Certo.

— Enquanto observamos, você vai explicar “livre”.

Ramón hesitou, olhando por cima do ombro. A luz salpicava a pele espiralada do alienígena, gerando um efeito que lembrava camuflagem.

— Você mataria para ser livre. O que é “livre”?

— “Livre” é não ter essa merda grudada no meu pescoço — retrucou Ramón. — “Livre” é poder fazer o que eu quiser quando eu quiser sem ter que dançar de acordo com a bosta da música de ninguém.

— Esse dançar é costumeiro?

— Meu Deus! — gritou Ramón, virando-se para seu captor. — “Livre” é agir por conta própria! É não dar satisfação sobre nada nem para ninguém! Para nenhum chefe, nenhuma mulher, nenhuma merdinha de governador e nenhuma merdinha de Exército! Um homem livre segue o próprio caminho, e ninguém pode impedi-lo. Ninguém! Entendeu agora, ou você é assim tão burro?

Ramón respirava com dificuldade, como se tivesse corrido, as bochechas estavam coradas. Os olhos laranja e ardentes focaram nele. O *sahael* pulsou uma vez, e um calafrio de medo percorreu seu corpo, trazendo o pressentimento de uma dor que não veio.

— “Livre” é viver sem restrições?

— Sim — respondeu Ramón, medindo as palavras como se estivesse falando com uma criança detestável. — “Livre” é viver sem restrições.

— E isso é possível? — perguntou a coisa.

Pensamentos e memórias invadiram sua mente. Elena. As vezes em que teve que parar de beber para conseguir pagar a prestação do furgão. A polícia. O europeu.

— Não. Não é. Mas não dá para se considerar um homem de verdade enquanto não tentar. Vamos logo. Você está me atrasando. Se vou ficar preso nessa merda, o mínimo que você pode fazer é manter o passo.

No acampamento, Ramón ficou quieto, e o alienígena consentiu que ele permanecesse assim. A própria criatura parecia pensativa e introspectiva, pelo que dava para julgar do rosto de um monstro daqueles. À medida que o dia virava noite, Ramón começou a sentir vontade de evacuar. Sentiu-se humilhado enquanto o alienígena observava.

— Que tal jantar, hein? — indagou Ramón logo depois, falando com certa animação para tentar esquecer a vergonha. — Mais comida? Está tarde demais para seguir viagem hoje, de qualquer modo.

— Você acabou de esvaziar seus intestinos — comentou Maneck. — Agora vai enchê-los de novo?

— É isso que significa estar vivo. Comer e cagar, o ciclo nunca para até a pessoa morrer. Os mortos não cagam nem comem, mas os vivos precisam fazer isso, ou acabam deixando de viver. — Um pensamento lhe ocorreu, e ele olhou de soslaio para o alienígena. — O *homem* também vai ter que comer. O homem que você está perseguindo. Seria melhor você aprender como ele vai fazer isso. Vou ensiná-lo a pescar.

— Ele não vai armar arapucas? Como você fez mais cedo?

— Vai. Mas ele vai colocá-las na água. Olha aqui. Vou mostrar.

Assim que entendeu do que Ramón precisava, o alienígena cooperou. Fizeram uma vara de pescar rudimentar a partir de um galho fino e seco arrancado de uma raiz-de-gelo próxima e — depois de uma conversa tediosa com Maneck, que demorou muito para entender o que Ramón queria — uma boa quantidade de um fio pálido, macio e maleável fornecida pelo alienígena. Um fio mais rígido foi moldado no formato de um anzol, e Ramón revirou a

margem do rio com os pés, removendo pedras até encontrar um besouro gordo e laranja para usar de isca. O focinho de Maneck se agitou com súbito interesse quando Ramón empalou o inseto.

Ele guiou o alienígena até um lugar promissor ao lado do riacho e lançou a linha. Enquanto pescava, Ramón espiava Maneck furtivamente sempre que podia. O alienígena estava de pé, observando a água. Apesar de toda a impaciência que às vezes demonstrava quanto a continuar a tarefa, ele parecia ficar perfeitamente contente ali, de pé, imóvel e incansável, pelo tempo que fosse necessário. Ramón avistou um brilho azul bem no meio do riacho, quando um peixe pulou da água, mas não mordeu a isca. Como ele nunca foi muito paciente, começou a ficar inquieto. Para ocupar o tempo, começou a assoviar uma musiquinha boba que Elena lhe ensinara durante o período que passaram juntos, antes de as brigas piorarem. Não conseguia se lembrar da letra que acompanhava o ritmo, mas pouco importava. A música o lembrava de Elena, os cabelos longos e negros, as mãos ágeis e cheias de calos devido às incontáveis horas dedicadas à pequena horta. Era uma mulher pequena, morena e muito bonita, embora seu rosto fosse salpicado de buracos deixados por alguma doença durante a infância. Às vezes, Ramón percorria as marcas com os dedos, sem perceber, até que Elena virava o rosto. “Pare”, pedia ela. “Pare, você só me faz lembrar como sou feia.” E, se não tivesse bebido muito, ele respondia: “Não, não, elas não são tão ruins assim, e você é muito bonita...” Mas Elena nunca acreditava.

— O que é esse som que você está fazendo? — inquiriu Maneck, tirando Ramón de seu devaneio.

Ramón franziu o cenho.

— Eu estava assoviando, monstro. Uma musiquinha.

— Assoviando — repetiu o alienígena. — É uma outra língua? Não compreendo, embora possa ouvir uma estrutura, uma ordem. Explique o significado do que estava dizendo.

— Eu não estava *dizendo* nada. Era *música*. Seu povo... Vocês não têm música?

— Música — repetiu Maneck. — Ah! Som ordenado. Compreendo. Você obtém prazer a partir de uma sequência de padrões. Não temos música, mas é uma função matemática interessante. Organizar aquilo que é aleatório

aprimora o fluxo. Pode prosseguir com o assovio, homem.

Ramón não aceitou a sugestão. Puxou a linha e a lançou outra vez. A primeira captura era algo que ele nunca vira. Não era de surpreender, já que toda semana alguém tirava uma criatura nova das redes em Villa Diego e em Garganta do Ganso — uma medida de quão pouco se conhecia de São Paulo. O que veio era alguma criatura inchada e cinza que vivia na lama do fundo do riacho, cujas escamas eram cheias de nódulos brancos e vagamente pustulentos. O bicho chiou para Ramón quando ele soltou o anzol e, com certo nojo, jogou-o de volta na água. Com um *plop*, o bicho sumiu de vista.

— Por que você jogou a comida fora? — perguntou Maneck.

— Era monstruoso — retrucou Ramón. — Igualzinho a você!

Encontrou outro besouro, e reiniciaram a vigília sobre o rio conforme a noite chegava lentamente. O céu acima da copa das árvores mudou para os tons violetas do pôr do sol surpreendente de São Paulo. Auroras verdes, azuis e douradas dançavam no céu. Observando-as, Ramón sentiu um instante da profunda paz que a natureza selvagem sempre lhe trazia. Mesmo cativo e escravizado, mesmo com a carne perfurada pelo *sahael*, o céu imenso e dançante era belíssimo e reconfortante.

Alguns minutos mais tarde, Ramón finalmente pegou um peixe-lâmina gordo e branco, com nadadeiras de um escarlate vívido. Quando o tirou da água, notou o rosto curioso com o qual Maneck observava a situação e balançou a cabeça.

— Vocês não têm música e não comem comida de verdade — refletiu Ramón. — Acho que vocês são uma espécie muito triste. E sexo? Vocês fazem sexo, pelo menos? Vocês trepam, certo? Você é menino ou menina?

— Menino — começou o alienígena —, menina... Estes conceitos não se aplicam a nós. A reprodução sexual é primitiva e ineficaz. Nós transcendemos tudo isso.

— Que pena. Isso é que é uma transcendência exagerada! Mas pelo menos não preciso me preocupar com você chegando de mansinho na minha cama hoje à noite, né?

Ramón abriu um sorriso ao notar o olhar de incompreensão do alienígena e andou de volta para o acampamento, com Maneck a seu lado, em silêncio, mantendo o ritmo. Lá, reacendeu a fogueira depressa e assou o peixe com

calma, lamentando não ter um pouco de alho ou de pó de *habanero* para temperar. Mas a carne ficou morna e succulenta mesmo assim, e, depois de comer o suficiente, Ramón defumou algumas fatias e enrolou tudo em folhas de *hierba*, para o dia seguinte. Então, agachou-se e bocejou. Sentiu-se satisfeito e estranhamente contente, a despeito do perigo e da companhia não humana.

Nada mais de perguntas, nada mais de exigências obscuras. Quando finalmente sentiu o corpo pesar, arrastou-se até o abrigo que o policial construía, aconchegou a cabeça nos braços e se deixou levar pelo sono, sempre meio atento à coisa ali por perto observando.

“Que observe.” Cada hora que a criatura passava ali, com ele, era mais uma chance para o estranho que perseguira Ramón e depois virara sua presa. O homem que não tinha sido transformado em marionete dos alienígenas. Que não tinha matado o europeu.

O homem que ainda era livre.

CAPÍTULO 8

O dia seguinte amanheceu frio e com o céu limpo. Ramón acordou aos poucos, recobrando a consciência tão gradualmente que nem soube dizer quando ultrapassou o limite entre o sono e o despertar. Mesmo depois de acordar de vez, permaneceu imóvel, enrolado na capa, saboreando os sons e os cheiros da manhã. Estava quentinho e confortável sob o tecido da vestimenta alienígena, mas o ar contra seu rosto era gélido e incisivo, perfumado com o aroma distinto de canela da floresta que as raízes-de-gelo soltavam. Ramón ouvia o borbulhar do riacho mais próximo, os pios dos “passarinhos” acordados pelo sol e, lá longe, o grito grave e esquisito de um *descamisado* voltando à toca nas árvores, depois de uma longa noite de caçada.

Embora o corpo estivesse dolorido por ter dormido no chão duro e pedregoso e a bexiga estivesse cheia a ponto de doer, Ramón relutava em se mover. Ficar ali, deitado, era tranquilo e familiar. Os desconfortos eram velhos conhecidos. Quantas vezes não acordara numa floresta como aquela, depois de um dia pesado no batente? Muitas. Vezes demais para contar, vezes demais para lembrar.

Quase podia fingir que era só mais uma manhã como todas as outras, que tudo não passava de um pesadelo. Agarrou-se firme àquele pensamento, relutante em abandoná-lo. Era uma mentira, mas uma mentira reconfortante, então levou o tempo que achou necessário para acordar. Abriu os olhos, hesitante, e notou que estava virado para a abertura do abrigo, voltada para o oeste. Havia um brilho azul-celeste no topo das altas raízes-de-gelo, onde a alvorada as tocava. Além delas, a sudoeste, viu um punhado de estrelas

brilhantes, esmaecendo conforme o sol subia: o Arco do Violinista, a inconfundível constelação ao norte, de onde o Alto do Violinista tirara seu nome, já que era o ponto mais ao sul de onde o Arco podia ser visto. Ficou olhando até a última estrela brilhante ser engolida pelo céu, então se mexeu, e a ilusão de segurança e normalidade desapareceu quando ele sentiu a puxada do *sahael* na carne mole do pescoço. Ramón se sentou, relutante. Maneck ainda estava parado fora da cobertura, com gotas de orvalho na pele oleosa e espiralada, as cerdas ondulando ao vento matinal — ao que parecia, ele não se movera desde que Ramón tinha ido dormir, só ficou ali parado feito uma pedra, observando-o durante a noite. Ramón conteve um calafrio.

Enquanto ele gemia e se levantava, notou que os olhos do alienígena estavam abertos e perguntou:

— O que foi, monstro? Está esperando alguma coisa?

— Sim. Você retornou a um estado funcional. Dormir está concluído?

Ramón coçou a barriga por baixo da vestimenta e bocejou até sentir que a mandíbula ia se deslocar. Gravetos e pedaços de folhas tinham acabado dentro do abrigo e ido parar em seu cabelo. Usou os dedos para penteá-los. Tirando isso, a cobertura funcionara muito bem — fora bem-feita, estava seca e tinha o tamanho certo. O policial deixara até uma camada de frondes de raiz-de-gelo embaixo da forragem, para preservar o calor do corpo durante a noite. O cara deve ter passado um bom tempo nos ermos.

— Dormir está concluído? — repetiu o alienígena.

— Eu ouvi na primeira vez. Sim, a porra do “dormir” está concluída. Sua raça também não dorme?

— Dormir é um estado perigoso. Tira você do fluxo. É uma interrupção desnecessária da função. A necessidade do dormir é uma falha na sua natureza. Apenas criaturas ineficientes precisam ficar inconscientes por metade de suas vidas.

— Ah, é? — retrucou Ramón, bocejando. — Bem, você deveria tentar.

— Dormir está concluído — anunciou Maneck. — É hora de começar a cumprir sua função.

— Devagar aí. Preciso dar uma mijada.

— Você já fez a função de dar uma mijada.

— Bem, eu sou uma porra de um processo em desenvolvimento constante

— retrucou Ramón, citando um padre que ouvira pregando na praça em Villa Diego. O sermão abordara a natureza sempre mutante da alma, e o padre suava em bicas e seu rosto estava vermelho. Ramón e Pael Dominguez jogaram amêndoas açucaradas nele. Não pensava naquilo havia anos e, mesmo assim, conseguia lembrar tão bem quanto se tivesse acontecido alguns instantes atrás. Ficou imaginando se a meleca alienígena na qual ficara encarcerado tinha feito alguma coisa com sua memória. Já tinha ouvido falar de homens que acordavam da estase e sofriam episódios de amnésia ou deslocamentos temporais intensos.

Agora, parado diante de uma espécie de pinheiro de casca entrelaçada, mijando sobre suas raízes, Ramón sentiu mais daquelas estranhas torrentes de memória retornando. Martín Casaus, seu primeiro amigo quando chegara a Villa Diego, morava perto do porto, num apartamento de dois quartos e piso de bambu tão amarelo quanto manteiga e descascando nos cantos. Os dois tinham ficado ali todas as noites durante um mês, cantando e enchendo a cara de cerveja. Martín lhe contara histórias sobre o trabalho na floresta como caçador de peles, sobre como atrair um chupacabra para a armadilha de um poço cheio de lanças usando carne fresca como isca. E Ramón inventara conquistas sexuais durante o tempo que passara no México, cada uma mais extravagante e improvável que a outra. O senhorio de Martín apareceu uma vez e ameaçou mandar prender os dois e, em resposta, Ramón exibiu seus dotes. Lembrou-se da expressão de choque da velha, de como as mãos dela tremiam, sem saber se o pênis exposto era um insulto ou uma ameaça. Era como ver um filme — foi um flashback tão poderoso quanto vivenciar a situação, mas sumiu depressa e voltou a ser apenas uma memória.

Ramón coçou a barriga preguiçosamente, movendo as pontas dos dedos pela curva delicada da própria pele. Coitado de Martín. Ficou se perguntando o que teria acontecido com aquele babaca. Foi obrigado a concluir que não poderia ter sido nada pior do que o que estava acontecendo com ele naquele momento.

— Vocês também não mijam, né? — perguntou Ramón, chacoalhando as últimas gotas do pênis.

— A evacuação de detritos só é necessária porque você ingere alimentos impróprios — respondeu Maneck. — *Oekh* fornece nutrição sem desperdício. É feito assim para aumentar a eficiência. Sua comida é cheia de venenos e

substâncias inertes que seu corpo não pode absorver. É por isso que você caga e mijá. Isso é primitivo e contrário às leis da natureza.

Ramón riu.

— Primitivo, talvez. Mas quem vai contra a ordem natural das coisas é você! Somos animais, nós dois. Animais dormem e comem outros animais. E cagam, e trepam. Você não faz nada disso. Então, quem é que desrespeita mais as leis da natureza, hein?

Maneck o olhou com desprezo.

— Um ser imbuído de *retehue* tem a capacidade de ser mais que um animal — retrucou. — Se existe uma habilidade, ela deve ser utilizada. Portanto, você contraria as leis da natureza, pois se apegá ao primitivo, embora possua a habilidade de transcender este estado.

— Se apegar ao instinto primitivo pode ser bem divertido — começou Ramón, mas Maneck, que parecia cada vez mais impaciente, o interrompeu:

— Começamos com o processo do mijó, e agora retornamos a este momento no ciclo. Agora estamos preparados. Você entrará na *yunea*. Vamos prosseguir.

— *Yunea*?

Maneck fez uma pausa.

— “A caixa voadora”.

— Ah. Mas ainda preciso comer. Não dá para fazer um homem começar o dia sem café da manhã.

— Você pode ficar semanas sem comer. Foi isso que me relatou durante a noite.

— O que não quer dizer que eu queira — retrucou Ramón. — Se quer que eu dê o meu melhor, preciso comer. Até as máquinas precisam ser reabastecidas para trabalhar.

— Chega de atrasos — declarou Maneck, tocando o *sahael* como aviso. — Vamos agora.

Ramón ponderou se valeria a pena discordar, alegando haver alguma função biológica adicional necessária à humanidade — podia ficar cuspiendo por uma hora ou duas, só para ganhar tempo. Mas Maneck parecia resoluto, e ele não queria que a coisa apelasse para o *sahael* para garantir sua obediência.

— Tudo bem, tudo bem, estou indo. Espere um segundo.

Ramón tinha feito o que podia pelo policial. Qualquer imbecil que tivesse ido até ali para prendê-lo deveria estar grato pelo que ele fizera até agora! Ramón pegou as fatias de peixe defumado embrulhadas em folhas de *hierba* da noite anterior e seguiu o alienígena de volta à caixa branca. Um café da manhã frio e em movimento teria que servir.

Sentiu o puxão quando a estranha nave decolou. Voaram para sudoeste. Atrás deles, ao norte, estavam todos os picos elevados de Sierra Hueso, com as encostas mais altas obscurecidas por uma nuvem molhada cinza e revolta — nevava lá atrás, lá em cima. Ao sul, o mundo ficava plano nas terras mais baixas das florestas, então inclinava para baixo na direção do horizonte, a paisagem ondulante como um prato de sopa, salpicado com pântanos nos limites do campo de visão. No ponto mais distante no horizonte, onde apenas uma linha prateada definia um mundo de árvores verdes, azuis e laranja e pedras negras, estava Río Embudo, o principal afluente da bacia hidrográfica que drenava Sierra Hueso e todas as terras do norte. Centenas de quilômetros a sudoeste, acomodado no escarpado rochoso e cheio de veios avermelhados acima do mesmo rio, ficava o Alto do Violinista, com seus hotéis de madeira caindo aos pedaços, casas cheias de mineradores e caçadores de peles, docas entulhadas com barcas de minerais e imensos grupamentos de toras prestes a serem liberadas na correnteza até a Garganta do Ganso. O policial com certeza estava indo para lá, para a segurança, as luzes e o ruído da humanidade.

Como chegaria lá? Qualquer pessoa capaz de construir um abrigo tão bem quanto aquele policial não teria problemas em construir uma jangada com os materiais à disposição. Assim que chegasse ao Río Embudo e construísse a jangada, seguiria a correnteza até o Alto do Violinista. Seria muito mais fácil e rápido que caminhar através da mata fechada. Era para onde Ramón teria ido, o que teria feito caso estivesse encalhado ali, sem veículo, desesperado e sozinho. E tinha certeza de que o policial faria o mesmo. No fim das contas, os alienígenas foram espertos em usá-lo como cão de caça — ele *sabia* o que o policial faria, aonde iria. *Podia* encontrá-lo.

Por quanto tempo mais precisaria enrolar até o policial ter tempo de escapar? Já teria chegado até o rio? Era um caminho longo e difícil através do terreno árduo das montanhas de Sierra Hueso até ali. Por outro lado, vários

dias haviam se passado... Seria por pouco.

Abaixo deles, havia outra floresta densa de raízes-de-gelo — árvores altas e esqueléticas, com agulhas brancas e azuis translúcidas que lembravam pingentes de gelo. Continuaram voando. Naquele ponto, uma imensa colmeia de torres-de-babel projetava-se acima das árvores, os insetos estranhos e metálicos que mais pareciam joias vivas fervilhando, ameaçadores, querendo atacá-los em defesa da rainha enquanto passavam. Uma clareira vazia, exceto por uma carcaça larga de seis pernas de um *vaquero*. O corpo, que lembrava um cavalo, parecia meio comido por um chupacabra e largado para apodrecer. Mais raízes-de-gelo. Estavam voando em círculos. Como Maneck *pretendia* encontrar o policial?

— O que estamos procurando? — perguntou Ramón, por cima do barulho do vento que passava rápido por eles. — Não dá para ver nada daqui de cima. Esta coisa tem sensores?

— Estamos cientes de muito — declarou Maneck.

— Estamos? Eu não estou ciente de porra nenhuma.

— A *yunea* participa do meu fluxo, o *sahael* participa. É parte da sua natureza que você falhe no ato de participar. Por isso, você é razão de muito pesar. Mas é seu *tatecreude* e, portanto, deve ser aceito.

— Não quero participar dessa merda de fluxo — retrucou Ramón. — Só perguntei se você tem algum tipo de sensor nessa coisa. Não pedi para você abrir as pernas no primeiro encontro.

— Estes sons são todos necessários? — perguntou Maneck. Se Ramón acreditasse ao menos em parte que aqueles alienígenas tinham emoções que um ser humano pudesse compreender, diria que a criatura soou irritada. — A busca é a expressão...

— Do seu *tatecreude*, seja lá que diabos isso significa — completou Ramón. — Tanto faz. Mas, como não consigo fazer essa parada de fluxo, talvez isso seja o melhor que posso fazer, né? Puxar assunto?

As cerdas na cabeça de Maneck se ergueram e caíram depressa. A cabeça grossa balançou de um lado para o outro. Ele se virou para Ramón, e as faixas da caixa branca como osso engrossaram, o som do vento diminuiu.

— Você está correto. Cuspir ar é a comunicação primária disponível para você. É correto que eu tente acessar suas funções mais avançadas para

auxiliá-lo a evitar *aubre*. E, se eu compreender melhor o mecanismo de um ser descoordenado, a natureza do homem também vai se tornar mais clara.

— Isso quase soou como um pedido de desculpas, monstro.

— Este termo é estranho. Eu não incorri em *aubre*. Não tenho razões para expressar arrependimento.

— Certo, tudo bem. Faça como achar melhor.

— Mas, se você deseja falar, participarei desse modo. De fato, tenho sensores. Eles fazem parte da natureza da *yunea*, assim como beber do seu fluxo faz parte da natureza do *sahael*, ou o gerenciamento e direcionamento dessa forma é parte da minha — explicou o alienígena, indicando a si próprio. — O homem, porém, é muito similar às demais criaturas, e é uma empreitada mais sutil descobrir os canais com os quais ele está conectado.

Ramón deu de ombros.

A melhor chance de pegarem o policial era seguirem para oeste até o Río Embudo e então rumar para o sul até o ponto mais provável de o alvo ter chegado a pé e esperar ao lado do rio até que o otário descesse de jangada, mas, se o alienígena pensava de outra forma, Ramón não tinha o menor interesse em educar seu captor. Se o alienígena quisesse ir de um lado para o outro que nem crucifixo de padre, ele não via problemas.

— O que vai fazer com o pobre coitado quando encontrá-lo?

— Corrigir a ilusão da existência dele. *Não pode* acontecer de sermos observados. A ilusão de que *aconteceu* é uma contradição primordial, *gaesu*, a negação da realidade. Se formos vistos, não seremos o que somos, *nunca* teríamos sido. O que não deve ser encontrado *não deve ser encontrado*. É uma contradição. Deve ser resolvida.

— Isso não faz sentido. O homem *já viu* vocês.

— Ele ainda faz parte da ilusão. Se for impedido de voltar a sua espécie, a informação não será difundida. Ele terá sido corrigido. A ilusão da existência dele terá sido negada. Se *ele* é real, *nós* não podemos ser.

Ramón desembrulhou a folha de *hierba* e engoliu a fatia de peixe defumado, então jogou a espinha entre as tiras sob seus pés.

— Sabe, monstro, eu precisaria passar quase a noite toda bebendo para soar tão confuso quanto você.

— Não compreendo.

— E é disso que estou falando, *cabrón*.

— O consumo de líquido afeta sua comunicação? Nosso tempo no acampamento foi insuficiente para expressar este fato.

— Aquela água era do rio — explicou Ramón, impaciente. — É outra bebida. Eu estava falando de bebida *alcoólica*. Deixaram comigo o único demônio do inferno que nunca ouviu falar de álcool!

— Explique “bebida alcoólica”.

Ramón coçou a barriga. A pele macia sob os dedos pareceu esquisita por um momento. Como poderia explicar bebedeira — um porre dos bons — para uma coisa com uma mente meio maluca e monstruosa?

— Existe uma coisa... É um líquido. Chamamos de álcool. Ele vem de coisas fermentadas. Fermentação. Decomposição. Batatas geram vodca, uvas fazem vinho, e grãos servem para fazer cerveja. E, quando você bebe, quando um homem bebe... ele fica mais elevado. Entende? Tudo que ele deveria ser deixa de ter tanta importância. A bebida alivia um pouco o peso de todas as frescuras e merdas que atrapalham a vida. Porra. Não sei. É como se eu estivesse tentando explicar a sensação de uma trepada para um virgem.

— Ela solta as amarras — declarou Maneck. — Torna você livre.

As lembranças assaltaram sua mente outra vez, e o mundo desapareceu.

Ramón tinha 14 anos, ainda precisava esperar dois longos anos para entrar numa gangue de operários e cair fora da Terra. O mês de agosto foi marcado por tempestades de raios nas montanhas do México, o céu coberto de grandes nuvens brancas com bases cinzentas e negras. Depois de sair de seu *pueblo* minúsculo nas montanhas, Ramón morava na choupana de um garoto mais velho numa vila de posseiros, na encosta norte de um planalto escarpado perto da Cidade do México.

No dia dessa lembrança, estava sentado na bagunça desconjuntada de madeira podre e plástico velho que ele e o garoto gostavam de chamar — como piada — de varanda e observava as nuvens que subiam no céu. Achava que a tempestade chegaria ao anoitecer. Estava tentando definir se a barraca conseguiria resistir a outro toró daqueles, ou se desabaria por conta do vento e da chuva, quando o garoto mais velho apareceu, saracoteando pela rua estreita de lama e pedras que separava uma fileira de barracos da outra.

Trazia uma garota, estava com o braço na cintura dela. Segurava uma garrafa na outra mão.

Ramón não perguntou onde o garoto tinha encontrado as duas. Lembrou-se do fogo adstringente do gim, da fascinação e do nojo de ouvir o garoto mais velho e a garota transarem enquanto ele ficava sentado lá fora, bebendo e contando os segundos entre relâmpagos e trovões. Quando a chuva chegou, o garoto mais velho estava apagado. Ramón, bêbado, compartilhou o resto do gim com a garota, que o deixou trepar com ela também. O vento chacoalhava as paredes. A chuva vazava pelas frestas, descia feito riachos pela janela enquanto ele se apoiava na garota, forçando-se para dentro dela, e ela desviava o olhar.

Aquela foi a melhor noite que Ramón se lembrava de ter passado na Terra. Talvez até a melhor noite que tivera desde então. Não conseguia se lembrar do nome do garoto mais velho, mas podia visualizar a verruga no pescoço da garota, logo acima da clavícula, e a cicatriz no lábio, resultado de um corte fundo e mal cicatrizado. Só pensava nela quando bebia gim — e preferia uísque.

Maneck tocou seu ombro com o braço, amparando-o. Ramón o afastou sem pensar.

— Houve turbulência — explicou o alienígena. — Você ganhou foco, mas a referência era obscura.

— Estava me lembrando de uma coisa, só isso. De uma vez, quando estava bebendo. Quando a bebida me libertou.

— Ah. A fidelidade continua aumentando. Excelente. Seu *tatecreude* ganhou foco. Mas você ainda não está no fluxo.

— É, e você ainda é feio para caralho. Queria saber mais sobre encher a cara, então pronto. A bebida alcoólica permite que o homem ature coisas que ele não poderia aturar de nenhum outro jeito. É libertador de um modo como nada mais liberta. Quando um homem fica bêbado, é como se ficasse sozinho. Tudo é possível. Tudo está tranquilo. É como ter um relâmpago nas mãos. Não há nada que faça um homem se sentir tão completo.

— Então a bebida alcoólica é algo bom. Ela aumenta os caminhos do fluxo e foca a intenção. Cria liberdade, o que está entre os desejos centrais do homem. Beber é expressar virtude.

Na viela, o europeu se sentou, apertando a barriga com a mão. A multidão se afastou. Ramón teve outra vez a sensação fria de ter sido traído por eles.

— Tem seus benefícios. Por que está fazendo todas essas perguntas idiotas? Não devia estar caçando alguém?

— Gostaria de participar do seu fluxo. Você não pode sentir o fluxo. Estas palavras são seu único canal — explicou o alienígena.

A coisa soava como o psiquiatra da nave que o tirara da Terra. Ramón ergueu as mãos, expondo as palmas, afastando a atenção da criatura.

— Estou cansado de falar. Me deixe quieto.

— Você pode precisar de um período de assimilação — concordou Maneck, como se falasse sobre um elevador que precisasse de reparos.

O alienígena virou para o outro lado. Ramón se encostou nas ripas finas e brancas da caixa, espiando acima do mar brilhante de folhas pretas e laranja abaixo. Se não estivesse bêbado, provavelmente não teria matado o europeu. Não teria viajado para tão longe, com o policial silenciosamente à espreita.

Mas estar em Villa Diego sem estar bêbado era impensável. Era mais fácil voar com um furgão sem combustível ou cavar uma mina com as mãos. Era assim que conseguia aturar as pessoas. Ramón era bom de copo, mas a garrafa não o controlava. Quando estava ali, sozinho no mundo, longe da pressão da humanidade, não precisava de uísque — então não bebia. Uma única garrafa duraria um mês enquanto estava em campo, mas só durava metade de uma noite na cidade. Não era um alcoólatra. E aquilo era a prova.



O primeiro sinal de alguma coisa surgiu quando a caixa voadora parou de repente, flutuando silenciosamente como se estivesse suspensa por uma corda celestial. Ramón olhou para baixo, estreitando os olhos contra o sol do início da tarde, mas as árvores abaixo não pareciam diferentes dos outros milhares de árvores que eles tinham sobrevoado.

— Tem alguma coisa ali? — inquiriu.

— Sim — respondeu Maneck, sem elaborar.

A caixa voadora desceu.

O novo acampamento era maior que o anterior. O abrigo era maior — grande o bastante para ficar em pé —, e a fogueira feita de pedras e areia continha os restos de vários usos. O fugitivo talvez tivesse passado um dia inteiro ali, se tivesse mantido a fogueira ativa o tempo todo, ou vários, se só tivesse usado o fogo para cozinhar. Maneck tomou a dianteira, atravessando lentamente a pequena clareira, a cabeça balançando para a frente e para trás, mantendo o ritmo de alguma música lenta interna. Ramón trotou atrás dele, puxado pelo pescoço. Uma pilha de cascas de besouros-doces reluzia, salpicada pela luz do sol. Uma pilha de couro de pelobaixos estava abandonada, uma delas roída e ignorada por algum necrófago pequeno e dentuço. Uma guimba de cigarro azul e cinza estava jogada ao lado do abrigo.

Ramón se perguntou quão longe o policial tinha chegado. O sujeito estava fugindo havia três dias quando Maneck o envolveu na caçada. E mais um dia se passara. Se o homem tivesse passado uma única noite no primeiro acampamento e duas aqui, significava que, agora, só tinha um dia de vantagem. Ramón amaldiçoou o policial por ter enrolado tanto. Tudo dependia de o imbecil chegar ao rio, flutuar para o sul e voltar com ajuda. O governador, a polícia, talvez até os Enye ou alguma força de segurança das naves Enye, que chegariam a qualquer momento. Seria a melhor opção — os grandes patronos alienígenas da humanidade entrando na briga feito pedregulhos cobertos de musgo rolando morro abaixo e esmagando Maneck.

Ramón deu uma risadinha, mas o alienígena o ignorou, continuando a inspeção.

Notou que havia vários pontos a partir de onde o policial tinha se aventurado floresta adentro, outros tantos por onde havia retornado. Galhos quebrados e entortados e palha revirada mostrava tudo claramente, como sinais deixados para trás. Então aquilo era uma base de operações. O homem tinha um plano, uma ideia que envolvia mais do que simplesmente fugir. Talvez estivesse procurando alguma coisa. Será que a polícia tinha um sinalizador de emergência escondido por ali? Era uma coincidência grande demais para ser verdade, e só de pensar o coração de Ramón batia mais rápido. Ou talvez o homem fosse idiota e pensasse em si como o caçador e em Ramón como a presa. Nesse caso, Maneck com certeza o encontraria, mataria e devolveria Ramón àquela escuridão nauseante e barulhenta da

colmeia alienígena, de onde ele nunca mais sairia.

Maneck parou em frente ao abrigo e se abaixou, remexendo nas folhas que o homem usara como leito. Ramón viu algo entre as folhas verdes e azuis — uma coisa branca suja e com toques do vermelho-escuro de sangue velho. Maneck se inclinou, emitindo uma série de cliques rápidos que Ramón interpretou como uma expressão de prazer. Ele coçou o cotovelo, levemente incomodado pela sensação de que algo saíra errado.

— *Que és?* — perguntou.

O alienígena levantou um trapo — a manga de uma camisa encharcada de sangue. O tecido estava enrugado e amassado onde fora utilizado como bandagem ou torniquete, endurecido quando o sangue secou.

— Parece que você acertou o coitado do *pendejo* de jeito — comentou Ramón, tentando soar contente.

Maneck não respondeu, apenas largou a bandagem de volta no leito bagunçado e caminhou até a fogueira — o *sahael* se estendia, ficando mais fino, mas mesmo assim puxava Ramón, levando-o na mesma direção. Alguma coisa brilhava nas cinzas ao lado das pedras brutas do círculo. Prata e azul. O alienígena fez uma pausa e considerou o cenário. Ramón andou até a criatura e, dividido entre o medo e o assombro, ajoelhou-se para tocar a cigarreira que Elena lhe dera.

— Isso é meu — comentou, baixinho.

— É o artefato do homem — respondeu Maneck, como se concordasse.

— Não. Não, isso é *meu*. Pertence a mim. A polícia não poderia ter isso, a não ser que tivessem encontrado...

Ele saiu correndo de volta até o abrigo e pegou a manga ensanguentada. Era um tecido grosso, feito para durar meses no trabalho de campo. O botão na extremidade da manga estava rachado ao meio.

— Esta camisa é minha. O *pendejo* está usando a minha camisa!

Ramón se voltou para Maneck, um surto vertiginoso de raiva rugindo em seus ouvidos. Ergueu o tecido ensanguentado no punho cerrado.

— Por que diabos o filho da puta estava usando a *minha camisa*?

As cerdas subiram e desceram na cabeça gigante do alienígena, e a pele oleosa e lustrosa se contorceu. Ramón só não atacou por que tinha certeza de

que o *sahael* ia reagir, com sua dor inimaginável.

— Responda!

— Não compreendo. A vestimenta que lhe foi fornecida...

— É de *vocês* — gritou Ramón, puxando a veste alienígena. — Seus monstros de merda, *vocês* fizeram isso. Me fizeram vestir isso. Essa camisa é minha. Minha. Eu estava usando desde que saí de Villa Diego. Eu a comprei. Eu a vesti. É *minha*, e um... um...

De repente, Martín Casaus surgiu em sua mente, uma memória tão poderosa e realista quanto um flashback proporcionado por algum entorpecente. O nome dela era Lianna, a mulher sobre quem contara a Griego. Era cozinheira em Los Rancheros Grill, perto do rio. Martín se julgara apaixonado por ela e, durante uma semana, inventara poemas que sempre começavam com comparações dos olhos dela com as estrelas e terminavam com o amanhecer, e, depois de uma garrafa de uísque barato, sobre como seria trepar com aquela mulher. Ramón tinha visto Lianna no boteco que ficava aberto a noite toda, a que chamavam de Rick's Café Americain, embora tivesse outro nome na autorização para venda de bebidas alcoólicas.

Ramón havia bebido demais. E lá estava ela outra vez, os cabelos negros presos atrás do rosto oval, as linhas nos cantos da boca. O papel de parede de um vermelho profundo e saturado. Quando a viu, lembrou-se de todas as cenas que imaginara, todas as fantasias de Martín sobre aquele corpo. Quando Lianna olhou, os olhares dos dois se cruzaram, e foi como água descendo morro abaixo. Nunca tivera opção. Simplesmente tinha sido atraído até ela.

Martín, agora à sua frente, segurava um gancho de metal numa das mãos. Ramón largou o farrapo ensanguentado aos pés de Maneck e levou a mão à barriga. A mão de Martín parecia esfolada, sem pele, mas o sangue era de Ramón. A dor tinha sido horrenda, o sangramento tão profundo que ele sentiu na própria virilha e imaginou ter se mijado. Abriu a vestimenta alienígena, quase esperando que o Martín de sua memória tivesse dado um novo golpe, cortando-o mais fundo, embora o sujeito tivesse desmoronado em lágrimas quando aquilo realmente aconteceu.

Os dedos de Ramón tocaram a barriga macia e quase sem marcas. A

cicatriz grossa e mole desaparecera; havia uma linha fina e branca em seu lugar. Naquele momento, percebeu que já sabia daquilo, que passara aquele tempo todo inconscientemente levando os dedos até a ferida desaparecida — o corpo sabia mais que a mente: algo sumira. O toque ruço do tecido alienígena contra a pele, os calos desaparecidos dos dedos e dos pés. Lentamente, ergueu a manga. A cicatriz da briga de machetes com Chulo Lopez, no bar nos arredores do Vilarejo do Cão, os rastros brancos da pele arrancada pelas unhas de Elena, abertos e reabertos quando atacavam um ao outro durante as noites de sexo meio ensandecido — tudo tinha sumido. Nada das manchas de cigarro nos dedos. Nenhum sinal dos cortes, manchas e calos causados, o legado de uma vida de trabalho braçal. Ao longo dos anos, seus braços tinham ficado quase negros por causa da exposição ao sol, mas a pele estava macia, intocada e com uma tonalidade marrom pálida, como a casca de um ovo vermelho. Uma consciência que estava meio enterrada emergiu, e Ramón ficou paralisado.

Não estava respirando naquele tanque. Seu coração não continuara a bater.

— O que vocês fizeram comigo? — sussurrou Ramón, horrorizado. — Caralho, o que vocês fizeram comigo? Com *o meu corpo*?

— Ah, que interessante! — comentou Maneck. — Você é capaz de *kahtenae*. Isso pode ser um problema para nós. Duvido que o homem seja capaz de integração múltipla e, mesmo que fosse, isso não produziria uma desorientação dessas. Você deve tomar cuidado para não divergir. Seu *tatecreude* não será focalizado se você se tornar parecido demais com o homem.

— De que diabos você está falando, monstro?

— Do seu desconforto. Você está ganhando consciência de quem é.

— Eu sou Ramón Espejo!

— Não — retrucou o alienígena. — Não é.

CAPÍTULO 9

Ramón — se é que ele *era* Ramón — agachou-se, descansando os cotovelos nos joelhos, a cabeça abaixada entre as mãos. Maneck assomava-se ao lado dele e explicou, naquela voz profunda e pesarosa. Fora Ramón Espejo o homem que descobrira a colmeia alienígena. Não havia ninguém em seu encalço — nada de policial, nenhum outro veículo vindo do sul.

A descoberta do esconderijo constituía uma contradição, e, com o intuito de corrigir a ilusão de que o homem existia, ele fora atacado. Ramón escapara, mas não ileso. Um apêndice — um dedo — fora ceifado durante o ataque. A carne tinha servido de semente para a fabricação de um construto — *ae euth'eloi* —, que participara do fluxo do ser original e que despertaria com as memórias e conhecimentos de Ramón. Maneck precisou explicar duas vezes até ele entender.

— Você participa do fluxo dele — declarou o alienígena. — O todo está presente no fragmento, e o fragmento pode expressar o todo. Houve alguma perda de fidelidade, foi tomada a decisão de favorecer o conhecimento funcional e a memória imediata em vez de precisão física maior. Conforme você progredir, vai definhar até a forma que definiu o fragmento.

— Eu sou Ramón Espejo — retrucou Ramón. — E você é uma puta mentirosa com bafo de cu de russo.

— Ambas as afirmações estão incorretas — respondeu Maneck, com muita paciência.

— Você está mentindo!

— A linguagem que você usa não é apropriada. A função da comunicação

é transmitir conhecimento. Mentir seria falhar na transmissão do conhecimento. Isto não é possível.

O rosto de Ramón ficou quente, então esfriou.

— Você está mentindo — sussurrou.

— Não — retrucou o alienígena, com certa tristeza. — Você é um construto.

Ramón levantou-se, mas Maneck não se afastou. Apenas piscou os grandes olhos laranja.

— Eu sou Ramón Espejo! — gritou. — Voei naquele furgão até aqui. Plantei os explosivos. Eu! Eu fiz aquilo! Não vim de uma porra de dedo cultivado num tanque!

— Você está ficando agitado — observou Maneck. — Contenha sua raiva, ou usarei a dor.

— Que use! — berrou Ramón. — Vá em frente, seu covarde! Você tem medo de mim?

Ele juntou saliva na boca e cuspiu em cheio na cara de Maneck.

A bola de cuspe atingiu o alienígena abaixo de um dos olhos e escorreu pela lateral do rosto. Maneck parecia mais intrigado que ofendido, sem demonstrar traço algum de repulsa. Ele limpou o cuspe com cuidado e examinou os dedos úmidos.

— Qual o sentido dessa ação? Sinto que a substância não é venenosa. Ela tem alguma função?

Ramón perdeu toda a força de vontade, murchando como uma bexiga furada.

— Limpe a cara, *pendejo* — sussurrou, então se curvou o máximo possível, abraçando os joelhos.

Era verdade. Ele era uma abominação. Um suor gelado umedecia sua testa, os sovacos e a parte de trás dos joelhos. Estava começando a acreditar nas palavras de Maneck: não era o verdadeiro Ramón Espejo, nem sequer era humano. Era um monstro nascido num tanque, uma coisa anormal com apenas três dias de idade. Todas as suas memórias eram falsas, tinham acontecido com *outro* homem, não com ele. *Nunca* tinha visto o exterior daquela montanha, nunca espancara ninguém numa briga de bar, nunca

trepara com uma mulher. Nunca sequer encontrara um ser humano de verdade, a despeito das memórias de todas as pessoas que conhecia.

Como queria nunca ter ido até ali, nunca ter acionado aquele maldito explosivo! Então, percebeu que *não tinha* feito nada daquilo. Era obra do *outro*. Todo o passado pertencia ao outro. Ele não tinha nada além do presente, nada além de Maneck e a floresta à sua volta. Não era nada. Não era ninguém. Era um estranho para o mundo.

A ideia era vertiginosa, quase impensável e, com um esforço tremendo, ele conseguiu afastá-la. Pensar muito profundamente em tudo aquilo levaria à loucura. Em vez disso, concentrou-se no mundo físico ao redor, no vento frio contra o rosto, nas nuvens se acumulando no céu índigo. Não importava quem ou o que era: estava vivo, estava no exterior e reagia ao mundo com uma intensidade animal. As raízes-de-gelo tinham um cheiro tão bom quanto sugeriam suas falsas memórias; o vento que varria a clareira era do mesmo frescor gélido; a vista da imensa Sierra Hueso, no horizonte mais distante, com o sol brilhando contra a camada de neve nos picos mais altos, era tão linda como sempre; e sua beleza elevava seu coração como em todas as outras vezes. “O corpo continua vivendo”, pensou, amargamente, “mesmo quando desejamos o contrário”.

Esforçou-se para tirar a ideia da cabeça. Não podia se dar ao luxo de ficar desesperado, se pretendia sobreviver. Nada mudara, não importava sua origem, não importava se tinha sido cultivado como uma muda de pimenta ou expelido entre sangue e gritos do ventre da mãe. Ele era Ramón Espejo, não importava o que o alienígena dissesse, não importava o estado de suas mãos. Precisava ser, não *tinha como* ser mais ninguém. Que diferença fazia se existia outro homem — ou outros cem — que também pensava ser ele? Tanto fazia se tinha três dias ou trinta anos de idade: estava vivo, ali, naquele instante, e só aquilo importava. Estava vivo, e era assim que pretendia continuar.

Olhou para o alienígena, que esperava, surpreendentemente paciente.

— Como isso pode ser verdade? — inquiriu Ramón, apertando os lábios.
— Não sou um ignorante qualquer, eu sei o que é um clone. Clones não passam de bebês, que precisam crescer como todo bebê. Eu não deveria ter lembranças. Não funciona assim.

— Você não sabe nada do que somos capazes ou não de fazer — retrucou

Maneck, repreendendo-o. — Mas, ainda assim, você afirma o oposto. Refere-se à criação de um novo indivíduo a partir de um modelo molecular semelhante. Esse processo seria o de desenvolvimento. Você é a expressão da recapitulação. Os dois são dissimilares. — A criatura fez uma pausa. — O conceito se encaixa na sua linguagem de forma abjeta, mas, caso você ganhasse *atakka* suficiente para compreendê-lo, se diferenciaria demais do modelo. Isso interferiria no seu *tatecreude*.

— Minha barriga. Meu braço. As cicatrizes que eu tinha...

— A perfeição fidedigna foi sacrificada. Conforme o tempo progredir, suas características penderão na direção das formas que expressam o todo.

— Minhas cicatrizes vão voltar?

— Todos os seus sistemas físicos continuarão se aproximando da forma de origem. A recuperação da informação progride de forma similar.

— Minha memória? Você quer dizer que isso também está ferrando com a minha memória?

— A melhor aproximação possível traz a melhor aproximação possível. Isso é óbvio.

Ramón encarou Maneck. De repente, compreendeu por que os alienígenas não faziam sexo. Também eram criados em tanques, assim como ele. Talvez até fossem criados no mesmo lugar! Ele e aquele filho da puta eram irmãos — ele tinha mais semelhanças com aquele monstro do que com o verdadeiro Ramón Espejo.

— Fizeram de mim um monstro igualzinho a você — comentou, com amargura, sentindo que voltava a tremer. — Eu nem sou mais humano!

O *sahael* pulsou uma vez, como um alerta, e Ramón sentiu o estômago tensionar e gelar de medo, mas a dor não veio. Em vez disso, para sua mais completa surpresa, Maneck estendeu o braço longo de juntas esquisitas e pousou a mão desajeitadamente sobre seu ombro — uma espécie de gesto de consolo copiado de uma descrição malfeita.

— Você é uma criatura viva imbuída de *retehue*. Sua origem é irrelevante, e você não deveria se preocupar com isso. Ainda pode cumprir seu *tatecreude* ao exercer sua função. Nenhum ser vivo pode desejar mais que isso.

A declaração se pareceu demais com os próprios pensamentos de antes, e

o fez parar e pensar. Ele empurrou o braço da coisa para longe e se levantou. O *sahael* ficou fino e se estendeu, deixando-o se afastar. Para sua surpresa, Maneck não fez menção de segui-lo. Ramón se sentou perto da fogueira, pegando a cigarreira do chão, abrindo-a. Era a coisa mais próxima de um espelho a que tinha acesso desde que fora retirado do tanque. O rosto era mais macio e leve do que estava acostumado, com menos rugas nos cantos dos olhos. As verrugas e cicatrizes tinham desaparecido. O cabelo era mais fino, mais leve. Ele parecia diferente, ainda não formado. Parecia jovem. Ao mesmo tempo, parecia e *não* parecia consigo mesmo.

O mundo ameaçou rodopiar à sua volta outra vez, e ele se apoiou para se equilibrar, apertando as palmas contra o solo firme de São Paulo, ancorando-se na realidade, ancorando-se no presente. Se o que Maneck revelara era verdade, se houvesse mesmo outro Ramón Espejo à solta, isso mudava tudo. Não havia mais vantagem em enrolar. Se o outro Ramón retornasse ao Alto do Violinista, até poderia causar alguma reação com a história de uma base alienígena secreta, claro, mas ninguém, nem mesmo o outro Ramón, teria a menor ideia de que *ele* existia. Até poderiam enviar uma força militar, poderiam até tentar atacar os alienígenas, mas não estariam procurando por ele. Talvez, se conseguisse encontrar o outro Ramón, quem sabe juntos poderiam virar o jogo. Sabia o que faria se soubesse que estava sendo caçado. Teria dado um jeito de matar os caçadores. E esta era sua única chance. Se pudesse alertar o outro Ramón de que ele estava sendo perseguido e que podia confiar nele para fazer a coisa certa, que juntos poderiam destruir o alienígena que controlava sua coleira! Por um instante, torceu para que as palavras de Maneck fossem verdade e que houvesse outra mente como a dele à solta nos ermos. Sentiu um estranho orgulho do outro Ramón — a despeito dos monstros e dos poderes à disposição deles, o outro Ramón conseguiu escapar, enganá-los, e mostrar do que um *homem* é capaz.

Mas será que o outro Ramón o ajudaria, ou será que ficaria tão horrorizado com ele como ele ficara em relação ao alienígena? Se ajudasse o outro Ramón a escapar de seus perseguidores, ele decerto ficaria grato. Tentou imaginar a si mesmo rejeitando alguém que o ajudara no momento de maior necessidade. Não achava que faria uma coisa dessas. Receberia este novo homem como um irmão, escondendo-o e ajudando-o. Daria uma força para ele conseguir abrir um negócio, talvez até trabalharia com ele...

Ramón cuspiu.

Que idiotice. Não: a verdade era que, se fosse o original, enfiaria uma faca nas — suas — costelas do outro Ramón e daria risada enquanto a abominação alienígena estivesse morrendo. Mas havia alternativa? O outro Ramón também era inimigo de Maneck. Por ora, serviria para que entrassem em consenso. E, se encontrasse um jeito de matar Maneck e se libertar do *sahael*, lidaria com o resto depois. As questões sobre quem ou o que era e como se encaixaria num mundo com outro Ramón teriam que esperar. A prioridade era a sobrevivência, era a liberdade daquela escravidão. E a primeira coisa a fazer era ganhar a confiança de Maneck, fazê-lo pensar que estava cooperando do fundo do coração, envolvê-lo num estado de segurança fictícia até encontrar uma chance de enfiar uma lâmina em sua goela.

Embora ainda sem muita forma, o plano serviu como apoio. Ter um esquema ao menos o impelia a seguir em frente...

— Você acalmou a si mesmo — comentou Maneck.

Ramón não tinha ouvido ele se aproximar.

— Sim, demônio. Parece que sim.

Ele abriu a cigarreira. Estava vazia, exceto pela frase *Mi Corazón*, que Elena mandara gravar na prata. “Meu coração. Aqui está, meu coração, fume até morrer.” Ramón sorriu.

— Não entendo sua reação — declarou o alienígena. — Explique.

— Eu só queria um cigarro — falou Ramón, mantendo o tom amigável. “Está vendo como sou inofensivo? Percebeu que estou pronto para cooperar com você?” — Parece que aquele puto ganancioso fumou todos. Que pena, né? Ah, como eu ia gostar de dar um trago...

Lembrou-se, meio melancólico, do cigarro que usou para acender o pavio, todo aquele tempo atrás. Ou que o outro usou. O cigarro fumado com outros pulmões, em outra vida.

— O que é um “trago”? — indagou Maneck.

Ramón suspirou. Quando não estava falando com um forasteiro, era como se falasse com uma criança.

Tentou descrever um cigarro para a criatura. O focinho de Maneck começou a tremelicar de nojo antes de Ramón terminar.

— Não compreendo a função do fumar. A função dos pulmões é oxigenar o corpo. Encher os pulmões com vapores nocivos de plantas queimadas e detritos da combustão incompleta não interfere na função? Qual o propósito de fumar?

— Fumar causa câncer — respondeu Ramón, contendo um sorriso.

O alienígena parecia tão solene e intrigado que Ramón não resistiu ao impulso de tirar um sarro com a cara dele.

— Ah! E o que é “câncer”?

Ramón explicou.

— Isso é *aubre*! — exclamou Maneck, num tom alarmante, duro e irritado. — Sua função é encontrar o homem, e interferir com esse propósito não será permitido. Não tente impedir meus esforços contraindo câncer!

Ramón soltou uma risadinha, que virou uma gargalhada. Cada onda hilariante parecia superar a anterior, e ele em pouco tempo teve que segurar a barriga, tossindo com a força da gargalhada que sacudia seu corpo. Maneck se aproximou, a crista subindo e descendo de um jeito que fez Ramón pensar que a coisa estava questionando a situação — como uma criança perguntando aos pais o que dissera para diverti-los tanto.

— Você está sofrendo uma convulsão? — inquiriu Maneck.

Era demais. Ramón urrava e esperneava, apontando para o alienígena. Não conseguia falar. O absurdo da situação e a tensão em sua mente amplificaram a graça que via na confusão de Maneck, incapacitando-o. O alienígena se balançava para a frente e para trás, agitado e incerto. O surto de riso passou aos poucos, e Ramón ficou deitado no chão, esgotado.

— Você está com a saúde abalada? — perguntou Maneck.

— Estou bem, estou bem. Mas você é muito engraçado.

— Eu não entendo.

— Não, não entende mesmo! É por isso que é engraçado! Você é um diabinho muito divertido.

Maneck encarou-o solenemente.

— Você tem sorte por eu não estar em coesão. Se estivesse, destruiríamos você imediatamente e reiniciaríamos o processo com outra réplica, pois esses surtos indicam que você é um organismo defeituoso. Por que teve a

convulsão? É sintoma do câncer?

— Ah, *cabrón* estúpido — resmungou Ramón. — Eu estava *rindo*.

— Explique “rindo”. Eu não compreendo tal função.

Ramón pensou numa explicação que o alienígena pudesse compreender.

— Rir é uma coisa boa — explicou, sem forças. — Prazerosa. Um homem incapaz de rir não é nada. É parte da nossa função.

— Não é, não — retrucou Maneck. — Rir interrompe o fluxo. Interfere com o funcionamento apropriado.

— Rir faz com que eu me sinta bem. Quando me sinto bem, funciono melhor. É que nem a comida, entende?

— Essa declaração é incorreta. Comida fornece energia ao corpo. Gargalhadas, não.

— É um tipo diferente de energia. Quando algo é engraçado, eu dou risada.

— Explique “engraçado”.

Ramón pensou por um minuto, então se lembrou de uma piada que ouvira na última visita ao Vilarejo do Cão. Eloy Chavez lhe contara enquanto bebiam juntos.

— Preste atenção, monstro. Vou contar uma piada.

A piada não deu muito certo. Maneck não parava de interromper com perguntas, pedindo definições e explicações, até Ramón ficar irritado e dizer:

— Seu filho da puta, a piada não vai ser engraçada se você não calar a boca e me deixar terminar! Você está estragando tudo com essas perguntas!

— Por que isso torna o incidente menos engraçado? — perguntou Maneck.

— Quietos! — ralhou Ramón. — Só escute.

O alienígena não falou mais, e Ramón contou a história toda sem interrupções. Mas, quando terminou, Maneck torceu o focinho e só ficou olhando para ele, os olhos alaranjados inexpressivos.

— Agora você deveria rir — explicou Ramón. — É uma história muito engraçada.

— Por que o incidente é *engraçado*? O homem do qual você falou tinha sido instruído a copular com a fêmea de sua espécie e matar um carnívoro de

grande porte. Se era o *tatecreude* dele, ele não o cumpriu. Por que optou por copular com o carnívoro? Ele era *aubre*? A criatura o feriu, mas poderia tê-lo matado. O homem não entendeu que este poderia ser o resultado de suas ações? Ele se comportou de maneira contraditória.

— É *por isso* que a história é engraçada! Não entendeu? O cara trepou com um chupacabra!

— Sim, compreendo isso. A história não seria mais “engraçada” se o homem tivesse cumprido sua função apropriadamente?

— Não, não, *não!* Não seria *nada* engraçada!

Ramón examinou o alienígena ao seu lado: solene, corpulento, estúpido e muito sério. Não conseguiu resistir à vontade de rir.

Então veio a dor — avassaladora, humilhante e degradante. Durou mais do que ele se lembrava. Era infernal, absoluta e complexa como náusea. Quando finalmente terminou, Ramón estava retraído feito uma bolha, os dedos agarrados ao *sahael*, que pulsava em sintonia com seu coração. Para maior constrangimento, estava chorando, traído como um cão chutado sem razão. Maneck se assomava acima dele, silencioso e implacável — naquele momento, parecia a imagem perfeita do mal.

— Por quê? — gritou Ramón, envergonhado ao notar que a voz saía entrecortada. — *Por quê?* Eu não fiz *nada*!

— Você ameaçou contrair câncer para evitar nosso propósito. Você iniciou uma convulsão que incapacita seu funcionamento. Você sente prazer com contradições. Você sente prazer na incapacidade de se integrar. Isso é *aubre*. Doravante, qualquer sintoma de *aubre* será punido.

— Eu ri — murmurou Ramón. — Eu só ri.

— Doravante, qualquer risada será castigada.

Ramón sentiu algo como vertigem. Tinha esquecido. Esqueceu-se outra vez de que a coisa na extremidade oposta da coleira não era apenas um homem com um corpo estranho. A mente por trás dos olhos laranja opacos não era uma mente humana. Era fácil esquecer. Fácil e perigoso.

Se quisesse sobreviver — se quisesse escapar e retornar à companhia de seres humanos —, precisava ter em mente que aquela coisa não era como ele. *Ele* era um homem, não importava como tinha sido criado. Maneck era um monstro. Tinha sido tolo ao tratá-lo de outra maneira.

— Não vou mais rir. Nem vou pegar câncer.

Maneck não falou mais, apenas se sentou ao seu lado. O silêncio cresceu entre os dois, um vão tão estranho e escuro como o vácuo entre as estrelas. Muitas vezes Ramón se sentira isolado entre as pessoas com quem era forçado a trabalhar — norte-americanos, brasileiros e até *mejicanos* puro-sangue que faziam parte de sua família pela cortesia dos estupros. Eles pensavam diferente, aqueles estranhos, sentiam coisas diferentes, não eram confiáveis, pois não podiam ser compreendidos. Em geral, ele se sentia daquele jeito com as mulheres, até mesmo com Elena. Talvez por isso passasse tanto tempo sozinho, por isso se sentia mais à vontade no meio do nada do que com outros da sua espécie. Mas todos tinham mais em comum com ele do que Maneck jamais teria. Estava separado de um norte-americano pela história, pela cultura e pela língua, mas mesmo um gringo sabia rir e ficava puto ao levar uma cusparada. Não havia um denominador comum entre Ramón e Maneck. Anos-luz e milhões de séculos de evolução separavam os dois. Não poderia confiar em nada a respeito da coisa na outra ponta do *sahael*. Pensar nisso o deixou com mais frio que a brisa das montanhas.

Era parecido com o que Mikel Ibrahim, o gerente do El Rey, lhe dissera mais de uma vez: mesmo que leões pudessem falar, não conseguiríamos entender. Sua única chance era nunca esquecer que estava acorrentado a um leão.

Maneck o cutucou.

— Hora de prosseguir com nossa função.

— Espere um pouco — pediu Ramón. — Acho que ainda não consigo andar.

Maneck ficou em silêncio por um tempo, então se virou e começou a andar de um lado a outro, entre o abrigo abandonado e as árvores. O *sahael* puxava e se esticava quando o alienígena se movia. Ramón tentou ignorá-lo. Em algum ponto durante a cegueira provocada pela punição, Ramón mordera a língua. A boca estava com gosto de sangue, não da linfa alienígena: sangue humano com gosto de cobre. Quando cuspiu, era vermelho. Se restasse alguma dúvida ou medo de ser algo inumano depois do que Maneck e seus companheiros demoníacos fizeram com ele, tinha sumido. Maneck lhe mostrara como era alheio à humanidade, e, com isso, mostrara como Ramón

era humano.

— Tem uma coisa — começou. — O seu plano... de me observar e sair para procurar. Se sou mesmo a mesma coisa que o *pendejo* fujão, posso dizer coisas que ele faria. Coisas específicas. Não apenas algo que um homem qualquer faria.

Maneck voltou até seu lado e abanou as cinzas e a sujeira do manto alienígena.

— Você tem um vislumbre do possível fluxo do homem. Você vai expressar esse vislumbre.

— O rio. Ele vai para o rio. Se conseguir chegar até lá e construir uma jangada, vai navegar até o Alto do Violinista. E teria peixes para comer e água boa para beber. Ele poderia viajar dia e noite, não precisaria descansar. Seria a melhor coisa a fazer.

Maneck ficou em silêncio, movendo o focinho como se saboreasse a ideia. “E por que não estaria?”, pensou Ramón. Saborear ideias não era mais estranho que todo o resto a respeito da criatura que o controlava.

— O homem esteve aqui — declarou Maneck, por fim. — Se é a função dele se aproximar do rio, torna-se uma melhor expressão de nosso *tatecreude*. Você funcionou bem. Evitar o *aubre* é melhor que esse “engraçado”.

— Se você diz.

— Prosseguiremos — declarou Maneck, e conduziu Ramón de volta à caixa voadora.

Enquanto sobrevoavam a floresta, Ramón começou a pensar mais sobre o acampamento que deixaram para trás. Detalhes chamaram sua atenção. Por que o outro Ramón deixara o acampamento e retornara tantas vezes? Por que se dera ao trabalho de capturar e retirar a pele de animais se os besouros-doces eram perfeitamente comestíveis? Onde estava o espeto usado para assar os animaizinhos? Aos poucos, entendeu que o gêmeo lá na mata estava aprontando algo. O outro também devia ter formulado um plano, e ele não conseguia compreender bem qual seria.

Mas se ele *fosse* um Ramón Espejo recriado a partir de um pedacinho de carne por uma tecnologia alienígena e inconcebível, se fosse *mesmo* idêntico àquele homem, o sujeito que lembrava ser, já não deveria *saber* do que se tratava? Talvez a aceitação de sua identidade não fosse tão simples quanto

pensara. Ficou se perguntando se o *sahael* poderia fazer mais que humilhá-lo com dor. Talvez pudesse injetar algum tipo de droga em seu corpo que o deixasse mais calmo, mais receptivo, mais passível de ignorar as questões oriundas de sua situação peculiar. Agora que pensava no assunto, não era assim que esperaria reagir.

O alienígena o instruíra a não divergir de sua identidade como Ramón Espejo, e ele seguira a ordem. Mas era mesmo assim que um homem reagiria? Será que *ele* reagiria assim, caso sua trajetória até ali não tivesse passado pelo tanque?

Não havia resposta certa. Só podia ignorar aquelas dúvidas mentais e depositar sua esperança no outro Ramón Espejo, à espreita em algum lugar da floresta. Devia estar por perto. O outro estava fugindo havia três dias, pelo que Maneck dissera. Já estavam quase no quinto. Calculou que ele poderia cobrir trinta quilômetros por dia, ainda mais com os demônios do inferno em seu encalço. Isso colocaria seu gêmeo quase no rio, ao fim daquele dia. A não ser que os ferimentos o tenham atrasado. A não ser que tivesse sofrido uma infecção e morrido sozinho na mata, longe de ajuda. Ramón sentiu um calafrio, mas descartou a ideia. Ramón Espejo estava em algum lugar ali. Um puto osso duro de roer que não morreria fácil.

Por Deus, era bom que não morresse!

CAPÍTULO 10

Ramón nunca tivera a intenção de deixar a Terra. Fora um simples acidente do acaso misturado a algo mais. Aos quinze anos, começou a trabalhar nas minas a céu aberto no sul do México. Um dos operadores adoeceu — muita poeira nos pulmões —, e Ramón assumiu a função. O supervisor lhe mostrara como operar o velho elevador, alertara para o fato de que os transportes de terra de seis metros não reduziam a velocidade caso Ramón se metesse na frente deles, e sua carreira começara. Dezesseis horas por dia sob um sol quente o suficiente para derreter e rachar os lacres de plástico ao redor do para-brisa, empurrando e moendo detritos e cascalho de acordo com as ordens que lhe gritavam. Os farrapos que amarrava por cima da boca começavam o dia com cores chamativas — azul, vermelho e laranja —, mas terminavam com o tom cinza da poeira. Depois de levar uma surra de um dos empregados mais antigos, entrou para a turma comandada por Palenki — o velho Palenki, uma bicha doida, maldoso como um rato, mais impiedoso que o câncer que o matou. Mas garantia que ninguém se metesse com seu time. Foi ele quem mostrou a Ramón como usar um absorvente feminino no capacete para manter o suor longe dos olhos.

Seu tempo de trabalho nas minas foi terrível. Dormia numa cama de lona fornecida pela empresa, numa cabana de madeira minimamente melhor que os buracos onde crescera com os posseiros. A comida tinha gosto de pedra moída. O trabalho era pesado, exaustivo e sem fim, e o dinheiro mal dava para encher a cara no sábado à noite. Mesmo assim, era trabalho.

Palenki lhe dera a grande chance. O velho maldito fez a equipe aprender. Durante a noite, quando ninguém queria fazer nada além de dormir e tentar

esquecer o dia, Palenki fazia todo mundo assistir a tutoriais sobre tecnologia de mineração e geologia industrial. Ramón odiava a coisa toda, mas não queria ser cortado da equipe. Então, mesmo meio contra a vontade, aprendeu. E, embora nunca admitisse, acabou gostando. Entendia as pedras, o modo como a terra se formava, acumulando histórias antigas até alguém como ele aparecer e arrebentar tudo. As sessões tutoriais de meia hora eram a melhor parte do dia. Quase valia a pena perder um pouco de sono no processo.

E talvez Palenki tenha notado. E eventualmente as naves dos Enye de Prata aportaram nas plataformas acima da Cidade do México, mais imensas que a imaginação podia conceber, penduradas no céu como falcões voando contra a corrente. Ofereciam um contrato. Um planeta-colônia. A primeira leva partira trinta anos antes, e os Enye queriam lançar uma segunda nave para levar a infraestrutura industrial de que o planeta precisava. Os primeiros colonos não chegariam durante os próximos séculos, de acordo com os relógios na Terra, mas, considerando os efeitos da relatividade e da realidade assombrosa dos motores de dobra dos Enye, Ramón poderia chegar lá em menos de um ano na nave. Por definição, qualquer um que aceitasse o contrato para desbravar a escuridão carregando os frutos questionáveis da indústria humana viveria mais do que quem ficasse para trás. Só isso parecia suficiente para convencer Palenki. Ele aceitou o contrato e inscreveu toda a equipe.

Ramón lembrava-se de pegar o transportador orbital até a plataforma e dar duas vezes a volta ao redor da Terra, acabando praticamente acima de onde iniciara o voo. Tinha dezesseis anos e estava deixando seu mundo para trás. Só se arrependeu num único momento da empreitada: quando olhou para baixo, já na nave Enye. O azul do oceano, o branco das nuvens, as massas industrializadas de terra brilhando na noite crescente como uma chama permanente. A Terra era mais bonita para quem olhava de longe. E, de longe o suficiente, chegava a ficar linda.

Palenki morrera durante a viagem. O tumor vinha pressionando seu coração havia meses. Ramón e os outros membros da equipe fizeram o possível para reorganizar o grupo, temendo que os Enye não honrariam o contrato sem Palenki. E estavam certos. O contrato foi anulado e, quando as grandes naves chegaram à colônia de São Paulo, os garotos sobressalentes foram jogados naquele mundo estranho como operários genéricos. Ele tinha

deixado de ser um nada na Terra para ser um nada na colônia. Não havia como voltar, e todo mundo que ele conhecia estava morto. Mas lembrava-se de tudo que Palenki lhe ensinara. Encontrou mais tutoriais, tornou-se aprendiz numa companhia de prospecção que foi à falência alguns anos depois. Comprou um daqueles furgões antigos pouco antes da execução dos bens e foi trabalhar como autônomo.

O primeiro trabalho em *terreno cimarrón* foi como ganhar na loteria, como voltar a um lugar que já tinha esquecido. O céu imenso e vazio, as florestas e o oceano, as grandes fissuras ao sul, as montanhas se assomando ao norte. Vazio. Até onde se lembrava, foi a primeira vez que se sentiu verdadeiramente sozinho. E chorou. Então veio a lembrança de se sentar no banco do motorista, deixando o piloto automático levá-lo, e chorar como um homem que acabara de ver Deus.

— Você está sofrendo os efeitos da recapitulação — observou Maneck.
— À medida que as estruturas do seu cérebro forem terminando de se formar, as memórias se tornarão menos invasivas.

Ramón olhou para a criatura, tentando decifrar se ela queria consolá-lo ou lhe dar uma bronca, ou mesmo se o objetivo daquele comentário seria compreensível em termos humanos.

— Do que você está falando, caralho?

— À medida que as vias neurais se encaixarem nos fluxos apropriados, os padrões antigos assumirão o comando sobre proeminências temporárias e inapropriadas.

— Obrigado. Eu não estava preocupado com isso — respondeu Ramón. Instantes depois, perguntou: — Então, se eu tentar com muito afinco, posso fazer uma memória voltar?

— Não. O processo seria impedido pela força de vontade. Você não deve tentar se lembrar de eventos específicos. Fazer isso vai reduzir sua função. Você não o fará.

— É como ficar cutucando feridas e não deixar que elas cicatrizem — traduziu Ramón, então deu de ombros e mudou de assunto. — Ei. Me diga uma coisa: como vocês chegaram aqui?

— Participamos do fluxo. Nossa presença é inevitável.

— Sim, eu sei. Mas vocês, monstruosidades, não são daqui, são? Não

podem ser. Não existe nenhuma cidade, fábrica nem nada daquelas coisas que parecem torres de insetos usadas pelos Turu. Vocês não comem os animais e as plantas daqui, o que fariam se tivessem evoluído nesse planeta. Esse planeta não é de vocês. Então, como chegaram aqui?

— Nossa presença era inevitável — repetiu Maneck. — Dadas as restrições do fluxo daquilo que sua linguagem falha chama de “meu povo”, o resultado era necessário.

— Vocês ficam escondidos dentro de uma montanha — retrucou Ramón, olhando por entre as tiras finas da caixa voadora para o borrão verde e laranja da copa das árvores, três metros abaixo. — Estão incomodados, desesperados para achar minha outra versão, para que ninguém os encontre. Sabe o que eu acho?

Maneck não respondeu. Uma membrana fina e transparente cobriu seus olhos, deixando o laranja opaco. Ramón achava que alguns pássaros faziam aquilo, tinham aquelas pálpebras transparentes através das quais podiam ver. Ou talvez alguns peixes. Ramón sorriu e se encostou na parede.

— Acho que vocês estão embaixo daquela montanha pela mesma razão que eu estava aqui no norte. Acho que estão se escondendo.

— Do que o homem estava se escondendo? — perguntou Maneck.

Ramón sentiu uma pontada incômoda. Não pretendia contar sobre o europeu. Mas de que importava?

— Eu matei uma pessoa. Um cara que estava com uma mulher e não a tratou muito bem. Eu estava bêbado, e ele era um falastrão estúpido. Ele falou alguma merda, eu também. Fomos acertar as contas no beco, entende? Acabou que ele era o embaixador de Europa. E eu enfiei uma faca nele. Enfim, eu queria cair fora. Ir para algum lugar onde ninguém me encontraria, e eu pudesse esperar até a poeira baixar. Então achei vocês, *pendejos*.

— Você matou alguém da sua própria espécie?

— Mais ou menos. Ele era de Europa.

— Ele restringiu sua liberdade?

— Não, nem trepou com a minha esposa nem nada daquelas outras merdas. Não foi isso.

— Então por que você o matou?

— Ele não me fez nada, na verdade. Foi só uma daquelas situações... Acontece, às vezes. Como um acidente. Nós dois estávamos bêbados.

— Bebida alcoólica. Ela removeu suas amarras.

— Sim.

— Você mata para ficar livre, e a liberdade faz com que você mate. Esse ciclo é *aubre*.

— Tem suas falhas — concordou Ramón.

O que o *cabron* tinha dito? Ramón tentou lembrar como a coisa toda tinha acontecido. O europeu deve ter dito ou feito alguma coisa. Uma piada, chacota ou comentário que os levara até aquele beco. Teria sido sobre a mulher? Parecia, talvez, ser o caso. Lembrou-se do beco, da faca, do sangue mudando de cor sob a luz piscante, mas os elementos antes daquilo estavam ausentes ou fora de foco. Não sabia dizer se era resultado do porre ou da natureza incompleta do novo cérebro alienígena.

“Por que você matou aquele cara?”

A pergunta parecia cada vez mais importante.

No céu do norte de São Paulo, nuvens grandes se aglomeravam em camadas brancas, cinzentas e amarelas. Estavam pontilhadas de balões verdes — as plantas com bexigas de hidrogênio que chamavam de lírios-do-céu —, que se moviam lenta e preguiçosamente, girando sobre o próprio eixo bem lá no alto, onde os ventos rarefeitos as faziam esbarrar umas nas outras como águas-vivas no mar. Era sinal garantido de tempo ruim. Ramón viu clarões de relâmpagos abaixo da massa de nuvens baixas, mas estava longe demais para ouvir as trovoadas. Choveria, mas não ali. Onde quer que o outro Ramón estivesse, pelo menos não precisaria se preocupar em ficar encharcado. Como aquilo devia ser estranho para o outro Ramón: ferido, sozinho, sem ter noção da existência de outra pessoa que sabia sobre os alienígenas e estava armando para mantê-lo vivo e livre. Ramón imaginou seu gêmeo lá fora, escondido sob as folhas, talvez até observando a caixa branca como osso traçar um arco bem amplo através do ar.

Com medo. O outro Ramón estaria com medo. E puto. Com medo não apenas pelo que encontrara e pela caçada na qual era a presa, mas também por estar tão só, tão isolado. Existe uma diferença entre isolamento e solidão. Com o furgão e os suprimentos, ele curtiria a solidão. Pensar que era o único

homem ao norte do Alto do Violinista sem nenhum meio de pedir ajuda, dormindo em abrigos improvisados e fugindo de uma raça alienígena misteriosa... Ah, era diferente. Tentou se imaginar naquela posição. Tentou pensar no que sentiria.

Ia querer matar o alienígena de bosta. E sabia que estava certo sobre o outro, já que só de ficar sentado ao lado da coisa o fazia querer *exatamente* aquilo. Ramón suspirou. Pelo menos, o outro não tinha aquele *sahael* grudado no pescoço.

Maneck estremeceu, e a *yunea* parou de repente em pleno ar. Ramón voltou a atenção para o alienígena. As cerdas estavam tão agitadas quanto grama contra o vento forte, os braços pareciam cutucar um ao outro e ao espaço em volta. Um receio profundo aflorou em seu estômago. Tinha acontecido alguma coisa.

— O que houve? — perguntou.

— O homem esteve por aqui. Recentemente. Você estava correto na interpretação do fluxo dele. Você é uma ferramenta adequada.

— Onde ele está?

Maneck não respondeu. A *yunea* começou uma dança lenta para a frente e para trás, como se estivesse suspensa no ar por uma corda. Ramón se levantou, e as tiras do chão beliscaram as solas macias e sem calos de seus pés. Sentiu o coração disparar, mas não sabia dizer se por causa do que esperava ou do que temia que acontecesse. O *sahael* pulsou uma vez e parou.

— Onde ele está? — repetiu Ramón.

Dessa vez, Maneck virou-se em sua direção.

— Ele não está presente — anunciou o alienígena, em sua voz ribombante. — Você vai interpretar esse fato.

A *yunea* inclinou-se, descendo pelo ar. Ramón cambaleou e se sentou outra vez. As copas folhosas se abriram, e uma clareira comprida e larga entrou em seu campo de visão. Pedras grandes e planas — granito, pela aparência — descansavam entre os gramados e as flores selvagens. E, ao lado de uma delas, algo tremulava. Ramón estreitou os olhos, tentando identificar o que era. Um galho, ou graveto, fora fincado no chão na extremidade do pedregulho, com um farrapo amarrado no topo, como um estandarte. O tecido era sujo e pálido, com manchas escuras. Era sua camisa. Era o resto da

camisa de Ramón, amarrada pela manga remanescente.

— Qual é o significado deste objeto? — perguntou Maneck.

— Porra, não faço a menor ideia. Talvez seja uma bandeira de rendição? Talvez ele queira conversar.

— Se ele deseja conversar, por que não está presente?

— Você arrancou o dedo dele com um tiro!

Maneck ficou quieto. A *yunea* fez uma volta lenta em torno da estranha bandeira. Ramón chupou os dentes. Aquilo só podia estar ali para atrair a atenção deles. Mas a ideia de rendição não se encaixava muito bem em sua intuição. Ramón Espejo não se entregaria. A *yunea* flutuou acima da pedra, baixando lentamente até o chão. Ramón imaginou seu gêmeo na floresta, talvez observando os dois. Será que os binóculos estavam na mochila quando os alienígenas o encontraram, ou foram incinerados quando o furgão explodiu? Não, não estariam na mochila. Não havia espaço para binóculos de campo e cargas explosivas juntos.

O incômodo de Ramón transformou-se em pânico. As cargas explosivas! O galho posicionado no limiar da pedra, onde poderia amplificar qualquer vibração da placa de granito. Não era uma bandeira. Era um gatilho.

— Pare! — gritou, meio segundo tarde demais.

A *yunea* tocou o solo. Ramón pensou ter visto o galho se sacudir no instante imensuravelmente breve antes da explosão.

CAPÍTULO 11

Ramón se moveu com dificuldade. Tinha que fazer alguma coisa — alguma coisa urgente —, mas não conseguia lembrar o quê. A terra abaixo de seu corpo parecia instável, como quando ele ficava tão bêbado que era difícil andar. Mas tinha algo ruim, algo importante. E ele não conseguia lembrar o quê.

Foi quando viu a carapaça da *yunea* que teve o primeiro vislumbre de familiaridade. As tiras brancas como osso e os fios de matéria branca líquida estavam quebrados e despedaçados. Os destroços jaziam no chão, espalhados sobre o granito como um jogo de pega-varetas. Só uma parede e um canto continuavam de pé, arqueados feito a coluna de um velho. O ar tinha um cheiro quente e ácido, um aroma familiar aos mineradores: explosivos detonados. Do outro lado da pedra, uma boa porção de terra e cascalho tinha sido pulverizada, arrancada do lugar onde as cargas explodiram, voltadas para romper a superfície, em vez de fincadas fundo no solo. Tinha a impressão — que provavelmente era mais fruto da própria imaginação — de que as tiras da caixa fizeram um clique e se fecharam, ficando opacas, no momento da explosão. Protegendo-o. Protegendo a ele e ao alienígena. Maneck.

Ramón tentou se sentar, mas falhou e caiu no chão. Os braços estavam fracos, e a perna direita sangrava sem parar — tinha um talho logo acima do joelho. Fez um esforço para rolar o corpo. A mente começava a clarear, memórias do passado imediato se encaixando em seu devido lugar.

Aquele escroto tinha tentado matá-los. O outro Ramón, onde quer que estivesse, percebera que estava sendo seguido e criara uma armadilha para

matar o alienígena. Ele sentiu um aperto de ultraje no coração, seguido quase que instantaneamente por um respeito e um orgulho estranho. Que todos os alienígenas soubessem: Ramón Espejo era um baixinho durão, e era perigoso se meter com ele. Ramón sorriu, gargalhou e deu um tapa ineficaz contra o chão, a boca doendo de tanto rir. Tinha sido uma aventura daquelas. Reparou que estava rindo sem ser punido.

O *sahael* ainda pendia do pescoço. A carne pálida estava escura como um hematoma. Ramón engoliu em seco. Pela primeira vez, pensou no que aconteceria caso aquela coisa maligna morresse enquanto ainda estivesse conectada a ele.

— Monstro! — chamou, e sua voz parecia profunda e distante. As camadas externas da audição tinham estourado com a explosão, deixando-o apenas com os tons mais baixos da voz. — Monstro! Você está bem?

Nenhuma resposta. Ramón finalmente conseguiu se sentar e, com uma das mãos pousada no *sahael* ferido e escuro, seguiu o cabo até o corpanzil do alienígena. Maneck estava de pé, mas numa posição que parecia um pouco mais baixa que o normal, como se precisasse de uma base maior para manter o equilíbrio. Um dos braços repletos de juntas estranhas pendia ao lado do corpo, sem forças. O olho esquerdo passara do laranja quente para um vermelho rubro e estava inchado, cinquenta por cento maior que o outro. Porém, a mudança mais dramática era na pele. Em vez da pele com espirais prateadas sobre um fundo preto, como óleo sobre água, metade do corpo do alienígena estava cinza e chamuscada. A carne também parecia mais rígida, como uma linguiça cozida quase a ponto de explodir. Um muco pálido escorria do focinho, salpicando o chão a seus pés. Ramón não fazia ideia do que aquilo significava, mas nada na aparência do alienígena sugeria boa saúde.

— Monstro? — chamou Ramón, mais uma vez.

— Você falhou em antever isso — entoou o alienígena.

— Não me diga.

— Seu propósito é espelhar o fluxo do homem.

— Bem, tudo tem limites — retrucou Ramón, depois cuspiu no chão. — Esqueci que aquele puto estava carregando as cargas de prospecção na mochila. Foi um erro.

— Que outros dispositivos ele tem?

Ramón deu de ombros, tentando se lembrar de como arrumava a mochila de campo.

— Um pouco de comida, mas já deve ter acabado. Um sinalizador de emergência, mas é de curta distância. Foi criado para ativar o sinal de alerta no furgão, só que vocês já deram um jeito nisso. Uma pistola. Eu tinha uma pistola.

— Isso é o dispositivo que acelera metal usando campos magnéticos? — perguntou Maneck, soando mais indiferente e mecânico. Ramón não sabia se a mudança vinha da voz do alienígena ou dos próprios ouvidos.

— Esse mesmo.

— Foi removido dele. Foi isso que separou o apêndice do homem.

— O guarda-mato da pistola arrancou o dedo dele? — indagou Ramón.
— Quer dizer que o *pendejo* fez tudo isso *sem* o dedo indicador?

Maneck piscou. A pálpebra do olho avermelhado não fechava completamente.

— Isso é importante? — perguntou o alienígena.

— Não. Só um pouco impressionante.

Um silvo baixo veio do alienígena. Em qualquer outro contexto, Ramón teria confundido com uma risada. Em vez disso, ficou pensando se a coisa estaria engasgada ou sofrendo uma convulsão. O muco que escorria do focinho assumiu um tom azul intenso por um instante, depois voltou a ficar pálido.

— Quantas outras cargas daquele tipo o homem possui?

— Não sei. Eu tinha quatro na mochila. É o padrão. Usei uma daquelas merdas para achar vocês, então sobraram três. Mas não sei se ele só usou uma carga nessa armadilha.

— Isso pode ser determinado?

— Acho que sim. Posso dar uma olhada. Mas, primeiro, é melhor eu dar um jeito na minha perna. E você está todo fodido.

— Você vai determinar o número de cargas utilizadas — ordenou Maneck, com a voz mais aguda e estridente. Ramón achou que fosse sua audição voltando ao normal. — Você vai fazer isso imediatamente.

— Certo. Preciso ir até a cratera. Você acha que essa merda de coleira consegue esticar até lá?

Maneck hesitou, então começou a se arrastar por cima dos destroços da caixa voadora, na direção da nova cicatriz na paisagem. Os passos eram tensos e cambaleantes. Ramón ouvia a respiração da coisa, aquele silvo baixo se repetindo. A criatura estava obviamente muito ferida.

A cratera era longa, mas rasa. Ramón avaliou a pedra onde a explosão estilhaçara os cantos do granito. Se a carga estivesse posicionada num buraco incisivo, ou mesmo sob a laje, o dano à pedra teria sido muito mais extenso. O outro Ramón angulara a explosão para cima, na direção do que a detonasse. O galho que serviu como gatilho não passava de um punhado de palitinhos espalhados do meio da clareira até o céu. Imaginou um levantador em algum lugar lá no alto, empalado de surpresa por um pedaço de galho, mas conteve o riso.

Se a borda da pedra estivesse mais intacta, teria uma ideia melhor de como o gatilho fora montado. Seria complicado isolar o movimento da pedra das vibrações do graveto e da bandeira tremulante. Só de parar para pensar, conseguia imaginar três jeitos de dar conta do recado, dependendo da formação da pedra.

Mas não era um problema. O mais importante era o fato de a explosão ter sido direcionada para o alto. Ele deu a volta na cratera, mancando, a ferida na perna enviando surtos inesperados de dor pelo corpo todo. O perímetro da explosão era grande e mais ou menos triangular. Ramón quase conseguia entender como tinha sido montada. O galho usado como gatilho era particularmente sensível à estabilidade da rocha, mas bastaria retirar a camisa ou mover o galho para detonar a carga. Seu gêmeo não sabia de qual direção os caçadores viriam, então posicionou as explosões para fazerem um círculo rudimentar. Tinha apostado tudo o que tinha naquela armadilha — e não fora uma má aposta, não mesmo.

Ramón se agachou, os dedos remexendo a terra mais pelo prazer de tocar o solo fresco do que qualquer esperança de reunir mais informações. O chão tinha um cheiro forte de explosivos. Imaginou como teria sido montar a armadilha. Agradável ou enervante? Ou ambos? Mexer com cargas de prospecção sob um gatilho improvisado, sem contar o fato de trabalhar com a mão direita mutilada. E tinha funcionado. A *yunea* fora destruída, Maneck

estava seriamente ferido. Estavam empatados — explosão por explosão, furgão por caixa voadora. Ramón teve a sensação (que beirava o pressentimento) de que seu outro eu, o que aguardava entre as árvores, ia vencer.

— Ei, monstro! — Maneck não tinha saído da beira da cratera. Sua imobilidade, antes tão sinistra, agora parecia um sinal de fraqueza. Ramón mancou de volta até ele. — Você morreu? Consegue me ouvir?

— Eu ouço você.

— Tenho quase certeza de que ele usou as três cargas. E não vai fazer mais nada do tipo.

Maneck não respondeu. Ramón cuspiu e se coçou. O alienígena estremeceu uma vez e abaixou a cabeça. As cerdas estavam caídas como ervas murchas.

— Falhei na realização do meu *tatecreude* — observou o alienígena. — Estou danificado. O homem avançou. Retornaremos aos outros para deliberar.

— Não podemos fazer isso! — retrucou Ramón, a mente repleta de imagens assustadoras da colmeia alienígena. Voltar para *lá* e ficar preso naquela escuridão sufocante pelo resto da vida não era uma opção. A caçada precisava continuar, ou ele nunca escaparia. — Ele deve estar por perto. E não tem mais nenhum recurso. Ou você acha que ele vai parar a gente com uma faca de caça e um par de calças sujas?

— Estou enfraquecido — alegou Maneck.

— E ele também! Você arrancou a porra do dedo dele com um tiro! Está inflamado há dias. Ele está *fugindo* há dias. Deve estar prestes a desabar!

Maneck ficou quieto. Ramón tentou motivar o alienígena a continuar, forçar alguma emoção na direção dele — raiva, convicção, dever, sede de vingança, qualquer coisa — pelo *sahael* danificado, enviando seus sentimentos para dentro da carne daquela coisa. Não podiam desistir agora.

— Desistir e correr de volta para a saia da puta da sua mãe é parte da merda do seu *tatecreude*? Que nem um covarde? É isso? O homem ainda está lá fora, seguindo para o Alto do Violinista, só que agora sabemos para onde ele está indo. Podemos alcançar o *pendejo*. Se nos arrastarmos de volta, vai levar dias. Nesse tempo, ele poderia chegar aonde quisesse. Vai ser tarde

demais para impedir que ele conte para todo mundo que vocês existem.

Maneck não respondeu, então Ramón insistiu.

— Sabe essa armadilha? Não deve estar aqui há muito tempo. Alguma coisa teria acionado o gatilho sem querer. Não, ele está perto. Deve ter ficado por aqui para ver se ia funcionar. Mesmo se estivesse escondido no topo de uma árvore em algum lugar, não estaria nem a dois ou três quilômetros de distância. Você ainda consegue alcançar o *pendejo*.

Maneck moveu a cabeça lentamente de um lado a outro, como se estivesse negando sua sugestão. Ramón sentiu um pavor gelado assolar seu corpo. Não poderia terminar daquele jeito. Precisavam ir atrás do outro Ramón. *Precisavam*. Devia ter algo que pudessem fazer, algum modo de impelir o alienígena ferido a continuar na busca, em vez de jogar a toalha e voltar com o rabo entre as pernas. As mãos de Ramón tremiam, a mente rodopiava como um furacão. Estava se esforçando para não surtar e partir para cima da coisa, chutando e esmurrando, tentando *forçar* Maneck a fazer a coisa certa. Não pensou no que ia dizer, mas, quando falou, as próprias palavras o surpreenderam:

— O que vão pensar de você? Os outros, lá debaixo daquela montanha, seus irmãos? Eles sabem que você está aqui. Sabem por quê. E nem me venha dizer que eles não admiram você por isso. Quer voltar com vergonha, como um *fracassado*? Quer ver como vão olhar para você, depois disso? Beleza. Quer saber como é ver a própria raça dar as costas para você? Beleza. Então vamos. Vamos lá, seu veadinho de merda!

Ramón deu um chute, afinal, acertando o alienígena onde deveria estar o tornozelo, caso aquela coisa tivesse um tornozelo. O impacto foi macio e duro ao mesmo tempo, como chutar uma árvore coberta por uma camada de borracha. Maneck não reagiu.

— Vai embora, então, seu demoniozinho deprimente! — gritou Ramón, o sangue subindo à cabeça, o rosto quente de raiva. — Dê meia-volta e vamos marchar para a sua casa. Deixe que todos vejam como você é um *bosta*. Que você não está conectado ao fluxo de *nada*. Você não é parte deles. Vamos ver se vai gostar quando ninguém der a mínima para você. Ou continue em frente, faça o que esperam de você. Cumpra a missão! Eles não têm colhões para vir aqui. Mostre a eles que *você* tem! E qual é a pior coisa que pode acontecer? Aquele porra-louca lá fora pode nos matar. É com isso que você

está preocupado? Voltar como um fracassado é melhor do que morrer lutando? Tome vergonha! Seja *homem*!

O alienígena abaixou a cabeça, as cerdas se remexendo um pouco.

— Preciso descansar — declarou, em voz baixa. — Mas você está correto. Interromper a função é *aubre*. Expressar meu *tatecreude* é imperativo.

— Imperativo para caralho!

— Vou focar em meus próprios reparos por um tempo. Quando avançar não causar danos adicionais, vamos localizar o homem.

— Ok, então — concordou Ramón, sentindo, aliviado, uma onda de prazer percorrer o corpo. — Ótimo! Bom saber que você resolveu virar *macho*. Vamos rastrear o *pendejo* a pé. Vai dar tudo certo.

— *Ele* também é assim? — perguntou o alienígena.

— Assim como?

— Seus pensamentos não são coordenados. Seu *tatecreude* é fora de foco, e sua natureza é propensa ao *aubre*. Você compreende matança e força de vontade, mas não compreende *niedutoi*. Você é inerentemente falho e, se fosse uma cria *kii*, seria reabsorvido. Você tenta se apartar ao mesmo tempo que quer se reintegrar. Seu fluxo está sempre em conflito com ele mesmo, e a violência que isso gera confunde seu funcionamento apropriado, mas também supera barreiras que, idealmente, o restringiriam. É assim que o homem é, ou você ainda está se desviando do seu fluxo?

Ramón olhou fundo no olho intacto do alienígena, tentando encontrar lógica em tudo o que a coisa dissera. Fluxo e conflito, violência e restrição. Fazer parte ou não. Bem, talvez tenha sido ele quem mencionou aquilo.

— Não, monstro — respondeu, por fim. — Não estou me desviando do meu fluxo. Eu sempre fui assim.

CAPÍTULO 12

Depois de uma hora, o alienígena se levantou com um suspiro mecânico que soou como uma longa corrente despencando por um buraco.

— Vamos prosseguir — anunciou, muito sério, e gesticulou para que Ramón tomasse a dianteira.

Levou pouco mais de uma hora de caminhada lenta ao redor da borda da clareira para encontrarem a trilha deixada pelo outro Ramón. Durante as longas horas da manhã e do início da tarde, Ramón liderou o caminho, o *sahael* se arrastando atrás dele até o alienígena, que avançava a passos pesados, num ritmo constante e lento. Teria sido mais difícil se manter na trilha caso Ramón não soubesse dos truques que ele mesmo teria utilizado para criar pistas falsas. Por duas vezes, chegaram ao que parecia ser um descuido deixado pelo outro — uma pegada enlameada na direção de uma montanha rochosa, um trecho de solo revirado onde ele poderia ter escorregado morro abaixo. Ramón não teve dificuldade em se desviar das pistas falsas.

A natureza da floresta mudava conforme caminhavam. No terreno mais alto, perto das montanhas, as árvores eram todas raízes-de-gelo e coisas que pareciam pinheiros. Quanto mais se aproximavam do rio, mais exótica ficava a folhagem. Viu enormes *perdidas*, uma espécie de salgueiro de galhos largos e troncos pretos em forma de mulheres meio derretidas; imensos *pescados blancos*, que levavam o nome por causa das folhas pálidas com um leve aroma marítimo; gigantescas colônias de musgo de coral, com seus esqueletos brilhantes e róseos espiando por baixo da massa verde chamativa e praticamente imóvel. Ramón se esqueceu da fadiga e do joelho latejante

conforme entrou no ritmo da perseguição. Era como se quase soubesse de antemão para onde estava indo, para onde o outro Ramón tinha ido. Quase se esqueceu da forma corpulenta de Maneck atrás dele, perfeitamente ajustado ao ritmo de seus passos, evitando que o *sahael* se enrolasse em alguma árvore.

Um pé-chato baliu quando ele passou, soltando um barulho irritado que lembrava um oboé. Os ossos finos de um *kyi-kyi*, meio mastigados, estavam espalhados na base de um pequeno desfiladeiro, branco como as tiras da *yunea*. O outro Ramón estava se mantendo mais ou menos na trilha de um riacho que também passava na clareira onde ficara a armadilha. A água era um guia infalível, e, embora não houvesse uma trilha ao lado do rio, Ramón notou que nunca se afastava o bastante para deixar de ouvir o borbulhar da correnteza. Foi tomado por uma sensação de paz, e começou a sorrir. O sol nasceu e a temperatura subiu um pouco. Se estivesse de camisa, sentiria a tentação de tirá-la e amarrá-la ao cinto — não pelo calor excessivo, mas pela sensação boa do ar contra a pele. Depois de um tempo, Maneck pediu que parassem — o que não era nada usual. A pele da criatura tinha um tom cinza chamuscado, e ela parecia quase não conseguir se manter de pé.

— Descansaremos aqui — mandou a coisa. — A parada é necessária para a recuperação.

— Mas só um pouco — retrucou Ramón. — Não podemos deixar que ele se afaste demais. Se ele chegar ao rio... Bem, se ele chegar ao rio, vai passar um tempo construindo uma jangada ou coisa parecida. E ele está com uma das mãos fodida, então acho que vai levar um tempinho. Mas nunca vamos pegar o *pendejo* se ele descer o rio. Deveríamos ter mandado a caixa voadora direto rio abaixo. Aí era só uma questão de esperar até ele passar flutuando.

— Essa sugestão é ineficaz. Não fizemos isso, portanto não há como prever um resultado do passado. Sua linguagem viola a natureza do tempo. Devemos repousar aqui.

Era um bom lugar. O riacho formava um laguinho, e o sol vespertino brilhava prateado sobre a superfície da água. O solo, coberto por uma camada baixa de erva verde-acinzentada oferecia um lugar macio para descansarem. Quando Ramón se deitou, notou que as folhas esmagadas contra suas costas cheiravam a manjerição, a noz-moscada, a algo que ainda não tinha nome. Maneck cambaleou até a beira da água e perscrutou os arredores antes de

fechar os olhos. O olho vermelho, ainda ferido, ficou com uma linha brilhante na fresta onde a pálpebra não fechava.

De onde estava deitado, Ramón conseguia virar a cabeça e deixar um dos olhos bem no nível da grama baixa, admirando como os padrões de sol e vento no lago espelhavam as folhinhas prateadas dançando ao vento. Levou alguns minutos para encontrar a cova escondida.

Estava na borda da clareira, perto de uma pequena cachoeira, onde o lago se tornava riacho outra vez. Um pedaço do mato parecia um pouco mais alto que as outras plantas ao redor. Não era mais comprido que seu antebraço, nem mais longo que sua mão aberta. Ele andou até aquela anomalia, o *sahael* puxando seu pescoço. Notou que o solo tinha sido revirado, as plantas removidas e depois colocadas de volta sobre a cova rasa. Ramón sentiu uma leve inquietação. Parecia algo que o homem — o outro Ramón — faria. Parecia haver algo enterrado ali que o *pendejo* quisesse esconder, mas o que seria? Não havia nada na mochila de campo que valesse o suficiente para ser preservado. Talvez uma mensagem? Algum registro escrito que revelasse a existência dos alienígenas? Mas quem encontraria algo ali?

Depois de um momento de reflexão — será que tinha esquecido quantas cargas de prospecção havia na mochila, ou quem sabe o outro só usara suas cargas na armadilha da clareira? —, Ramón enfiou os dedos na terra fofa. Nem dois centímetros e meio abaixo da superfície, seu dedo tocou um pedaço de carne. Quando puxou a mão de volta, enojado, as pontas dos dedos estavam vermelhas de sangue. Um pelobaixo esfolado e cru fora enterrado, numa cova rasa demais para fazer diferença se tivesse ficado exposto. Avaliou a carcaça e se lembrou das peles no acampamento do outro Ramón. Aquilo era intencional, já estava planejado havia um bom tempo, quando o outro já tinha as armadilhas em mente. Ramón ergueu a coisa com um galho que quebrou da árvore mais próxima. Parecia não haver nenhum mecanismo ligado a ele — nada de gravetos afiados ou facas. O outro podia ter envenenado a carne, mas seria meio absurdo esperar que o alienígena comesse o animal. No que o homem — seu outro eu — estava pensando?

Ramón pegou o bicho morto pelas pernas finas, caminhou até o lago e o jogou na água. O corpo afundou como pedra. Maneck continuou de olhos fechados, imóvel e inativo como uma estátua. Ramón ponderou por um momento. Poderia acordar Maneck e contar sobre a descoberta ou manter o

segredo do outro Ramón. A estranha oferenda o deixou desconfortável, e seu primeiro impulso era falar a respeito. Mas e se fosse parte de um plano de seu gêmeo para derrotar os alienígenas? Talvez fosse melhor guardar a informação.

Maneck abriu os olhos.

— Eu não posso prosseguir mais hoje — anunciou. — Estou muito fraco. Devo me recuperar mais.

— Tudo bem — respondeu Ramón. Quase sentiu pena da criatura. Será que estava muito ferida? Estaria morrendo? — Daqui a pouco vai escurecer, mesmo. Vamos passar a noite aqui.

Maneck permaneceu imóvel pelo resto do dia e pela noite adentro. Ramón quebrou galhos e folhas para fazer um abrigo, o *sahael* se esticando para se adequar à sua movimentação. Quando a noite caiu, ele acordou Maneck enquanto pegava água do laguinho e procurava dois punhados de besouros-doces. O alienígena não perguntou sobre a mudança na sua dieta, e Ramón não forneceu informação adicional alguma.

Quando tudo que restava dos besouros eram as cascas coloridas, Ramón se deitou no chão macio, admirando o céu vasto e estrelado. Da pequena fogueira que fizera para ferver a água para lavar o ferimento e cozinhar, restavam apenas cinzas e brasas. Em outras circunstâncias, teria sido uma noite perfeita. Ao longe, algo emitiu um chamado — um bicho qualquer, talvez um pássaro ou inseto que nunca devia ter sido visto por olhos humanos. Era um som agudo que lembrava uma flauta. Instantes depois, outros dois responderam. Outra memória preencheu seus sentidos. Elena, no apartamento em que morava. Havia tido uma daquelas brigas, com soco e tudo, por causa da mania dele de acampar fora do furgão. Elena dizia que com certeza um animal selvagem o encontraria e o mataria na escuridão. Um amigo dela fora levado por courovermelhos, e Elena alegava ter pesadelos com aquilo. Ramón só estava dormindo com ela havia um mês, sem qualquer sinal de pesadelos, mas mencionar isso só a deixou mais irritada.

A briga terminou quando Elena atirou uma faca de cozinha na direção dele. Ramón respondeu com uma bofetada. E depois treparam.

Bem acima, um meteoro cruzou o céu, queimando e desaparecendo no espaço num piscar de olhos. Gringo Doente observava Ramón e o alienígena

lá das estrelas, e, no horizonte, Homem de Pedra começava a surgir.

Quando se envolveu com Elena, Ramón sabia que ela era doida. Era o tipo de mulher que acaba matando o marido e os filhos e depois cometendo suicídio, e Ramón não a amava mais do que ela o amava — o que era perfeitamente claro para ele e igualmente irrelevante. Concluiu que o que mantinha as pessoas juntas não era o amor ou o ódio. As pessoas ficavam juntas porque combinavam. Elena era uma puta alucinada. Ele era um bêbado assassino. Os dois se mereciam.

Mas ele não era um bêbado ali, nos ermos. No campo, era tão sóbrio quanto um padre. Era um homem melhor. Sua mente estava começando a ficar confusa e enevoada de sono quando o alienígena se sacudiu e ficou alerta. Ramón se sentou.

— O que foi? — sussurrou.

— Algo nos observa — declarou Maneck.

Ramón sentiu um calafrio na espinha. Havia muitos monstros *de verdade* naquelas florestas, e por São Paulo circulavam histórias de espíritos caribenhos, chamados de *duppies*, homens-mariposa ou criaturas misteriosas desconhecidas. Mas com os fantasmas era diferente: havia muitas histórias de fantasmas por ali — havia a lenda de Peter Feio, um prospector que vagava pela noite em busca de uma cabeça sobressalente para substituir a que perdera num acidente de mina; havia Maria Preta, que aparecia para os homens no momento de suas mortes. No Vilarejo do Cão um culto pregava que São Paulo era o lugar para onde os espíritos da Terra iam depois de morrer. A noite ali era repleta de fantasmas, como mariposas ao redor da luz. E, nos ermos escuros, não era uma coisa boa para se pensar — embora *ele* não acreditasse nessas coisas, claro.

Mas pensar naquilo fez o pavor de Elena por courovermelhos e chupacabras voltar de repente, e Ramón se levantou e chegou mais para perto do alienígena gigante. Fechou os olhos e contou vinte respirações, deixando que se adaptassem ao escuro, então examinou as bordas da clareira. Estava tão escuro que ele não conseguiria ver nada se olhasse diretamente. Só sua visão periférica detectaria algum movimento nas trevas abaixo das árvores.

— Ali — murmurou. — Bem à direita da árvore de tronco branco. Naquele arbusto.

Maneck fez um movimento complexo com o braço. Um raio de luz se projetou da mão, e o arbusto explodiu numa bola de fogo. Ramón pulou para trás.

— Venha — mandou o alienígena, e começou a avançar.

Ramón permaneceu meio passo atrás, dividido entre a curiosidade, o medo do que quer que estivesse à espreita ali naquela floresta e a inquietação que sentira em ver a arma de seu captor alienígena. Tinha pensado que a coisa estava desarmada depois que a *yunea* foi derrubada. Era o tipo de erro que podia matá-lo, se não tomasse mais cuidado.

O corpo ao pé da árvore, a carcaça toda contorcida pela agonia súbita e chamuscada de preto na espinha, era de um *jabali rojo*, uma criatura que começara como javali, mas que bem no meio da evolução decidira virar raposa. As presas elaboradas ao lado da boca aberta e sem vida serviam mais para impressionar as fêmeas do que para atacar homens e alienígenas.

— Não é nada — declarou Ramón. — Ele não representa perigo para a gente.

— Poderia ter sido o homem — retrucou Maneck. O que era aquele tom? Arrependimento? Alívio? Medo? Como saber?

Quando retornaram ao pequeno acampamento, Ramón se deitou, mas não conseguiu dormir. A mente considerava cada variação das novas circunstâncias. Maneck ainda estava muito bem armado. O outro Ramón não tinha mais a pistola e as cargas de prospecção. Tentou pensar em maneiras de dar alguma vantagem para seu outro eu, alguma chance que possibilitasse sua própria liberdade.

E depois?

Reparou que encarava Maneck, a estranha silhueta alienígena contra as estrelas frias, um ídolo pagão dedicado a deuses inimagináveis. Não muito tempo depois, começou a cair no sono. Em seu torpor, percebeu que o alienígena é que passara o tempo todo juntando informações — como um homem come, mijá, dorme. Ramón não tinha informação alguma. Mesmo com todas as estratégias e subterfúgios, praticamente não sabia nada sobre o alienígena que já não tivesse percebido quando foi despertado na escuridão do tanque.

Aprenderia. Se ele tinha sido criado, como alegara aquela criatura, então,

de certa forma, também era parte alienígena — era produto da tecnologia alienígena. Era um novo homem. Poderia aprender coisas novas. Poderia compreender os alienígenas, suas crenças, sua forma de pensar. Não abriria mão de nenhuma ferramenta que pudesse usar.

O sono o levou gentilmente para o submundo abaixo da consciência, a determinação de *descobrir mais* ainda travada em sua mente como um rato nos dentes de um cachorro de briga. Ramón Espejo sentiu os sonhos se chocarem contra a mente como água na ribanceira de um rio, então deixou que entrassem. Foram sonhos estranhos, diferentes de tudo que Ramón Espejo já sonhara.

Mas ele não era Ramón Espejo.

CAPÍTULO 13

No sonho, ele estava dentro do rio. Não precisava respirar e para se mover pela água bastava pensar. Sem peso, habitava as correntes como um peixe, como a própria água. Sua consciência se movia pelo rio como se fosse seu corpo. Sentia as pedras do leito polidas pela água e, mais à frente, a mudança de rumo na corrente, onde as margens mudavam o fluxo para um lado e para o outro. E, mais além, muito depois, sentia o mar.

O mar. Vasto como o céu noturno, mas *cheio*. O curso da água mudando ao longo do caminho, vivo e consciente. Ramón foi descendo as águas até chegar perto do fundo sarapintado, então o viu se afastar — na verdade, eram as costas de um leviatã maior que uma cidade, ainda insignificante no abismo vívido.

Então, ele também era o abismo.

Ramón sonhou com fluxos. Sílabas insignificantes ganharam significado e depois perderam o sentido. Visões tão profundas quanto o amor e o sono passavam por ele e o deixavam tomado por um espanto avassalador. O céu era um oceano, e o fluxo preenchia os espaços entre as estrelas. Seguiu o fluxo por centenas ou milhares de anos, nadando entre as estrelas, sentindo na barriga o peso das gerações vindouras, buscando refúgio — algum lugar *seguro* e longe da perseguição, onde pudesse se esconder e cumprir seu destino. E, atrás dele, numa perseguição implacável, vinha uma coisa negra e agourenta, que o chamava com uma voz ao mesmo tempo terrível e sedutora. Ramón tentou não ouvir, tentou não permitir que a coisa o puxasse de volta. A beleza do fluxo, o poder, as possibilidades profundas e indescritíveis... Ele se esforçou para preencher a mente com tudo aquilo e não pensar na coisa

atrás dele, a coisa que se aproximava, os tentáculos mortos ainda fedendo a sangue. A coisa era movida pelo poder da mera consciência de si mesma — notar sua existência, mesmo que para repudiá-la, tornava-a real.

Então, enquanto ainda estava sonhando, algo o agarrou. Uma poderosa contracorrente o lançou numa direção indefinida, de volta à escuridão infernal de onde escapara com tanta dificuldade.

De repente, viu um sol morto acima, pairando, cinzento, num céu empoeirado. Aquele era seu lar, o lugar onde fora criado, sua fonte — como as nascentes dos rios nas geleiras. Sentiu um aperto de pânico no coração. Sabia o que estava por vir, e, ao mesmo tempo, não sabia.

Ao seu redor, surgiram formas alienígenas que conhecia tão bem quanto a um amante. A enorme besta pálida no poço, que lhe servira de conselheira antes da caçada desesperada. As formas pequenas e azuladas dos ovos de *kait*, que nunca seriam chocados. *Mahadyas* de bordas amareladas e *ataruae* já meio crescidos, ainda corcundas. (Ramón conhecia e ao mesmo tempo nunca tinha ouvido falar naqueles nomes.) Todas as crias esmagadas e sem vida, muito além da salvação. Ele era Maneck, *athanai* de sua corte, e aqueles mortos a seu alcance, poluindo o fluxo, eram resultado de *sua* falha. O *tatecreude* não fora completado, e cada uma daquelas coisas lindas decaía em ilusão por falharem em suportar o peso da verdade.

Com um pesar mais profundo do que já sentira em toda a vida — maior do que o da perda da mãe e do pai Yaqui, mais intenso que a dor do coração partido do fim do primeiro amor —, Ramón começou a comer os mortos. A cada corpo consumido, ele se tornava menos real, mais perdido em *aubre* e pecado, mais condenado.

Mas não havia como pará-los. A cada corpinho que ele consumia, os *outros* matavam mais mil. A escuridão gritante que o seguira no voo até ali se abriu como uma caixa que nunca se esvaziaria, revelando horrores sem fim por toda a eternidade. Os devoradores, os sem fluxo, o inimigo. Já tinham visto seus grandes corpos em forma de pedregulho, ouvido as vozes estranhas e sibilantes que entoavam o regozijo da matança, visto as crias sem vida, esmagadas abaixo das enormes máquinas. Naves pairavam no ar como aves de rapina.

“Conheço aquela nave”, pensou Ramón. Era apenas Ramón, e não Maneck. “Eu já estive naquela nave.”

Com um grito agudo que foi tanto dele próprio quanto do alienígena, Ramón acordou.

Maneck estava agachado ao seu lado, os braços longos erguendo-o com uma força que era um misto de carinho e raiva.

— O que você fez? — sussurrou o alienígena, parecendo cada vez menos estranho, todo perdido, assustado e sozinho.

— Sim, *gaesu* — murmurou Ramón, mal compreendendo o que dizia. — Contradição primária! Muito ruim.

— Você não deveria ter usado o *sahael* desse modo — comentou Maneck, inquieto. — Você não deveria beber do *meu* fluxo. Você está divergindo do homem. Isso ameaça nossa função. Você não fará isso novamente, ou irei puni-lo.

— Ei — retrucou Ramón, balançando a cabeça e voltando a si. — Foi *você* quem colocou essa bosta no meu pescoço! Não venha me culpar!

Maneck piscou, com seus estranhos olhos laranja, parecendo se acalmar, talvez um pouco derrotado.

— Você está correto — declarou, depois de uma longa pausa. — Sua linguagem permite a enganação, mas sua participação no meu fluxo não foi proposital. A falha foi minha. Estou doente e ferido, ou não teria perdido o controle do *sahael*. Ainda assim, a falha é minha.

Aquela voz deixou Ramón surpreso e confuso. Ainda era profunda e pesarosa, só que havia algo mais — um toque de arrependimento e pavor que não podia ser só obra da sua imaginação. Ramón se perguntou se ainda havia algum tipo de sinal vazando da mente do alienígena pelo *sahael*, entrando em sua cabeça. Sentiu como se estivesse diante de um homem inconsolável. Desconfortável, ele deu de ombros.

— Não precisa se sentir culpado. Você também não queria que isso acontecesse.

— Você não deve divergir além desse ponto — alertou Maneck, num tom quase suplicante. — Sua mente é deturpada e estranha. E é exatamente como *deveria* ser. Você vai interromper sua divergência do fluxo do homem. Não se integre comigo além desse ponto. Esperaremos aqui, depois vamos caçar o homem. Se ele não alcançar sua colmeia, não haverá *gaesu*. Você *não deve* divergir além desse ponto.

— Então não vou. Não se preocupe. Ainda sou bastante deturpado e estranho.

Maneck não respondeu.

Ao redor deles, os sons da noite aos poucos voltavam, conforme animais e insetos que tinham se assustado com suas vozes elevadas retomavam seus chamados, gritos de acasalamento e caçadas. Ramón se perguntou se o outro os ouvira, se estava perto o suficiente para saber que as cargas de prospecção não eliminaram os perseguidores. Mas, para isso, o homem precisaria estar muito perto, e Ramón e Maneck tinham passado a maior parte da noite sem maiores perturbações, exceto pelo *jabali rojo* e alguns sonhos ruins. O outro Ramón não teria perdido a chance de atacá-los durante o sono — ele mesmo não teria perdido essa chance —, então não deveria estar muito perto. Ainda estava em algum lugar na floresta, e ele e o alienígena ainda tinham que caçá-lo. Mas Ramón agora sabia que aquela não era a única caçada acontecendo.

— Os Enye de Prata — começou Ramón, hesitante. — As coisas grandes, feias e que parecem pedregulhos.

— Os devoradores de filhotes — respondeu Maneck.

— É deles que vocês estão se escondendo.

— É melhor que esse fato não afete sua função. Não devo influenciar suas ações.

— Já sei, não posso divergir e tudo o mais. Mas eu posso lhe contar sobre o que é ser um homem, e estou dizendo que pode ser de grande ajuda ter maiores explicações.

— Já houve participação suficiente... — começou Maneck, mas Ramón o interrompeu:

— Eu me conheço bem demais, sei que vou passar o tempo todo tentando entender. Homens gostam de entender o que acontece. Criam histórias sobre tudo no universo e depois tentam descobrir se estavam certos. É o que fazemos. Foi por isso que pensei que poderia haver alguma coisa de interessante naquela montanha. E eu estava certo, não estava? Então, se você contar, vou parar de tentar descobrir. Se não, é só nisso que vou conseguir pensar.

As cerdas de Maneck se agitaram num padrão que Ramón reconheceu como resignação.

— Eles vieram até nós, ao planeta que gerou o primeiro de nós. Por muitas gerações, pareciam ser *siyanae*. Suas funções pareciam seguir em fluxos compatíveis com os nossos. Não tínhamos ciência da divergência até...

— Até eles começarem a matar sua raça.

— O *tatecreude* deles foi expresso ao esmagarem os filhotes. Dos dez bilhões de nossos *kii*, sobreviveram pouco mais de cem mil. Os devoradores de filhotes realizavam rituais com os corpos. Parecia tirar prazer daquilo. Nós não vimos função alguma para a matança. É necessário à nossa função que existamos, então aqueles que restaram seguiram os canais que não incluíam os devoradores de filhotes. Das seiscentas naves que partiram, temos ciência de trezentas e sessenta e duas que falharam em se isolar do fluxo do inimigo. Quatro chegaram até aqui e se empenharam em se manter incógnitas. Não conseguimos nos comunicar com as demais. As funções dos outros entraram em *nietudo*. Se for parte do *tatecreude* deles, tudo será esclarecido quando atingirmos a união. Se não for, então a ilusão da existência deles não será reconhecida.

Ramón sentou-se no chão aos pés de Maneck. Folhinhas roçaram as palmas das suas mãos quando se inclinou para trás, sustentando seu peso nos braços. A sopa de pensamentos e terminologias do alienígena parecera menos perturbadora na época em que não entendia absolutamente nada. Agora que cada ideia fazia certo sentido, que cada palavra intraduzível soava quase familiar, era pior que uma dor de cabeça.

— Eles vão matar seu povo, se encontrarem vocês — comentou Ramón.
— Os Enye. Vão matar vocês.

— Seria consistente com o *tatecreude* deles.

— E você sabe que eles estão vindo. As naves de transporte. Estão vindo para cá antes da hora.

— Isso é sabido. Eles não têm necessidade de discrição. Têm um fluxo... chamativo.

— E é por isso que vocês precisam parar o homem. Ramón. O *outro* Ramón. Se ele chegar ao Alto do Violinista, vai contar para todo mundo sobre vocês, então os Enye... Merda! Aqueles *pendejos* vão descer aqui e comer vocês!

— Seria consistente com o *tatecreude* deles — repetiu Maneck.

Milhares de perguntas enchiam a mente de Ramón. Será que todas as colônias humanas patrocinadas pelos Enye eram missões secretas criadas para localizar colmeias como a de Maneck? Será que algum dia os Enye de Prata trairiam a humanidade, como fizeram com aqueles pobres alienígenas escrotos? Se a colmeia fosse descoberta, será que a colônia de São Paulo teria cumprido sua missão — completado seu propósito? E, se fosse o caso, será que os Enye permitiriam que a colônia continuasse existindo? E o que o *sahael* fizera com ele para torná-lo capaz de entender todos aqueles conceitos, todos aqueles sentimentos? Onde acabava Maneck e começava ele, Ramón? Em meio a toda essa comoção, Ramón se agarrou a uma única questão, apegando-se a ela como se tudo dependesse da resposta.

— Por que eles fizeram isso? — perguntou. — Por que se viraram contra vocês?

— A natureza da função deles é complexa. O fluxo deles contém propriedades que desconhecemos. Eles eram como nós, até que passaram a não ser mais. Tínhamos a esperança de que você nos revelasse essa resposta.

— Eu?! — Ramón engasgou. — Eu nem sabia de tudo que aconteceu até agora. Como poderia dizer o que aqueles *pendejos* malucos tinham em mente?

— O homem vem deles — explicou Maneck. — Participa das funções dele. Você possui a compreensão sobre matança e propósito. Você mata como eles matam. Compreender o que motiva as matanças dos humanos poderia explicar as demandas deles. A liberdade da bebida alcoólica.

— Não somos assim. Não faço parte dessa sua merda de holocausto! Sou um minerador. Procuro minerais.

— Mas você mata — insistiu Maneck.

— Sim, mas...

— Você matou sua própria espécie. Matou o mais similar a você, em matéria de função.

— Mas foi diferente — retrucou Ramón.

— Em que sentido se manifesta a diferença?

— Não foi porque eu estava bêbado. Beber às vezes faz as coisas saírem do controle. Foi algo entre mim e o outro cara. Mas eu não devorei os filhos

dele, porra.

— Se queremos compreender a natureza dos devoradores de filhotes e a expressão do *tatecreude* deles, devemos canalizar o fluxo deles de volta pelo caminho anterior — declarou Maneck, e Ramón reparou na pontada de angústia na voz do alienígena. Talvez até desespero. — Pode até ser possível encontrar um novo método para satisfazer a função deles. Mas eu não consigo encontrar uma razão plausível.

Ramón suspirou.

— Nem tente. Vai acabar enlouquecendo. Não dá para entender aqueles caras. Eles são alienígenas.

CAPÍTULO 14

Ramón ficou surpreso por ter conseguido voltar a dormir — e mais surpreso ainda quando acordou e notou que estava encostado em Maneck, que passara o restante da noite sentado, impassível e imóvel.

Mas, ainda dormindo, Ramón sofreu três ataques de memórias em seus sonhos antes mesmo de o sol nascer. Uma delas foi sobre um jogo de baralho a bordo da nave Enye, durante o voo que saíra da Terra. Palenki estava num de seus dias bons — coisa cada vez mais rara — e insistira em reunir a equipe para jogar pôquer. Ramón sentiu outra vez as cartas estranhamente macias e flexíveis em suas mãos. Sentiu o fedor intenso e pungente dos enormes corpos dos Enye e o aroma sutil e onipresente de cerâmica quente, como uma panela vazia deixada no fogão aceso. Ganhou do *full house* de Palenki com um *straight flush*. Lembrou-se da expressão de deleite de seu ex-chefe doente sumindo quando as cartas foram colocadas na mesa, a decepção tomando os olhos do velho minerador como lágrimas secas. Ramón se arrependia de não ter abandonado a partida sem mostrar as cartas.

Aquela era a única memória que parecia relacionada à estranha interação com a mente de Maneck. As outras trouxeram à tona momentos mundanos — um banho num hotel na Cidade do México, antes de ir para um bordel, e uma refeição de peixe de água doce coberto com pimenta-do-reino, logo que chegara a São Paulo. Em cada caso, a memória era tão vívida que parecia ter se transportado do presente para o passado, como se de fato estivesse *lá*, em vez de deitado na grama, numa noite fria, ao lado de uma monstruosidade alienígena. Cada vez que acordava, mesmo que fosse só por um instante, via Maneck sentado ao seu lado, imóvel feito uma estátua, e tinha a impressão de

que a criatura sabia o que estava acontecendo com ele. Mas mesmo assim Maneck não ofereceu conselho algum sobre como acomodar aqueles ataques intrusivos do passado. Ramón também não pediu. Era obra da sua mente voltando a ser como deveria e ponto-final. Mas ficou calculando quanto tempo teria se passado desde a última vez que o outro Ramón pensara naquele carteadado.

As andorinhas-da-manhã começaram a entoar seu canto baixo e pulsante à medida que, ao leste, o céu trocava a escuridão pontilhada de estrelas por um carvão sombrio, depois abria espaço para a primeira luz fria da manhã. Algo grasniu e saiu voando quando Ramón se levantou e foi até a água. Fosse o que fosse, entrara de mansinho no acampamento e, sem fazer barulho, devorara nacos da carcaça do *jabali rojo* durante a noite. Barbataninhas e bate-hélices voavam por entre as árvores, aos berros, brigando por lugares para fazer ninhos, por comida e por companheiros. Os mesmos problemas ridículos de qualquer forma de vida, em qualquer lugar. Animais maiores, saltadores e cabeçudos, iam até a margem do riacho, olhando para ele sem um pinga de curiosidade, e bebiam a água. Peixes saltavam e caíam de volta na água. Ramón se sentiu relaxar enquanto assistia a tudo aquilo, esquecendo-se por um instante do que era, da missão que fora forçado a cumprir e de como havia pouca esperança.

Então voltou ao acampamento, comeu mais besouros-doces, fez a revisão habitual de todas as funções biológicas para o alienígena e se preparou para a caçada. A pele de Maneck ainda parecia chamuscada, mas as espirais oleosas em seu peito começavam a reaparecer. A criatura permaneceu meio encurvada, próxima ao solo, os movimentos muito calculados e cautelosos. Ramón desejou saber mais, para poder julgar a seriedade dos ferimentos do alienígena — se a criatura fosse desabar, não havia necessidade de bolar planos de fuga complexos. Além disso, e se não conseguisse se libertar do *sahael* depois que Maneck morresse? Que ideia terrível, ficar acorrentado ao corpo pútrido do alienígena até morrer de fome! Ou, talvez, morresse junto com Maneck — afinal, compartilhavam impulsos físicos pelo *sahael*. Não tinha pensado naquilo antes, o que era preocupante. Ainda assim, caso surgisse uma oportunidade, correria o risco...

Quando ficou claro o suficiente, Ramón e Maneck se levantaram sem precisar trocar palavras e partiram rio abaixo. A trilha do outro Ramón seguia

para o norte, embora o Alto do Violinista estivesse bem ao sul. Talvez ele quisesse despistar seus perseguidores, tomando um caminho inusitado. Ou talvez estivesse atrás de madeira de melhor qualidade para a jangada. Ou talvez houvesse alguma outra razão que Ramón nem sequer imaginasse.

Caminharam em silêncio, apenas o som das folhas secas e das agulhas dos pinheiros quebrando sob seus pés competia com a gritaria de uma *anaranjada*, o berreiro dos pelobaixos e o coro de chilreios dos grilos-avinagrados. No meio da manhã, depararam-se com a trilha de algum mamífero grande por entre as árvores. Analisando os rastros macios e fibrosos do *kyi-kyi*, Ramón determinou que o bicho que lembrava um antílope passara por ali no dia anterior, provavelmente nas últimas horas de luz. “Parece um bom lugar para caçar”, pensou, sentindo algum desconforto, mas sem conseguir entender por quê.

Achou que chegariam ao rio que buscavam antes do anoitecer. O outro Ramón devia estar por perto. Estimou que levaria três dias para fazer uma jangada decente com as ferramentas adequadas — machado, madeira e corda. E com todos os dedos, claro. O outro Ramón estava em desvantagem, mas...

O mais inteligente seria fazer uma jangada de qualidade mínima, apenas resistente o bastante para flutuar rio abaixo, e usá-la para fugir. Assim que se distanciasse mais, o homem poderia aproveitar o tempo para construir um transporte melhor. Era questão de medir os riscos: a velocidade contra o perigo de confiar a própria vida a algo tão precário que poderia se desfazer na água. Ramón continuou andando, tentando permanecer em silêncio, perguntando-se que riscos teria considerado caso estivesse no lugar do outro. Um puxão forte no pescoço o lembrou de Maneck.

O alienígena tinha parado. O olho laranja flamejante parecia embaçado. O olho vermelho estava inchado, num tom escuro de sangue coagulado. A pele não estava chamuscada, mas também não exibia os padrões espiralados de antes — estava cor de carvão e parecia fina como papel-vegetal.

— Devemos fazer uma pausa — declarou Maneck. — Devemos recuperar nossas forças.

Ramón sentiu uma pontada de irritação. Não tinham tempo para aquilo. Mas também era um sinal de fraqueza. O demônio não estava lidando bem com os ferimentos causados pela armadilha do outro. Aquilo era um bom sinal. Maneck podia estar armado, mas não era invulnerável. Se o outro

Ramón encontrasse um jeito de quebrar o controle do alienígena sobre *ele*, poderiam destruir a criatura juntos.

Ramón cerrou os lábios. Sentia um aperto incrivelmente desagradável no peito. Não era doença, e sim arrependimento. Ele se lembrou dos *kii* esmagados pelos poderosos Enye. A memória do sonho da noite anterior tinha desvanecido com o passar das horas, a tristeza imbuída na lembrança deixando de ser uma emoção, passando a ser apenas um eco. A convicção que sentira de que qualquer preço justificasse o fim daquele horror do *gaesu* também tinha esmaecido, mas não desaparecera. Sabia que não era um pensamento seu, e sim de Maneck. Entretanto, isso não o impedia de incorporar a urgência da criatura.

— Certo, monstro. Vamos descansar. Mas só por alguns minutos. Não temos muito tempo.

O alienígena examinou Ramón, as cerdas se agitando de um modo que parecia ao mesmo tempo diversão e exaustão, então a criatura se arrastou até o tronco largo e grosso de um carvalho-de-fogo. A planta tinha folhas tão largas quanto as mãos de Ramón lado a lado, e a casca do tronco se desprende e caiu com um barulho delicado como o de isopor batendo no chão quando Maneck se apoiou na árvore. Ramón se acorrou junto aos rastros do *kyi-kyi*, esfregando o queixo e analisando a floresta. Era estranho ter passado tanto tempo sem fazer a barba. Seria normal que os pelos estivessem quase compridos o suficiente para deixarem de dar aquela sensação pontiaguda e irritante e oferecerem uma cobertura macia e almofadada. Em vez disso, uma leve penugem brotava de seu queixo e pescoço, como se ele tivesse doze anos outra vez. Abriu a vestimenta alienígena e analisou a cicatriz onde Martín Casaus o cortara com o gancho de metal. A linha pálida estava mais larga, mas ainda bem diferente da cicatriz grossa e enrugada de antes de ser capturado. A cicatriz de machete no ombro ainda não passava de uma protuberância sob a pele. Mas estava crescendo. Ramón estava virando o homem de que se lembrava. E pelo menos conseguia crescer uma barba. Aqueles alienígenas de merda não o tinham transformado em mulher.

“Ainda vou matar esses filhos da puta”, pensou. Mas, embora tivesse a intenção e a vontade, a raiva parecia mais distante — como uma coisa que *tivesse optado* por sentir, em vez do que genuinamente sentia. Era como estar

apaixonado por Elena. Uma sensação familiar, mas vazia.

— O que você vai fazer comigo? — perguntou. — Quando isso tudo acabar. Quando você matar o homem, o que vai acontecer *comigo*?

— Seu *tatecreude* estará completo — respondeu Maneck.

— E o que acontece com alguém depois que completa o *tatecreude*?

— Sua linguagem é falha. Completar o *tatecreude* é retornar ao fluxo.

— Não sei o que isso quer dizer.

— Uma vez que sua função esteja completa, você será devolvido ao fluxo — explicou a criatura.

De repente, num lampejo de compreensão que o fez pensar se a criatura também sentira aquilo através do *sahael*, Ramón entendeu o que aconteceria com eles dois: morreriam. Seriam reabsorvidos pelo “fluxo”, fosse lá o que aquilo fosse. Assim que tivessem satisfeito seus *tatecreudes*, não teriam mais razão para existir, como ferramentas jogadas fora depois que o trabalho estava concluído.

Talvez Maneck estivesse satisfeito em se submeter àquele destino, talvez o alienígena até fosse receber aquilo de bom grado. Mas, para Ramón, aquilo era só mais um bom motivo para escapar o mais rápido possível.

— Bem, não importa — comentou, sem animação.

Percebeu que descansar estava sendo mais agradável do que imaginara. Seu corpo estava mais cansado do que pensava. Bem, passara todo o dia anterior em marcha, depois de quase ter sido morto por uma explosão. Dormira mal. E talvez a angústia de Maneck estivesse passando para ele pelo *sahael*, que continuava a ter cor de hematoma.

Não conseguia parar de pensar na conexão entre o povo de Maneck e os Enye, mas estava sendo difícil de compreender. Uma guerra que cruzara as estrelas durante séculos, talvez milênios. Uma empreitada contra a raça de Maneck sem qualquer motivo aparente e que empregava a raça humana como ferramenta.

Sempre tinham sido cães de caça de demônios. Mikel Ibrahim, Martín Casaus e até o próprio Ramón. Todos eles, desde o princípio daquela história. Cães mandados para buscar entre os arbustos e botar Maneck e outros como ele para correr. Aquilo mudava o modo como ele via o mundo de maneira tão profunda como mudara sua perspectiva ao descobrir sobre seu gêmeo, mas

não tinha uma ordem alienígena para não divergir daquela nova descoberta. Era livre para achar o que quisesse daquilo, e achou que um minerador independente fugindo da polícia do governador não era o homem certo para compreender aquilo tudo. Pensar no assunto só fazia sua cabeça doer.

Em vez disso, pensou no que Elena estaria fazendo. Devia ser quase meio-dia, e... Fazia quantos dias que se esgueirara para fora do apartamento dela, antes do amanhecer? Uma semana? Mais? Não sabia ao certo nem que dia tinha sido. Não era religioso. O único significado que os domingos tinha era que os bares estariam fechados. Então talvez fosse um dia de semana, e ela teria acordado ao nascer do sol, tomado banho, colocado um vestido e ido trabalhar.

Reparou, sem muito apego à ideia, que nunca traíra Elena. Tinha matado homens, mentido, roubado. Batera em Elena e sofrera agressões dela, mas não visitara as prostitutas do porto enquanto estavam juntos. Mesmo quando brigavam, não procurava os braços de outra mulher.

Para começo de conversa, Elena teria matado ele e *qualquer* mulher com quem dormisse. Além disso, a ideia de procurar uma mulher que o considerasse digno de sua atenção — e sobretudo de seu corpo — o enchia de um desânimo incômodo resultante da rejeição e da expressão de indiferença que via antes de uma recusa. Mas, além disso tudo — e para sua surpresa —, Ramón achava que aquela atitude não era digna de um homem de verdade. Foder mulheres que cobravam pelo serviço, sim. Seduzir a mulher de um amigo, com certeza. Sair com mais de uma mulher, sim — bastava ser um daqueles sortudos filhos da puta que conseguissem dar conta do recado. Mas trair sua mulher depois que ela se tornara sua? Aquilo lhe parecia além do limite. Mesmo quando a mulher era uma doida varrida como Elena. Mesmo se você não a amasse ou gostasse muito dela. Não era atitude de um homem de verdade.

Ramón deu risada. Maneck ergueu a cabeça de tartaruga e a virou para ele, mas, aparentemente, não tinha sido um riso alegre o suficiente para provocar a fúria do *sahael*.

— Até que eu tenho um pouco de honra — comentou Ramón. — Achei que não tivesse.

— E esse som que você fez. Era uma expressão de surpresa?

— É. Algo assim.

— E qual é o motivo para exibir a comida num galho de árvore? Não seria melhor consumi-la?

Ramón franziu o cenho, confuso, e Maneck indicou um galho duplo da árvore sob a qual estavam sentados. Lá, enrolado em folhas que quase obscureciam o sangue, estava a carcaça esfolada de um pelobaixo. Ramón passou o *sahael* por cima do ombro e escalou até o defunto. Era igual ao que encontrara perto do lago. Escondido, mas sem muito afinco. Carniceiros encontrariam a carcaça pelo cheiro, assim como encontraram o *jabali rojo* que Maneck matara. Seu gêmeo estava armando alguma coisa. Mas...

Com uma sensação de conexão que quase pareceu um toque, compreendeu. Lembrou-se de Martín Casaus, quando ainda eram amigos. As histórias que contava, quando bêbado, sobre montar armadilhas para chupacabras usando carne fresca e atraí-los até um fosso...

— Aquele veadinho filho da puta — murmurou Ramón, e pulou de volta para o chão. — Aquele *pendejo* é doido de pedra!

— O que essas palavras significam? — inquiriu Maneck. — A exibição do alimento é *aubre*?

— Não, isso aqui tem uma função. O safado está tentando nos colocar no caminho de um chupacabra, está usando essas carcaças para atrair o bicho até a gente.

— Esse chupacabra. É perigoso?

— Para caralho. O homem já era se o bicho chegar nele primeiro.

— Isto prejudicaria a função dele — retrucou Maneck. — As ações dele carecem de significado.

— Não carecem, não. Ele sabe que sobrevivemos à explosão. Viu a gente e sabe que estamos perto demais para ele construir uma jangada. Ele está cansado e ferido e sabe que vamos alcançá-lo. Então, está tentando fazer a gente dar de cara com um chupacabra e torcendo para que o bicho nos mate primeiro. É um risco absurdo, mas é melhor que desistir. — Ramón balançou a cabeça, admirado. — Estamos enfrentando um *cabrón* de respeito!

Por um momento, Maneck se retraiu, confuso, então pareceu entender o que Ramón dizia e sentia. Talvez o *sahael* tenha dado algum vislumbre da perversidade humana ao alienígena.

— Vamos encontrar o homem antes que isso aconteça — determinou a criatura, se levantando e endireitando a postura.

— É *melhor* mesmo — retrucou Ramón.

CAPÍTULO 15

Ramón e Maneck caminharam pela floresta por mais dois dias, Ramón na frente e o alienígena o seguindo. Paravam para o humano comer e beber, mijar e cagar, mas só descansavam à noite. O outro Ramón começou a acampar de forma cada vez menos elaborada, passando uma noite dentro de um pinheiro partido por um relâmpago e outra num abrigo malfeito. As fogueiras e os abrigos bem-construídos dos acampamentos anteriores ficaram no passado, e Ramón entendia por quê. O gêmeo estava fugindo para valer. Era a reta final.

Encontraram mais três pelobaixos pelo caminho, e Ramón tinha certeza de que deixaram outros passar. A trilha que seguiam devia estar fedendo a sangue para as criaturas de São Paulo. Ramón via cada vez mais indícios de chupacabra: rastros com um cheiro insalubre, troncos de árvores com arranhões profundos de garras afiadas e até chegou a ouvir um uivo distante de solidão e desejo de matar.

Maneck permaneceu distante, quieto, só que mais compreensível do que parecera a princípio. A cada noite de descanso, o alienígena parecia ganhar forças. Nenhum dos sonhos estranhos voltaram a incomodar Ramón, e os problemas de *tatecreude*, matança e o genocídio Enye continuavam longe de suas conversas. Ramón ainda era assolado por memórias de tempos em tempos — lembranças da infância, eventos triviais do tempo que passara na nave dos Enye, a chegada a São Paulo. Descobriu que ficava mais fácil ignorar aquilo se permanecesse concentrado na trilha à frente.

Foi no meio da manhã do terceiro dia que a trilha do *kyi-kyi* chegou ao rio. O grande Río Embudo, tão largo que quase não dava para ver a outra

margem. O que de longe parecera um fino fio de água tinha se revelado uma vastidão de água glacial límpida que corria lépida e tranquila. Árvores atulhavam as margens, e raízes expostas penetravam a correnteza como dedos grossos. Não havia marcas de pegadas humanas na margem enlameada, mas Ramón não tinha a menor dúvida de que o outro passara exatamente por aquele ponto e vira a mesmíssima paisagem. Mas havia quanto tempo? E para onde teria ido, a fim de construir a jangada de fuga? Ramón ficou olhando os reflexos da luz do sol na superfície da água e deixou a mente revirar o problema. O que faria se chegasse até ali, livre, fugindo de um alienígena e despistando um chupacabra?

Coçando a barba fina, virou-se para o sul e começou a percorrer a margem. Maneck o seguiu sem falar uma palavra, o *sahael* balançando entre os dois como um pedaço de corda. A água murmurava. Em outra situação, com outra tarefa em mente, Ramón teria parado e talvez molhado os pés na água do rio e aproveitado a beleza do lugar. Em vez disso, sua mente vibrava com centenas de perguntas: Será que seu gêmeo já tinha feito uma jangada às pressas e flutuado para o sul? O que Maneck faria se encontrasse o outro Ramón? Qual era o tamanho do território de um chupacabra? Não deu voz a nada daquilo, apenas pensou em onde seria o melhor lugar para pisar e que ângulo usaria para desviar das árvores sem que o *sahael* ficasse preso e puxasse seu pescoço.

Havia cada vez menos sinais do gêmeo — nenhuma pegada, poucos galhos quebrados na altura correta para terem sido obra da passagem de um homem. Não que o outro Ramón tivesse tomado mais cuidado, e sim que a quantidade de animais que passava ali naquelas margens obscurecia os rastros humanos. Devia haver mais *kyi-kyi* por ali. E mais ratos de sal e alces negros. As margens barrentas por que passavam exibiam marcas de cascos finos, dedões largos e macios, e lascas cuneiformes de pássaros como os *tapanos* e os pipas-de-pedra. Ao lado deles, o rio fervilhava de vida. O planeta estava vivo. Eram dois alienígenas marchando por um mundo a que não pertenciam. Três, se contassem o outro Ramón.

O rio fazia uma curva larga para o leste, presenteando-o com uma vista majestosa da água e da floresta na margem distante, mas restringindo sua visão da trilha. Ele fez uma pausa, agachando-se ao lado de uma raiz-de-gelo caída e cuspiu. Maneck se aproximou, assomando-se ao seu lado.

— O homem não está aqui — anunciou o alienígena. Sua voz retumbante deve ter atravessado a água como um som de desmoronamento distante.

— Está, sim. Em algum lugar.

— Ele pode ter avançado contra o fluxo do rio — sugeriu Maneck. — Se estivermos procurando na direção errada, não poderemos encontrá-lo.

— Se for o caso, ele vai passar flutuando. Por isso que estou ficando perto da margem. Aí vamos conseguir ver, se ele passar.

O alienígena ficou quieto.

— Você não tinha pensado nisso, né? — zombou Ramón.

— Não sou uma ferramenta apta para esse propósito — retrucou Maneck. As cerdas em sua cabeça se moveram, transmitindo uma sensação que lembrava desespero.

— Você está indo bem. Mas, se não encontrarmos o *pendejo* antes de anoitecer, estaremos encrencados. Ele vai ter a chance de...

O som que ouviu parecia o de algo caindo. Um farfalhar de folhas, um leve sopro de ar. A besta irrompeu das árvores quase sem barulho. Assim que Maneck se virou para o bicho, o chupacabra mostrou os dentes e soltou um berro.

Ramón já tinha visto fotos de chupacabras. Até segurara a pele do que deveria ter sido um espécime jovem. Nada do que tinha visto o preparara para a realidade da criatura que o encarava. Alta como um homem, com talvez três metros e meio de comprimento, os membros pareciam motores de força e velocidade. Garras negras nas pontas de patas muito parecidas com mãos, e uma boca larga — os lábios retraídos, exibindo gengivas escarlate — que parecia pequena demais para as fileiras duplas de dentes. Os olhos não tinham aquele brilho vermelho do carro alegórico: eram completamente negros. O cheiro de predador — de carne podre, de bicho, de sangue seco — chegou antes do chupacabra, atingindo Ramón como uma onda.

Maneck moveu o braço, e uma bola de energia explodiu no peito do chupacabra. O urro da coisa atingiu notas altíssimas, então o ar se encheu do fedor de carne e pelos queimados. Mas o tiro não foi o suficiente para parar a besta, que não vacilou em atacar. O chupacabra colidiu com o alienígena. Pela primeira vez, Maneck pareceu pequeno. Ramón recuou instintivamente até a água, afastando-se até o *sahael* puxar seu pescoço. Seus olhos estavam

pregados na confusão de corpos se debatendo enquanto os dois alienígenas lutavam. Sua mente foi tomada pelo medo e, sem perceber, ele começou a rezar o pai-nosso numa voz aguda e falha.

Através do *sahael*, Ramón *sentia* o corpo de Maneck agarrado ao chupacabra, empregando cada gota de força que lhe restava. A luta não era tão em vão nem tão desigual como teria sido caso Maneck fosse humano. O chupacabra era mais forte e mais pesado, mas não a ponto de deixar o alienígena indefeso. Ramón gritou junto com o alienígena quando a fera enfiou as garras no flanco de Maneck. Os gritos de batalha do chupacabra foram mudando, aos poucos soando mais alarmados, até que começaram a parecer agonizantes. Maneck abraçou a fera com força, os braços que lembravam cabos expulsando o ar dos pulmões do predador. Deu para ouvir as costelas do chupacabra se quebrando. O bicho ofegando de dor, e, por um instante, Ramón foi invadido pela esperança maravilhosa da vitória.

Então, o chupacabra se debateu e retorceu o corpo, sacudindo as pernas. Uma garra perfurou o olho ferido de Maneck, e uma dor insuportável percorreu o *sahael* até a carne de Ramón. Ele e o alienígena gritaram juntos. O chupacabra pulou para trás, caindo sobre as quatro patas, já arqueado para um novo ataque. Ramón sentiu a apreensão de Maneck, em par com sua própria preocupação. O chupacabra deu um salto, e Maneck disparou outra rajada de energia. O tiro passou longe, e o impacto do corpo daquela fera jogou o alienígena para trás. O chupacabra tinha envolvido o corpo de Maneck com os braços, as garras longas e afiadas das robustas pernas se fincando nas pernas e na barriga do alienígena. Ramón gritou de dor, puxando o *sahael* como se pudesse arrancar a coleira.

E, para sua surpresa, sentiu um movimento no pescoço — algo se soltou, feixes de metal se descolando de ossos e nervos. Passou a sentir com menos intensidade as dores de Maneck, e a consciência compartilhada esmaeceu. Com um som sibilante perturbador, o *sahael* serpenteou para longe e se virou, como uma cobra dando o bote, prestes a chicotear o chupacabra. Uma espécie de energia estalava nos fios expostos e inquietos da extremidade do *sahael*, e a besta gritava de dor. Mas Maneck parecia cada vez mais fraco, e nada do que acontecera até então reduzira a intensidade dos ataques daquela fera incansável. Ramón entrou no rio, a água congelante chegando até a coxa, em busca de pedras para atirar no animal... até que a ficha caiu.

Estava livre. E, assim que Maneck morresse, ele seria o próximo alvo do chupacabra. Não era hora de lutar. Era hora de fugir.

Respirou fundo e mergulhou, batendo as pernas, nadando o mais rápido que já nadara em toda a vida, movendo-se com a corrente. Deixou de escutar a luta quando seus ouvidos se encheram d'água. Abaixo da superfície reluzente do rio, nadavam peixes verdes e brilhantes, indiferentes à violência que se desenvolvia na margem. Finos filamentos dourados subiam do musgo no fundo do rio, dobrados pela força da água como se apontassem o caminho para o mar. Ramón tomou o cuidado de nadar acima do alcance daquelas coisas — a picada era tão ruim quanto a de uma água-viva. Quando subiu para respirar, já tinha avançado pelo menos cem metros, e os urros do chupacabra soavam cada vez mais baixos. Respirou fundo outra vez e mergulhou.

Seu primeiro impulso era nadar até a margem oposta, mas desistiu segundos depois de ter a ideia. A água não era muito mais quente que o gelo de onde derreteria, e a adrenalina não seria suficiente para conter a hipotermia. Atravessar o rio era suicídio. Ramón voltou a nadar na direção da costa e percebeu, enquanto golpeava a correnteza com os braços, que estava com problemas. A velocidade do curso das águas o levava para além da curva, mas virar a curva em meio à correnteza também o deixara muito mais longe da margem do que teria conseguido chegar por conta própria. Emergiu outra vez, engolindo água, sendo carregado como um barril. Não ouviu mais a luta. Ou tinha terminado, ou ele tinha chegado longe o suficiente para abafar o barulho com suas braçadas. Virou a cabeça, piscando para limpar os olhos, e viu a margem. Sentiu um aperto no coração.

“Vamos lá, Ramón”, disse a si mesmo. “Você é um *pendejo* durão. Vai conseguir.”

Virou-se para a costa e começou a nadar perpendicular ao fluxo do rio, o mais rápido que conseguia. As plantas e os filamentos de musgo abaixo serviam como guias, conforme forçava o corpo na direção da segurança incerta da terra. Os pés e as mãos começaram a formigar, depois logo ficaram dormentes. As orelhas doíam. O rosto e o peito ficaram inchados e borrachudos, mas ele perseverou. Não podia morrer ali. Tinha que chegar à margem. Era a bosta do seu *tatecreude*.

Concentrou-se apenas em mover o corpo — bater as pernas, alavancar o

corpo com os braços e as mãos. O tempo perdeu o sentido. Poderia estar nadando havia três minutos, uma hora ou sua vida toda. Sentia um frio mortal, como uma faca penetrando no corpo. Vacilou uma vez, seduzido pela ideia de que precisava de um descanso.

Já estava morto. Só continuava tentando por pura teimosia — e como Ramón Espejo era teimoso. Mesmo quando apenas se deixava flutuar, cuspiu a água da boca e respirou mais uma vez. E mais uma. E mais outra. A mente começou a se perder em devaneios, e ele se lembrou do sonho em que estava em sintonia com o rio, em que se transformava no fluxo da corrente. Talvez não fosse tão ruim, afinal. Só mais uma respirada para poder pensar a respeito. E mais uma.

Foi salvo por um banco de areia. O rio ficou mais largo, a margem direita ficando mais rasa à medida que o rio se alargava. Havia pedaços de madeira fincados na areia, como os chifres de alguma fera saída de um pesadelo. Ramón encontrou um tronco antigo preso, perpendicular à água. Escalou a lateral negra e gosmenta e abraçou a madeira como a uma amante. Sentia frio demais até para tremer. O que não era nada bom. Precisava sair do rio. A água ali batia nos joelhos, e os pés estavam dormentes. Ramón mordeu o lábio inferior até sentir gosto de sangue — a dor o ajudava a se concentrar.

Precisava chegar à margem. Depois precisava dar um jeito de se secar e torcer para que o sol aquecesse sua pele. No banco de areia havia troncos e galhos o suficiente para ele se mover de um suporte a outro — ao que parecia, qualquer coisa que caísse no rio mais para cima acabava presa ali. O perigo era escorregar e cair na água, sem forças para se levantar outra vez. Precisava tomar cuidado.

Respirando fundo, Ramón empurrou sua amante de madeira negra para longe e foi até uma pequena barragem de galhos amarrada por ervas e tiras de casca de árvore. Dali, foi até uma pedra baixa. Depois, até outro tronco escorregadio e gosmento. Ali, a água não passava dos tornozelos. Ramón arrastou-se para a terra seca. Desabou no chão, com uma risada fraca, e vomitou o que pareciam ser muitos litros de água do rio. A vestimenta alienígena estava pesada de tão encharcada, os sapatos tinham se soltado dos pés em algum momento. Com os dedos inchados como linguças, ele arrancou a roupa e se deitou, nu, tentando aproveitar os últimos lampejos de consciência para virar o corpo na direção do sol.

Não foi o sono que o levou — mas também não foi a morte, já que a consciência retornou um tempo depois, e ele se sentou com dificuldade. O sol tinha avançado quase três palmos no céu, abaixando-se para o oeste. Ramón sentia os dentes baterem como um tubo de suspensão desbalanceado. As mãos e os pés estavam azuis, mas não pretos. A veste alienígena que jogara para longe tinha secado, o tecido aquecido pelo sol. Vestiu a roupa, meio sem jeito, e se sentou abraçando os joelhos, rindo e chorando. O ponto no pescoço onde o *sahael* se fincara parecia estranhamente quente. A pele ali era tão lisa quanto as pedras polidas pelo rio, tão insensível quanto uma marca de bruxa, como o artifício usado na Inglaterra durante o século XVII pelos “Localizadores de Bruxas”, com autorização da Coroa, para identificar bruxas — se a pessoa não reclamasse de dor quando um alfinete retrátil fosse enfiado na pele da acusada, ela era condenada por bruxaria e, na maioria dos casos, executada. Ramón passou os dedos no ponto em que a coisa se fincara e assimilou a realidade. Tinha conseguido. Estava livre. Olhou para a água com uma sensação de alegria e descrença. Tinha conseguido!

Não reparou em como os galhos amarrados no banco de areia eram inusitados até ouvir uma respiração profunda atrás de si e se virou para encarar um rosto muito familiar. O outro Ramón estava de pé na orla da floresta. De peito nu, calças rasgadas em bermudas rudimentares. O cabelo escuro espetado e bagunçado. A mão direita envolta numa bandagem já preta de sangue seco, a esquerda segurando uma faca de campo. Sua mochila estava pendurada no ombro queimado de sol. Claro. O outro tinha feito uma jangada improvisada, aqueles galhos lá atrás não tinham se amarrado sozinhos com lascas de cascas de árvore. A correnteza e a ironia cruel dos deuses reunira os dois Ramóns no mesmo lugar, ao mesmo tempo, presos no mesmo banco de areia.

Ramón levantou-se, hesitante, sem forças, tentando não assustar seu gêmeo. Ergueu a mão em saudação, um nó de medo na garganta. O gêmeo deu um passo para trás, lançando um olhar ameaçador.

— Quem é você? — inquiriu o outro.

CAPÍTULO 16

A mente de Ramón demorou para reagir. Precisava responder, mas nada do que conseguia pensar parecia ser o certo a se dizer. “Eu sou Ramón Espejo”, ou “Eu sou você”, ou “Por que eu responderia, *pendejo*?” Sentiu a boca abrir e fechar e viu o choque nos olhos de seu gêmeo se transformar em outra coisa, em algo mais perigoso. O outro ajustou a faca na mão.

— Alienígenas! — declarou Ramón. — Aqueles alienígenas de bosta! Eles me capturaram. Você precisa me ajudar!

Era um ponto crucial. A tensão do outro diminuiu um pouco. Ele inclinou a cabeça e encarou Ramón, avaliando-o. Os olhos ainda irradiavam desconfiança, mas não tinham mais o brilho violento. Ramón avançou, caminhando a passos lentos e hesitantes, tomando o cuidado de não fazer qualquer coisa que pudesse assustar o gêmeo.

Ramón examinou o sujeito pela primeira vez, sentindo um fascínio estranho. Afinal, a despeito das memórias que tinha, aquele era o primeiro ser humano que encontrava! Seu gêmeo estava imundo e desarrumado, a barba que escurecia o queixo já enorme e cheia de falhas. A desconfiança voltou aos olhos negros. A mão direita estava envolvida por um pano ensanguentado, e Ramón notou, com uma profunda sensação de vertigem, que faltava um dedo entre aquela bagunça de bandagens. O dedo a partir do qual fora gerado.

Mas o outro Ramón também parecia um pouco *errado*. Tinha imaginado que seria como se ver num espelho, mas não. O rosto a que estava acostumado de ver refletido era diferente. Aquilo era mais como ver um vídeo de si mesmo. Talvez não tivesse um rosto tão simétrico quanto

acreditava. E sua voz era um pouco mais aguda do que imaginava, saía com um tom levemente mais malcriado. Era a voz que ouvia — e odiava — sempre que ouvia uma gravação. O queixo barbudo do outro Ramón parecia mais anguloso.

Como *ele* parecia aos olhos do gêmeo? Cabelo mais fino. Menos rugas. Sem cicatrizes. A barba mais fina. Talvez parecesse mais jovem. E, se o outro Ramón ainda não tivesse pensado que estava vendo a si mesmo, não havia razão para que suspeitasse da artimanha dos alienígenas. Ramón tinha a vantagem de saber o que acontecera, de saber quem era, saber tudo que o outro sabia. O outro tinha a vantagem de não ter quase se afogado. E de ter uma faca.

— Por favor — pediu Ramón, pensando no que poderia dizer para fazer aquilo tudo parecer mais plausível. — Preciso voltar para o Alto do Violinista. Você tem um furgão?

— Eu lá tenho cara de quem tem uma bosta de um furgão? — retrucou o outro, abrindo os braços como um Cristo crucificado. — Estou fugindo desses filhos da puta há uma semana. Como é que você conseguiu fugir deles e veio parar bem aqui, bem agora?

Era uma boa pergunta. Não estavam perto da colônia alienígena, e o momento era conveniente demais. Ramón umedeceu os lábios.

— Foi a primeira vez que me deixaram sair — explicou, decidindo manter a história o mais próxima da verdade possível. — Estavam me mantendo num tanque. Debaixo de uma montanha ao norte daqui. Disseram que estavam caçando alguém. Acho que queriam me usar. Ver o que eu comia e coisas do tipo. Acho que não sabiam de nada, entende? Sobre humanos.

O outro homem ponderou. Ramón manteve os olhos longe da faca. Melhor que nenhum dos dois pensasse nela. Ouviu a própria voz continuando a história, aguda e malcriada. Soava com medo.

— Tentei lutar, mas eles tinham aquele treco. Preso no meu pescoço. Bem aqui, dá para ver onde entrou. Se eu fizesse alguma coisa de que não gostassem, levava um choque. Estou andando há dias. Por favor, cara, você não pode me largar aqui.

— Não vou largar você aqui — retrucou o outro. Havia nojo em sua voz.

Nojo e, talvez, superioridade. — Também estou fugindo. Eles explodiram meu furgão, mas eu tinha uns truques na manga. Acabei com a raça deles!

— Foi você quem fez aquilo? — perguntou Ramón, tentando soar admirado, sem falsidade na voz. — Você que explodiu a *yunea*?

— *Yu...* quê?

“Você só tem direito a um erro desses”, disse a si mesmo. “Tome cuidado, *cabrón*. Pelo menos até estar com a faca.”

— Aquela caixa voadora. É assim que eles a chamam.

— Ah. É. Fui eu. E eu vi você. Estava vigiando.

— Então você viu o treco que colocaram no meu pescoço.

O outro pareceu relutante em concordar que a história de Ramón soava razoavelmente genuína. Pela postura do outro, Ramón viu que o sujeito tinha decidido que não o mataria.

— Como você fugiu? — perguntou o outro.

— Um chupacabra matou o alienígena. O bicho apareceu do nada. E a coleira soltou do meu corpo enquanto eles estavam lutando, aí eu caí fora.

O outro sorriu. Ramón decidiu que o deixaria pensar que ele e Maneck não tinham percebido o plano e os pelobaixos. Melhor do que o outro começar a se perguntar quão inteligente ele era — ou quão burras as outras pessoas poderiam ser.

— Aliás, qual o seu nome? — perguntou o outro.

— David — respondeu Ramón, inventando um nome do nada. — David Penasco. Eu moro lá em Amadora. Sou banqueiro da Corporação Contábil. Estava acampando aqui, sozinho, há mais ou menos um mês. Eles me pegaram enquanto eu dormia.

— A Corporação Contábil tem uma filial em Amadora? — perguntou o outro.

— Sim. — Não sabia se era verdade, não sabia se alguma outra memória ainda não lembrada poderia colocar a história em risco, então fez cara de paisagem e mentiu com convicção. E rezou para colar. — Começamos há quase seis meses.

— Que beleza — retrucou o homem. — Bom, chega de enrolação, David. Temos muito trabalho pela frente, se quisermos dar o fora daqui. Já terminei

um terço de uma jangada. Se a coisa vai ter que carregar nós dois, é bom você começar a trabalhar. Talvez, mais tarde, possa me dizer o que sabe sobre aqueles filhos da puta.

O outro deu meia-volta e saiu andando para a floresta. Ramón o seguiu.

A clareira ficava a mais ou menos vinte metros mata adentro, e o homem nem se dera ao trabalho de construir abrigo ou fogueira. Não era um lugar para descansar, era uma área de construção. Havia quatro feixes de um junco que parecia bambu no chão, amarrados com tiras de casca de raiz-de-gelo. O junco vermelho brilhava enquanto a planta morria — parecia ter recebido uma camada de verniz. Formavam o que Ramón identificou como uma plataforma flutuante. Os feixes entrelaçados com galhos finos e brotos jovens que pudessem ser cortados com a serra da faca de campo formariam uma plataforma flutuante. Não conteria a água, e os dois ficariam com as pernas e a bunda encharcadas pela água que passaria através das frestas rio abaixo, se não arranjassem uma cobertura para aquela jangada rudimentar. E os quatro feixes eram pequenos e não estavam bem presos. Era uma obra bem impressionante para um *pendejo* doido sozinho, ainda por cima com a mão ferida e um demônio do Inferno em seu encalço, mas não conseguiria sustentar um deles no caminho até o Alto do Violinista. Muito menos dois.

— O que foi? — inquiriu o homem.

— Só estou olhando. Vamos precisar de mais junco. Quer que eu corte? É só me mostrar onde encontrou...

O homem considerou a oferta, franzindo o cenho com uma expressão de desgosto. Ramón sabia que estava avaliando a situação por trás daqueles olhos escuros. Ramón — ou David, se esse era o nome que usaria agora — conseguiria coletar a madeira muito mais depressa que o homem ferido, mas para isso teria que ficar com a faca.

— Eu corto — respondeu o outro, gesticulando na direção da mata fechada, indo para mais longe do rio. — Tenta encontrar uns galhos bons para amarrar entre os juncos. E alguma comida. Volte antes do pôr do sol. Vamos tentar terminar essa porra dessa jangada e colocá-la na água amanhã cedo.

— Beleza — concordou Ramón. O homem cuspiu no chão e foi para o sul, deixando-o sozinho.

Ramón coçou o cotovelo, onde crescia um nódulo de tecido, trazendo de volta a cicatriz, e se virou para as sombras abaixo das copas. Notou que não tinha perguntado o nome do homem. Claro que não perguntara: já sabia. Começou a sentir um temor, preocupado que o outro Ramón achasse aquela omissão estranha. Precisava tomar mais cuidado.

Gastou o restante do dia arrastando galhos quebrados e largas agulhas de raiz-de-gelo de volta para o acampamento enquanto inventava uma história aceitável para contar ao gêmeo. Parou uma vez para abrir uns besouros-doces e comer a carne crua. Crus, eram mais salgados, gosmentos e desagradáveis. Mas não havia tempo para mais que aquilo. Tentou não pensar no que teria acontecido com Maneck e o chupacabra, em qual dos dois perdera e qual continuava escondido sob a cobertura das árvores, procurando por ele. Aquilo não mudaria o que ele precisava fazer, então não havia por que gastar seu tempo precioso com a questão.

Ao pôr do sol, ele e o gêmeo tinham juntado seis feixes e cerca de trinta galhos para fazer o piso da jangada. O homem parecia satisfeito com a pilha larga e fofa de agulhas de raiz-de-gelo que Ramón reunira, mas não chegou a mencioná-la. Ramón ferveu duas porções de besouros-doces, e o gêmeo assou um dragão-de-cobre — uma espécie de lagarto que lembrava um pássaro e habitava os galhos mais baixos das árvores. A carne do bichinho se retorcia de um jeito incômodo enquanto assava, movendo-se como se ainda estivesse viva, mesmo já sem o cérebro e depois de ter sido drenado de todo o sangue fino e pálido.

Jogaram conversa fora. Ramón tomou o cuidado de perguntar o nome do sujeito e de onde ele vinha. Depois planejaram o dia seguinte, decidindo como carregar os galhos e feixes até a água para montar a jangada, quanto mais precisariam coletar e se precisariam de mais tiras de cascas de árvore para as cordas.

— Você já fez isso antes — comentou o outro, e Ramón sentiu uma pontada de preocupação. Talvez tenha soado como alguém que sabia demais.

— Eu gosto de explorar. Quando dá. Mas, na maior parte do tempo, fico preso atrás da minha mesa — explicou, tentando agir como se tivesse recebido um elogio. — Trabalho no banco. Sabe como é. Mas o dinheiro é bom.

— Já fez mineração?

— Não. Só saio da cidade, acampo. Dou uma olhada por aí. Coisa do tipo. Gosto de passar um tempo longe das pessoas.

O homem pareceu relaxar um pouco, como Ramón esperava. Sentiu-se um pouco culpado por manipular as emoções do outro daquele jeito.

— E você? — perguntou, e o gêmeo deu de ombros.

— Passo bastante tempo nos ermos. Não tenho por que ficar na cidade. Dá para viver bem aqui, se você souber o que está fazendo. Numa temporada boa, consigo tirar uns seis... talvez sete mil.

Aquilo era um exagero. Ramón nunca tinha faturado mais de quatro mil, mesmo nas melhores épocas. Dois e meio era uma média aproximada, mas tinha vezes em que nem chegava a mil. Os olhos negros do outro pareciam desafiá-lo a discordar, então ele apenas balançou a cabeça e fingiu que estava impressionado.

— Mas que beleza!

— Não é difícil, basta saber o fazer — retrucou o outro, acomodando-se.

— O que aconteceu com a sua mão?

— Aquela porra daquele alienígena — respondeu o homem, desenrolando o tecido duro de sangue seco. — Eu estava atirando neles, e minha arma explodiu. Me fodi bonito.

Ramón se inclinou para olhar. À luz do fogo, era difícil definir o quanto daquele vermelhão era da carne inchada ou do reflexo das chamas. A pele da palma parecia carne moída deixada ao relento durante a noite. Onde deveria haver um dedo indicador, havia um toco estranho — a carne queimara, formando uma cicatriz de um tom de prata estranhamente lindo e opalino.

— Você cauterizou a ferida — constatou. Lembrou-se do acampamento onde encontrara a cigarreira, onde Maneck lhe revelara sua natureza de cópia. Por isso que o outro tinha passado tanto tempo lá. Estava se recuperando do tratamento improvisado.

— É — concordou o homem, a voz saindo casual e arrastada de um modo que Ramón entendeu que era pelo orgulho do que fizera. — Aqueci a faca até ela brilhar e a usei. Tive que fazer. Estava sangrando demais. E tive que cortar um pedaço de osso.

Ramón conteve um sorriso. Como ele e seu gêmeo eram durões. Não conseguiu reprimir o sentimento de orgulho pelo que o outro fizera.

— E a febre? — perguntou.

— Vai e volta — admitiu o outro. — Não tem nenhuma marca de coagulação no braço, então parece que não tive septicemia. Ou já teria morrido, né? Bem, me conta como você caiu nas garras daqueles demônios.

Ramón recitou sua história inventada. Pouco menos de um mês antes, estava acampando sozinho bem ao norte. Tinha sido deixado pela mulher que amava, Carmina, e queria passar um tempo sozinho, num lugar onde ela não pudesse encontrá-lo e os amigos não teriam como aparecer para tentar ajudar. Tinha visto uma caixa voadora e decidira investigar, então os alienígenas fizeram alguma coisa... bateram em sua cabeça, ou o drogaram, ou qualquer coisa do tipo. Não lembrava muito bem. Ficou preso num tanque até ser retirado e enviado numa caçada. A história era simples o bastante para ele não esquecer, mas também não muito distante da verdade, minimizando as chances de ser pego em alguma contradição. E o outro Ramón provavelmente ficaria do seu lado. Falou sobre a explosão que arruinara a *yunea*, a marcha forçada, o ataque do chupacabra e a própria fuga. Fingiu que estava impressionado quando o homem explicou a estratégia de usar os corpos de pelobaixos para atrair a besta. Começou a achar irritante o deleite do outro pela própria esperteza. Se não assentisse ou fizesse algum barulho elogioso na hora certa, levava um olhar feio do gêmeo.

A conversa foi toda manipulada, do início ao fim. E pareceu funcionar. Quando Ramón explicou que sentia a necessidade de se afastar da civilização, que o conforto dos amigos era tão doloroso e humilhante quanto ser sacaneado, o homem assentiu. E, quando acabou a história, o outro não fez comentário algum. Nem faria. Não era coisa de homem.

— Vamos dormir em turnos? — sugeriu o outro.

— Claro — respondeu Ramón. — Acho que é o melhor a fazer. Posso ficar com o primeiro turno. Não estou cansado.

Era mentira. Ele estava cansado até os ossos, mas tivera aquele período de inconsciência parecido com sono depois que se arrastara para fora do rio. O outro Ramón não tivera nem aquilo. E, de qualquer forma, era melhor tirar um tempo para pensar em como o banqueiro de Amadora ficaria amigo de seu salvador.

O homem deu de ombros e lhe ofereceu a faca de campo. Ramón hesitou,

mas pegou. O cabo de couro meio grudento, o equilíbrio da lâmina. Era familiar, mas também era diferente do que se lembrava. Pensando naquilo, chegou à conclusão de que seu corpo tinha mudado — nunca segurara a faca sem os calos das mãos. O outro interpretou errado sua expressão.

— Não é muito — comentou o homem. — Mas é tudo o que temos. Não vai ser o bastante para segurar um chupacabra ou um courovermelho, mas...

— Sem problemas — interveio Ramón. — Obrigado.

O homem resmungou, deitou-se e ficou de costas para o fogo. Ramón testou o peso da faca na mão, acostumando-se à presença dela ali. Os companheiros improváveis com quem viajava — humanos e alienígenas — pareciam muito confortáveis em lhe entregar facas. Maneck fizera aquilo porque sabia que era seguro. O homem, porque considerava Ramón um aliado. Era um erro que ele também teria cometido. Obviamente.

Ramón ficou analisando a escuridão, tomando o cuidado de não deixar a luz da pequena fogueira prejudicar sua visão noturna, e pensou no que fazer. O homem o aceitara como amigo, ao menos por enquanto. Mas o caminho até o Alto do Violinista era longo, e Maneck dissera a verdade: Ramón ficaria cada vez mais parecido com sua velha persona — e ainda mudaria muito antes de chegarem. Mais cedo ou mais tarde, o homem perceberia que tinha algo errado. E, se não percebesse, Ramón não sabia o que faria quando retornassem à colônia. Seria difícil fazer um juiz aceitar que ele era, aos olhos da lei, o verdadeiro Ramón Espejo. E os Enye poderiam decidir que ele deveria morrer ao lado do povo de Maneck. Não havia nenhum possível resultado positivo de os dois Ramóns saírem do mato juntos.

O mais sensato a se fazer era matar o homem. Estava com a faca, e seu gêmeo estava ferido e roncando. Um corte rápido na garganta e pronto: problema resolvido. Seguiria para o sul e retomaria a vida, e os ossos do outro nunca seriam encontrados. Era o que precisava fazer.

Mas, mesmo assim, não conseguia.

“Sob quais circunstâncias você mata?” A pergunta de Maneck ecoava em sua memória. Ramón se acomodou para resistir às longas e lentas horas do turno, sentindo-se cada vez menos capaz de responder.

Quando o dia raiou, retomaram o trabalho com a jangada. Ramón amarrou outra vez os juncos flutuantes, as duas mãos deixando o laço muito

mais apertado do que o gêmeo conseguira. Avaliaram quantos galhos ainda precisariam para finalizar a estrutura. Foi uma negociação rápida. Ramón e o outro encaravam o problema do mesmo modo e chegaram às mesmas conclusões. A única diferença foi a recusa do gêmeo em delegar uma carga maior do trabalho a ele. Fazia sentido que o homem ileso ficasse com o trabalho mais pesado, mas o gêmeo estava decidido a colocar o banqueiro de mãos sensíveis de Amadora em seu devido lugar, e Ramón reconheceu aquele impulso e soube que não adiantaria discutir.

Ao meio-dia, tinham juntado matéria-prima suficiente para montar a jangada. Ramón juntou dois galhos cortados e uma corda de hera-do-panamá azul brilhante, criando um dispositivo para arrastar os juncos e os galhos até a água. O homem permitiu que ele ficasse com aquela parte, carregando uma braçada de cascas desfiadas e agulhas de raiz-de-gelo. Ramón reparou que aquilo indicava que seu gêmeo estava cansado.

O banco de areia era menor do que ele se lembrava, mas continuava cheio de pedaços de madeira. Sem consultar o homem que andava atrás dele, puxou a carga até a encosta um pouco abaixo daquele ponto. Logo depois do banco de areia ficava uma área com águas mais tranquilas. A contracorrente seria um bom lugar para testarem a jangada antes de se lançarem na correnteza implacável.

Ramón removeu as amarras do dispositivo que usara para transportar os juncos até ali e se agachou na margem do rio. Na água calma, via o próprio reflexo e o do gêmeo parado ao seu lado. Dois homens parecidos, mas não idênticos. A barba de Ramón, cada vez maior, era mais clara e delicada. O cabelo era mais curto, o que mudava um pouco o formato do rosto. Ainda assim, poderiam ser irmãos. Como sabia pelo que procurar, via as verrugas na bochecha e no pescoço do gêmeo, iguais à leve descoloração que tinha onde as próprias marcas nasceriam com o passar do tempo. Sentiu uma pontada na cicatriz da barriga.

— Nada mau — comentou o homem, que cuspiu na água com vontade, perturbando o espelho. A jangada ia ficar grande. A baixa gravidade de São Paulo fazia as árvores crescerem mais rápido, e, em vez de gastar tempo cortando cada junco em dois, usariam os longos pedaços no tamanho original. Não era um grande luxo, mas daria espaço para ambos. — Acho melhor colocarmos alguma cobertura.

— Tipo uma cabana? — perguntou Ramón, encarando os muitos galhos e gravetos que tinham coletado.

— Um abrigo. Para podermos dormir e evitar o mau tempo. Se tivermos madeira o suficiente, poderíamos improvisar uma lareira também. Cobrimos o piso com agulhas de raiz-de-gelo, depois cobrimos com duas mãos de areia, aí podemos ficar aquecidos no rio.

Ramón estreitou os olhos para o homem, depois olhou rio acima, onde Maneck e o chupacabra tinham lutado. Tentou estimar quanto tempo passara na água, o quanto nadara. Era difícil ter certeza. Parecia ter sido muito tempo, uma distância imensa. Mas estivera à beira da morte, então não reparara direito.

— Vamos fazer isso mais para baixo no rio — retrucou. — Primeiro quero sair daqui.

— Está com medo? — perguntou o homem, zombeteiro. Falava num tom provocativo, e Ramón sentiu uma onda de raiva e vergonha.

Via a frustração do outro, a raiva sempre latente, o desejo de atacar, de se sentir melhor ao machucar alguém. Sentiu o gêmeo no próprio peito. Precisaria tomar cuidado ali ou terminariam numa briga da qual nenhum tiraria proveito.

— Com medo de encarar um chupacabra irritado com uma faca e um graveto? — indagou. — Só sendo idiota para não ter medo. Ou doido.

O outro fechou a cara ao ouvir o insulto, mas deu de ombros.

— Somos dois — retrucou, virando para o lado. — Poderíamos dar conta dele.

— Talvez — concordou Ramón, ignorando a mentira deslavada. Tentar derrubar um chupacabra seria tão provável quanto bater os braços e voar até o Alto do Violinista. Mas, se insistisse, acabariam brigando. — Mas e se o *alienígena* tiver ganhado?

— Contra um chupacabra? — perguntou o homem, incrédulo.

Era fácil bater no peito e alegar que conseguiriam matar a besta. O difícil era acreditar que Maneck poderia ter mais chance do que eles de vencer. Ramón se manteve sério.

— A briga estava bem equilibrada quando eu caí fora. O alienígena tinha uma arma e atirou no chupacabra pelo menos duas vezes. Talvez tenha

enfraquecido o bicho. Eu não ia ficar ali para descobrir, sabe? E se aquele puto daquele alienígena estiver vivo e com aquela arma, não vamos querer que ele nos alcance.

— Certo — cedeu o outro. — Se for para você ficar mais tranquilo, podemos descer o rio abaixo por um ou dois dias. Damos um jeito de parar depois para construir o abrigo e a lareira. E conferir o estado do junco, garantir que fique bem amarrado.

Era uma provocação. O homem continuava ofendido por Ramón insistir que poderia amarrar melhor os juncos com as duas mãos do que o gêmeo com apenas uma.

Em outra ocasião, Ramón teria mordido a isca, ficado ofendido e talvez começado uma briga, mas não era hora para aquilo. “Está bem, *pendejo*, pode provocar”, pensou. “Sei que você também está se cagando de medo.”

— Um bom plano. — Foi tudo que disse.

Lacear os galhos e amarrá-los aos juncos flutuantes era um trabalho demorado, mas não muito difícil. Ramón conseguiu entrar no ritmo — colocava a madeira no lugar, amarrava um lado, o outro e o centro, onde cruzava com outro galho. Um, dois, três, quatro, e partir para um novo. Ficou concentrado no trabalho, perdendo-se no ritmo do esforço físico. As mãos e os pés, sem a proteção dos calos, doíam e ficavam cobertos de bolhas. Ignorou a dor: era parte do pacote. Se o outro podia cortar o osso do próprio dedo, Ramón conseguia aguentar uns arranhõezinhos nas palmas.

O gêmeo fez o melhor que pôde para manter o ritmo, mas a mão machucada o atrasava muito. Ramón sentia a frustração do outro aumentando enquanto ele se esforçava para não deixar aquele banqueiro de merda se sair melhor. Quando o sol mergulhou entre as copas das árvores na encosta oposta, Ramón notou, com certa satisfação, que a bandagem na mão do outro tinha um tom brilhante e escarlate de sangue fresco.

Quando acabaram, cobriram a base de galhos com as agulhas de raiz-de-gelo, alinhavando as folhas largas com textura de couro até parecerem um carpete. Não estava totalmente à prova d’água, mas seria o suficiente para não ficarem com a bunda molhada durante toda a viagem para o sul. A jangada não parecia muito impressionante. Não tinha leme, era guiada apenas por um longo remo improvisado na popa. Tinha pouco mais de dois metros

quadrados e meio de área — o tamanho adequado para uma luta de boxe, mas bem apertado como meio de transporte. Não importava: a coisa só precisava flutuar rio abaixo até o Alto do Violinista. Quando a arrastaram até a lagoa, ela flutuou. E, quando subiram a bordo, parecia sólida e segura.

— Nada mau, David — comentou o gêmeo. — Trabalhou feito homem, hein?

— Trabalhamos bem — concordou Ramón. — Vamos dar o fora?

Enquanto as palavras saíram de sua boca, ouviram um som: o grito distante e gorgolejante de um chupacabra. O bicho parecia sofrer de dor. Ramón sentiu um nó no estômago, e o rosto do outro ficou pálido.

— É, vamos dar o fora — concordou o gêmeo.

Ramón usou o remo para afastá-los do banco de areia e ir mais para o centro do rio, onde a correnteza era mais rápida. O outro se agachou na borda da jangada, olhando para trás. Nem a besta nem Maneck saíram da floresta, e o grito não se repetiu. Ramón, ocupado em remar, não conseguia evitar pensar que tinham escapado por pouco. Mais uma noite em terra teria sido o fim. Talvez até mais uma hora. Afinal, tinha sido bom para cacete que o gêmeo tivesse se esforçado tanto para manter o ritmo. E ainda melhor Ramón não ter conseguido matar o sujeito, na noite anterior. Seria impossível para um só homem terminar a jangada a tempo.

Mas o grito do predador, mesmo sendo de dor, também o encheu de uma estranha melancolia. Se o chupacabra tinha sobrevivido, então Maneck estava morto. O *athanai* do seu companheiro fora morto ao tentar proteger seu povo da violência que os perseguira através das estrelas e dos séculos. E a criatura que frustrara o *tatecreude* de Maneck não passava de um macaquinho glorificado das malocas do México que tropeçara na colônia enquanto fugia da lei. Um sujeito que não fazia ideia das consequências que sua descoberta poderia trazer. Pelo menos Maneck morrera tentando. Lutando. Uma morte honrada, mesmo ele tendo falhado com seu povo. Foi tomado por uma estranha sensação de surpresa e inquietação quando notou que quase sentia falta do alienígena, agora que tudo havia acabado, que estava livre. E, a despeito de toda a dor que a criatura lhe infligira, a despeito de todo o ódio que tantas vezes sentira pelo alienígena, Ramón não conseguia evitar uma pontada de arrependimento e pesar pela morte da criatura.

— Mas antes você do que eu, monstro — murmurou Ramón, bem baixinho. — Antes você do que eu!

CAPÍTULO 17

A primeira noite foi a pior. O rio tinha águas tranquilas naquele ponto tão ao norte, então os únicos perigos eram as toras e os escombros flutuando, invisíveis, logo abaixo da superfície da água escura; os predadores aquáticos, como os mórmons e os *carracaos*, e o frio. A jangada não tinha motor, então, a não ser que as rochas e os pedaços de madeira estivessem fincados no leito do rio, eram pequenas as chances de uma colisão provocar qualquer dano. E estavam longe demais das áreas de caça dos principais predadores do rio. Só restava o frio.

Assim que o sol deslizou para trás das árvores a oeste, o rio pareceu sugar todo o calor do ar. Ramón usava a roupa alienígena, que era quente o suficiente, mas muito pequena para cobrir pernas e braços ao mesmo tempo. Mas o outro homem sacrificara a camisa e a parte de baixo das calças para fazer bandagens e armadilhas. Acabaram concordando que o outro devia ficar com a vestimenta alienígena. Ele estava curvado sobre as agulhas de raiz-de-gelo, todo encolhido e tremendo. Não teriam que dormir em turnos. A luz da lua quase cheia era muito intensa, e o frio os deixava desconfortáveis demais para fazer qualquer coisa que sequer parecesse dormir. Ramón pensou em encostar na margem pela noite, mas não sugeriu. O gêmeo teria considerado frescura se a sugestão não tivesse vindo dele — e também não tocou no assunto. E Ramón sabia que ambos estavam ansiosos para aumentar a distância entre eles e o chupacabra. Perguntou-se o quanto um bicho daqueles conseguiria avançar — talvez uns cinquenta quilômetros, mas ele não sabia de onde tinha tirado a informação. De manhã, já seria seguro encostar. Mas talvez fosse melhor irem para a costa oeste, só para garantir.

— Ei, David — chamou o outro.

Ramón piscou, concentrando-se no momento, só então percebendo que estava quase caindo no sono.

— Oi? — respondeu, e tossiu. Torceu para não estar começando a ficar resfriado. Do jeito que era azarado, não se surpreenderia se ficasse.

— Você já foi a Villa Diego?

Ramón tentou se manter desperto e encarou o homem. O gêmeo estava sentado, abraçando as pernas. As rugas pareciam mais evidentes com seu cenho franzido. Ele parecia irritadiço e terrivelmente desconfortável, mas ficou óbvio que já devia estar encarando Ramón fazia um tempo.

— Passei um tempo lá. Por quê?

— Acho que já vi seu rosto por aí. O que você fazia?

— Passei a maior parte do tempo cuidando de alguns negócios. Você deve ter me visto perto do Palácio dos Governantes. Você fica por ali? — Ramón sabia muito bem que não, e o outro homem deu de ombros, conforme o esperado. Sentiu uma necessidade intensa de copiar o movimento, tão natural e automático que seus músculos já o sabiam de cor. Teve que fazer um esforço considerável para, em vez disso, balançar a cabeça e sorrir. — Eu fui algumas vezes a um bar de lá — comentou, sem saber por que tinha resolvido enfeitar a história, mas, já que tinha começado, decidiu continuar: — El Rey. Era perto do rio. Conhece?

— Não — respondeu o outro, com certa rudeza. — Nunca ouvi falar.

— Ah, talvez eu tenha errado o nome. Tinha piso de madeira. E o dono se chamava Michael, ou Miko, ou coisa parecida. Uma vez, vomitei no beco atrás do bar. Tinha uma daquelas luzes de LED. Me lembro disso.

— Não conheço. Talvez você esteja pensando num bar de outra cidade.

O tom deixou claro que o homem não queria mais conversa, e gemeu, dando as costas para Ramón, só para o caso de ele não ter entendido o recado. Ramón se permitiu sorrir e dar de ombros. Não ficara surpreso com a mentira. Se encontrasse um estranho no meio do mato, também não sairia discutindo o assunto. Era um bom jeito de encerrar a conversa.

Mas também sentia uma pontada de arrependimento. Não parava de pensar nos momentos antes da briga, como uma língua explorando o buraco deixado por um dente que faltava. Via a morte do europeu como um filme.

Mas como foi que as coisas tinham chegado tão longe? Lembrava-se da máquina de pachinko. Da mulher ao lado do europeu, o cabelo alisado à moda dos asiáticos. Sabia que a mulher não estava ali porque conhecia ou gostava do homem — acompanhá-lo tinha a ver com seu trabalho. Não fazia ideia de como sabia daquilo. Lembrou-se da risada dela — aguda, curta e assustada.

Como teria explicado a Maneck que uma risada poderia significar muito mais do que simplesmente algo engraçado? O alienígena não teria compreendido que a mesma atitude de um humano quando achava algo engraçado também poderia ser um modo de expressar medo. Um pedido de socorro.

Ramón se agarrou àquela ideia, tentando segui-la de volta a alguma lembrança mais sólida, mas ela nadou para longe, saindo de seu alcance. Só seu gêmeo sabia, e Ramón não tinha como perguntar.

Só falaram novamente pouco depois do amanhecer. Ramón e o gêmeo concordaram em fazer a jangada atravessar o rio, ficando mais perto da costa ocidental até passarem por uma boa fonte de junco. Poderiam fazer a lareira com qualquer coisa grossa o bastante para conter alguns palmos de areia e terra e impedir que o fogo queimasse o fundo da jangada, mas o melhor material para a construção do abrigo era aquele bambu — que, a julgar pelas estrelas, poderia ficar mais difícil de encontrar se descessem muito para o sul.

Encontraram um lugar decente para parar no meio da manhã, e Ramón remou com cuidado até atracarem. O impacto com a margem fez o outro tropeçar, mas a jangada se manteve intacta. Ramón checou os juncos flutuantes, só para ter certeza, mas todos os nós estavam firmes.

O outro passou o resto da manhã cortando, enquanto Ramón procurava comida. Teria sido mais fácil com uma pistola, mas encontrou alguns besouros-doces e conseguiu capturar três bichos gordos cor de lama que pareciam um misto de pitu com enguias. Não sabia o que eram, mas, via de regra, animais venenosos eram coloridos e chamativos, então era provável que aquelas coisinhas fossem comestíveis. De qualquer modo, talvez deixasse o outro prová-las primeiro.

Quando encontrou o gêmeo, ele estava agachado, mantendo a cabeça baixa. Segurava a faca na mão, rosada pela seiva do junco — mais parecia um molho de cereja do que sangue. A pilha de juncos cortados na praia era

menor do que Ramón esperava. Ele pigarreou alto o bastante para ser ouvido acima do barulho da água, e o homem se levantou, estreitando os olhos pretos para Ramón por um instante, antes de empinar o queixo e cumprimentá-lo.

— Olha, consegui umas coisas — comentou Ramón. — Devem ser boas para comer. Já viu esses bichos?

O gêmeo examinou as coisas que lembravam enguias.

— Não. Mas estão mortas, então vamos cozinhá-las de uma vez.

— Certo. — Ramón hesitou, então perguntou: — Ei, você está legal? Parece cansado.

— Não dormi. E, antes disso, estava fugindo para salvar a porra da minha vida. Passei um tempo só com o que estava carregando. E, antes disso, alguém explodiu a merda da minha mão.

— Talvez seja melhor acampar por hoje — sugeriu Ramón, largando as criaturas mortas e estendendo a mão para pedir a faca. — Descansar um pouco, sabe. Recuperar as forças.

— Nem fodendo — retrucou o gêmeo. Encarou a mão estendida à sua frente.

— Não tenho como limpar as tripas dos bichos com a porra das unhas — explicou Ramón.

O gêmeo deu de ombros e jogou a faca para cima, então pegou-a pela lâmina e estendeu o cabo para ele. O cara estava todo ferrado, sem sombra de dúvida, mas ainda tinha bons reflexos.

As coisas parecidas com enguias tinham tripas bem comuns. Ramón limpou tudo o que não parecia músculo, seguindo a teoria de que aquele tipo de tecido não teria enzimas digestivas esquisitas ou sacos de veneno. Assou todas num espeto. Enquanto cozinhavam, cheiravam a rosbife e lama quente. Os besouros-doces foram cozidos no copo de estanho do equipamento de campo. O outro ficou sentado na margem do rio, encarando a superfície brilhante da água com um olhar vazio. Ramón acabou decidindo provar as coisas parecidas com enguias primeiro. Fatiou um pedacinho, colocou na língua e quase vomitou, então jogou, ainda no espeto, para dentro do rio.

— Os besouros-doces — declarou. — É isso que vamos comer.

O outro o encarou, cobrindo os olhos com a mão enfaixada.

— Eles chegaram — declarou o gêmeo.

— Eles quem?

O outro não respondeu. Ramón seguiu seu olhar, e compreendeu. Pareciam falcões pairando sobre as correntes de ar quente. Grandes naves negras.

Os Enye de Prata tinham voltado a São Paulo.

CAPÍTULO 18

Depois de comerem, o homem deitou encolhido e caiu num sono profundo. Como ainda restavam algumas horas de luz do dia, Ramón pegou a faca e foi cortar juncos. Antes de serem cortadas, as varas eram verdes como grama, mas ficavam vermelhas menos de um minuto depois. O trabalho não era muito difícil e, quando o pôr do sol pintou o céu ocidental, deixando as nuvens distantes reluzentes em tons de dourado, laranja e um rosa pomposo, ele já tinha praticamente dobrado a pilha feita pelo gêmeo. Lavou as mãos e a lâmina no rio e vasculhou o equipamento de campo até encontrar a pedra cinza de amolar. O gêmeo não tinha tomado muito cuidado em manter a faca afiada. Mas, afinal, o pobre coitado só conseguia usar uma das mãos. Era uma boa desculpa.

Sentou-se à margem do rio, ouvindo o chiado agudo e perigoso do aço contra a pedra e olhando para cima. Mesmo depois de as árvores e o rio terem sido cobertos pelo cinza-escuro do crepúsculo, dava para ver as naves dos Enye, em órbita, reluzindo ao sol. Brilhavam mais que as estrelas. Ficou olhando enquanto elas eram cobertas pela sombra de São Paulo, o brilho esmaecendo como se tivesse sido desligado até só dar para ver as luzes de navegação laranja e violeta. Eram menos óbvias, mas não dava para ignorá-las. Era como se Deus tivesse pendurado um crânio no céu, encarando o planeta de cima e lembrando a Ramón a matança que vira na mente de Maneck. E a matança que provavelmente ocorreria quando ele e seu gêmeo retornassem à cidade.

Como prisioneiro de Maneck e dos alienígenas, Ramón passara relativamente pouco tempo preocupado com seu retorno à civilização.

Achava as chances tão remotas que só se concentrava em problemas mais imediatos. Mas, agora que estava livre e viajando para casa com o gêmeo, aquilo ocupava sua mente. Passou a mão pelo braço, onde surgira uma linha quase branca, fina e torta. A cicatriz da briga de machete surgindo aos poucos. O que Maneck tinha dito? Ele iria “definhar até a forma que definiu o fragmento”. Tocou a fina linha de carne elevada com a ponta dos dedos. A barba também estava engrossando, as mãos ficando mais calejadas. Fechou os olhos, dilacerado entre o alívio de ver a própria carne voltando ao normal e a ansiedade pelo que aconteceria depois. Qualquer um poderia ver que eram o mesmo homem. Ninguém pensaria que eram gêmeos, estariam parecidos demais. Quando encontrassem outro ser humano, teriam as mesmas cicatrizes, os mesmos calos, o mesmo rosto, cabelo e corpo.

Não podia simplesmente se apresentar como Ramón Espejo, não se aparecesse ao lado do outro. Mesmo se não houvesse como distingui-los — e quem poderia dizer se haveria algum traço da tecnologia de Maneck? —, era pouco provável que o governador fosse ignorar a questão. E Ramón se conhecia bem demais para saber o que o gêmeo pensaria a seu respeito.

Era melhor se apressar e chegar ao Alto do Violinista enquanto ainda eram apenas parecidos, mas não idênticos. Ramón poderia inventar alguma desculpa para dar o fora. Seguiria para o sul, talvez até para Amadora. Teria que encontrar um fornecedor de identidades falsas. Não que tivesse dinheiro para pagar por documentos forjados, mas não poderiam existir *dois* Ramóns Espejos...

A faca vacilou, sentiu a pesada pedra de afiar na mão.

Não. Precisava de dinheiro para recomeçar. Sabia de cor seus códigos bancários, poderia passar por qualquer teste de autenticidade exigido pelos bancos. Precisava voltar para Villa Diego enquanto o gêmeo se recuperava, fazer a limpa nas contas, talvez até um empréstimo, e fugir para o sul. O outro ficaria enterrado em dívidas, mas pelo menos ainda teria todos os seus conhecidos. Ele ia recomeçar. Ia dar tudo certo. Para os dois. E, honestamente, nem seria roubo. Ele *era* Ramón Espejo, afinal, e levaria apenas o próprio dinheiro.

E se a polícia estivesse mesmo atrás do assassino do europeu... bem, então talvez o gêmeo nem se importasse tanto assim com o dinheiro. Ramón deu uma risadinha. Não podiam enforcar duas vezes uma pessoa pelo mesmo

crime. Ficou pensando na vida que arranjaría em Amadora, talvez uma casinha na praia na costa sul. Assim que tivesse os documentos, poderia alugar um furgão novo. Pelo menos até arrumar um trabalho que pagasse um novo. Caminharia ao som das ondas, sob a luz fresca da manhã. Pensou na caminhada solitária, em dormir numa cama pequena demais para dois corpos. Afinal, Elena teria o outro homem. E ele a teria. Ramón conseguiria se ajustar. Como uma cobra trocando de pele, poderia deixar a vida antiga e triste para trás. Talvez até parar de beber tanto. Parar de ir a bares só para comprar brigas. De matar homens ou fazer com que tentassem matá-lo. Poderia ser um *novo* Ramón. Quantos homens sonhavam com aquilo, e quantos tinham a chance?

Tudo dependia de chegar rápido ao sul, antes que a recapitulação engrossasse suas cicatrizes e seu cabelo. Antes que as rugas no rosto se igualassem às do outro, antes que as verrugas que compartilhavam ficassem escuras o suficiente para serem óbvias, mesmo a um olhar pouco atento. Ramón não sabia quanto tempo tinha, mas não deveria ser muito. Poucos dias antes, não passava de um dedo decepado, mas já estava quase de volta ao normal.

Bem lá em cima, uma das naves dos Enye piscou e desapareceu, reaparecendo conforme os motores de salto esfriavam. Ramón sentiu um aperto na garganta, lembrando como se sentira a bordo daquelas naves, quando piscavam daquele jeito. A primeira vez fora com o velho Palenki e a equipe. A nave fora lançada da órbita, subindo feito um veículo de transporte, mas não voltou a nivelar. Ramón se lembrava da pressão da aceleração quando os foguetes foram acionados. Era como deixar a água escorrer da banheira depois de um banho quente, como o torpor depois do sexo. Os músculos ficaram pesados, pendurados nos ossos. Tinha sorrido e olhado para Enrico Gordão — ah, fazia anos que não pensava no *pendejo*! —, o que o fizera sorrir de novo. Enrico sorria de volta. Estavam deixando tudo para trás, e, quando a jornada terminasse, todo mundo que conheciam — todos com quem tinham falado, que os intimidaram ou a quem intimidaram, com quem foderam, todos que tinham ferrado ou por quem tinham sido ferrados... todo mundo teria morrido de velhice. Ouvira histórias sobre os conquistadores queimando os barcos quando atracaram no Novo Mundo da América. Ramón, Palenki, Enrico Gordão e todos ali estavam fazendo o

mesmo. A Terra estava morta para eles. Só o futuro importava.

Ramón balançou a cabeça, mas a mente se recusou a sair do curso. Era mais uma memória voltando. Dessa vez, também conseguia pensar — observar o rio, a nave dos Enye, as estrelas, a lua cheia começando a surgir ao leste. Não foi como vivenciar o momento, e sim como sonhar acordado. Um sonho poderoso e autônomo.

Ao entrar na nave Enye, tinham pensado em como o cheiro do lugar era estranho — ácido, salgado e algo que lembrava patchuli. Palenki não parava de reclamar da dor de cabeça provocada pelo cheiro, embora provavelmente fosse o câncer. Descarregaram e armazenaram o equipamento, descobriram onde ficavam os alojamentos seguindo linhas pintadas nas paredes, fizeram uma pequena refeição, sentindo o peso leve e agradável da gravidade da aceleração dos foguetes, e então foram para a cama. Foi quando soaram os alarmes *klaxon*, e os motores de salto começaram a aquecer.

O salto tinha sido igual ao que Ramón sempre imaginara que seria um ataque cardíaco. A visão se afunilara, concentrando-se num único ponto, e ele perdera toda a visão periférica, os sons ficaram mais distantes, e depois viera a sensação de descontinuidade. Nunca tinha conseguido definir o que mudara durante o salto. Tudo parecia estar no mesmo lugar — a chave inglesa que acabara de derrubar ainda caindo no chão —, mas mesmo assim sabia — *sabia* — que o tempo passara. Um bocado de tempo. Sabia que algo acontecera enquanto estava distraído. Odiara aquela sensação.

Só uma semana depois é que viu o primeiro Enye. Ainda se lembrava do sorriso de Palenki, todo cheio de si enquanto reunia a equipe e instruía o grupo sobre a etiqueta apropriada para com os anfitriões. Então, a coisa entrara bem devagar pela porta...

Ramón deu um berro. A memória sumiu, não restava nada além do rio e da floresta. Sentindo o coração em disparada, a mão apertando a faca tão forte que as juntas dos dedos doíam. Vasculhou as árvores e a superfície da água, pronto para atacar ou fugir como se o diabo em pessoa tivesse saído do inferno para açoitá-lo com uma das mãos e esfolá-lo com a outra. A imagem do Enye — o corpo imenso em forma de pedregulho, todo molhado, lembrando uma ostra; os olhos impenetráveis; os cílios com bordas torcidas; as mãos incongruentes, pequeninas e delicadas como as de uma boneca, brotando do centro do corpo; uma ruga quase invisível onde o bico ficava

escondido na carne — foi sumindo devagar, o choque enfraquecendo. Ramón forçou uma risada, mas saiu aguda e baixinha. Soava como um covarde. Parou de rir e cuspiu, deixando a raiva encher o peito.

Maneck e aquele maldito alienígena pálido na colmeia o tinham transformado num fracote. A mera lembrança dos devoradores de filhotes era o suficiente para fazê-lo gritar feito uma menininha!

— Que se foda — murmurou. Ouviu um grunhido grave e agradável em sua voz. — Eu não tenho medo de porra nenhuma!

Ainda estava de mau humor quando voltou ao acampamento, o que sabia que significava que precisaria tomar ainda mais cuidado para evitar uma briga com o gêmeo, que era ainda mais irritável e tinha o pavio ainda mais curto. Só restavam brasas na fogueira, e o outro ainda estava dormindo no chão. Com um surto de raiva, Ramón percebeu que precisaria assumir outra vez o primeiro turno de vigília. Jogou um punhado de folhas e palha sobre as brasas e reacendeu o fogo. As chamas chiaram e crepitaram num tom verde, mas ainda iluminavam e aqueciam. Ramón sabia que a fogueira tinha a mesma probabilidade de atrair problemas do que de mantê-los afastados. Sabia que quanto mais brilhante ficasse, mais difícil seria ver qualquer coisa na escuridão em volta, mas não ligava. Queria um pouco de luz, merda.

Uma das luas subiu ao céu, navegando lentamente por trás das naves estacionárias dos Enye — era Garota, que antes do amanhecer teria a companhia de Garotinha, cuja órbita era a mais próxima do planeta. Ramón ficou esperando, resmungando sobre a pouca quantidade de junco que tinham cortado e as muitas horas de trabalho pela frente. Esperou até o disco grande e pálido estar acima deles para tentar acordar o outro. Chamá-lo pelo nome não funcionou. E chamar o gêmeo pelo seu nome tinha sido perturbador o bastante para não haver novas tentativas. Foi até ele e sacudiu seu ombro. O gêmeo grunhiu e se desvencilhou.

— Ei — chamou Ramón. — Fiquei acordado durante metade desta noite, porra. É o seu turno.

O homem rolou, ficando de barriga para cima e franzindo o cenho como um juiz.

— Do que você está falando? — exigiu, a voz grossa embriagada de sono.

— Vigilância — declarou Ramón. — Cobri o primeiro turno. É hora de você acordar e eu dormir.

O outro ergueu a mão direita arruinada como se fosse esfregar os olhos, então rosnou e acabou usando a esquerda mesmo. Ramón deu um passo para trás, cada vez mais impaciente enquanto o homem não conseguia se levantar. Quando o gêmeo falou, a voz era clara, mas cheia de desdém:

— Está me dizendo que não dormiu? Você é mesmo burro, hein? Acha que a porra do chupacabra está atravessando o rio a nado para pegar a gente? Só podia ser um banqueiro afrescalhado, mesmo. Sua bicha! Quer vigiar, então vá em frente e vigie. *Eu* vou dormir.

E rolou para o lado, enfiando o braço embaixo da cabeça como um travesseiro, as costas viradas para o fogo. A raiva zumbia nas orelhas de Ramón como um enxame de vespas. Seu primeiro impulso era rolar aquele merdinha para cima e encostar a faca em seu pescoço até perceber que tinha provocado o cara errado, impulso que competia com a vontade de dar vários chutes no fígado do sujeito, para ele passar o caminho todo até o Alto do Violinista mijando sangue.

Mas, se fizesse aquilo, teria que devolver a faca e dormir vulnerável e indefeso, bem pertinho de um *cabrón* puto da vida. Ramón rosnou baixo, bem no fundo da garganta, então se enrolou na vestimenta e foi atrás de um lugar para dormir, um lugar onde algum predador que passasse por ali pensaria em comer o outro primeiro.

A manhã chegou. Ramón gemeu e rolou, deitando de costas no chão, então ergueu o braço para cobrir a luz do sol por só mais um minutinho. As costas doíam. A mente estava nebulosa e relutante. O cheiro de comida cozida o deixou animado. O outro encontrara um punhado de castanhas de carne branca e pegara um peixe, que descansava entre as brasas enrolado em folhas de era-de-monge. Era um velho truque para cozinhar sem os utensílios apropriados. Tinha se esquecido disso — ou ainda não tinha lembrado.

— O cheiro é bom — comentou.

O outro deu de ombros e virou o embrulho de folhas, para aquecer o outro lado. Ramón notou que o gêmeo tinha começado a dizer alguma coisa, mas parara. Percebeu que a refeição não era para dois, mas o outro estava envergonhado demais para se recusar a dividir. Ramón esfregou as mãos,

agachou-se perto do fogo e sorriu.

— Temos muito trabalho pela frente — comentou o gêmeo. — Mas parece que já temos junco suficiente.

— Cortei um bocado na noite passada — comentou Ramón. — Temos que pegar agulhas de raiz-de-gelo para forrar o lugar onde vamos deitar e o teto. E uns galhos decentes para o fogo. Acho que podemos usar areia do rio mesmo. É só encontrar um banco de areia. Vai ser melhor que a lama da margem. E precisamos de lenha.

— É — concordou o outro.

O gêmeo tirou as folhas de ervas das brasas com a mão esquerda, jogando o embrulhinho de uma das mãos para a outra, para não queimar os dedos, até esfriar. Instantes depois, usou a faca para cortar o pacote em dois. Ramón reparou que o outro pegara a faca enquanto ele dormia. Pegou a metade que o homem lhe entregara — a que tinha a cabeça do peixe.

As castanhas eram macias e oleosas. A pele do peixe endurecera e rachara, estava fina como papel e bem salgada. A carne era escura e quebradiça. Ramón suspirou. Era bom comer algo que não tinha preparado. Ficou feliz pelo fato de o outro ter sido bundão o suficiente para não se recusar a dividir.

— Como quer dividir as tarefas? — perguntou o gêmeo, gesticulando para a pilha de junco vermelho com a faca. — Quer fazer o abrigo e eu vou procurar as agulhas? Talvez os galhos também?

— Claro — concordou Ramón, perguntando-se se havia alguma armação que não conseguia identificar. Reunir folhas e gravetos era mais fácil que construir, mas ele é que tinha duas mãos boas. E o gêmeo acordara mais cedo para fazer comida. Quase compensou o fato de não ter assumido a vigia. Sem discutir, ambos foram até o rio e lavaram as mãos. A mão decepada parecia pior do que Ramón se lembrava, mas o gêmeo não reclamou.

— Quero que saiba de uma coisa — começou o outro homem, enquanto voltava a enfaixar a palma da mão e os dedos restantes.

— O quê?

— Sei que estamos nessa juntos, você e eu. E o trabalho que você faz... pegar besouros-doces, construir a jangada, essa porra toda... Fica melhor com nós dois juntos, em vez de um só, certo? Mas se fuçar minha mochila

outra vez sem perguntar, eu mato você durante o sono. Entendido, parceiro?

O gêmeo o encarou nos olhos — as íris tão escuras que Ramón quase não conseguia ver as pupilas, a parte branca manchada de sangue e amarelada como sabão velho. Nem por um segundo pensou que o outro estivesse brincando. Sabia muito bem o que pensaria se um banqueiro imbecil comesse a mexer nas coisas *dele*. Ficou imaginando se a vida seria assim, quando voltasse à civilização. Talvez se ressentisse pelo fato de o gêmeo estar com todas as suas coisas. A faca, a mochila. Talvez até Elena.

— Certo — respondeu Ramón. — Eu só não queria deixar a faca cega, entende? Mas não vou mais fazer isso. — O outro assentiu. Então, ele prosseguiu: — Mas preciso da faca. Preciso cortar tiras de casca de árvore para amarrar os juncos. E se eu precisar cortar mais deles...

Ramón deu de ombros. O outro resmungou baixinho, e ele se preparou para uma reação violenta. Mas o gêmeo apenas cuspiu na água e lhe entregou a faca, segurando na lâmina para ele poder pegar o cabo.

Ramón agradeceu e tentou dar um sorriso conciliatório. O outro não respondeu. Voltou ao pequeno acampamento enquanto seu gêmeo partia para a floresta alegando que iria juntar folhas e madeira. Ramón esperou até ter certeza de que estava longe do alcance de seus ouvidos e murmurou:

— E pode ir tomar no cu você também, *ese*.

Ramón começou a trabalhar logo que o outro foi embora. Juntou ervas e tiras de cascas o suficiente para completar o projeto que acreditava ser o melhor para o abrigo, então arrastou o junco até a jangada no rio. Logo notou que sua ideia inicial para conectar o abrigo ao corpo da jangada era otimista demais. Precisou de uma hora reestruturando a coisa toda. Concentrou-se na tarefa, perdendo-se naquele esforço físico. Era como tomar um gole de uísque do bom. Não tinha percebido o nó na garganta até relaxar um pouco. Estar com o gêmeo era completamente diferente de estar sozinho. Nem quando estava com Maneck, com aquela merda de *sahael* enfiada no pescoço, sentia aquele aperto no estômago. Era resultado de estar com outro ser humano. Ainda mais com *aquele* escroto esquentadinho.

Ao mesmo tempo, percebeu que também irritava o gêmeo. O que era inevitável, não? Melhor se preocupar com a escolha dos nós para amarrar os juncos aos galhos da jangada. Já estava mais do que ciente de suas próprias

falhas como homem. Não havia por que mexer naquele vespeiro.

Já de tarde, ficou satisfeito com o novo arranjo da jangada, mas mesmo assim levou algumas horas para amarrar os juncos, construir uma estrutura e amarrar a corda remanescente como suporte. Separou quatro varas longas para amarrar acima da camada de folhas, fazendo uma cobertura contra a chuva. Contanto que o outro parasse de enrolar e voltasse logo, claro. Ramón trabalhara o dia todo. Era realmente tão difícil puxar umas folhas e achar umas merdas de galhos? Estavam numa floresta, não era difícil achar madeira.

O gêmeo saiu da floresta quando faltava mais ou menos uma hora para o anoitecer. Arrastava uma cama improvisada de galhos com bom tamanho para a fogueira e carregava um feixe de agulhas de raiz-de-gelo e ervas nas costas. Ramón precisava admitir que aquilo não era nada mau para um homem com a mão avariada e sem faca. O outro largou a carga nas margens do rio, agachou-se, fez concha com a mão e tomou vários goles d'água. Lá em cima, as naves dos Enye flutuavam no céu.

— Parece um bom trabalho — comentou Ramón.

— É — concordou o outro, a voz denunciando sua exaustão. — Vai servir. Mas talvez a gente tenha que pensar num jeito de a lenha não rolar para fora.

— Vamos dar um jeito.

O outro olhou para a jangada e esfregou as bochechas com a palma da mão. Ramón foi para o lado dele.

— Bem-feita — comentou o gêmeo. — Um bom projeto. Meio pequena, né?

— Não a planejei para dormirmos ao mesmo tempo — retrucou Ramón. — Um de nós vai ter que ficar no remo. Dormir em turnos. Esse tipo de coisa.

— E se chover?

— Aí quem estiver no remo vai se molhar. Ou podemos ficar apertadinhos longe da chuva e roçando um no outro.

— Prefiro pegar chuva. Certo. Está com a faca?

O outro estendeu a mão. Ramón colocou o cabo de couro na mão dele.

O gêmeo agradeceu, deu uma volta e encostou a lâmina contra o pescoço de Ramón. Estreitava os olhos, furioso, a boca aberta numa risada que não tinha nada de divertida. Era a expressão que o europeu vira, Ramón tinha certeza.

Então o outro perguntou, entre dentes:

— Agora que tal me dizer quem é você de verdade?

CAPÍTULO 19

— Cara, eu... eu não sei do que você está falando — respondeu Ramón. O outro afundou a lâmina da faca ainda mais contra seu pescoço.

Ramón sentiu um desejo intenso de dar um passo para trás, para longe da lâmina, mas resistiu. Mostrar fraqueza seria um convite. Obrigou-se a ficar calmo. Pelo menos o mais calmo possível.

— Você não é banqueiro porra nenhuma — declarou o outro, irritado. — Você constrói aquelas coisas. Sabe afiar minha faca. Que banqueiro sabe fazer isso?

— Já falei — retrucou Ramón —, passo muito tempo...

— Aqui no cu do mundo? Sei, sei, isso faz muito sentido, né? E veio até aqui por nada. Um mês atrás. E ninguém deu a mínima por você ter sumido? Ninguém mandou um grupo de busca? Você acha que parece plausível? E a sua barba... Vai dizer que isso aí no seu queixo é um mês de barba crescida? Ou ganhou uma porra de uma lâmina de barbear alienígena enquanto estava com eles? As suas mãos. Seus dedos estão cheios de calos. É de tanto digitar?

Ramón olhou para as mãos. A pele dura e amarelada tinha começado a voltar. Cerrou os punhos. O homem segurou a faca com mais força, aumentando a pressão contra a pele do pescoço. Doeu um pouco.

— Você está paranoico, *ese* — retrucou Ramón, com a voz calma e controlada.

Tentou medir as chances de afastar a faca à força. Ganharia alguns segundos se jogando para trás, para fora do alcance do outro. E ele estaria lutando com a mão errada. Mas, depois de tudo o que passara, seu gêmeo

estava tão assustado, enfurecido e ensandecido quanto um rato de rua preso. Decidiu que suas chances eram piores que o normal.

Por meio segundo, pensou no que o homem faria se ouvisse a verdade. Tentaria matá-lo? Fugiria? Aceitaria Ramón como um irmão e seguiria com a vida? Só a última parecia digna de riso.

— E aí você fala sobre o El Rey! — gritou o homem. — Que diabos você sabe sobre o El Rey? Quem é você, porra?

— Sou um policial — respondeu Ramón, surpreendendo-se com as próprias palavras. Mas era óbvio. Era a história que passara vários dias contando a si mesmo. Só precisava inverter as coisas. — Meu nome é mesmo David. Mataram o embaixador europeu. Algumas pessoas disseram que você estava lá. E a descrição do homem com a faca bate com a sua.

O gêmeo assentiu, encorajando-o, parecendo confirmar suas suspeitas. O que devia ser exatamente o que estava acontecendo, mesmo que fosse tudo mentira. Ramón engoliu em seco, soltando um pouco o nó da garganta. E, assim que pôde, continuou.

— Aí você deu no pé. Saiu da cidade. A polícia achou meio estranho, então me mandaram atrás de você. Passo muito tempo aqui no norte. Por isso que me escolheram. Encontrei seu furgão explodido, como se tivesse alguma bomba lá dentro ou coisa parecida. Comecei a bisbilhotar, procurando por um braço, ou sei lá. Aí vi aquela caixa voadora. Flutuando. Dei uma olhada... e pronto! Aquelas coisas imensas com cerdas nas cabeças pegaram minhas roupas, meu distintivo, minha arma, me enfiaram nessa bosta de roupa de neném e me botaram atrás de você.

— E você fez o que mandaram — declarou o outro, aproximando-se ainda mais, a lâmina de metal cortando a pele, espetando como o *sahael*. — Você seguiu as ordens deles como um cachorro!

— No começo, eu tentei enrolar — respondeu Ramón. — Achei que isso fosse dar tempo para você. Sabe. Se você voltasse para a cidade, contaria para todo mundo o que aconteceu e mandaria ajuda. Mas aí encontramos aquele acampamento. Estávamos perto demais. Eu só podia esperar e torcer para você ser mais esperto que aqueles alienígenas de merda. E você foi. E aqui estamos. — Então, incapaz de se conter, completou: — Você teria feito o mesmo se estivesse no meu lugar. Sério.

— Eu não matei a porra do europeu — declarou o outro, entre dentes. — Foi outra pessoa. Não fui eu.

— Ramón — começou Ramón, tendo que superar a leve vertigem ao usar o próprio nome daquele jeito. — Ramón, você salvou meu rabo daqueles demônios *pendejos*. Até onde eu sei, você estava na minha casa na noite em que o embaixador rodou. Passou a noite lá.

Naquele momento de silêncio, Ramón ouviu os gritos distantes de um bando de levantadores, como sinos de uma igreja. A lâmina vacilou, mas ele não se moveu. Um filete de sangue escorria por sua clavícula. A faca tinha rompido a pele. O outro tinha um brilho confuso e desconfiado nos olhos escuros.

— Do que você está falando?

— Eu devo uma a você — explicou Ramón, imprimindo o máximo de sinceridade na voz sem soar fraco.

— O cara morreu — declarou o gêmeo. Estava retrucando.

Ramón deu de ombros. Já que ia mentir, era melhor chutar o balde.

— Você conhece Johnny Joe? Sabe quem ele é?

— Johnny Joe Cardenas?

— É. Sabe que ele sempre se safa, né?

— Por quê?

— Porque deixamos. Acha que a gente não sabe quantos ele já matou? Só que ele trabalha para a gente.

O outro recuou um centímetro. A lâmina não estava mais tocando a pele de Ramón. Talvez suas chances fossem um pouco maiores. Ramón continuou falando. Precisava manter a conversa.

Precisava transformar aquilo numa briga *verbal*.

— Johnny Joe é um informante? — perguntou o outro. Parecia atordoado.

— Já faz seis anos que virou — respondeu Ramón, tentando lembrar havia quanto tempo Johnny Joe estava em Villa Diego. O gêmeo não pareceu achar o número absurdo. — Ele mantém a gente informado sobre o que está rolando. E ninguém suspeita dele. Quem é que ia acreditar numa porra dessas? Ele é um bandido. Todo mundo sabe que o governador quer que ele vá para a força. Ninguém acha que é tudo balela e que ele liga para a gente

todo domingo, como uma namoradinha.

— Eu não sou dedo-duro.

— Não estou dizendo que é — retrucou Ramón. — Estou dizendo que São Paulo não tem lei. Tem policiais. E eu sou um deles. E você me ajudou. Não importa o que tiver acontecido no El Rey: foi com outra pessoa. Estamos quites.

— E como você sabe que não sou inocente? E se eu não tiver matado o cara?

— Se não foi você, pelo menos consegui dobrar você... e com estilo — respondeu Ramón, e sorriu.

O gêmeo vacilou por um instante, então também sorriu. Baixou a faca. Deu um passo atrás.

— A faca é minha. Eu fico com ela.

— Se você preferir, não me importo — retrucou Ramón, tentando soar tranquilo, como quando os policiais queriam mostrar superioridade. Já ouvira aquele tom tantas vezes que não era difícil imitar. — Entendo que você queira manter a arma. Sem problema. Afinal de contas, somos só dois caras fugindo de um bando de alienígenas malditos, certo? Não importa quem está com a faca, estamos do mesmo lado.

— Se você tentar me ferrar... — começou o outro, deixando a ameaça no ar.

“Bem”, pensou Ramón, “se um policial decidir quebrar a palavra, o que ele poderia fazer? Levá-lo a um juiz e ver do lado de quem está a lei?”.

— Se eu começar a foder com os outros, Johnny Joe e todos os outros *pendejos* como ele vão perder as estribeiras — retrucou Ramón. Falava num tom sério. Autoritário. Como um policial. — Não vale a pena. Se eu digo que você está limpo, então está limpo. Mas qualquer recompensa para entregarmos esses putos alienígenas vai ser meio a meio. Você e eu. Dividida igual.

— Nem fodendo — retrucou o outro. — Eu salvei a sua pele. Você era uma isca ambulante. Quero três quartos.

Ramón sentiu o nó no estômago se desfazer. Estava livre. A crise passara, era só questão de pechinchar e cantar de galo.

— Quero quarenta por cento. E você não matou ninguém. Nunca.

— Você está me enrolando.

— É o que eu faço. Sou policial, lembra? — retrucou Ramón, com um sorriso. O outro deu uma risada incrédula, então também sorriu. — Que tal começar a colocar as folhas no lugar para podermos voltar para algum lugar com encanamento?

— Policiais do caralho — resmungou o outro, num tom de piada. Parecia meio embriagado de alívio. E por que não estaria? Ramón acabara de perdoar seus pecados.

Trabalharam juntos até a luz sumir. O pequeno abrigo estava quase pronto, com a cama de folhas e a cobertura armada com as folhas em fileiras sobrepostas, para que a chuva deslizasse e caísse no rio, em vez de atravessar. Ramón que sugeriu que parassem — achava que o gêmeo tinha trabalhado a noite toda só para provar alguma coisa. Enquanto caminhavam pela trilha de volta ao acampamento, ficou claro que o relacionamento dos dois tinha mudado. Um banqueiro sem noção perdido no mato era uma coisa. Um policial distribuidor de perdões era outra completamente diferente. Ramón fez uma pequena fogueira, e o outro descarregou duas porções de besouros-doces, castanhas-saltadoras e uma frutinha verde brilhante que ele nunca vira entre as plantas reconhecidas do planeta — tinha gosto de vinho barato com pera. Não era um banquete, mas era gostoso. Depois de comer, Ramón bebeu água até encher a barriga. Precisaria mijar no meio da noite, mas, por ora, aquilo fez o corpo acreditar que estava satisfeito.

O gêmeo deitou ao lado da fogueira, de costas para as chamas. Ramón notou que seus dedos tremiam, sabia que ele queria um cigarro. Pensar naquilo na mesma hora o fez querer um também. Quanto tempo até as manchas de nicotina voltarem, amarelando os dentes e dedos? Quanto tempo até que aquela divertida dança de troca de identidades parasse de funcionar, e o outro descobrisse a verdade? Talvez o melhor fosse dar no pé, rumar floresta adentro e evitar o gêmeo, o governador, a polícia, os Enye, todos.

Tinha pensado várias vezes em viver da terra. A ideia de desaparecer na floresta parecia mais plausível como devaneio — ou ao menos se tivesse o apoio de um furgão bom e confiável, onde poderia se trancar durante a noite. Ou se pelo menos tivesse a merda da faca de volta.

Havia histórias de homens da primeira onda de colonos que tinham virado selvagens, mudando-se para florestas, planaltos, desertos e lagos do planeta e nunca mais voltado para a civilização. Algumas até podiam ser verdade. As colônias não atraíam o tipo de gente que amava a vida na Terra. E sempre haveria uma porcentagem que também odiaria a vida ali, homens e mulheres que arrastavam as falhas misérias pessoais através das estrelas. Ramón imaginou se seria um deles. Só que, naquele momento, queria voltar. Ainda não era selvagem. E, enquanto seus dedos continuassem estremecendo na direção de uma cigarreira perdida havia dias de distância do outro lado do rio, nunca abandonaria a civilização de vez.

— Por que você virou policial? — perguntou o homem, a voz tão carregada de exaustão e sono que não passava de um murmúrio.

— Não sei. Parecia a coisa certa a fazer. Por que você virou minerador?

— Era melhor do que trabalhar com peões. E sou muito bom nisso. E precisei passar um tempo longe da cidade, entende? Ficar perdido um tempo por aqui.

— É? — indagou Ramón. Também estava cansado. Fora mais um longo dia numa série de muitos longos dias. Sentia o corpo pesado e confortável.

— Tinha um cara, Martín Casaus. Fomos amigos por um tempo, sabe. Quando cheguei aqui. Ele era um daqueles caras que ficam pelos centros de orientação tentando fazer amizade com gente nova, já que ninguém que ele conhece gosta dele. — O outro cuspiu para o lado. — Ele dizia que era caçador, que caçava com armadilhas. Acho que até matava uns bichos de vez em quando. Enfim, ele meteu na cabeça que eu estava atrás da mulher dele. E nem estava. Ela era uma cadela. Mas ele resolveu achar que eu estava tentando passar a faca nele.

Lianna. Ramón se lembrava dela, da noite no bar. O papel de parede vermelho escuro cor de sangue seco. Tinha ido até ela, sentado ao seu lado. A mulher ainda cheirava a comida, a fritura, condimentos, panelas quentes e *chili*. Ele lhe ofereceu um drinque. Ela aceitou. Segurou a mão dele. Tinha sido gentil. Feito um esforço para conhecê-lo. Ele tinha bebido bastante, a cabeça estava um pouco confusa. As fantasias de Martín com ela — de abrir a blusa, sussurrar obscenidades excitantes em seus ouvidos, acordá-la na cama — eram tão intoxicantes quanto a bebida.

— Eu não dava a menor bola para ela — insistiu o homem, com uma risadinha. — Era uma cozinheira. Meio balofa, sabe. Comia muito da própria comida. Mas o Martín, cara. Porra. Ele era tarado por ela.

O quarto de Lianna ficava nos fundos — uma construção de quitina barata atrás da cantina, com banheiro e ducha, mas sem cozinha. A placa de LED escrito LOS RANCHEROS iluminava o quarto com cores fortes e opacas. Ele se despiu para ela ao som do fado português, o cantor sussurrando sobre amor, perda e morte, uma canção cujas palavras Ramón conseguia ouvir naquele instante. A música era linda. Mesmo com o ar indulgente da noite, Lianna sentiu um arrepio. Lembrou-se dos pelos arrepiados nos braços dela. Das coxas. Dos seios. De como ela tinha sido tímida no começo. Sentindo-se culpada por estar com ele. Depois, a culpa diminuiu. E então passou.

— Daí o Martín meteu na cabeça que eu tinha trepado com a mulher dele. Veja bem: eles nem estavam saindo. Nunca deviam ter trocado mais que dez palavras durante a vida toda. Mas ele achava que estava apaixonado. E pirou. Resolveu me atacar com um gancho de metal. Quase me matou.

Depois, ele passou os dedos pelo cabelo de Lianna enquanto ela dormia. Queria chorar, mas não conseguia. Mesmo enquanto a memória crescia como uma trepadeira em seu cérebro, não conseguia dizer por que ficara tão tocado, por que aquela mistura de luxúria, pesar, solidão e culpa o afetara tão profundamente. Em parte, por ter traído Martín. Mas só em parte. Lianna.

— Aí fiquei pensando em sumir um pouco, depois de me curar. Dei entrada num furgão da empresa onde eu trabalhava, que estava prestes a entrar pelo cano. Consegui uns programas velhos de prospecção da viúva de um cara que eu conhecia. Dei no pé. E fui levando. Sabe como é.

— Sei, sim — concordou Ramón. — Chegou a ver a mulher de novo?

— A cozinheira gordinha? Não, cara. Para que perder tempo?

Ela roncava um pouco, só inspirando e expirando um pouquinho mais alto que o normal. Tinha um pôster barato da Virgem da Estação do Desapego acima da cama, os olhos muito azuis e o roupão brilhando no escuro. Ramón achava que estava apaixonado. Escrevera cartas, mas apagara antes de apertar o botão de ENVIAR. Não conseguia se lembrar do que escrevera. Ficou se perguntando se o outro lembraria. Se não, as palavras estavam perdidas para sempre.

Não contava aquela história havia anos. Se tivesse, teria sido exatamente como o gêmeo contara instantes atrás. Não é o tipo de coisa que podia sair falando por aí.

— Você ficou quieto — comentou o outro. — Está pensando naquela Carmina? Ela não liga mais para você, *mi* amigo. Deu para notar quando você falou.

Um leve tom de provocação surgiu na voz do outro, e Ramón sabia que estava em terreno perigoso, mas precisava perguntar.

— E você? Tem namorada?

— Tenho com quem trepar. Ela às vezes fala demais, mas é legal. Não ligo de trepar com ela. É muito boa de cama.

Hora de arriscar, forçar a barra um pouco.

— É amor?

O outro congelou.

— Não é da sua conta, *cabrón* — respondeu, com uma voz dura.

Ramón se permitiu travar contato com os olhos do outro por um breve momento.

— Verdade. Desculpe — disse, sem jeito. E sem igualar o insulto. Recuando, mas de um modo consistente com a persona de policial durão. Não estava sedento demais para alimentar a ira do outro.

Depois de um momento de silêncio, Ramón continuou:

— Vamos dormir, está bem? Amanhã vai ser um longo dia.

— É — concordou o outro, num tom azedo. — Vamos.

Mas, como Ramón esperara, não voltaram a falar de amor.

CAPÍTULO 20

Gastaram toda a manhã do dia seguinte com os preparativos finais e uma caçada malsucedida, então lançaram a jangada no rio perto do meio-dia. Estava mais apertada do que antes. A lareira ficava na traseira, onde um poderia cuidar do fogo enquanto conduzia a embarcação com o remo. O abrigo ficava na horizontal, numa das laterais. Deixava a jangada um pouco desbalanceada, mas se ficasse no meio não daria para remar e ver o rio à frente. Claro que o abrigo bloquearia parte da visão onde quer que estivesse. Como contrapeso, havia a pilha de lenha para o fogo no lado oposto — mas não tão perto da borda, para não molhar.

Ramón conduziu a jangada rio adentro, para o ponto onde a correnteza era mais rápida, e passou a tarde mantendo o curso. O outro ficou sentado ao seu lado com uma linha de pesca. E lá estava: o grande plano de fuga executado à perfeição. Dois caras sujos e barbudos numa jangada malfeita, pescando para comer e revezando no controle do remo pelo meio do rio. Ramón coçou a barriga. A cicatriz dali estava crescendo, a do braço também. Sentia o cabelo um pouco mais grosso. Também devia estar recuperando as rugas.

Desejou ter guardado a cigarreira. Ou qualquer coisa que pudesse usar como espelho. Quanto tempo até o homem perceber o que estava acontecendo? Cada vez que o gêmeo olhava para ele, Ramón sentia um nó no estômago.

A floresta foi mudando conforme avançavam para o sul. As raízes-de-gelo coníferas deram espaço para a folhagem rendada do carvalho-esponjoso. Em dois momentos diferentes, Ramón teve um vislumbre das grandes

pirâmides das colônias de *dorado*, as laterais tomadas por enxames de aranhas negras rastejantes. Os sons também foram mudando. Ouviram os chiados e grasnidos de milhares de bichos que eram um misto de lagarto com pássaro, trocando ameaças e brigando por fêmeas e comida. Ouviam guinchos altos que pareciam mulheres cantando em algum idioma africano belíssimo — vinham dos *kyi-kyi*, que se preparavam para trocar as peles de verão. Ouviram até, uma vez, o som macio e sibilante de um courovermelho abrindo caminho pela mata rasteira. Ramón não chegou a ver o animal, que, como não atacou, também não devia tê-lo visto.

Acima, os lírios-celestes voavam para sudeste ao sabor de alguma corrente de ar da troposfera. Seus corpos distantes pareciam pontos verde-escuros contra o céu azul abobadado, como estrelas negras à luz do dia. Uma colônia precoce desabrochava, despachando correntes de amarelo e vermelho que deviam ter quilômetros de comprimento — mesmo que, daquela distância enorme, parecessem ter o tamanho de seu dedão. Quando as outras colônias de lírios-celestes se juntassem à corrente, pareceria um jardim florido nadando pelo espaço.

Mas a atenção de Ramón estava voltada para as naves negras e flutuantes dos Enye. Havia seis pairando no ar. Pela primeira vez, percebeu como eram parecidas com carrapatos. Depois que pensou aquilo, não conseguia vê-las de outro jeito. Saía de sua antiga casa, de seu mundo e de seu passado, dentro da barriga de um carrapato gigante, até ser vomitado naquele planeta lindo. Nenhum deles pertencia àquele lugar — nem os Enye, nem o povo de Maneck, nem a humanidade. Mas São Paulo mesmo assim aturava a todos.

Talvez pudesse embarcar outra vez para longe. Voltar à nave Enye, se mudar para outra colônia. Ou entregar o destino aos céus e ir parar onde Deus quisesse. São Paulo não era tão grande para garantir que nunca mais encontraria o gêmeo. Mas o universo *era* — era grande o suficiente. Por um instante, Ramón sentiu o imenso abismo daquele sonho com tanta intensidade como uma memória redescoberta. Um arrepio percorreu sua espinha, e ele voltou a olhar para o rio.

Para mudar de planeta precisaria de uma identidade falsa, mas, àquela altura, precisaria de uma identidade falsa para *qualquer coisa*. O problema era entrar na nave. Sentir o cheiro dos Enye, ouvir suas vozes. Sabendo o que tinham feito, o que estavam fazendo, qual era o verdadeiro propósito das

colônias. Antes, talvez teria conseguido. O gêmeo, sentado na borda da jangada, descansando a cabeça sobre a mão boa, talvez conseguisse. Mas Ramón sentira o fluxo, tinha se tornado o abismo, ouvira os lamentos dos *kii* moribundos. Dos bebês morrendo. Não conseguiria. Não mais.

O mais fácil seria matar o homem. Se o gêmeo morresse, aquilo tudo acabaria. Poderia voltar à própria vida, acionar a pequena apólice de seguro do furgão, tentar recomeçar. Tinha sido destruído por um desmoronamento de pedras. Por que não? A apólice era barata o suficiente para ninguém se importar com mais que uma investigação básica, e não encontrariam nenhum desmanche vendendo as peças. Teria sua vida de volta, em vez de cedê-la àquele *cabrón*. E se os policiais estivessem mesmo procurando alguém para culpar pela morte do europeu, já teriam encontrado outra pessoa até conseguirem voltar.

Não seria difícil. Ele é quem cozinhava. Quem mantinha guarda enquanto o homem dormia. Mesmo se não tivesse a faca, havia outros modos. Porra, era só empurrar o idiota para fora da jangada. Ramón quase morrera no rio, e estava bem mais perto da margem. Se caísse no meio, onde a correnteza era mais forte, era quase certo que o homem morreria. E se ele por algum milagre chegasse à terra firme, encontraria courovermelhos. E teria que percorrer centenas de quilômetros até o Alto do Violinista. Era o melhor a se fazer. O mais *sensato*.

Permitiu-se imaginar a cena. Levantaria, ergueria o remo. Daria dois, três passos. Descendo o remo com força e velocidade. Imaginava até os gritos do homem, a água espirrando, um berro gorgolejante. Tudo resolvido. E aquilo seria mesmo matar alguém? Seria mesmo assassinato? Afinal de contas, um Ramón teria ido para os ermos e um Ramón voltaria. Parecia assassinato?

“Sob quais circunstâncias você mata?”

Ramón suspirou e olhou para longe. “Cale a boca, Maneck. Você morreu!” O outro balançou a cabeça para Ramón, os olhos negros desconfiados.

— Não é nada — explicou Ramón, apaziguando-o, erguendo a mão. — Percebi que estava viajando.

— Certo. Bem, não faça isso — respondeu o outro. — Só temos um remo, e não quero ter que empurrar essa porra até a margem para procurar

outro.

— É. Bom conselho — retrucou Ramón. — Ei. *Ese*. Posso perguntar uma coisa?

— Vai gravar o que eu digo? Contar para o juiz?

— Não. É só uma coisa que eu estava pensando.

O outro deu de ombros e nem se deu ao trabalho de olhar para trás.

— Pergunte o que quiser. Se eu não gostar da pergunta, mando você à merda.

— O cara que você não matou. O europeu.

— Aquele que eu nunca vi e não tenho ideia de quem seja?

— Esse mesmo — concordou Ramón. — Se você tivesse matado o cara... coisa que não fez, mas se *tivesse*... qual seria o motivo? Ele não estava trepando com a sua mulher. Não estava roubando o seu emprego. Não partiu para cima.

— Não? Como você sabe?

— Não. Eu li o relatório. Não foi legítima defesa. Então, por quê?

O outro ficou quieto. Deu um puxão na linha de pesca, deixou correr e puxou mais uma vez. Ramón achou que ele não fosse responder. Quando a resposta veio, sua voz soou sociável e despreocupada.

— Estávamos bêbados. Ele me deixou puto. A coisa saiu do controle — respondeu o outro, deixando a farsa de lado. — Simplesmente aconteceu.

O cara tinha tentado voltar atrás, lembrou Ramón. O europeu decidira que era melhor ficar na briga verbal, nos xingamentos. Ramón é que definira os termos. Algo na risada da garota de cabelo alisado. Aquilo e o momento depois que o europeu caiu, quando a multidão se afastou. A resposta estava ali. Por que conseguia matar um homem cuja morte não lhe traria benefício algum, mas *não* conseguia acabar com o homem cuja morte lhe traria o mundo? Quando a própria vida dependia disso?

O gêmeo pegou quatro peixes: dois peixes-chatos prateados com narizes retos e bocas permanentemente abertas em surpresa, um peixe meio comum de escamas pretas e um bicho que Ramón nunca vira, que parecia todo feito de olhos e dentes. Jogaram aquele de volta. O outro assou os três peixes enquanto Ramón mantinha a jangada próxima do centro do rio. Pássaros —

ou criaturas que lembravam pássaros o bastante para serem chamadas assim — gritavam das copas das árvores, voavam por cima deles e tocavam o rio para tomar água.

— Sabe — comentou o gêmeo —, sempre achei que seria bom passar um tempo aqui. Viver da terra. Quando vim para cá, estava pensando em passar uns três ou quatro meses. Agora, só quero voltar para Villa Diego e dormir numa cama de verdade. Com um teto sobre a minha cabeça.

— Amém — respondeu Ramón.

O outro cortou um naco de carne pálida do peixe-chato prateado e jogou o pedaço de uma das mãos para a outra até esfriar, então o enfiou na boca. Ramón notou o pequeno sorriso nos lábios do gêmeo e percebeu como ele próprio estava faminto.

— É bom?

— Não é ruim — respondeu o outro. Então hesitou, inclinando a cabeça de leve.

Ramón também ouviu: um ronco baixo e constante, como um rádio sintonizado numa frequência de estática. Na mesma hora, entenderam o que estavam ouvindo: água — um volume inimaginável — caindo.

— Vá para a direita — mandou o outro. — A margem da direita está mais perto.

— Mas o chupacabra está daquele lado.

— Aquele bicho de merda está dias atrás. Vai logo. Para a direita! Ramón agarrou o remo e angulou a jangada o máximo que pôde para a direita. O homem tirou a refeição das brasas e foi para a frente, para analisar o rio. O som aumentou de um murmúrio simples e quase imperceptível para um rugido que quase abafava a voz do outro.

— Mais rápido com essa merda — apressou o gêmeo. — Já dá para ver.

Àquela altura, Ramón também via a leve cerração onde a catarata lançava gotas de água no ar. Talvez tivesse algumas corredeiras. Uma cachoeira. Mas a jangada não sobreviveria nem a um tapa. Precisavam chegar à margem.

— Vai! — gritou o outro, ajoelhando-se e remando com a mão boa, empurrando a água como se pudesse levar a jangada a nado para a segurança.

Ramón estava com os ombros doloridos, as mãos agarravam o remo com

tanta força que as juntas doíam. Aproximavam-se aos poucos da encosta enlameada. O rugido aumentava. A cerração se intensificava.

Estavam perto, mas não chegariam a tempo. A correnteza era rápida demais, e a jangada não oferecia resistência à força da água. Começaram a passar por grandes pedregulhos, a água virando espuma branca contra as pedras. O rugido era quase ensurdecedor. Quatro metros até a margem. Três e meio.

Algo na água chamou a atenção de Ramón: uma mudança na correnteza. Uma contracorrente que, lá no fundo, ele sabia que tinha um significado maior. Sem pensar, mudou a pegada e levou a jangada para longe da margem, mirando no ponto do rio onde a correnteza parecia... *certa*. A margem foi se distanciando.

— O que você está fazendo, caralho? — gritou o outro. — Mas que porra...

No mesmo instante, ouviram um som terrível de algo sendo triturado superar a voz da catarata. O junco frontal se estilhaçou, e a jangada entortou, fazendo Ramón cair para a frente, ao lado da fogueira. O outro quase caiu na água. O fluxo do rio arqueava pelos lados da jangada, e uma onda congelante corria pela parte traseira, escorrendo entre os galhos soltos. Ramón deslizou para a frente bem devagar, tomando o cuidado de não deslocar a jangada do que quer que tivesse interrompido o avanço. Um pedregulho logo abaixo da linha da água, pontudo feito a proa de um caiaque, quase quebrara o junco frontal ao meio. A pedra ainda penetrava na madeira quebrada e torta. Se tivessem avançado mais meio metro na direção da margem, não teriam sobrevivido. Dez metros à frente, Ramón viu as corredeiras da água ganhando velocidade, preparando-se para despencar. Quase não ouviu o grito de alegria e surpresa do gêmeo, mas os tapinhas de alegria em seus ombros transmitiram o significado.

Salvara os dois. Por mais precária que pudesse estar sua posição, pelo menos não tinham morrido. Ainda. Quatro metros de correnteza rápida ainda os separavam da terra, mas a jangada estava parada.

— Corda! — gritou o gêmeo, em seu ouvido. — Precisamos de corda para puxar essa porra de volta para a terra! Espere aqui!

— O que você... Ei! Não...

Mas o outro já dera dois passos longos e rápidos e pulara na água. A jangada se inclinou para um lado e para o outro, o junco destruído cedendo... Por um instante assustador, Ramón teve certeza de que o outro libertara a jangada da pedra, mas ela permaneceu no lugar. Sentou-se, esperando, as costas e a barriga doendo de medo. Será que o outro homem conseguiria chegar à margem, ou seria carregado até a queda? E, se conseguisse, o que lhe restava fazer? A jangada, pressionada contra a pedra pela força constante do rio, era como uma moeda equilibrada pela borda fina. Se o junco cedesse ou a maré subisse, Ramón morreria. Corda? Onde o gêmeo arrumaria corda? Estavam no meio da natureza selvagem. Assim que pensou naquilo, viu o corpo magro do gêmeo saindo da água.

Sob o olhar de Ramón, o outro se arrastou para fora da água, subindo na margem, parou, com a cabeça baixa, e sumiu entre as árvores. Ramón se agachou na frente da jangada, adicionando peso à estrutura, na esperança de manter o galho quebrado no lugar, pronto para pular e nadar até a margem caso a coisa toda cedesse. Mas, enquanto o tempo passava, com o sol pressionando seus ombros e suas costas, aquecendo a pele e o tecido da roupa, a urgência e o medo foram se misturando com uma estranha paz.

Era como uma daquelas histórias sem sentido da filosofia zen que Palenki contava quando estava bêbado. Estava preso na beirada de uma cachoeira, numa jangada que poderia se desprender a qualquer momento, esperando por um homem que também era ele mesmo voltar da mata com alguma ferramenta mequetrefe para salvá-lo — o mesmo homem que provavelmente tentaria matá-lo, caso soubesse da história toda. E, se escapasse, teria que correr para chegar à cidade onde o futuro era incerto, onde, mesmo depois de tudo aquilo, a lei ainda estaria contra ele, enquanto alienígenas genocidas flutuavam lá em cima. E no que estava pensando?

Que o calor do sol era gostoso.

Horas se passaram. Quando suas pernas começaram a doer de ficar agachado por tanto tempo, arriscou se sentar. A jangada ainda balançava para os lados de vez em quando, mas nunca o suficiente para alarmá-lo. Sua mente devaneou. Lembrou-se das tardes preguiçosas e vazias sob o sol escaldante do México, sem nada para fazer exceto rezar que a chuva caísse e enchesse as cisternas antes de secarem. Não continha o imediatismo de uma memória sendo recuperada. Era só uma coisa que lhe acontecera uma vez, quando

ainda era um garoto em outro planeta. Um cardume passou depressa por ele, as escamas reluzindo em tons de verde e dourado sob a superfície da água agitada. Ramón não sabia se estavam correndo em direção à morte na catarata à frente ou se era algum truque para se manterem vivos. Deveria haver algum jeito de os habitantes das profundezas de rios velozes como aquele lidarem com acidentes geográficos. Talvez seria só a certeza de que, como eram muitos os corpos sendo lançados para o vazio, alguns sobreviveriam — como sementes jogadas nas pedras, quando um punhado acabava caindo em solo fértil. Não importava se mil morressem, contanto que cem sobrevivessem. Deve ter sido exatamente o que Maneck e seu povo sentiram quando se lançaram pelos céus.

Os peixes colocavam toda a fé no rio.

Quando enfim o gêmeo apareceu na margem, ele teve que gritar e sacudir os braços para acordar Ramón do torpor. Estava carregando sobre o ombro um rolo de vinhas da grossura da sua coxa. Ramón não sabia se era uma planta conhecida da qual ele simplesmente ainda não se lembrava ou se tinha encontrado aquilo por pura sorte, e não ligava muito. Depois de uma série de gestos, entendeu o que o gêmeo queria: ele jogaria a vinha para Ramón, amarrada a um pequeno galho. Ramón deveria puxar um tanto da vinha até a jangada e jogar o galho de volta. Depois de fazerem um nó duplo entre a jangada e uma árvore perto da ribanceira, Ramón deveria soltar a embarcação e deixar a resistência das videiras trabalharem contra o rio para lançar o veículo danificado até a margem como um estilingue. Um plano ideal, contanto que as videiras fossem fortes o suficiente. Ramón notou que o risco que o outro estava disposto a correr era maior que o que ele considerava sensato, mas não havia alternativa melhor.

Precisaram de três tentativas para jogar a vinha até Ramón e outras cinco para devolvê-la ao gêmeo, na margem. O homem sorria enquanto dava o nó improvisado numa árvore. Ramón estava mais inseguro. Mas, mesmo que o plano só o levasse para mais perto da margem, conseguiria nadar uma distância menor. Quando o outro fez o sinal, Ramón começou a balançar a jangada de um lado para o outro, aproveitando a correnteza de cada lado, procurando por uma combinação que soltasse o junco frontal. Durante longos minutos, pareceu que a jangada estava mais emperrada do que imaginara, mas então, inclinando-a bem, conseguiu soltar. Ramón perdeu o equilíbrio

quando a vinha interrompeu o movimento da correnteza, a jangada sacudiu e ficou inclinada, meio mergulhada. A pilha de lenha se soltou, e galhos e gravetos se espalharam pelo rio e desapareceram na névoa. De joelhos, Ramón ficou esperando enquanto a jangada avançava em um longo arco, a madeira amarrada chiando e estalando por conta do estresse inusitado. O outro celebrou quando a jangada tocou o solo enlameado. Ramón pulou para o lado e, juntos, puxaram a embarcação para fora da água.

— Você trabalhou bem para caralho, *pendejo*! — elogiou o gêmeo, dando tapas no ombro de Ramón com a mão ilesa e sorrindo feito um idiota.

O rugido da catarata era tão alto que ele precisou gritar para ser ouvido. Ramón, meio contra vontade, acabou sorrindo de volta.

— Não achei que tivesse uma queda nesse rio — gritou Ramón.

— Não era para ter — concordou o homem. — Mas quem se dá ao trabalho de checar os programas de mapeamento, tão ao norte? Deixaram essa passar.

— Espero que não tenham ignorado outras. Você conseguiu dar uma olhada nela? Seria muito ruim?

O outro tinha investigado. O rugido e o nevoeiro eram fruto de duas quedas, uma com pouco mais de três metros, e a segunda um pouquinho maior. A jangada teria virado sopa de gravetos. Mas, depois da catarata, parecia que o rio voltava a ser tranquilo e relativamente plácido. O problema seria carregar aquele trambolho até a parte mais baixa do rio e lançá-lo de volta na água.

Usaram a vinha para amarrar a jangada a uma árvore próxima, torcendo para mantê-la a salvo em uma cheia inesperada. Então, Ramón e o gêmeo partiram para a floresta. Viram trilhas abertas pelo fluxo constante de bichos que iam beber água fresca, mas nenhum grande o bastante para arrastar a jangada. Ramón começou a se arrepender de ter feito uma embarcação tão grande. A noite caiu antes de descobrirem uma trilha adequada, e montaram um acampamento às pressas.

— Vai ser um saco carregar aquele troço lá para baixo — comentou o outro.

— Vai — concordou Ramón. — Mas é melhor que tentar fazer outra. Não vi muito junco aqui no sul.

— Acha que damos conta de carregar aquela merda?

Ouviram um uivo bem ao longe. Um som flautado adorável que lembrava coiotes e sinos de vento. Ramón suspirou e cuspiu no fogo.

— Acho que nós dois, juntos, conseguimos. A gente é foda.

— Acho que não daria se fosse um só.

— Acho que não.

— Então, ainda bem que não cortei sua garganta lá atrás, né? — comentou o outro, num tom brincalhão.

Mas Ramón sabia que toda piada tinha um fundo de verdade. O que o gêmeo queria dizer era: “Lembre-se de que eu podia ter enfiado a faca no seu pescoço. Você está vivo porque eu deixei.” Era o tipo de coisa que ele mesmo teria feito: lembrar ao policial quem devia o que para quem. Mas, vendo a situação invertida, entendeu como soava idiota.

— Ainda bem, né? — concordou, com um sorriso.

CAPÍTULO 21

De manhã, Ramón estava cansado e dolorido. Por entre os galhos acima, viu o céu cinzento. A brisa tinha cheiro de chuva. O outro acordara antes e estava fervendo um punhado de grama-de-mel. Ramón bocejou com vontade e esfregou os olhos. Sentiu uma coceira no cotovelo, então coçou, sentindo o nódulo duro da cicatriz onde o machete o acertara. Estava quase com o tamanho e a densidade que se lembrava. Puxou a manga da vestimenta para cobri-la.

— Vai cair uma chuvarada — comentou o outro. — Vai estar tudo bem molhado, à noite.

— Então é melhor andarmos logo.

— Estava pensando em encontrar abrigo. Um lugar seco para esperar a chuva passar.

— Boa. Que tal um lugar chamado Alto do Violinista? Lá é bem seco.

— Ainda vamos levar dias antes de sequer surgir a chance de pensarmos em ver alguém.

— E vai demorar ainda mais se ficarmos enrolando feito duas colegiais tentando manter o cabelo seco — retrucou Ramón.

O outro ficou sério.

— Tá bom. Se é assim que você quer, então vamos logo.

Tomaram café da manhã, a grama-de-mel tinha um gosto encorpado de trigo, depois que a água fervente estourara os grãos. Ramón e o gêmeo mapearam o trajeto mais sensato. Não foi surpresa alguma terem compartilhado a mesma ideia básica. O outro discordou de algumas sugestões

de Ramón só pelo prazer de discordar.

— Vamos ter que abrir caminho pela floresta. Talvez derrubar uma ou duas árvores novas — comentou Ramón. — Quer me dar a faca? Podemos dividir o trabalho.

— Eu dou conta — retrucou o homem.

— Você é quem sabe.

Quando voltaram à jangada, Ramón amarrou as vinhas que tinham puxado a embarcação para fora do rio criando duas alças para puxar. Puxado de lado, os juncos funcionavam como trilhos, e arrastar era muito mais fácil do que levantar todo aquele peso. O outro ia na frente, limpando o que podia, ou então ia até a traseira erguer as toras que ficavam presas em rochas ou arbustos. O sol cruzou o céu até o ápice sem que vissem. As naves dos Enye espiavam por trás dos raros furos na barreira de nuvens. O trabalho judiava das costas, mas Ramón ignorou a dor. A coluna reclamava, os pés pareciam prestes a sangrar, mas nem chegava perto de precisar cauterizar o próprio dedo decepado. Se o outro tinha feito aquilo — e, a julgar pelo tipo de homem que sabia que era, era bem provável que tivesse mesmo feito —, puxar uma jangada pela floresta deveria ser coisa de criança.

E, conforme as horas se passavam, o fardo começava a ficar mais tolerável. A eterna dor dos músculos se tornou menos uma sensação e mais uma parte integrante do ambiente. O outro ia e voltava, limpando o caminho à frente, levantando a jangada e empurrando nos pontos mais apertados, quando estava lá atrás. Ramón não falou muito, apenas se concentrou na tarefa. Sentia que o gêmeo estava começando a respeitá-lo. Sabia quanto aquilo impressionaria o outro, então fazia mais força com as costas. Pensou em Cristo carregando a cruz enquanto era açoitado pelos romanos, sob os aplausos da multidão. A jangada devia ser mais leve que a cruz, e não era a própria morte que esperava por ele na água, e sim a salvação. Não havia do que reclamar.

Na terceira vez que tropeçou, esfolou a canela numa pedra. Não doeu, mas o sangue escorria pela pele. Xingou baixinho e começou a se levantar. Uma mão em seu ombro o impediu.

— Descanse um pouco, *ese* — sugeriu o outro. — Você está ralando essas costas o dia todo. É hora do almoço.

— Dá para continuar — retrucou Ramón. — Não tem problema.

— É, sei, você é mesmo fodão. Já entendi. Bote essa perna para cima que eu vou procurar alguma coisa para comer.

Ramón deu uma risadinha, largou a corda e deitou de barriga para cima. O céu estava mais escuro, mais parecido que o teto de uma catedral. Ouviu o que poderia ser um trovão distante, ou talvez fosse só o sangue correndo em seus ouvidos. O outro balançou a cabeça e lhe deu as costas. Ramón sorriu.

Era estranho não ter certeza se gostava ou não do homem que era ele mesmo. Nunca tinha visto como era de fora: esperto, capaz, duro como couro velho, mas com os medos o tornando arredio, pronto para culpar qualquer um menos a si mesmo. Toda aquela insegurança e aquele ódio se reviravam dentro dele, prontos para explodir à menor das provocações. Ele se pavoneava como um galo de briga, menosprezando qualquer um que estivesse por perto. Sempre fora assim. Mas teve que se transformar numa monstruosidade alienígena para perceber.

Só que também havia dignidade naquele homem, apesar de suas falhas. E uma força de vontade surpreendente. Orquestrara a morte de Maneck. Selara o buraco deixado pelo dedo perdido, quando a maioria dos homens teria tentado viver com a ferida aberta. E o fato de não estar morrendo de febre naquele exato instante era o atestado de sua sabedoria. Era até capaz de demonstrar uma estranha compaixão. Impedindo Ramón de continuar a marcha. Mentindo sobre Lianna para não soar fraco. Quem ele realmente era? Todas as partes de sua personalidade pareciam conflitantes, mas também pareciam se encaixar.

A única coisa que não fazia sentido, mesmo naquele momento, era continuar com Elena. Não conseguia entender por que o gêmeo faria aquilo. Entendia porque *ele* faria, mas aquela outra persona com certeza poderia arrumar alguém melhor. Mesmo que fossem o mesmo.

Não se lembrava de ter cochilado, simplesmente acordou quando o outro sacudiu seu braço. Ramón deu um tapa na mão que tocava a cicatriz em seu cotovelo antes mesmo de abrir os olhos. O homem estava agachado a seu lado, trazendo dois filhotes gordos de *jabali*. Ramón se sentou, ouvindo os protestos do corpo.

— Onde você achou isso?

— Dei sorte — respondeu o outro. — Venha, já acendi o fogo. Você pode conversar comigo enquanto limpo esses pobres *pendejos*.

Ramón se sentou, depois se levantou.

— Amanhã, eu cozinho — declarou. — Você já fez o café da manhã e o almoço.

— Vai fundo — retrucou o outro. — Quer fazer comida? Quem sou eu para dizer não!

Ramón se sentou perto do fogo, observando seu gêmeo destripar e esfolar os animaizinhos. A madeira chiava e estalava, as chamas bruxuleando e soando como asas batendo quando o sopro de ar passava por elas. Levariam algumas horas para chegar até a margem mais baixa. Imaginou se estaria chovendo quando chegassem e qual deles passaria a noite no abrigo. Esforçar-se daquele jeito o fizera conquistar o respeito do gêmeo, mas não a esse ponto.

— Você veio do México? — perguntou o outro.

— O quê?

— México. Na Terra. Você veio de lá?

— Sim. De Oaxaca. Por quê?

— Só estava pensando. Você parece *mejicano*. Tem aquela cara, sabe.

Ramón encarou o fogo, torcendo para o homem falar de qualquer coisa, menos de sua aparência. Ou o gêmeo já tinha percebido, ou nem se dera ao trabalho de reparar.

— Como é ser policial? — perguntou o gêmeo, sem continuar o assunto.
— Você gosta?

— Sim. Gosto. É um trabalho bom, sabe?

— Eu acho uma merda. Sem querer ofender. Mas você passa o tempo todo tendo que pegar caras que só estão tentando levar a vida e ferrar com eles. E por quê? Por que o governador mandou? E aí? Quer dizer, quem é o governador? Se tirar o poder e o dinheiro dele, acha mesmo que ele vai ter uma atitude diferente do que do pessoal que manda prender?

— Ah, bem... — enrolou Ramón, tentando pensar em como um policial responderia. — O governador é um portuga esnobe, é verdade. Mas nem sempre é assim. Claro que tem um pouco da babaquice colonial. Conferir

autorizações, licenças, essa merda toda. Mas não é só isso.

— Não?

— Não. Também tem uns *pendejos* realmente ruins. Caras que dão um jeito de entrar na igreja e mijar no altar inteiro. Que se engraçam com crianças. Eu também lido com esses escrotos.

— Tipo os caras que esfaqueiam embaixadores? — indagou o outro, a voz tranquila.

— Ninguém liga para isso. Estou falando dos realmente *ruins*. Do tipo que *precisa* morrer. Você sabe do que estou falando.

O homem ergueu os olhos. Havia sangue em suas mãos, vermelho, já escurecendo. Ramón viu uma fagulha no rosto do homem — algo inesperado. Dor. Vergonha. Arrependimento. Orgulho. Não sabia.

— Existe todo tipo de imbecis malucos lá fora — explicou, ainda fingindo ser um policial. — Na maioria das vezes, a gente nem liga para as pessoas que estão levando a vida. Mas tem estupradores. E os caras que só querem matar sem motivo. E não existe nada pior que alguém que machuca *kii*.

— *Kii*?

— Crianças — explicou Ramón, surpreendendo-se com o próprio erro. — Crianças pequenas demais para se defenderem. Ou saber o que está acontecendo. Não existe nada mais baixo. É por isso que sou policial. E as pessoas sabem, entende? As pessoas sabem que estão de um lado, sabem que eu estou esperando no outro.

Ramón perdeu o fio da meada. Nem sabia mais o que estava dizendo. As palavras, os pensamentos. Tudo se misturava em sua mente. Os Enye esmagando pequenas coisinhas alienígenas; o europeu; Mikel Ibrahim pegando a faca; a sensação de ser Maneck e ver seu povo morrer. Maneck estava certo. Não deviam rir. Não havia nada de engraçado naquilo. Se ela não tivesse *dado risada*.

— Tudo bem aí? — perguntou o outro.

— Sim. Estou bem. Tudo... tudo ótimo.

O homem assentiu e voltou às carcaças, segurando-as acima do fogo. Deixando a gordura se liquidificar, os tecidos musculosos queimarem. O cheiro de chuva estava ficando mais forte. Ambos o ignoraram.

— Eu poderia ter sido policial — comentou o outro, por fim. — Teria sido bom nisso.

— Teria — concordou Ramón, abraçando os joelhos. — Teria sido ótimo.

Ficaram em silêncio, os únicos sons vindo da gordura chiando quando pingava no fogo e o farfalhar constante das folhas. O homem virou as carcaças, colocando o outro lado para assar.

— Você tomou a decisão certa, lá atrás. Quando estávamos tentando chegar à margem. Eu nem vi aquela merda daquela rocha. Mas você viu, *ese*. Foi direto para ela. Teríamos despencado.

Estava dando uma saída para Ramón, uma chance de mudar de assunto. Mesmo sem perceber o que o incomodava, o homem sabia que deixar o assunto para trás era um ato de bondade, e Ramón se agarrou à oferta.

— É tudo uma questão de fluxo — explicou. — Saber como é quando existe algo interrompendo o fluxo. Dá para sacar que está diferente, sabe.

— Não importa o que foi, você foi muito macho. Eu não teria visto.

Ramón acenou, dispensando o elogio. Se aquilo continuasse por mais tempo, cruzariam o limite da complacência. Não queria chegar naquele ponto. Naquele momento exato, gostava do outro. Queria muito gostar do gêmeo, e o *cabrón* não era afável com frequência.

— Você teria feito o mesmo se estivesse com o remo.

— Não, cara. Não mesmo.

E Ramón percebeu que poderia ser verdade. Ter entrado na cabeça de Maneck pode ter lhe ensinado um pouco sobre ser um rio. Sobre *fluxo*. Ele e o outro podem ter começado iguais, mas os últimos dias tinham sido diferentes para ambos. Não havia mais nenhuma razão para serem idênticos. Tinham passado por experiências diferentes, aprendido lições diferentes do mundo. Ele não perdera um dedo. O gêmeo não tivera o *sahael* preso em sua garganta.

“Você não deve divergir do homem”, ecoou a voz ribombante de Maneck em sua mente. Mas como poderia evitar? O mundo mudava quando você mudava de posição.

Comeram, arrancando nacos de carne cozinha com os dedos. A carne estava quente, e queimou um pouco a pele. Mas o gosto era o da melhor

refeição que tivera na vida. A fome causava aquilo. O outro parecia sentir o mesmo, sorria enquanto arrancava a carne malpassada dos ossos. Falaram sobre outras coisas, assuntos mais seguros. Quando chegou a hora de recomeçar a jornada, o homem pegou a corda.

— Vai na frente e abra o caminho — disse, acomodando a vinha nos ombros. — Vou arrastar essa merda até o fim do dia.

— Não precisa — retrucou Ramón, mas o gêmeo descartou a objeção com um aceno. Ramón estava secretamente aliviado. Sentia como se tivesse sido espancado quase até a morte, pelo modo como vinha abusando do corpo. Mas ainda restava um problema. — Não tenho como fazer isso, cara. Você ainda está com a faca.

O gêmeo fez cara feia, puxou a lâmina da mochila de campo e a ofereceu, o cabo virado para Ramón, que assentiu quando a pegou. Não falaram mais sobre o assunto.

Abrir o caminho acabou sendo uma tarefa tão árdua quanto puxar a jangada. Cada passo parecia exigir a retirada de algum arbusto ou árvore. E a faca estava ficando cega com o uso. Por duas vezes, caiu uma chuva repentina, tamborilando nas folhas e nos ombros de Ramón, mas não durou muito. Quando a tempestade chegasse — se chegasse —, seria pesada. Mas talvez a água aumentasse a velocidade do rio.

Chegaram à beira do rio pouco antes de escurecer. Ramón tentou dar um gritinho de vitória, mas acabou soando sarcástico. O outro sorriu, exausto. Avaliaram os danos causados pela movimentação por terra. Um dos juncos perdera alguns nós e precisava ser amarrado de novo. A estrutura de galhos que formava a base sofrera um pouco de avaria, mas nada tão problemático que fizesse Ramón querer consertar.

— Me dá a faca — falou o gêmeo. — Vou cortar um pouco de casca para amarrar o junco de volta. Você pega lenha, aí podemos lançar essa porra de volta no rio. Se formos ainda hoje, talvez dê para deixar esse temporal para trás.

— Boa. Mas tem certeza de que não quer ir pegar lenha? É mais fácil que cortar casca de árvore.

— Eu não quero dar mais nenhum passo — retrucou o outro. — Vai você.

Em resposta, Ramón devolveu a faca. O gêmeo sorriu como se tivessem selado algum acordo tácito com a devolução da arma. Ramón se arrastou de volta para as árvores ao som do outro riscando o aço contra a pedra de amolar. A floresta ali era nova, crescia rápido, e as árvores não demoravam a cair. Não havia cascos-de-cobre centenários por ali. Só madeira-de-tolo de casca preta e carvalhos-divinos de tronco espiralado. Seria fácil encontrar galhos caídos e boas porções de musgo para usar na hora de acender o fogo. A questão era: quantas viagens até a jangada gostaria de fazer antes de partirem?

Se estivesse chovendo rio acima — e era meio óbvio que estava —, o afluxo de água poderia elevar o nível do rio. Talvez até já estivesse mais alto. Com sorte, um acúmulo extra poderia cobrir algumas pequenas curvas, criando um caminho mais direto para o sul.

Perdido em cálculos, Ramón não reparou no que via até sentir o medo fazer o coração disparar. Ali, no terreno fofo, viu pegadas frescas com quase dois palmos de largura. Uma pata de quatro dedos com marcas profundas de garras. De chupacabra. Em algum lugar, por ali, estava uma porra de um chupacabra!

Largou os galhos que carregava, deu meia-volta e correu para o rio, mas ainda estava na metade do caminho quando desviou de um carvalho-divino estreito e encontrou a besta, encarando-o com o que pareciam ao mesmo tempo fome e ódio. A boca aberta, a língua grossa e bifurcada esticada para fora. Os dentes amarelados e afiados feito adagas. Ramón congelou, e aqueles olhos negros repletos de ódio se fixaram nos dele. Preparou-se para morrer, mas a coisa não atacou. Mesmo sabendo que algo estava errado, levou cerca de cinco respirações rápidas para reparar num ponto achatado na pelugem do pescoço do bicho, onde uma coisa carnuda e parecida com uma corda se enterrava na carne do chupacabra. Um *sahael*.

Deixou o olhar ir além da criatura, fixando-se na forma que se assomava atrás dela. Abatido, danificado, dilacerado no peito e nas pernas, Maneck permanecia de pé, com aquela altura desconcertante. O olho ferido estava preto, vazando uma linfa insalubre, mas o outro, intacto, continuava com o tom laranja incandescente que Ramón lembrava. O alienígena balançou um pouco os braços de leve, como algas sob o mar. Quando ele falou, a voz profunda e meio pesarosa era perfeitamente familiar.

— Você fez um bom trabalho — elogiou.

CAPÍTULO 22

— **M**as que porra é essa? — indagou Ramón, sentindo um nó na garganta. — Você está morto! Você morreu!

O alienígena inclinou a cabeça. As cerdas se levantaram de leve e baixaram de volta.

— O que você diz é *aubre*. Eu não estou morto, como você pode ver — retrucou Maneck. — Sua tarefa era seguir o fluxo como o homem faria. Você realizou o trabalho, como era seu *tatecreude*. Minha funcionalidade foi comprometida por um tempo, mas agora retornou à própria forma.

— Como você me encontrou?

— O rio corre para o sul. Você depende do rio. Esta é uma pergunta estranha.

— Mas estamos viajando mais rápido que você. Poderíamos estar do outro lado do rio. Você não teria como saber que estaríamos aqui.

— Eu não poderia avançar rio abaixo mais do que o alcance de meus passos. Eu não poderia alcançá-lo na margem oposta. Logo, vim até onde eu poderia, assim como você. Você sugere coisas que não aconteceram. Isso é *aubre*. Você deve cessar a expressão de *aubre*.

O chupacabra emitia um grunhido grave e se remexeu, inquieto, mas sob controle. Exibia marcas de queimadura ao longo do flanco, onde Maneck o atingira. O pelo queimado deixara largas faixas de carne avermelhada e cheia de bolhas. Ao que parecia, Maneck dera uma surra no bicho. O *sahael* pulsou duas vezes, a carne com aspecto de hematoma inchando, como um verme se movendo debaixo da pele. Ramón sentiu uma pontinha de simpatia pelo

chupacabra. Pelo menos, quando estava sujeito àquela coisa presa no pescoço, entendia o que estava acontecendo. Pensou em quantas vezes Maneck teria punido o bicho antes que ele entendesse que não era mais dono da própria vontade. E quantos truques o alienígena fora capaz de ensiná-lo.

— Então — começou, com uma coragem que não sentia. — Quais são seus planos agora? Você não pode simplesmente matar o coitado.

Maneck hesitou.

— Você não está correto. O homem não pode saber sobre nós. A ilusão do conhecimento dele será corrigida. Você se provou uma ferramenta apta. Isso será expressado. O homem está perto da água? Devemos abordá-lo depressa.

— Eles estão aqui — revelou Ramón. — Os devoradores de filhotes. Aquelas naves lá em cima são deles. E se estiverem olhando? E se virem você?

Maneck pareceu hesitar, mas talvez tenha sido imaginação derivada do desejo absurdo de Ramón que ele hesitasse. O alienígena balançou a cabeça.

— Eles fazem isso, sabe — prosseguiu Ramón. — Eles têm sensores. Olhos. Da última vez que vieram, o governador pediu ajuda para encontrar um garoto perdido lá em *tierra hueso*. E eles encontraram. Levaram algumas horas, mas disseram exatamente onde o *pendejo* estava. Como sabe que não estão me observando agora? Tentando me rastrear por eu ter matado aquele homem? Se você aparecer lá fora, onde pode ser visto, e matar o cara, eles vão ver o disparo de energia. E acha que vão pensar que foi uma árvore caindo? Eles vão *saber*.

Ramón nunca dissera tanta merda na vida. Maneck não precisaria disparar a arma de energia para matar o outro, não com uma porra de um chupacabra adestrado a tiracolo, pronto para seguir qualquer ordem. Além disso, o alienígena era forte o suficiente para quebrar o pescoço do gêmeo como o de uma galinha, e sem ajuda. Mas não estava com a coleira no pescoço de Maneck para transmitir suas intenções e ajudá-lo a julgar quando estava mentindo. Se o alienígena não acreditasse nele, o pior que poderia fazer era matá-lo. Aguardou, o peito estufado como se estivesse pronto para a briga. Maneck balançou-se de um lado para o outro. O chupacabra ganiu.

— Qual abordagem você recomenda?

— Me deixe ir falar com ele. Você fica aqui. Entendeu? Bem aqui. Vou pensar num motivo para fazer ele voltar comigo. Não vão ver você por baixo das árvores, entende? Aí você pode corrigir a merda de ilusão que quiser.

“Porque estaremos outra vez naquela jangada, bem longe daqui, enquanto você ainda vai estar de pé e sozinho, feito uma garota gorda num baile de formatura”, pensou. Maneck ficou em silêncio, imóvel como pedra durante três longas respirações.

— Por que você faria isso? — perguntou, por fim.

— É meu *tatecreude*, monstro. Devo ajudar você a encontrar o sujeito, certo? Bem, estou aqui. Ajudando.

— Não — retrucou Maneck, quase parecendo aliviado. — Sua função é se comportar como o homem se comportaria. Você está tentando me enganar.

— Então o que você acha que o *homem* faria? — inquiriu Ramón, o desespero crescente virando fúria. — Estou tentando salvar a sua pele. Você acha que ele não sacrificaria outra pessoa para salvar a própria pele?

— Não. Ele não sacrificaria. Você realizou sua função, mas agora devo...

Ouviram um guincho agudo, como uma menininha gritando de surpresa e deleite. Todos os olhos — de Ramón, de Maneck e do chupacabra — se voltaram na direção do barulho. O homem estava de pé na trilha, atrás de Ramón. Seu rosto estava pálido como mármore.

— Isso está de acordo — comentou Maneck. — O fluxo o traz por um caminho específico. Às vezes, vocês são criaturas excelentes. Suspeito que seja sua ignorância que... O homem? Aonde ele está indo? Você vai restringi-lo! Fará isso imediatamente!

— Fique aqui! Fique aqui! Fique aqui! — gritou Ramón, por cima do ombro, enquanto disparava atrás do outro.

O alienígena provavelmente não permaneceria onde estava, mas mesmo uma breve pausa daria um instante a mais para fugirem. Quando pensou que Maneck não poderia mais ouvir, dedicou toda a energia e atenção ao simples ato de correr. Se chegassem até a jangada e entrassem no rio, conseguiriam despistar o bastardo. Conseguiriam fugir. Se Ramón não tivesse construído o abrigo. Se a merda do rio não tivesse cachoeiras. Se nada do que os fizera parar ao longo da jornada não tivesse acontecido, Ramón não estaria abrindo caminho pela floresta, erguendo as pernas alto o bastante para não se arranhar

e não tropeçar em arbustos, raízes e pedras, com o alienígena e seu chupacabra de estimação no encalço. Notou que estava chamando pelo homem, pelo gêmeo, que já estava tão distante que Ramón não conseguia vê-lo.

— Vai! — gritou. — Corre! Vai, seu merda!

Se conseguisse chegar ao rio...

Ramón chegou ao rio. A água estava agitada, e o rugido da catarata era mais alto do que se lembrava. O outro não estava à vista e, no lugar onde a jangada estivera, havia rastros profundos na direção da margem. Levou um instante para acreditar. Motivado por um medo mortal, desespero e pânico, o outro dera um jeito de lançar a jangada sozinho, algo que Ramón não acreditaria ser possível. Correu, enfiando os pés na lama, a água gelada ensopando os joelhos e as coxas. Lá, cinco metros longe da margem e dez ou mais de onde estava, viu a jangada flutuando de um lado para o outro na água agitada, o gêmeo agachado com o remo. Ramón viu seus olhos arregalados e cheios de medo.

— Pare! — gritou. — Volte aqui! Pare!

O homem na jangada acenou, um gesto amplo e frenético desprovido de significado. Ramón cuspiu um turbilhão de xingamentos, entrando na água sem saber onde pisava. Quando olhou para trás, Maneck e o chupacabra estavam chegando, um pouco atrasados pela volumosa coleira e pelas feridas de Maneck. Ramón ergueu a mão para o alienígena, a palma exposta — um gesto que queria que significasse “Está tudo bem, deixa comigo”. Então, sem esperar resposta, respirou fundo e mergulhou. A vestimenta ficou encharcada, mas ele não parou para tirá-la. Abaixo da superfície, o rio parecia nebuloso, as bolhas da espuma da queda-d’água e o lodo flutuante conspirando para esconder qualquer coisa a mais de um metro de distância. Batendo braços e pernas, Ramón mirou na direção onde acreditava estar a jangada.

Disse a si mesmo que o gêmeo, assim como ele, estava à mercê da água. Seriam levados na mesma velocidade. Só precisava reduzir a distância. Mas a turbulência era intensa, e Ramón sentiu a água batendo de todos os lados quando emergiu com dificuldade para respirar.

— Filho da puta! — gritou, quando a cabeça ultrapassou a superfície.

A boca se encheu de água antes que pudesse dizer qualquer outra coisa. A

jangada estava próxima, mas não tanto quanto Ramón esperava. Um disparo de energia iluminou o ar — Maneck estava atirando lá da praia. O homem gritou e começou a remar enquanto Ramón tomava fôlego e mergulhava de volta. Talvez o alienígena pudesse acertar o filho da puta e resolvesse os problemas de Ramón por ele.

O frio era desagradável, mas não se equiparava à frieza mortal e cruel do trecho anterior. Talvez estivesse muito mais ao sul do que imaginara. Ou talvez a água fosse mais morna por conta do acúmulo da chuva. A água acima brilhou duas vezes com os tiros de Maneck. Então pelo menos a jangada estava próxima. Um rodaminho na penumbra da água o alertou instantes antes de ser atingido por uma turbulência poderosa, a água acertando sua barriga com a força de um punho. Soltou o que lhe restava de ar, as bolhas subindo aos trancos enquanto ele se esforçava para segui-las até a superfície.

A correnteza estava mesmo mais forte. Maneck já parecia uma figura diminuta na praia distante. Inexplicavelmente, o chupacabra descia a encosta, livre do *sahael*, correndo como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dele. Ramón cuspiu e virou-se para a frente, tentando localizar o gêmeo e a jangada. O outro se distanciara ainda mais rio abaixo e estava gritando, o rosto enrubescido e a boca aberta. Ramón não conseguia dizer se o desgraçado estava gritando com ele, com Maneck ou com Deus. O alienígena parecia ter desistido de atirar, então Ramón não mergulhou de volta. Começou a dar braçadas, batendo as pernas contra as ondas, sendo carregado. Jogado. Aos poucos, a jangada foi ficando mais próxima, então o rio os separou e os reaproximou de novo. O outro estava de joelhos, o remo esticado na água. Ainda gritava alguma coisa. Ramón ainda não conseguia compreender, mas a expressão do outro parecia mais de encorajamento.

“Meio tarde, né, *cabrón?*”, pensou, mas tentou pegar o remo mesmo assim. Os dedos tocaram a madeira granulada e sem polimento, sentindo algo sólido depois de lutar tanto contra a água. Aumentou o ritmo das pernadas, lançando-se para a frente, agarrando o remo com as duas mãos e trazendo-o para perto do corpo. Sentiu um solavanco quando o homem o puxou de volta para a jangada, mas decidiu ficar imóvel, os braços e as pernas formigando de exaustão. Deixou o covarde filho da puta fazer um pouco de esforço.

Menos de um minuto depois, o gêmeo tocou seu ombro. Estava bem na

frente da jangada. Ramón ergueu o braço, lançando-o na direção dos galhos amarrados. Içou-se, e o outro ajudou, arrastando-o para cima. Ficou deitado no convés cheio de folhas da jangada, a vestimenta ensopada pesada como chumbo, os pulmões trabalhando como foles.

— Porra! — exclamou o gêmeo. — Achei que você não ia conseguir, *ese*. “Obrigado”, pensou Ramón, mas não gastou energia para dizer.

— O filho da puta do caralho rastreou a gente — comentou o outro, recolocando o remo no rio. — Achei que você tivesse dito que o chupacabra o havia matado.

— Achei que tinha matado — respondeu Ramón, sentando-se. Arrotou. Tinha gosto de lodo. — Maneck usou o *sahael* no coitado. O chupacabra virou escravo dele. Nunca pensei que sentiria pena de um chupacabra. Conseguimos pegar alguma lenha antes de...?

Olhou para o homem, o gêmeo, e viu o horror naquele rosto familiar. Ramón piscou, olhando para trás. Esperava ver qualquer coisa: Maneck andando sobre as águas como um Cristo alienígena, outro nevoeiro provocado por uma catarata, até mesmo o europeu saído do Inferno com o Diabo ao seu lado. Não viu nada. Só o rio cinzento, o céu tempestuoso. Ondas com pequenos toques de espuma branca. Olhou de volta para o outro. O remo estava esquecido em suas mãos, o rosto uma máscara de medo.

— O que foi? — perguntou Ramón, então olhou para baixo. A vestimenta estava aberta. A barriga exposta à luz, a cicatriz grossa e cheia de nódulos lívida na pele marrom. — Ah. Isso.

— Meu Deus do céu — murmurou o outro. — Você sou *eu*!

O gêmeo o encarava, congelado de pavor.

— Calma. Eu posso explicar...

— O que você é? — gritou o outro. — *O que* você é, seu merda?

O homem puxou a faca. Um raio iluminou o mundo, brilhando contra a lâmina exposta. O trovão detonou e estalou. Ramón se levantou cambaleante, a jangada balançando.

— O que você é, caralho? — A voz do outro soava histérica. Ele largou o remo. Estava flutuando para longe, um prisioneiro do rio.

— Escuta! Dá para parar de se comportar como um merdinha e me ouvir?

— ralhou Ramón. Então, olhando nos olhos do outro, olhos que vira no espelho a vida toda, soltou um suspiro. — Ah, foda-se. Deixa pra lá.

Não adiantava. Não era mais uma briga verbal.

CAPÍTULO 23

O quadrado de dois metros e meio de lado da jangada já era meio apertado, sem contar a fogueira e o abrigo. Não seria uma briga longa. Ramón tirou a vestimenta ensopada e a enrolou sob o braço, movendo-se de forma que o abrigo ficasse entre os dois. Não ficava muito feliz de entrar pelado numa briga de faca, mas tinha o manto enrolado no antebraço para aparar os golpes. E o gêmeo segurava a faca com a mão esquerda, enquanto Ramón podia usar a direita. Não seria uma luta equilibrada. Nem um pouco. Ramón ia perder.

O outro se agachou, a faca em riste. Não havia com o que se defender. Se tivesse alguma lenha, poderia usar um galho como porrete. Se o remo não tivesse flutuado para longe, na escuridão cinzenta, poderia tê-lo usado como cajado.

— Você os trouxe para cá! — acusou o outro.

— Não trouxe, não!

— Seu mentiroso de merda! — vociferou o gêmeo. — Você é um deles. Você é um monstro.

— Sim. Sim, sou. Mas mesmo assim sou um homem melhor que você.

— Seu monstro!

Ramón nem se deu ao trabalho de responder. O homem estava decidido. Assim como ele mesmo estaria, naquela situação. Só entendia que não havia sentido, nenhuma lógica, explicação ou perspectiva que pudesse alterar os rumos daquele confronto. Sabia como aquilo terminaria.

— Você é um covarde do caralho, sabia? — provocou, querendo irritar o

gêmeo e forçar um erro. — Um veadinho. Elena é perda de tempo, e você sabe bem disso.

— Não venha falar dela, porra!

— Você estava *apaixonado* pela cozinheira, Lianna. Aquela mulher que *roubou* de Martín Casaus. E não tem nem uma gota de coragem para assumir! Fica com Elena por ter medo de ficar sozinho. Porque, sem ela, sabe que não vai fazer parte de mais nada, que não tem ninguém. Você é só um *pendejo* qualquer com um furgão de terceira classe e ferramentas de mineração.

O rosto do outro estava vermelho de raiva. Ramón flexionou os joelhos, baixando o centro de gravidade, pronto para desviar em qualquer direção. Exceto para trás. Não havia mais jangada atrás dele.

— Você não sabe de porra nenhuma!

— Eu sei *de tudo*. Vem pra cima, putinha — retrucou Ramón. — Quer dançar? Ótimo. Então, venha. Vou arregaçar você, vou jogar seu corpo na água que nem merda.

O homem atacou com selvageria, a jangada balançando com a movimentação. Ramón deu um passo para o lado e se virou, dando um chute no nada. O outro cortou o ar, abaixado. Foi pouco mais que uma troca de posições. O gêmeo segurava a faca na lateral diante do corpo, na defensiva. A raiva o deixara, e ele estreitava os olhos frios. Aquilo não era nada bom. Com o gêmeo possuído pelo medo e pela raiva, Ramón teria uma chance. Se o puto decidisse *pensar*, acabaria se tornando o europeu.

O outro fez uma finta para esquerda, então para a direita, os olhos fixos nos dele. Era um teste. Ramón dançou em resposta, os pés encontrando a borda rudimentar da jangada. O outro deu um golpe, mas Ramón já previra o ataque, abaixando-se e deixando a faca para trás antes de ser atingido. A jangada estalava e pulava, fazendo os dois cambalearem, mas o outro recuperou o equilíbrio primeiro. Mais um relâmpago. O trovão veio quase antes de o brilho sumir. Ramón abriu um sorriso. O gêmeo fez o mesmo. Nada mais importava, muito menos quão mal aquilo terminasse: ainda havia um pouco de prazer no combate.

“Sob quais circunstâncias você mata?”

Quando o filho da puta precisa morrer.

Ramón deu um golpe calculado com a mão desprotegida, desviou

depressa quando a faca subiu para bloquear o ataque. O outro apunhalou por baixo, abrindo um corte superficial na perna de Ramón, um pouco acima do joelho. Não era nada. Ramón ignorou. Circulavam sem jeito, dando saltinhos sem desgrudar os calcanhares da jangada. Uma chuva fraca começou a cair, deixando as folhas de raiz-de-gelo sob eles escorregadias. O outro se armou para avançar, e o súbito arqueamento dos ombros entregou a jogada. Ramón deu um pulo, fazendo a jangada balançar feito doida. O gêmeo escorregou e caiu sobre um joelho, mas se levantou na mesma hora.

— Você matou o cara porque pensou que isso faria todo mundo gostar de você! — gritou Ramón.

— O quê?

— Você matou a porra do europeu porque achou que aquelas pessoas no El Rey iam considerar você um herói, caralho! Você é patético.

— Foda-se, seu monstro! — retrucou o outro, girando a faca.

Era o que precisava acontecer. Ramón não teve tempo para pensar: pulou para a frente, deixando que a lâmina cortasse as costelas e prendendo o braço do homem à lateral do corpo. Sentiu uma dor estridente quando a faca encostou em seus ossos, mas o outro não teria como recuar para golpear outra vez. Ramón usou a mão livre para agarrar a mão ferida do outro e apertar. O gêmeo grunhiu de dor, tentando se soltar. Travaram a luta corpo a corpo num abraço inebriado. Perto daquele jeito, sentia o cheiro do outro, um futum rançoso e pungente de coisa suja, imensamente desagradável. O hálito acertou o rosto de Ramón como um sopro de ar podre, com cheiro de carne morta. Ramón manteve a lâmina presa ao lado do corpo, mas o outro perdeu o equilíbrio, e escorregaram juntos para o convés. Água do rio e da chuva respingava sobre eles. Algo atingiu a jangada, que girou alucinadamente. Não havia remo para estabilizar, ninguém estava no controle.

— Você não deveria estar vivo, sua abominação de merda — guinchou o outro. — Você não deveria estar vivo!

— Acontece que você não compreende o fluxo — retrucou Ramón, num tom estranhamente descontraído, como se estivesse tomando uma cerveja num bar qualquer. — Você não entende o que é fazer parte de algo maior. E, Ramón, seu pobre coitado, você nunca vai saber.

Deu uma cabeçada contra o topo do nariz do gêmeo. Sentiu o osso

afundar e o outro gritar e recuar. Ramón continuou colado nele enquanto rolavam. O pequeno abrigo acertou suas costas e cedeu com um estalo. Viraram-se outra vez, ambos tentando ficar de pé — o outro se recusando a soltar a faca, Ramón recusando soltá-lo. Caíram juntos na água.

Ramón não conseguiu evitar inspirar e foi premiado com uma golada de água do rio. O outro se debateu e se contorceu, e os dois se separaram, flutuando. Flutuando num rio reluzente e em constante movimento. Ramón notou a mancha vermelha que desabrochava do seu lado, o sangue se misturando à água, tornando-se parte dela. Estava se transformando no rio.

Teria sido fácil deixar a coisa acontecer. O mar vívido o chamava, e parte dele queria muito responder ao chamado, fazer parte do rio. Mas sua metade alienígena lembrou a tristeza ameaçadora do *gaesu*, e a parte humana se recusou a se dar por vencida. Juntas, as duas partes do mesmo forçaram uma reação. Ramón se deitou e nadou contra o fluxo com toda a força, o calor e o sangue jorrando para fora do corpo.

Na fúria do rio bravio, sobreviveria quem encontrasse a jangada primeiro. Ele bateu as pernas, avançando pelo fluxo. A água ao redor era um véu rosa. Sangue dele. Um pensamento piscou em sua mente: “Qual o tamanho do estrago que ele fez?” Então sumiu. Não havia tempo para pensar.

Encontrou a jangada, um ponto escuro sobre a água, e nadou até ela. De rabo de olho, viu o outro nadando feito doido. Um pedaço grosso de vinha se soltara da jangada, pendendo como uma cobra por cima da água. Ramón cerrou os dentes e acelerou. Era a hora. Ia conseguir chegar.

Ergueu o corpo acima da linha da água, os braços atacando o topo da jangada. O outro estava à esquerda, também se arrastando para cima da plataforma, uma espuma de água e saliva na boca. Um galho se prendeu em alguma coisa, e Ramón achou que fosse o manto, então lembrou que o tecido ainda estava enrolado ao redor do braço. A madeira tinha se prendido num pedaço solto de sua pele. O outro estava quase em cima da jangada. Ramón jogou a perna para cima, colocando o tornozelo no topo e fazendo força, erguendo-se, desesperado. A vinha solta deslizou por suas costas, golpeando-o como uma serpente aquática. A chuva caía em milhares de pequenas pancadas. E ele subiu. Estava de volta na jangada. Rolou para o lado, e o outro desceu o pé com toda a força sobre seu peito, imobilizando-o.

O gêmeo estava ofegante, como se tivesse batido um recorde de

velocidade. O cabelo estava embaraçado e colado à cabeça como musgo sobre a pedra, e a boca exibia um sorriso pálido coberto pelo sangue do nariz quebrado. Os dentes pareciam ossos amarelados. Ramón tentou respirar, mas a pressão do pé do outro o impedia. Sentiu que sorria.

— Suas últimas palavras antes de morrer, monstro? — indagou o gêmeo.

— Claro — concordou Ramón, inspirando com dificuldade. — Sabe de uma coisa, Ramón?

— O quê?

— Você não gosta muito de si mesmo.

O tempo ganhou a qualidade lenta, diáfana e estranha do quase devaneio que acompanha momentos de horror e trauma. Ramón encontrou prazer em rastrear as reações no rosto do outro: surpresa deu lugar à confusão, que deu lugar à vergonha, que abriu espaço para a raiva, que se assomava sobre ele como uma nuvem carregada imensa engolindo as montanhas no verão. E tudo isso em menos de dois batimentos de um coração acelerado. A lâmina recuou, preparando-se para o golpe que abriria sua garganta. Quando ergueu os braços para se defender, Ramón pensou nas marcas na pele e nos ossos de homens que tinham morrido tentando usar a carne para se defender do aço. Era assim que aquelas marcas eram criadas, e não havia nada que pudesse fazer além de mostrar ao médico-legista imaginário que lutara como quem se defende das chamas do Inferno.

Ramón estava lutando, pura ira animal afogando o medo e o desespero de seu esforço vão, quando a vinha solta se ergueu da água como uma serpente pálida, os fios faiscando e chiando no lugar onde deveria estar a cabeça.

O outro pulou para trás. O golpe mortal se transformou numa defesa desajeitada quando o *sahael* caiu sobre ele. Ramón rolou até estar quase na beirada da jangada, então olhou para cima.

O *sahael* se enrolara duas vezes ao redor da perna do gêmeo e uma ao redor da barriga, e avançava contra o pescoço. O gêmeo segurava o *sahael* com as duas mãos, lutando para mantê-lo longe do corpo. Os músculos dos braços estavam cedendo — Ramón até achava que ouviria os ossos estalando, tamanho o esforço. Instantes depois, pensou que, se estava usando as duas mãos para se defender do novo oponente, ele deveria ter largado a faca.

Sim, ali estava. Nas ruínas do abrigo, a lâmina reluziu com outro

relâmpago e, antes que o trovão caísse e detonasse, Ramón avançou até ela estendendo a mão. A empunhadura de couro desgastado ficara morna contra a palma.

O homem estava gritando alguma coisa, as mesmas sílabas sem parar. Ramón precisou de um tempinho para entender que ele dizia: “Mata-mata-mata-mata-mata-mata.” Nem parou para pensar, simplesmente se moveu — o corpo sabia o que fazer. Ele se jogou para a frente, a faca na mão direita, e golpeou forte contra a barriga do homem. Depois golpeou mais duas vezes, só para ter certeza. Seus corpos se uniram como amantes, antes que Ramón se desvencilhasse, a bochecha barbada do outro roçando na sua, a respiração ofegante contra seu rosto, o hálito denso por causa do odor da decomposição. Por um instante, sentiu o coração do gêmeo batendo contra seu peito. Então, deu um passo para trás. O rosto do homem se acalmou, olhos arregalados redondos como moedas. O mesmo olhar de surpresa que vira no semblante do europeu: “Isto não pode estar acontecendo comigo, não comigo.” O *sahael*, como se repellido pelo sangue, largou o gêmeo de Ramón, caiu e se enrolou a seus pés.

— Seu filho da puta escroto — disse o outro, e caiu de joelhos. A jangada deu uma guinada. Chuva forte misturada com sangue escorria pelo rosto, pela barriga e pelas pernas do gêmeo. Ramón deu um passo para trás e se agachou. O *sahael* se mexeu, como se avaliasse um de cada vez, mas não fez nenhum movimento ofensivo. — Você não sou eu — declarou, ofegante. — Nem nunca será! Você é uma porra de um *monstro*!

Ramón deu de ombros, sem discutir.

— Tem mais alguma coisa para dizer? É melhor ser rápido.

O gêmeo piscou, como se estivesse chorando, mas quem poderia ver lágrimas com toda aquela chuva?

— Eu não quero morrer — sussurrou. — Por favor, Jesus, eu não quero morrer.

— Ninguém quer — respondeu Ramón, gentilmente.

O rosto do gêmeo mudou, endureceu. Ele encontrou forças para erguer um pouco o corpo e cuspiu com toda força no rosto de Ramón.

— Vai se foder, seu merda! — chiou, com a voz falha. — Diga a todos que morri como um homem!

— Antes você do que eu, *cabrón* — retrucou Ramón, ignorando a saliva que escorria pelo seu rosto.

CAPÍTULO 24

O gêmeo se encolheu, os olhos voltados para os anjos, ou o que quer que os humanos vissem na hora da morte. Algo que Ramón não estava vendo. A boca ficou mole, e sangue escorreu dos lábios para o queixo.

Sentiu um pequeno solavanco quando o outro morreu — seria o rompimento da ligação entre os dois? Ou só obra da imaginação? Era impossível dizer.

Ramón rolou o corpo até a beirada da jangada e o empurrou para a água. O corpo do gêmeo flutuou, balançando nas águas uma, duas vezes, e então afundou. Ele limpou o cuspe do falecido com as costas da mão.

A tempestade jogava a pequena jangada de um lado para o outro, e Ramón não sabia dizer quanto da náusea era provocada pelos giros imprevisíveis da embarcação, pela morte do outro ou pela perda de sangue. O *sahael* serpenteou pela jangada, a carne pálida parecendo muito mais um verme do que uma cobra. Os fios faiscaram, mas a coisa não se virou para ele.

— Então, vamos ter problemas? Eu e você? — perguntou, mas a cobra alienígena não respondeu.

Não sabia que Maneck podia mandar o *sahael* operar em modo autônomo — ou talvez o monstro o estivesse controlando a distância. De qualquer modo, era mais versátil do que pensara. O alienígena deve ter lançado o treco assim que soltara o chupacabra.

Ramón soltou um longo suspiro e analisou os ferimentos. O corte na lateral do corpo era sério, mas não tão fundo a ponto de oferecer risco de um colapso pulmonar. O que era bom. A perna também fora perfurada em algum

ponto. Lembrou-se de um detalhe do começo da luta. Era difícil se lembrar de tudo. A ferida sangrava bastante, mas era superficial. Ficaria bem.

Sentia a adrenalina se dissipando. As mãos tremiam, e a náusea só piorava. Ficou surpreso ao notar que lacrimejava, e mais ainda ao compreender que as lágrimas não eram provocadas pela exaustão ou pelo alívio que vinha com o fim de uma briga ruim. A tristeza que o possuía era profunda. Estava de luto pelo gêmeo, pelo homem que ele próprio havia sido. O irmão — mais que irmão — estava morto, morto por suas mãos.

Talvez o destino quisesse que terminasse daquele jeito — a colônia só tinha espaço para um deles. Ele ou o gêmeo precisavam morrer. Os sonhos de fugir, de se transformar num novo homem, não passavam de sonhos. Devaneios. E, assim como o corpo do homem que matara, estavam flutuando para longe. Ele era Ramón Espejo. Sempre fora. Nunca houvera esperança de ser alguém diferente.

Aos poucos, desenrolou o manto encharcado do braço. A sensação de dor aumentava. O corte na lateral do corpo era o ponto mais dolorido. Poderia pressionar a vestimenta contra ele, talvez estancar o sangramento. Ponderou sobre o benefício de torcer o pano, tirando um pouco da água. Tentou adivinhar quão longe estaria do Alto do Violinista e da ajuda médica. E perguntou a si mesmo o que os outros veriam quando olhassem dentro dele? Será que Maneck e seu povo tinham deixado alguma surpresinha para os médicos?

Mesmo encharcado em miséria, incerteza e dor, uma parte de Ramón deve ter antecipado o ataque. Foi como uma tremedeira no campo de visão — o *sahael* chicoteou em sua direção, avançando como uma lança. Ele nem pensou. A lâmina simplesmente estava onde deveria no instante certo, o aço de fabricação humana empalando a carne alienígena milímetros abaixo dos cabos na cabeça da coisa. Seu coração não acelerou. Ele nem piscou. Estava cansado demais para aquilo.

O *sahael* emitiu um gemido alto e longo. Uma fagulha enegreceu a ponta da faca, onde atravessou o corpo fino da coisa. Como uma serpente, o *sahael* estremeceu, puxando Ramón para um lado e para o outro com solavancos. Ele fincou a ponta da lâmina num dos galhos, prendendo o *sahael* à madeira. A carne abaixo da arma era pálida e chacoalhava violentamente. Os cabos e a membrana mucosa que já tinham se alojado em seu pescoço agora

descansavam como uma coisa morta.

— Se você voltar... — começou, então esqueceu o que estava falando. Seu corpo parecia lenha encharcada. Algumas respirações depois, lembrou-se: — Fiz o trabalho de Maneck por ele, mas não sou cachorro de ninguém. Volte para lá e diga isso a eles. Você e o resto da sua raça podem ir se foder.

Se o *sahael* entendeu o recado, não demonstrou. Ramón meneou a cabeça e resmungou uma série de obscenidades enquanto arrancava a faca e jogava o corpo serpentino para fora da jangada. A coisa afundou na água, só a cabeça visível enquanto boiava para longe, na chuva — primeiro pálida, depois cinzenta, então desapareceu. Ramón se sentou por um instante, as gotas de chuva tocando suas costas e seus ombros. Trovões interromperam o devaneio.

— Me desculpe, monstro — disse ao rio. — É que... é assim que tem que ser.

Havia muito a fazer. Precisava se recompor. Estava com frio. Estava gravemente ferido e perdendo sangue. Perdera o remo e, com ele, o pouco de poder de manobra que tinha. Não recarregaram a jangada de lenha, mas também não teria como acender o fogo. Precisaria ficar seco e quente assim que a tempestade passasse. A mente espiralou de volta à catarata e à paz inusitada que se abatera sobre ele quando ficara preso pela rocha. Um pensamento de algum modo relacionado ao sonho de ser Maneck e à viagem da Terra com os Enye. Sentiu que algo profundo estava prestes a se esclarecer, como reconhecer um rosto conhecido e, então, esquecer. Quando percebeu que adormecera e se forçou a abrir os olhos de novo, a chuva tinha parado, e um vasto pôr do sol dourado e verde iluminava as nuvens de baixo para cima. Ouviu o chamado de um bando de levantadores em algum lugar acima.

Precisava de um remo. Algo para manobrar a jangada caso aparecesse outra catarata ou mais corredeiras. Mas ouviria o rugir da água, se houvesse mais um obstáculo daqueles, e o gêmeo devia um turno de vigia, de qualquer maneira. Que o *pendejo* ficasse acordado e os mantivesse a salvo. Serviria de lição para o bastardo, depois de ter abandonado Ramón na floresta. Enrolou-se no que restava das agulhas de raiz-de-gelo, as folhas largas refletindo seu calor corporal de volta para ele. Demorou para perceber a falha no plano e, quando se tocou, estava confortável demais para se importar se morreria ou

não.

Passou dias com febre. Realidade e sonho, passado e futuro, entrelaçados num só. Ramón foi possuído por memórias de coisas que nunca poderiam ter acontecido — voar como uma andorinha sobre os telhados da Cidade do México, com uma placa de uma *yunea* alienígena entre os dentes. Elena chorando por sua morte como um bebê e depois trepando com Martín Casaus sobre sua cova. Caminhar pela mata com uma jangada amarrada à testa. Maneck e o alienígena no fosso aplaudindo e dando uma festa em sua homenagem — “Salve Ramón Espejo, herói dos monstros!” —, ambos usando chapeuzinhos de festa e assoprando línguas de sogra. A consciência vibrou, quebrou e se refez como uma bolha subindo em meio a águas turbulentas. Nos raros momentos de lucidez, bebia a água fresca e limpa do rio e cuidava dos ferimentos da melhor forma que podia. Uma casca estava se formando sobre a costela cortada, mas a perna tinha o aspecto quente e raivoso de infecção. Teria reaberto o ferimento, para o caso de algum corpo estranho — madeira, tecido ou só Deus sabe o quê — estar impedindo a recuperação, mas perdera a faca em algum ponto durante os sonhos febris — talvez tivesse sido levada pela água —, então não tinha com o que se operar. Uma vez, quando acordou no meio da tarde, sentiu-se forte e bem, então imaginou que seria capaz de pescar um peixe para comer. Mas o simples ato de ir até a beirada da jangada para tomar água o deixou esgotado.

Numa noite, Garotinha navegou acima dele, mas a lua tinha o rosto de Elena, bisbilhotando com desaprovação. “Eu falei que um chupacabra ia pegar você!”, ralhou a lua menor.

Em outra noite — ou seria a mesma? —, viu *La Llorona* caminhando pelo barranco, reluzindo na escuridão, torcendo as mãos e lamentando por todas as crianças perdidas com uma tristeza infinita e inconsolável.

Em outra, ficou preso num banco de areia e passou boa parte do dia pensando em como conseguiria soltar a jangada naquele estado enfraquecido, antes de perceber que estava vestido — camisa e jaqueta de campo —, então ainda estava dormindo, perdido em devaneios. Acordou e encontrou a jangada ainda bem no meio do rio largo e, agora, plácido.

Mas a parte mais irritante eram as vozes na água. Maneck, o gêmeo, o europeu, Lianna. Mesmo quando estava desperto, podia ouvi-los estalando e murmurando na água, como uma conversa no quarto ao lado, cujas vozes

quase conseguia distinguir. Uma vez, pensou ter ouvido o gêmeo gritando: “*Madre de Dios*, me ajude! Me ajude! Por favor, Jesus, eu não quero morrer!”

A pior de todas era quando ouvia a gargalhada de Maneck.

Uma pequena porção da mente, que às vezes ainda conseguia observar o que acontecia de longe e avaliar a situação, entendia tudo. As alucinações, a sede escaldante, forte o suficiente para motivar até mesmo um homem perdido nas ruínas da própria mente, a perna inchada e cada vez mais vermelha. Ramón estava com problemas, e não havia o que pudesse fazer para salvar a si mesmo. Os pensamentos estavam desorganizados demais para sequer conseguir fazer uma prece.

Por duas vezes, sentiu-se deslizando para um estado estranho de sono espectral. Em ambas, conseguiu força de vontade suficiente para voltar à consciência e manter a morte um pouco afastada. Ramón Espejo era um filho da puta durão, e ele *era* Ramón Espejo. Mesmo assim, na terceira vez, já inevitável, não achou que fosse escapar.

As naves Enye permaneciam como suas únicas companheiras. Nada de gaviões. Corvos e abutres pairavam no céu, observando-o. Esperando sua morte.

Quando ouviu vozes pouco familiares tagarelando — agudas e empolgadas como macacos —, pensou que fosse uma nova fase da deterioração. Não era suficiente imaginar vozes que conhecia, agora toda a colônia de São Paulo serviria de escolta para o Inferno, falando em línguas inexistentes. O pescueiro avançava pela água, bem devagar para que as ondas da movimentação do navio não cobrisse a jangada. Era o novo sonho. A tinta à prova de ferrugem, branca e cinza, mas decorada com uma imagem rústica da Virgem, dava um toque especial. Nunca tinha imaginado que a mente fosse capaz de criar um detalhe tão adorável. Estava tentando fazer a Virgem piscar para ele quando a jangada se inclinou. Um homem se ajoelhou ao seu lado, a pele negra como piche, os olhos arregalados cheios de preocupação.

“Sei que era pedir demais que fosse um Yaqui”, pensou Ramón, “mas sempre achei que Jesus pelo menos parecesse mexicano”.

— Ele está vivo! — gritou o homem. Espanhol não era sua primeira língua, e quem lhe ensinara tinha um sotaque jamaicano bem distinto. —

Chame Esteban! Rápido! E jogue uma corda!

Ramón piscou, tentou se sentar, mas não conseguiu. Sentiu uma mão em seu pescoço, empurrando-o gentilmente para baixo.

— Está tudo bem, *muchacho* — disse o negro. — Está tudo bem. Encontramos você. Esteban é o melhor médico do rio. Vamos cuidar de você. Fique quietinho.

A jangada chacoalhou outra vez, inclinando-se sobre a água. Mais alguma coisa aconteceu, o tempo acelerou como se ele tivesse consumido ácido. Estava numa maca, a vestimenta jogada sobre ele como um cobertor, subindo ao lado do barco. A pintura da Virgem piscou quando passou por ela.

O convés fedia a tripas de peixe e cobre quente. Ramón inclinou a cabeça, tentando distinguir alguma coisa, qualquer coisa, que indicasse se aquilo era verdade ou só mais uma invenção de seu cérebro moribundo. Uma mulher de cinquenta e poucos anos, grisalha, com uma expressão de “nada mais me surpreende”, sentou-se no convés ao lado dele. Segurou-o pelo pulso, e ele tentou agarrá-la. A mulher empurrou seus dedos rígidos para o lado, segurando-o firme até conseguir sentir seu pulso. Lá no alto, as naves Enye piscaram e sumiram. A mulher fez um som de desaprovação e se inclinou para a frente.

Pela primeira vez, ocorreu-lhe que chegara ao Alto do Violinista. A primeira reação foi de um alívio tão profundo que beirava a glória religiosa. A segunda foi uma suspeita fora de foco e irada de que poderiam roubar a jangada.

— Ei! — chamou a mulher, mais uma vez. Não sabia quantas vezes ouvira aquilo, só lembrava que não era a primeira. — Você sabe onde está?

Ele abriu a boca, franzindo o cenho. Soubera. Instantes atrás, mas esquecera.

— Você sabe *quem* é?

Aquilo, pelo menos, merecia uma risada. Ela pareceu feliz com a reação.

— Eu sou Ramón Espejo. E, juro por Deus, isso é tudo que eu sei.

CAPÍTULO 25

Ramón Espejo acordou flutuando num mar de escuridão.

As pequenas luzes — verdes, alaranjadas, vermelhas e douradas — que piscavam e tremeluziam ao redor não iluminavam nada. Ramón tentou se sentar, mas o corpo foi contra. Aos poucos, tomou ciência das máquinas ao redor e da dor na carne. Por um instante confuso e sonolento, teve certeza de que havia retornado às cavernas estranhas debaixo da montanha, de volta ao tanque onde nascera, nadando outra vez no oceano infundável da meia-noite. Deve ter gritado, pois ouviu o som macio e rápido de passos humanos e uma luz barata de LED branco se acendeu. Tentou levantar o braço para proteger o rosto da claridade súbita, mas notou que estava enrolado em tubos finos que penetravam na pele — como uma dúzia de *sahaels*. Então, sentiu mãos em seus punhos, mãos humanas, guiando-o de volta para o leito.

— Está tudo bem, *señor* Espejo. Está tudo bem.

O homem devia ter quase cinquenta anos, cabelo grisalho e curto com pequenos cachos e um sorriso que parecia o rescaldo da tristeza. Usava um jaleco de enfermeiro. Ramón estreitou os olhos, tentando vê-lo melhor. Tentando ver a sala um pouco melhor.

— O senhor sabe onde está?

— Alto do Violinista — declarou Ramón, surpreso com a rouquidão da voz.

— Bom chute — devolveu o enfermeiro. — Trouxeram você aqui há quase uma semana. Quer tentar outra? Sabe que prédio é este?

— Hospital.

O enfermeiro virou-se para encará-lo. Era como se tivesse dito algo interessante.

— Sabe por que está aqui?

— Me estrepei. Estava numa jangada. Fazendo prospecção lá no norte. As coisas deram errado.

— Isso é muito bom. Até agora, você andava dizendo que estava nadando debaixo d'água, escondendo-se de matadores de bebês. Se continuar assim, vou dizer aos médicos que você está mais orientado.

— Villa Diego. Estou em Villa Diego?

— Já faz alguns dias — concordou o enfermeiro.

Ramón balançou a cabeça, vagamente surpreso ao reparar num tubo de oxigênio sibilando baixinho enfiado em seu nariz. Levantou a mão para puxá-lo.

— *Señor Espejo*, não... O senhor não deveria tirar isso.

— Preciso sair daqui — retrucou. — Não posso ficar aqui.

O homem segurou seu pulso. Com a fricção, o aperto ficava entre o reconfortante e o doloroso. Ele encarou Ramón. Era lindo, pelo simples fato de ser uma pessoa de verdade, e não um tipo de alienígena. Era lindo.

— Não adianta, *señor Espejo*. Os policiais já estiveram aqui duas vezes. Se tentar fugir, vou ter que chamar a segurança. E você não vai conseguir fugir deles.

— Você não sabe — retrucou Ramón. — Sou um filho da puta durão.

O homem sorriu, um sorriso talvez um pouco triste.

— Colocamos um cateter no seu pinto, *Señor Espejo*. É assim que você tem urinado. Já vi homens tentando arrancar um desses. Você vai acabar com um canal urinário tão largo quanto seu dedinho. Pelo menos até cicatrizar.

Ramón olhou para baixo. O enfermeiro assentiu.

— Você vai passar um tempo aqui, Ramón. Tente relaxar e melhorar. Vou trazer gelatina. Você deveria tentar comer alguma coisa. Está bem?

Ramón esfregou o rosto com a mão. A barba estava grossa e bagunçada, como sempre.

— Ok. Certo.

O enfermeiro deu um tapinha simpático em sua perna. Provavelmente

tinha cuidado de muitos homens já visitados pela polícia, devia saber melhor do que Ramón sobre tudo o que estava por vir.

Ramón se encostou no travesseiro hospitalar fino, preparando-se para uma noite longa e cheia de ansiedade, mas caiu no sono antes mesmo de perceber. Acordou com a luz fria da manhã nas janelas. Tentou assistir ao noticiário, mas a voz feliz e casual do âncora era irritante. Contentou-se com o zumbido baixo das máquinas e os sons de alarmes distantes. Catalogou as dores no corpo e pensou no que faria.

No começo, era simples: sairia da cidade até os Enye chegarem e partirem e ninguém mais lembrar da coisa toda com o europeu. Então fugiria, voltaria e desceria o cacete em Maneck e na colmeia dele, lá no norte. Depois reconstruiria a vida, talvez deixando que o gêmeo lidasse com o problema na polícia. Só que ali estava ele: de volta a Villa Diego, amarrado pelo pinto e esperando a polícia chegar. Aquilo fazia o *sahael* parecer digno.

Lá fora, a cidade estava viva, fervilhando com o trânsito matinal. Furgões e naves de transporte tomavam o ar, iluminadas pelo sol nascente, refletindo direto nos olhos de Ramón como ondas na água reluzente. A palpitação de um motor de flutuação de um transportador denunciou um engarrafamento acima. Ramón não conseguia ver o espaçoporto da janela, mas conhecia aquele som com a mesma certeza que os homens de eras passadas conheciam os lamentos dos trens.

A batida na porta foi leve e educada. “Não preciso intimidar você”, anunciava. “Eu não dou a mínima se você está com medo de mim ou não. É por isso que quem manda aqui sou eu.” Ramón olhou na direção do som. O homem usava o uniforme escuro da força policial do governador. Ramón ergueu a mão para saudá-lo, arrastando o tubo intravenoso como uma alga marinha.

O homem que entrou era jovem e forte. Ombros largos, queixo forte e barba recém-feita, com só um tiquinho de pelos voltando a crescer. Era o homem que Ramón imaginara estar em seu encalço no norte, antes de ficar sabendo sobre o gêmeo. O homem que Ramón fingira ser quando estava no rio. Era uma invenção conveniente e feita de carne e osso.

— Você parece bem melhor, *señor* Espejo — comentou o policial. — Lembra-se de ter falado comigo antes?

Ramón puxou a camisola de plástico do hospital e a arrancou. Qualquer coisa que tivesse dito antes não contava. Estava com a mente fodida. Se a história não batesse, poderia dizer que estava delirando, então nada valeria.

— Desculpe, *ese*. Eu estava meio detonado, sabe?

— Sim — concordou o policial. — E é por isso que quero falar com você. Você se importa?

Como se o puto fosse embora caso ele recusasse. Ramón deu de ombros, adicionou outra dor à lista de avarias e gesticulou para a pequena cadeira de plástico ao lado do leito hospitalar. O policial assentiu e fingiu que agradecia, mas em vez disso se sentou ao pé da cama, seu peso afundando o colchão.

— Estava pensando no que aconteceu.

— Está falando disso? — Ramón gesticulou para o corpo arruinado. O policial concordou. — Me estrepei. Fui prospectar no norte. É isso que eu faço.

— Eu sei.

— É. Bem. Então, fui até lá e pousei o furgão no rio, bem numa saliência. Achei que fosse firme, sabe? Mas no meio da noite a porra toda desabou. Devem ter sido três ou quatro toneladas de rocha. Jogou o furgão direto no rio. — Ramón bateu as mãos, a agulha no braço puxava a carne de um modo desconcertantemente familiar. — Dei sorte de sair de lá vivo.

O policial deu um sorriso frio.

— Você se meteu numa briga?

Ramón sentiu um aperto no peito. O monitor cardíaco à direita entregou suas emoções, os números azuis no LED pulando para logo acima de cem. O policial quase conteve um sorriso.

— Não sei do que você está falando. Achei que estivesse aqui por causa do acidente.

— O “acidente” deixou facadas na lateral do seu corpo e na perna — comentou o policial. — Por que não me conta mais sobre elas?

— Merda. Isso? — perguntou Ramón, então deu risada. — Não, cara. Isso foi culpa minha. Eu tinha uma faca, do equipamento de campo. Usei para fazer a jangada. Enfim, estava tentando cortar umas vinhas e escorreguei. Caí bem em cima dela. Achei que ia morrer, sabe?

— Então, nada de luta?

— Quem estaria lá para brigar comigo?

Os números azuis reduziam a velocidade. O policial permanecia inescrutável.

— Notei que sua mochila de campo não estava entre as coisas que recuperamos.

— Talvez tenha caído da jangada. Não sei bem o que aconteceu nos últimos dias, enquanto estava lá fora.

— Sabe me dizer onde estava o furgão quando a avalanche aconteceu?

— Não. Estava tudo registrado no computador. Mas eu não estava no rio principal. Era um dos afluentes.

Quase cem lugares bateriam com aquela descrição. Provar que Ramón estava mentindo descaradamente ficara bem mais difícil. O policial parecia irritado.

“Você poderia dizer a verdade”, murmurou uma voz no subconsciente de Ramón. “Conte sobre Maneck, a *yunea*, o *sahael*, e o outro Ramón. Pode dar provas. É só levá-los exatamente até aquela montanha maldita, com tudo o que há embaixo dela. Fizeram você de prisioneiro, torturaram, quase mataram. Você não deve porra nenhuma a eles. Não tem razão para mentir.”

Exceto pelo fato de o homem ser um policial e Ramón ser um assassino.

E, além disso, ele que se foda.

O policial tossiu e coçou o queixo. O assunto estava prestes a mudar. Ramón respirou fundo, tentando não fazer nada que mudasse a leitura nos monitores. Não era à toa que o sujeito queria interrogá-lo ali, em vez de esperar sua alta.

— Você conhece uma mulher chamada Justina Montoya? — perguntou o policial.

Ramón franziu o cenho, procurando pela armadilha na pergunta. Balançou a cabeça.

— Acho que não.

— Ela atende pelo nome de Keiko. Você talvez a conheça por esse nome. É secretária do governador. Estava mostrando a cidade para o embaixador. Como guia turística.

Ramón se lembrou da mulher no El Rey, a acompanhante do europeu. A mulher que tinha dado risada. Tinha alisado o cabelo para parecer asiática. Talvez também teria optado por aquele nome idiota.

— Acho que não, cara — respondeu Ramón.

— Que tal Johnny Joe Cardenas?

— Porra, todo mundo conhece Johnny Joe.

— Amigo seu?

— O cara não é amigo de ninguém. Mas tem o meu respeito. O mesmo respeito que eu teria por um courovermelho, sabe?

— Ele não tem uma reputação muito boa, não é mesmo? Mas achei estranho quando ouvi que ele tinha se metido numa briga defendendo Justina Montoya. Ele não é o tipo de homem que faria algo... tão cavalheiresco assim.

A sensação de perigo deixou a pele de Ramón arrepiada.

— Defender Justina do quê? Alguém tentou estuprar a moça?

— Talvez — respondeu o policial. — Talvez fosse o tipo de coisa que mesmo alguém como Johnny Joe faria. Muita gente lá disse que o cara com quem ela estava começou a forçar a barra. Um escroto. Fez uns comentários. Torceu o braço dela quando ela tentou ir embora, algo assim. Então, Johnny Joe entrou na dança. Talvez até tenha salvado a vida dela.

O silêncio pairou entre os dois, pressionando. O pescoço de Ramón pulsou onde o *sahael* ficara fincado. Os monitores chiaram e zumbiram. “Ele sabe”, pensou. Pegaram Johnny Joe para mostrar aos Enye que estavam no controle das coisas, mas aquele *pendejo* sabia muito bem que tinham armado para cima dele. E esperavam que Ramón fizesse alguma besteira para poder prendê-lo pelo crime.

— Que estranho.

— Por que você acha que ele faria algo assim? — perguntou o policial. — Colocar o dele na reta para salvar uma mulher que nem conhecia?

“Vai, cara. Pode me contar como Johnny foi um herói. Diga como ele defendeu os fracos e oprimidos. Diga a si mesmo que você é um bom homem e, talvez, no fim das contas, até deixe escapar que o grande herói, na verdade, era você.” Ramón sorriu. Houve um tempo em que teria caído naquela

armadilha.

— Cara, é difícil entender alguém como Johnny Joe! A gente pode até tentar, mas é como se ele fosse de outra espécie.

O policial se remexeu, os olhos brilhando de irritação.

— Sinto muito por não poder ajudar. Queria mesmo ter conhecido o velho Johnny Joe um pouco melhor. Sabe, para contribuir. Mas a gente não passava muito tempo juntos. Talvez o cara só o tenha deixado puto, sabe? O que não é difícil. Talvez Johnny Joe tenha feito uma coisa boa na vida. Até mesmo um porra louca daquele pode não querer ver uma garota sofrer abuso, né? Ainda mais se estivesse de olho nela. — Ramón trocou olhares com o policial, que parecia irritado. — Mais alguma coisa? Estou ficando meio cansado.

— Talvez mais tarde — respondeu o policial. — Você deu sorte de voltar para o Alto do Violinista. Tudo que aconteceu lá, o furgão destruído, o machucado com a faca... É realmente inacreditável.

“Quer dizer que você não acredita”, pensou Ramón. “Bom, então prove alguma coisa antes de vir conversar comigo. Babaca.”

— Sou mesmo abençoado — retrucou Ramón, balançando a cabeça como um idiota fiel entorpecido por incenso e vinho da eucaristia. — Realmente abençoado. Deus ainda não terminou seu trabalho comigo, sabe?

— Não, Ele não terminou. Cuide-se, *señor* Espejo. Vou entrar em contato caso precise perguntar mais alguma coisa.

— Ajudarei com o que puder — devolveu Ramón, quase triste pelo fato de o policial estar se levantando. Gostava da sensação de vitória.

Trocaram mais algumas amenidades, e o policial partiu. Ramón se encostou no travesseiro e pensou naquela situação.

Sabiam que Johnny Joe, mesmo com todas as falhas como cidadão de bem e ser humano honesto, não tinha matado o europeu. Ele só era um otário conveniente para ser enforcado, um bode expiatório. E, se era o homem errado... bem, merda, pelo menos merecia a força pelas outras vezes em que realmente matou e escapou. O policial sabia que era tudo balela. A colônia toda devia saber. Mas o que fariam? Contar para os Enye que tinham cagado tudo? Que nem sequer tinham conseguido prender o cara certo? Que tinham *mentido*? Seria suicídio. A investigação estava encerrada. Se Ramón não

reabrisse o caso por eles — e não tinha planos de fazer isso —, ela permaneceria encerrada.

Não que os devoradores de filhotes se importassem. O que os humanos faziam entre si não importava, a humanidade não era uma espécie com a qual os Enye se importavam, exceto quando era útil. Impressioná-los com seu senso de justiça e honra era como se uma matilha de cães tentasse impressionar os donos ao uivarem em harmonia. Mas o governador não sabia daquilo, então, numa lógica perversa, era justamente o fato de falharem em compreender os alienígenas que salvaria a pele de Ramón. Poderia ser o próximo com a corda no pescoço, na próxima vez em que precisassem de alguém para levar a culpa. Mas *daquela* vez, *aquele* assassinato, o governo da colônia deixaria passar. O que mais podiam fazer?

Sentiu o peso do mundo sair de suas costas e gargalhou aliviado. O plano inicial funcionara: ficar tempo suficiente nos ermos para que o problema se resolvesse por conta própria. Estava a salvo. Sabia.

Levou quase duas semanas até perceber o que deixara passar.

CAPÍTULO 26

Ramón saiu andando do hospital oito dias depois, as pernas atrofiadas e instáveis. Usava uma de suas camisas brancas e um par de calças de sarja que Elena trouxera quando ele estava dormindo. A camisa era grande demais, larga nos ombros e no peito — um lembrete do quanto fora castigado pelo tempo na floresta e no rio. As novas cicatrizes doíam às vezes, quando virava do jeito errado. As naves Enye ainda pairavam sobre o planeta, mas ali, entre os ambulantes, os barcos ciganos, os pedintes de olhos remelentos tocando violões quase afinados e as crianças vadiando e fumando cigarros nas esquinas, as naves alienígenas pareciam menos ameaçadoras.

Planejava fazer a primeira parada na oficina de Manuel Griego. Precisaria de um furgão novo. Não tinha dinheiro para comprar um logo de cara, e banco nenhum na colônia — ou fora dela — faria um empréstimo grande o bastante para cobrir os gastos. Então, restava negociar, e Manuel era o ponto de partida. Mas a oficina era longe do centro, nos limites da cidade vizinha, Nuevo Janeiro, onde vivia a maioria dos portugueses. Ramón notou que estava se cansando mais rápido do que esperava. Não tinha dinheiro, só um cartão de identificação temporário e emergencial do hospital. Mais detalhes que precisaria resolver. No momento, significava que, quando se sentasse num banco na entrada do parque, poderia sentir o cheiro das salsichas, cebolas e pimentões cozinhando na grelha do carrinho, mas não poderia comprar nada daquilo.

De certo modo, era a primeira vez que via sua cidade natal adotiva. Aquele par de olhos em particular nunca tinha visto as ruelas marrons ou o amarelo desgastado da grama no parque. Aqueles ouvidos nunca tinham

ouvido a algazarra exigente dos pelobaixos urbanos ou os *tapanos* grasnando nos galhos das árvores na beirada do canal, parecendo esquilos anfíbios alados. Ramón tentou se concentrar no que sentia com tudo aquilo, examinando a própria alma angustiada por alguma sensação de despertencimento maior que o habitual. Mas o que sentia era cansaço, impaciência e frustração por estar fraco demais para andar até onde queria, duro demais para pegar uma porra de um táxi-triciclo ou um ônibus.

Seu destino mais óbvio seria o apartamento de Elena. Não tinha onde dormir, e ela lhe levava roupas, então a briga que tiveram quando ele partiu devia ter sido esquecida. E ela teria comida — e talvez sexo, se Ramón estivesse disposto.

Ficou meio tentado a passar primeiro no El Rey, agradecer Mikel Ibrahim por ter mantido a faca longe da polícia. Mas então lembrou que não tinha dinheiro, e tentar descolar uma cerveja na faixa parecia um jeito meio estranho de demonstrar gratidão. Ramón inspirou longa e profundamente, enchendo os pulmões com o ozônio da cidade, e se levantou do banco do parque. Seu destino era o apartamento de Elena. E, por consequência, Elena.

Não era uma caminhada muito longa, mas pareceu. Quando chegou ao açougue abaixo do apartamento, Ramón sentiu como se tivesse caminhado o dia todo pela mata rasteira ao lado de Maneck. Enquanto subia as escadas esqueléticas e com um cheiro úmido, pensou no que o alienígena acharia daquela colmeia humana a céu aberto. Achou que ele consideraria tudo muito inocente, como *kyi-kyi* pastando no mesmo lugar onde o chupacabra tomava sol. As naves dos Enye piscaram bem acima, desaparecendo apenas por alguns instantes.

No topo das escadas, Ramón inseriu o código de acesso, torcendo para Elena não ter mudado durante o piti de quando achou que ele fugira dela. Ou, se tivesse, torcia para ela ter trocado de volta. Quando o último número deixou a luz da trava eletrônica verde, a fechadura soltou um *clique* e as dobradiças da porta rangeram, Ramón soube que tinha sido perdoado.

Elena não estava em casa, mas os armários estavam cheios de comida. Ramón abriu uma lata de sopa de feijão-preto — uma daquelas que se aquecia por conta própria — e comeu com uma cerveja. Tinha gosto da substância que esquentava a lata, mas não ao ponto de ser impossível saborear a refeição. O sofá tinha cheiro de fumaça velha e incenso barato. A

luz vespertina deixava evidente a sujeira nas janelas, e velocípedas escarlates corriam pelo teto enquanto o cheiro de morte do açougue corrompia o ar. Deixou os olhos se fecharem por um momento e os abriu em pânico. Algo pulara para cima dele, estrangulando-o, puxando-o para o chão. Ramón cerrou os punhos, pronto para matar o alienígena, o gêmeo, o *sahael*, o chupacabra ou o policial antes de o cérebro nebuloso reconhecer o grito agudo. Não era nenhum alarme. Nem grito de guerra. Era Elena, e muito feliz.

— Porra — murmurou ele, tão de leve que, mesmo com a cabeça pressionada contra a dele, Elena pareceu não ouvir.

A ameaça de violência passara. A mulher saiu de cima dele, os olhos arregalados, a boca fechada, como se tentasse fazer os lábios parecerem os de uma boneca. Ela não era feia.

— Você não me disse que tinha recebido alta — comentou, surpresa, num tom meio acusatório, meio satisfeito.

— Só me deram hoje — mentiu Ramón. — E o que você ia fazer? Faltar no trabalho?

— Eu teria faltado. Ou teria mandado alguém buscar você. E aí você teria vindo voando para casa.

— Eu posso andar — retrucou Ramón, dando de ombros. — Não é tão longe assim.

Elena colocou a mão em seu queixo, balançando a cabeça como se ele fosse um bebê. Seus olhos tinham um brilho de felicidade. Ramón conhecia a expressão, e seu pênis abandonado ficou alerta.

— Um machão não precisa de ajuda, não é? Eu conheço você, Ramón Espejo. Conheço melhor do que você mesmo! Você não é tão durão assim.

“Pois eu cortei meu próprio dedo”, pensou, mas não disse. Parte porque não tinha sido bem ele, parte porque contar qualquer coisa a ela era desnecessário. Era Elena, afinal. Doida de pedra, mesmo quando estava de bom humor. Não podia confiar naquela mulher, assim como Elena não confiava nele. Qualquer que fosse o significado que ela atribuía ao silêncio, não era o verdadeiro. A mulher sorriu e moveu o corpo de um lado para o outro.

— Senti sua falta — falou por fim, olhando para ele por entre os cílios

entreabertos.

Ramón sentiu uma pontada de dor na virilha e deu um passo para trás.

— Meu Deus do céu, faz poucos dias que tiraram aquela coisa do meu pinto, mulher. Ainda não estou totalmente curado lá embaixo.

— Ah, é? Está doendo, é? E isso aqui?

Ela fez algo muito agradável — que doeu, mas não o suficiente para fazê-la parar.

Os dias seguintes foram muito melhores do que Ramón esperava. Elena passava a maior parte do dia no trabalho, deixando-o sozinho para dormir e assistir ao noticiário. De noite, trepavam, ouviam música e assistiam às aquelas telenovelas toscas feitas em Nuevo Janeiro. Ramón se forçou a andar o máximo que podia, nunca indo muito longe do apartamento, caso o cansaço chegasse rápido demais.

A força voltou mais rápido do que esperava. Ainda estava magro como um varapau, mas estava engordando. Melhorando. Contou a história — a inventada — várias e várias vezes para Elena. Não demorou até ele mesmo quase acreditar. Lembrava-se do rugido das pedras caindo, do furgão deslizando. Lembrava-se de correr no meio da noite fria do norte e ver o próprio transporte sumir no rio. E daí que não tinha acontecido? O passado era o que ele escolhia que fosse.

A única coisa que estragava tudo era aquela voz minúscula em sua cabeça, relembrando como as coisas de fato tinham acontecido e tudo que ouvira e pensara. Nas primeiras horas da manhã, quando Elena ainda estava num sono profundo, Ramón acordava e não conseguia mais dormir. A mente retornava para a constatação de que o gêmeo poderia ter sido uma escolha melhor para aquela mulher, que mesmo aquele saco de merda que largara no rio fora um homem melhor do que *ele* acabara sendo. Pretendia terminar aquele relacionamento quando voltasse, mas lá estava. Bebendo a cerveja dela, fumando os cigarros dela, abrindo as pernas dela.

“Quando as coisas ficarem ruins de novo”, dizia a si mesmo. “Não faz sentido terminar quando tudo está bem.”

E, como um fantasma, lá estava Lianna. Lembrava o modo como o gêmeo contara a história — cheio de agressividade e machismo, sem mostrar a dor verdadeira. A perda. Começava a compreender melhor por que o outro falara

daquela maneira. Não era apenas para evitar parecer fraco diante de outro homem. Também precisava contar a história daquele jeito *a si mesmo*. E era mais difícil para Ramón, depois de ver tudo aquilo. Continuou querendo visitar Griego, mas ficou enrolando.

Quase uma semana depois de deixar o hospital, Ramón acordou antes do amanhecer, assombrado por sonhos que não conseguia lembrar. Saiu da cama de mansinho, vestiu um roupão e, com o mínimo de barulho possível, tirou o uísque bom de Elena do esconderijo atrás do armário da cozinha. Precisou de três doses e quase uma hora para criar coragem de abrir um link no diretório da cidade e procurar por ela. E lá estava. Lianna Delgado. Ainda cozinheira, mas num estabelecimento novo. O endereço ficava ao lado do rio. Devia ter passado por ali centenas de vezes, cambaleando de volta dos bares. Imaginou se algum dia ela o vira — e, se vira, o que pensara. Elena resmungou alguma coisa e se remexeu, ainda dormindo. Ramón fechou o link, mas a ideia enraizada nos ermos voltara a crescer na cidade.

Queria ser alguém novo, estava pronto para ser alguém novo. Recomeçar. Então, por que não? Todas as coisas que fizera e sofrera podiam ficar para trás, era tão fácil quanto deixar o nome, o rosto e a persona antiga — o que teria feito caso o gêmeo tivesse sobrevivido. Aquilo só significava ter que fazer o que precisava ser feito: deixar Elena, encontrar um novo lugar para morar, um novo furgão para trabalhar e algum modo diferente de ser quem era. A persona que sempre fora, mas melhorada. E, quando estivesse limpo e restabelecido, quando tivesse algo no banco e não precisasse mendigar para uma mulher só para não precisar ficar dormindo naquela merda de parque, sabia onde encontrar Lianna. Telefonaria para ela ou, se tivesse colhões, iria até a casa dela como um estudante apaixonado cantando na frente da janela da amada. Ele era Ramón Espejo, afinal. Era um filho da puta durão. O pior que aconteceria seria Lianna recusá-lo e quebrar seu coração, mas e daí? Era forte o suficiente para fazer um novo — e melhor.

No aposento ao lado, Elena bocejou e se espreguiçou. Ramón tomou um último gole clandestino da garrafa de uísque e, sem fazer barulho, guardou-a de volta no lugar, enxaguando o copo antes de se esgueirar até o banheiro para escovar os dentes e tirar o cheiro da boca. Se Elena descobrisse que ele estava se aproveitando do uísque bom sem ela, estaria enrascado.

— Ei, moça — cumprimentou, quando ela entrou bamboleando na

cozinha. O cabelo estava bagunçado, o queixo um pouco para a frente.

— Nem para fazer uma porra de um café? — retrucou ela. — Estou um lixo.

— Você deveria ficar em casa. Tire o dia de folga.

— É domingo, seu babaca.

— Sente-se — sugeriu Ramón, indicando a cadeira barata de plástico e quitina à mesa da cozinha. — Vou fazer alguma coisa para comer, tá?

Elena deu um leve sorriso com o comentário, e o humor tempestuoso diminuiu um pouco. Ramón analisou o conteúdo da despensa, consultando as etiquetas de validade nas laterais de caixas e latas, mas com um pouco de dificuldade. Devia ter exagerado no uísque. Só precisava parecer sóbrio o suficiente até o álcool se diluir.

Pegou uma lata de feijão-preto, algumas tortilhas, ovos largados no fundo da geladeira e um naco de queijo. Com um pouco de *chili* verde, teriam *huevos rancheiros*. Era uma boa refeição e, com um pouco de prática, dava fazer tudo numa única frigideira. Ramón tinha prática o suficiente por cozinhar aquele prato no furgão, podia dar conta do recado mesmo meio bêbado.

— Então, agora você vai arrumar um trabalho na cidade? — perguntou Elena.

— Não. — Os feijões foram da lata para um dos lados da frigideira, chiando e estalando quando o caldo começou a ferver. Ele esticou a mão para pegar os ovos. — Pensei em ir falar com Griego sobre alugar um furgão. Talvez oferecer uma porcentagem do lucro para ele, aí consigo pagar com três ou quatro trabalhos bons.

— Três ou quatro trabalhos bons — repetiu Elena, como se tivesse dito “cagar ouro e mijar dinheiro”. — Quando foi a última vez que você teve três ou quatro trabalhos bons em sequência? Aliás, já conseguiu algum?

— Tenho algumas ideias — retrucou Ramón, reparando, ainda enquanto falava, que aquilo era mesmo verdade.

Uma prévia nebulosa de um plano se delineava em sua mente. Talvez tivesse estado lá desde a primeira vez que sonhara com os Enye e compreendera do que Maneck e seu povo estavam fugindo. Abriu um sorriso.

Sabia o que queria fazer.

— Você deveria arrumar um emprego de verdade — insistiu Elena. — Algo fixo.

— Não preciso disso. Sou um bom minerador.

Elena levantou a mão como uma estudante pedindo permissão para falar.

— Da última vez que você saiu, voltou quase morto e sem nada.

— Dei azar. Não vai acontecer de novo.

— Ah, você agora controla a sorte, é?

— Foi o europeu — explicou Ramón, virando os ovos. — Não conseguia parar de pensar nele. Era uma maldição. Mas na próxima vai dar certo.

— Parece que você encontrou Jesus, lá no mato — alfinetou Elena, então fez uma pausa. Quando voltou a falar, foi com uma voz menos agressiva. — Você encontrou Jesus, *mi hijo*?

— Não. — Ramón esmigalhou um punhado de queijo e jogou sobre os feijões, então deslizou as tortilhas nos pratos. Café. Precisava esquentar um pouco de água. Sabia que estava esquecendo alguma coisa. — Mas entendi umas coisas.

— Como o quê?

Ramón serviu os ovos em silêncio, colocou os feijões e o queijo por cima usando uma colher e começou a passar o café. Sentia o olhar dela, nem acusador nem simpático. Imaginou o que se passava por trás daqueles olhos, o que mundo significava para ela. Elena era mais previsível e familiar, mas, de certo modo, sempre fora tão alienígena para ele quanto Maneck. Não confiava nela porque não era burro. Mas, mesmo assim, algum impulso o fez falar.

— Como por que matei o europeu, para começo de conversa.

Explicou da melhor maneira possível a memória perdida entre sombras e sonhos, era mais uma lembrança do que algo de que participara. Uma reconstrução.

Estavam mesmo bêbados. As coisas tinham mesmo saído do controle. Mas teve um motivo. Ramón repassou os acontecimentos mais uma vez. Conseguiu explicar as coisas que o policial tinha dito. A mulher, a risada. A partir do que o gêmeo dissera e deixara de dizer e do que sabia sobre ele mesmo, imaginou a sensação do bar todo se voltar contra o europeu, Ramón

em pessoa estar na crista da onda.

Podia dizer com certeza o que aconteceu quando todos se afastaram, todas as pessoas que torciam por ele, no beco. O sentimento de perda e traição. Fez o papel que todos queriam que interpretasse, então foi abandonado por ter cumprido a missão.

O europeu, a garota, a risada. No fundo, não tinha sido por nada daquilo. Ramón não matara o homem porque o puto precisava morrer ou porque a mulher era uma deles, e o homem, um estrangeiro, ou para protegê-la de maus-tratos. Ramón tinha feito aquilo para impressionar as pessoas no bar. Matara pela necessidade de fazer parte de algo maior.

Balançou a cabeça, sorrindo. Elena não tocara na comida. O café estava morno, os feijões, já frios. Os olhos dela estavam fixos nos dele, a expressão enigmática. Ramón deu de ombros, esperando ela falar.

— Você estava brigando por causa de uma porra de uma mulher? — murmurou Elena.

— Não. Não foi bem assim. Ele estava com uma garota, mas...

— E você não gostou do jeito que ele a estava tratando, então arrumou uma briga. Seu bêbado, egoísta filho da puta! E o que havia de errado com a mulher que estava esperando por você aqui? Precisava arriscar ser morto por uma *puta* qualquer?

Ramón sentiu a raiva crescendo no próprio peito. Contara tudo, abrira o coração, e Elena apenas transformara a conversa numa briguinha inútil por ciúmes. Tinha tentado conversar de verdade, como namorados de verdade devem conversar, e era isso que ganhava. Mais acusações idiotas. Mais um monte de merda. O rosto enrubescou, e ele cerrou os punhos.

Mas então passou. A raiva se esvaiu. Elena jogou o prato para cima dele, a comida se espalhou na parede, atraindo um enxame de velocípedas. Ramón observou tudo como se estivesse acontecendo em algum outro lugar, com outra pessoa. Sabia, não sabia? Que ela não seria capaz de ouvir o que tinha a dizer. Que, mesmo que se explicasse do melhor jeito possível, ela não compreenderia. “Se leões pudessem falar...”, lembrou-se de Ibrahim dizendo.

— Chega — declarou, com a voz gentil e factual. A calma parecia irritá-la ainda mais. Viu que ela tentava avançar e se levantou. — Você não é má pessoa, Elena. Você é um pouco doida, mas não acho que alguém consiga

passar o tempo todo nessa cidadezinha de merda sem ficar um pouco doido. Mas isso...

Gesticulou na direção da comida na parede, os punhos diminutos de Elena cerrados, o apartamento. Gesticulou para a vida compartilhada dos dois.

— Chega disso aqui.

Elena tentou. Reclamou, gritou. Berrou obscenidades e provocou falando sobre suas inabilidades sexuais, todas as coisas que já tinha feito, a postura doentia tão familiar e corriqueira. Quando ficou claro que ele estava indo embora, ela chorou. Então, ficou quieta como se estivesse navegando por um quebra-cabeça. Quase nem ergueu os olhos quando ele fechou a porta ao sair. Uma hora depois, Ramón estava andando pela margem do rio, ouvindo a música que vinha dos barcos. Tinha uma mochila com duas mudas de roupas, uma escova de dentes, alguns documentos que tinha deixado no apartamento antes de tudo aquilo acontecer. Tudo o que possuía. O sol refletia na água, e o ar estava frio com a primeira alfinetada do outono. Era como nascer de novo. Não tinha nada, e, mesmo assim, não conseguia parar de sorrir. E, em algum lugar ali perto, num daqueles pequenos apartamentos com quintais cheios de ervas daninhas e tetos com goteiras, Lianna tocava sua vida. Não seria difícil encontrá-la. E era um homem livre.

Mas primeiro tinha que lidar com Manuel Griego e o problema do furgão. Um futuro esperando para ser criado. E dessa vez tinha um plano.

— Ramón Espejo?

Ramón parou, olhando por cima do ombro. O homem parecia familiar, mas precisou ver os dois brutamontes uniformizados vindo do furgão atrás dele para colocar a voz em contexto. O cara da delegacia. O policial. Considerou fugir. Só estava a alguns metros do rio, poderia mergulhar antes que o pegassem. Mas também poderiam pegar barcos e pescá-lo como o peixe mais feio do mundo. Ramón ergueu a cabeça em saudação.

— Você é aquele policial — constatou.

A mente funcionava a mil. Elena. Só podia ter sido ela. Chamara a polícia e contara tudo que ele lhe dissera sobre o europeu. As preces de Johnny Joe Cardenas tinham sido ouvidas.

— Ramón Espejo, tenho um mandado do governador para detê-lo para

interrogatório. Você pode vir conosco por livre e espontânea vontade, ou podemos algemá-lo. Como preferir.

Havia um brilho nos olhos do policial, uma alegria em sua voz. O dia estava indo muito bem para ele.

— Eu não fiz nada.

— Você não está sendo acusado de nada, *señor* Espejo. Só precisamos falar com você.

A delegacia era um dos prédios mais velhos de Villa Diego — fora construído quando os primeiros colonos chegaram e nunca passara por melhorias. A superestrutura de quitina ficara cinza com o tempo, onde estava exposta. O estuque e a tinta haviam sido revitalizados para os Enye, mas o prédio ainda parecia velho, triste, sorumbático e agourento.

A sala de interrogatório não era território novo para Ramón. Azulejos brancos e sujos ocupavam as paredes, com manchas não identificadas e rachaduras ameaçadoras. Uma mesa comprida e um pouquinho alta demais, uma cadeira de metal soldada ao chão e um pouquinho baixa demais, fazendo com que se sentisse como um garotinho. A luz era clara demais e ficava azulada, fazendo todo mundo parecer morto. O ar era viciado, fechado e parado como uma cova. Ramón sentia como se estivesse respirando o mesmo ar que trouxera dentro dos pulmões. Nada de relógio, nem de janela. A única companhia era o guarda fardado que lhe disse para não fumar e a velha câmera de segurança preta instalada no canto superior entre a parede e o teto. Tudo ali fora colocado com o objetivo de fazer um homem se sentir pequeno, insignificante e arruinado. Funcionava muito bem, e Ramón sentiu o ressentimento alimentar sua raiva.

A raiva contra Elena, a polícia, o europeu, a colmeia alienígena e o gêmeo morto. Não era racional, nem mesmo coerente, mas era o que tinha como motivação para encarar aquele momento, então deixou a raiva crescer. Não tinha dinheiro para um advogado. Seria seu único defensor. E que defesa poderia oferecer? Que estava bêbado e não se lembrava? Elena ficaria mais do que contente em flertar com o juiz, dizer que sabia de tudo e afundá-lo para sempre. Que tinha sido em legítima defesa? Em defesa de uma mulher de cabelo alisado? Não conseguia nem lembrar o que acontecera, ainda mais dos detalhes. Teria melhor sorte se alegasse que não estava no El Rey quando o crime aconteceu, não importava o que todas as testemunhas ou as

impressões digitais na faca de gravidade indicassem.

Não, até onde lhe dizia respeito, estava absoluta e completamente fodido. Quando a porta se abriu, e o som de vozes finalmente cortou o ar pesado, Ramón decidira que poderia atacar o pobre *pendejo* que mandassem falar com ele. Pelo menos, causaria algum estrago. E era o que teria feito se um humano tivesse entrado na sala.

O Enye parecia um pedregulho. Tinha pele verde e negra com a textura de líquen, olhos prateados e parecidos com ostras posicionados em órbitas pálidas, carnudas e úmidas. Uma boca pequena e enrugada, sem lábios e redonda, marcava onde o bico ficava escondido. O fedor de ácido e terra preencheu a sala conforme a coisa avançava bem devagar até o canto abaixo da câmara de segurança e parava, os olhos fixos em Ramón. O policial que o visitara no hospital e o prendera na rua entrou logo depois. O homem estava muito menos satisfeito, a boca parecia a de um professor bravo, a camisa fora recentemente engomada e passada a ferro, parecia desconfortável. Carregava uma sacola de tecido preto numa das mãos e um cigarro na outra. Um segundo homem o seguiu, mais velho e mais bem-vestido. O chefe do pobre coitado. Ramón olhou para o olho mecânico e negro da câmara e se perguntou se alguém estaria assistindo.

— Ramón Espejo? — indagou o policial.

— Até segunda ordem — respondeu Ramón, então indicou o alienígena com o queixo. — Que porra é essa?

— Vamos lhe fazer algumas perguntas — explicou o policial. — Você está aqui sob ordens do governador para responder tudo completa e honestamente. Se falhar na tarefa, será indiciado e punido. Entendeu o que acabei de dizer?

— Já fui preso antes, *ese*. Sei como funciona.

— Ótimo — retrucou o policial. — Então, podemos ir direto ao ponto.

Ele colocou a sacola de pano na mesa, abriu o zíper e tirou alguma coisa lá de dentro. Com um floreio que o *cabrón* deve ter ensaiado por uma hora, desenrolou alguma coisa.

Farrapos sujos e descoloridos, nos pontos em que não estavam manchados de sangue, alguns pontos quase cortados em tiras, de tão esfarrapados. Poderiam ter sido couro ou um pano grosso. Era a vestimenta.

Aquela que usara enquanto rastreava o gêmeo nos ermos, a que enrolara no braço durante a fatídica briga de faca. Aquela que recebera dos alienígenas de Maneck. Encarou os olhos oleosos do Enye e não viu nada que pudesse compreender. O alienígena chiou e assoviou sozinho.

— *Senôr* Espejo — começou o policial. — Por gentileza, o senhor poderia dizer exatamente onde encontrou isso aqui?

CAPÍTULO 27

Só Deus podia dizer quando tinham começado a existir, quantas centenas ou milhares — ou, com a dilatação do tempo, porra, talvez milhões — de anos já tinham de história. Tinham evoluído a partir de alguma meleca alienígena sob uma estrela esquecida, superado dificuldades, lutado e evoluindo, assim como a humanidade evoluíra a partir de pequenos mamíferos improváveis que fugiam dos dinossauros. E, então, os Enye de Prata chegaram, mataram suas crianças, e os espalharam pelas estrelas. Séculos na escuridão, voando às cegas. Um grupo para lá, outro para cá. Muitos se perderam. E, então, um tinha chegado ali, em São Paulo, lá no norte, onde cobriram sua existência com as montanhas como uma criança se escondendo sob um cobertor para que os monstros não a encontrassem.

Até que, naquele momento, tanto tempo depois, todo o futuro deles estava nas mãos de um bosta egoísta enrolado até o pescoço com a lei. Ramón quase sentiu pena deles.

“Vou matar vocês”, pensara logo no primeiro dia, o *sahael* ainda fresco em sua carne. “Não sei como, mas vou dar um jeito de cortar essa coisa do meu pescoço e vou voltar aqui para matar todos vocês.”

E agora tinha a chance de fazer tudo aquilo. Coçou o braço, embora não estivesse coçando.

— Posso fumar um cigarro? — pediu.

— Por que não responde a pergunta primeiro? — sugeriu o policial, a mandíbula tensa.

Mentir não traria nenhum benefício. Maneck e os alienígenas tinham se aproveitado dele. Tinham criado Ramón como uma ferramenta para seus

propósitos. Entregá-los aos Enye seria como acertar as contas e transformaria Ramón num herói aos olhos do governador, tudo de uma vez. Tinha todos os motivos do mundo para contar. Assim como tivera todas os motivos do mundo para ficar quieto naquela noite no El Rey. Mas no outro lado da balança estavam os *kii*, os filhotes. Mortos sem qualquer motivo compreensível para Maneck e Ramón.

E também o fato de que não gostava da ideia de ser feito de gato e sapato por alienígenas, não importava se era Maneck ou os Enye.

— Que tal você primeiro me explicar por que isso é da sua conta? — perguntou Ramón.

O chefe do policial olhou para o Enye, depois para a câmera de segurança e de volta para Ramón. Um movimento rápido, como uma dica de um jogador de pôquer.

— Gostaríamos de saber — explicou o policial.

— O que o governador quer saber sobre a merda do meu roupão? — indagou Ramón. — Ele também vai mandar vocês cheirarem minhas cuecas? Nem fodendo.

O Enye falou. Sua voz era alta e ecoava, como se a criatura falasse por canos. Era um som estranho de um ser que não estava só falando uma língua estrangeira, e sim um idioma praticamente impensável.

— Por que você se recusa?

Ramón gesticulou para o policial com o queixo.

— Eu não gosto desse filho da puta.

O Enye avaliou a afirmação, a língua comprida saindo depressa da boca, cobrindo o corpo de saliva. O policial enrubesceu e ficou quase roxo de tanta raiva, mas não disse nada. O alienígena estava no comando, aquilo era óbvio. Ramón tentou manter o corpo relaxado enquanto os pensamentos aceleravam e rodopiavam. Parte da mente estava cega com a luminosidade do pânico, a outra estava desafiante e entretida. Era como o começo de uma briga.

Gostava daquilo.

— Você — disse o Enye. — O que se chama Paul.

O policial assumiu uma postura deferente, só faltava bater continência. Ramón balançou a cabeça com desgosto.

— Você está removido. Saia. Não retorne.

O policial piscou, a boca meio aberta, então a fechou com um estalo. Olhou para o supervisor, que deu de ombros e indicou a porta. O policial — Paul — saiu da sala de interrogatório com um andar tão rígido que parecia ter um cabo de vassoura enfiado no rabo. Ramón levantou o dedo para o humano que sobrara.

— Ei, ese, pode me descolar aquele cigarro agora?

O supervisor era um homem mais velho e, mesmo com raiva, conseguia se divertir. Ele tirou um cigarro de brasa automática barato do bolso, riscou-o no chão e o fez rolar até o outro lado da mesa, para Ramón. Cheirava a papelão velho e tinha gosto de bunda suja. Ramón sugou fundo a fumaça e deixou sair enquanto falava.

— É o meu roupão — explicou, apontando com a mão esquerda. — Já o tenho há anos. Sofri aquele acidente com o furgão. Estava dormindo, e era isso que eu estava vestindo. Foi uma merda andar sem sapatos. Ainda tenho bolhas nos pés, sabe.

— De onde veio isso? — perguntou o Enye, com sua voz melódica que lembrava uma flauta.

Àquela altura, Ramón já inventara a nova mentira. Para uma história inventada às pressas, era bem impressionante.

— De vocês — respondeu.

No silêncio que se seguiu, o supervisor se inclinou para a frente apenas um centímetro. A voz dele estava dividida entre o tom de piada e o de uma ameaça fria.

— Não force a barra, *hijo*.

O Enye se balançou para a frente e para trás, os olhos se revirando bem devagar. A língua se retraía para dentro do bico escondido. Durante a viagem, anos atrás, Ramón aprendera que os Enye só paravam de se lambar quando estavam putos.

— Consegui isso aí na viagem para cá — explicou. — De lá da Terra. Na nave Enye. Uns dois de vocês queriam aprender a jogar pôquer. Estávamos jogando, então deixamos eles entrarem. Eram péssimos. Uma vez, quando eu estava bêbado, deixei um *pendejo* grandão apostar essa merda de roupão, em vez de uísque. Ele disse que era uma lembrança de batalha, ou qualquer

merda assim. Não entendi muito bem. Enfim, os quatros e os setes dele perderam para minhas três rainhas, e ganhei um roupão. Era maior. Tive que cortar um pouco para caber, mas serviu bem até hoje. — Ramón fez uma pausa para outro trago. — Então, pode me dizer por que ele é tão importante?

Um cheiro de ovo podre e nabo cozido preencheu a sala, intenso o suficiente para fazer seus olhos lacrimejarem.

— Este aqui será isolado — declarou o Enye. Ainda mantinha os olhos fixos em Ramón, mas estava claro que falava com o supervisor. — Não haverá comunicação externa.

— Cuidaremos disso, senhor — respondeu o supervisor.

O Enye se virou, e Ramón viu o supervisor se retesar quando a língua alienígena saiu do bico e o lambeu em despedida. O cara tinha levado na boa. Algum traço de seu deleite em ver a cena deve ter vazado. Quando o Enye se arrastou para fora da sala, o supervisor ergueu a sobrancelha e deu um sorriso melancólico. Ramón deu de ombros e terminou o cigarro. Tinha a impressão de que seria o último cigarro por um bom tempo.

Dois policiais fardados entraram para acompanhá-lo até seus novos aposentos. As celas ficavam no subsolo da delegacia e não eram novidade para Ramón, mas era a primeira vez que caminhava sóbrio pelos corredores de concreto cinza. Viu o supervisor limpando o pescoço com uma bandana e falando com um homem alto e enfático que Ramón demorou para reconhecer como o governador. Uma terceira pessoa o encarou enquanto ele saía de vista, uma mulher de cabelo escuro e alisado. Enquanto descia as escadas, Ramón se arrependeu de não ter acenado para ela. Não a via desde a noite no El Rey.

Lá embaixo, na ala das celas, o policial o esperava. Ramón via a raiva exalando dele como vapor. Sentiu a boca seca e um nó na garganta. Os guardas o fizeram parar, e o policial avançou como um felino em plena caça.

— Eu sei que você está mentindo — declarou o policial. — Acha que vão conseguir enrolar aquelas coisas com uma história imbecil sobre perder o furgão? Dá para sentir o cheiro dessa sua cabeça cheia de merda.

— Caralho, o que você acha que estou escondendo? Acha que isso é parte de algum plano maligno? Eu saí, perdi tudo o que tinha, quase morri, e vocês só querem saber de um *roupão de banho*? Por que você está putinho, *ese*?

O policial se aproximou, olhos fixos em Ramón. O hálito desagradavelmente morno contra seu rosto, e cheirava a pimentão e tequila. Era cinco ou seis centímetros mais alto que ele e se empertigou para tornar aquele fato perfeitamente claro. Ramón teve que resistir ao impulso de recuar, de ficar longe daquele homenzarrão enraivecido.

— Eu não sei o que você está escondendo — declarou o policial. — Não sei por que aqueles lambedores de rocha do caralho se importam. Mas *sei* que Johnny Joe Cardenas não matou o embaixador. Então, que tal você me contar a verdade sobre o que está acontecendo aqui?

— Não tenho a menor ideia, cara. Então, que tal sair da minha frente?

Um misto de escárnio e sorriso contorceu a boca do policial, mas ele abriu caminho. Acenando para um dos guardas, mandou:

— Coloquem-no na doze.

O guarda assentiu e empurrou Ramón para a frente. Era como entrar num abrigo contra tempestades, com paredes de concreto reforçadas e portas e dobradiças feitas de madeira e ferro, sem pintura. Ramón se deixou levar até uma intersecção de corredores e por uma passagem mais curta. O ar era denso e viciado. Numa das celas, algum pobre coitado chorava alto o suficiente para o som se propagar. Ramón tentou ignorar, mas o nó na garganta ficava cada vez maior e mais apertado. Por quanto tempo o manteriam ali? Quem poderia ajudá-lo?

Ele não tinha ninguém.

A porta da cela doze se abriu sem fazer barulho, e Ramón entrou. Era uma cela pequena, mas não minúscula. Tinha quatro beliches, um em cada parede, e um buraco aberto no chão, bem no meio, como privada. A luz branca de LED ficava recuada atrás do vídeo de segurança do teto. Alguém escrevera palavras no vidro, mas estava claro demais para ler. A porta fechou, a trava magnética sendo ativada com um tinido profundo. Um homem numa das camas inferiores rolou para o lado e o encarou. O cara era imenso; tinha ombros largos, cabeça coberta por tatuagens baratas e um resquício de cabelo preto nas têmporas, já começando a ficar grisalho. Os olhos pareciam de cachorro. Ramón sentiu suas bolas tentarem escalar o corpo para se esconderem na barriga.

— Ei, Johnny Joe — cumprimentou.

Tiraram Ramón de lá antes que Johnny Joe pudesse terminar o serviço, arrastando-o até outra cela. Ramón ficou deitado no piso de concreto, sentindo a própria respiração. A boca tinha gosto de sangue. As costelas doíam, e o olho esquerdo não abria. Achou que alguns dentes estavam moles. O LED da nova cela estava apagado, então a sensação era bem parecida com estar numa cova. Ou no tanque alienígena. A ideia rendeu uma risadinha, e a dor generalizada provocada pela risadinha rendeu outra. Risadas podiam representar outras coisas. Desespero. Dor.

Ter chegado tão longe, ter resistido a tanta coisa, só para acabar apodrecendo numa cela no subsolo da delegacia da polícia especial do governador. E por quem? Por alienígenas que o humilharam e usaram? Não devia porra nenhuma a Maneck e a todos aqueles filhos da puta. Ramón não devia nada a eles. Não conseguia mais lembrar por achava que precisava protegê-los. Os *kii* massacrados pelos Enye não eram bebês humanos. Não importavam. Se contasse tudo, poderia ir embora. Encontrar Lianna. Talvez mandar uma mensagem para Martín dizendo como estava arrependido e que entendia a tentativa de homicídio. Sentar-se na margem do rio e ouvir a água estapear as pedras no cais. Comprar um furgão novo e voar até onde não existiam pessoas, alienígenas ou prisões. E, para isso, só precisava contar a eles.

Ergueu as costas, apoiado nos cotovelos.

— Eu conto — falou, em voz baixa e áspera. — Pronto, seus *pendejeos*. Vocês querem saber o que está lá fora, então eu vou contar a porra toda. Conto tudo sobre aquela merda. Só me deixem ir embora!

Ninguém ouviu. A porta não se abriu.

— Só me deixem ir embora!

Caiu num sono de exaustão ali mesmo, no chão, e sonhou que o gêmeo estava na cela com ele, fumando um cigarro e se gabando de conquistas amorosas de que Ramón não se lembrava. Tentou gritar para alertar o outro sobre estarem em perigo, sobre como precisavam fugir, antes de lembrar que ele estava morto. O gêmeo, que também se transformou em Maneck e Palenki, começou uma descrição sensual sobre como transar com a acompanhante do europeu. Ramón conseguiu interromper, protestando mais em pensamentos que em palavras contra o fato de aquilo não ter acontecido.

— Como você sabe? — perguntou o gêmeo. — Você nem estava lá. Quem diabos é você?

— Eu sou Ramón Espejo! — gritou Ramón, acordando com as próprias palavras.

Na escuridão da prisão, naquele chão mais duro que pedra contra suas costas, Ramón sacudiu a cabeça até apagar os últimos vestígios do pesadelo. Forçou-se a se levantar e avaliar os danos. Concluiu que os machucados eram mais dolorosos que perigosos. Foi tomado por um desgosto profundo pela própria fraqueza, pela disposição em ajudar a polícia, mesmo depois de terem feito aquilo com ele. Maneck e os alienígenas tinham botado uma coleira nele, o trataram como a um cachorro, mas não o encarceraram com um psicopata só para tirar barato. Um *humano* tinha feito aquilo.

— Vou matar vocês, seus putos — disse, para versões imaginárias do policial, do supervisor e do governador. — Não sei como, mas vou sair daqui e matar cada um de vocês, seus *pendejos* de merda!

Nem ele acreditava naquilo. Quando a porta se abriu, percebeu que tinha caído no sono de novo. O supervisor entrou, a luz do corredor criando um halo ao seu redor. Quando seus olhos se ajustaram à luminosidade, Ramón viu paciência e deleite no rosto do homem.

— Você não parece muito bem, *señor* Espejo.

— É. Bem, fique no ringue por dez *rounds* com Johnny Joe Cardenas, aí a gente conversa.

O LED no teto piscou quando a porta fechou, deixando os dois sozinhos.

— Eu me sairia bem — retrucou o supervisor. — Enforquei-o hoje de manhã. Quer um cigarro?

— Não. Vou parar de fumar.

Instantes depois, Ramón estendeu a mão. O supervisor se agachou ao seu lado, riscou um cigarro no chão e entregou a ele.

— Também vou mandar comida — disse. — E sinto muito por Paul. Ele não leva muito na esportiva quando é feito de bobo. Ver o Enye ficando do seu lado, com o governador assistindo? Bem, ele passou da conta.

— É assim que você classifica isso?

O supervisor deu de ombros. Mais um homem que passara anos demais

observando o mundo.

— Preciso chamar de alguma coisa — retrucou. — Vão desmontar sua história. Só estou dando um toque, Ramón. Vai acontecer.

— Por que eu mentiria sobre o furgão...

— Ninguém dá a mínima para o furgão. Os Enye ficaram doidos com aquele roupão. É um artefato alienígena.

— Mas foi o que eu disse!

O supervisor deixou passar.

— Se estiver escondendo alguma coisa, vamos descobrir. O governador não vai proteger você. Ele sabe que você matou o embaixador de Europa, mesmo que não queira admitir. Os policiais... bem, não podemos ajudar se o governador não quiser. Os Enye ficaram doidos com isso, seja lá o que for. Vão querer que a gente entregue você.

Ramón tragou a fumaça com força para dentro dos pulmões. Quando exalou, notou uma leve movimentação de ar que vinha corredor, espiralando a fumaça. A fumaça fazia o fluxo ficar visível.

— Está negociando por eles?

— Só estou dizendo que vai ser melhor para você contar logo o que eles querem ouvir. São eles quem tem o poder.

Ramón descansou a cabeça nos joelhos. Uma memória o tomou de assalto, o primeiro flashback daquele tipo em muitos dias — e acabou sendo o último. Começou com uma risada. A risada de uma mulher, que abria caminho com dificuldade por entre as máquinas de pachinko. Ramón estava no El Rey. A memória era clara. O fúm de fumaça, a escuridão macia do bar. Lembrou-se do copo em suas mãos, do modo como tinha quando batia nele com a unha. De como o espelho atrás dele parecia cinza por causa das luzes baixas e do acúmulo da fumaça de cigarros antigos sobre a superfície do vidro. Tinha música, mas era baixa. Ninguém tinha pagado para aumentar o volume o suficiente para uma dança.

— É tudo questão de poder — ia dizendo o europeu. Sua voz era alta demais. Ele estava bêbado, mas não tão bêbado quanto dava a entender. O sotaque era intenso e anasalado. — Sabe do que estou falando? Não é violência. Pelo menos não violência *física*.

A mulher ao lado dele olhou em volta. Devia ter umas vinte pessoas no

lugar, e todo mundo ouvia a conversa dela e do acompanhante europeu. A mulher viu o reflexo dos olhos de Ramón no espelho por uma fração de segundo, então olhou para longe e riu. Ela nem concordara e nem discordara do europeu. O homem continuou como se ela tivesse falado — como a opinião dela não valia, ele provou o próprio ponto.

— Quer dizer, *você* por exemplo — começou o sujeito, apoiando a mão no braço da mulher como se estivessem colocando a culpa nela. — Você veio comigo porque tinha que vir. Não, não. Não discorde, não tem problema. Sou um homem da vida, sabe. Eu entendo. Sou um visitante importante, e seu chefe quer garantir que eu fique feliz. Isso me dá poder, entende? Você veio até o bar comigo, não veio?

A mulher disse alguma coisa, a voz baixa demais para ser ouvida, e a boca deu um sorrisinho tímido. Não funcionou.

— Não, sério — insistiu o europeu. — O que você faria se eu lhe dissesse para me acompanhar até o meu quarto e trepar comigo? Quer dizer, acha mesmo que estaria em condições de dizer não? Até poderia, né? Até poderia dizer não. Mas aí eu faria você perder o emprego. Simples assim.

Ele estalou os dedos e deu um sorriso frio.

Ramón bebericou seu drinque. O uísque parecia meio aguado — estava ouvindo o europeu falar havia um tempo, e o gelo do copo derretera até assumir formas ovais que lembravam pequenas unhas.

— Nem preciso esperar chegar ao quarto — continuou o europeu. — Tem um beco aqui atrás. Eu poderia levar você para lá, mandar você tirar esse vestidinho, abrir suas pernas... E o que você poderia fazer para me impedir? Digo isso hipoteticamente, claro. Só estou conjecturando. É isso que quero dizer com poder. Eu tenho poder sobre você. Não é por eu ser uma pessoa boa e você ser uma pessoa má. Não tem nada a ver com moralidade, nem um pouco.

A mão do europeu saiu do braço dela. De onde estava sentado, Ramón imaginou que tinha ido parar na coxa, ou talvez mais além. A mulher estava sentada bem ereta. Ainda sorrindo, mas um sorriso frágil. As máquinas de pachinko pararam de fazer barulho. Mais ninguém no bar falava, mas o europeu não tinha percebido. Ou talvez tenha notado, e talvez fosse esse seu objetivo: que todo mundo ouvisse e tomasse conhecimento. Os olhos de

Ramón encontraram os de Mikel Ibrahim, e ele deu batidinhas na borda do copo de uísque agüado. O dono do bar não falou, apenas despejou mais bebida.

— Tudo é uma questão de poder. — A voz dele saía mais baixa. Cada palavra parecia mais grave. A mulher riu e puxou o cabelo para trás. Um gesto ansioso. — Entende o que estou dizendo?

— Entendo — respondeu ela. A voz mais alta. — Entendo mesmo. Mas acho que é hora de eu...

— Não saia daí — falou o europeu. Não era um pedido.

“Que porra é essa?”, murmurou alguém. Ramón bebeu o uísque. Era o quarto. Talvez o quinto. Mikel tinha seus dados bancários. Se estivesse sem dinheiro, já teria sido botado para fora. Ramón deixou o copo vazio no balcão do bar, apoiou ambas as mãos ao lado do copo, as palmas para baixo, e ficou olhando para elas. Se estivesse bêbado demais, não pareceriam suas. Mas pareciam bastante as mãos dele. Estava sóbrio o suficiente. Olhou para a frente e viu a si mesmo no espelho nebuloso, viu o próprio sorriso. A mulher deu risada. Não havia alegria naquele som. Havia medo.

— Quero que você diga que entendeu — mandou o europeu, em voz baixa. — E, depois, quero que você vá embora comigo e me mostre o quanto concorda com o que eu disse.

— Ei, *pendejo* — chamou Ramón. — Você quer poder? Que tal irmos lá fora para eu dar uma surra em você?

O europeu o encarou, surpreso. Houve um momento de silêncio profundo, então o bar irrompeu em gritos, todos de pé, torcendo. Ramón notou um brilho momentâneo de medo nos olhos do europeu, seguido de raiva. Ajustou a faca na manga e sorriu.

— Do que você está sorrindo, *hijo*? — indagou o supervisor.

— Eu só estava pensando numa coisa.

Houve uma longa pausa. O supervisor se encostou na parede, como se ambos fossem prisioneiros na mesma cela.

— Você vai mudar a história? — indagou.

Ramón deu um trago longo no cigarro e exalou lentamente, soltando uma nuvem de fumaça longa e cinza. Pensou em meia dúzia de respostas engraçadinhas. Coisas que podia dizer para mostrar que não estava com medo

deles ou dos alienígenas para quem tinham se tornado cães de caça. No fim das contas, disse simplesmente:

— Não.

— Você é quem sabe — retrucou o supervisor.

— Ainda vou ganhar comida?

— Claro. E faça um favor a si mesmo. Reconsidere. E rápido. Paul teve uma ideia para mostrar aos Enye que você está de sacanagem. E, se eles pedirem que você vá para a nave deles, você vai. E isso será o seu fim.

— Obrigado pelo aviso.

— De nada — respondeu o supervisor, seu tom deixando claro que Ramón realmente não *significava* nada para ele. Não importava se vivo ou morto.

CAPÍTULO 28

Tempo era uma coisa estranha quando se estava numa cela. A escuridão fazia ele se sentir descartado e esquecido. Agora que o LED estava ligado, Ramón tinha a sensação de estar passando por um escrutínio. A luz era imperdoável, deixava cada mancha esquálida, arranhão e rachadura perfeitamente nítido. Ramón avaliou as feridas e chegou à conclusão de que, embora o corpo doesse e ele fosse passar uns dias mijando sangue, não seria a última vítima letal de Johnny Joe Cardenas. Ficaria bem — se os Enye permitissem.

Ouvira histórias, todas oficialmente desmentidas, sobre o que acontecia com quem transgredia as regras ou brigava com a tripulação das naves de transporte. Ramón acreditou em algumas, e em outras, não — dependia de quando e onde se passavam e de quem contava. Assim que chegou à colônia, todas entraram no mesmo patamar que as histórias de fantasmas. Eram agradavelmente assustadoras e grotescas, mas nada digno de preocupação. Mas, naquele momento, estava preocupado. Conseguiria resistir, se fosse levado?

Não via muita vantagem em manter Maneck em segredo, se os Enye arrancariam a verdade de uma forma ou de outra. O massacre seria o mesmo, não importava se Ramón revelasse a informação de bom grado ou se ela fosse extraída dele. Exceto, claro, para Ramón.

Por outro lado, ele era um filho da puta durão. Talvez conseguisse resistir, mesmo se tentassem quebrar sua força de vontade. Só poderia saber se tentasse.

Em vez de ficar preocupado, Ramón tentou isolar o momento em que

parou de considerar Maneck e os alienígenas sob a montanha como inimigos. Devia ter acontecido num momento específico. Dedicara-se a matá-los pelas indignidades às quais fora submetido, mas lá estava, ponderando se seria forte o suficiente para morrer e protegê-los, caso necessário. Não era uma mudança pequena, mas não conseguia saber quando acontecera. Ou por que parecia tanto com o momento em que defendera a mulher no bar. Ou por que a perspectiva de tortura e da própria morte não o preenchia com um pavor ainda maior.

Mas também não houvera garantia alguma de sobrevivência com o europeu. Poderia ter morrido naquela viela, seria tão fácil quanto matar. O resultado não importava. A questão era ser o tipo de homem que faria uma coisa daquelas. Era sua razão de ser, e era motivo suficiente para aceitar uma morte honrada, se tivesse que chegar a isso. E, talvez, Ramón tivesse um certo fascínio por causas perdidas. Como aquele cara na *telenovela*.

Também houve longos períodos em que ele sabia que, se qualquer um perguntasse bem naquele momento, teria contado qualquer coisa. Tudo. Contanto que o deixassem ir *embora*. Conforme as horas se passavam, fixou as chances de Maneck em sessenta-quarenta a favor dos Enye. Tudo dependia de que parte do ciclo do heroísmo e da covardia sua mente estivesse quando viessem, ou se o deixassem puto o suficiente para querer se sacrificar só de pirraça.

Quando a porta se abriu e os guardas entraram, o supervisor estava junto. Tinha trocado de terno, então Ramón imaginou que pelo menos um dia se passara desde que fora arrastado até aquela cela. Parecia plausível.

Depois que ele foi algemado, os guardas o fizeram marchar até uma pequena sala de reunião. Ia um à frente e dois atrás dele, todos com porretes elétricos carregados e a postos. A sala estava bem arrumada. Nada daquela sensação de abatedouro que o restante da delegacia ostentava. O Enye de antes, ou um parecido o suficiente para enganar Ramón, estava encostado na parede, a língua ágil percorrendo o próprio corpo com satisfação. O governador estava lá e, para sua surpresa, a mulher do bar também. O supervisor fez os guardas conduzirem Ramón até uma cadeira soldada ao chão e o acorrentarem. O governador o encarou com uma mistura de desgosto e frieza calculada. A mulher o encarou uma vez, com uma expressão de tédio profundo, e voltou a atenção para o *datapad*.

“A culpa desta merda toda é sua”, pensou, projetando o pensamento na direção da mulher. “Se você tivesse se defendido, em vez de esperar que outros lutassem por você, eu não estaria nessa merda.”

— Certo — começou o governador, soando irritado. — Podemos resolver isso logo?

— Estão levando a mulher para a sala de interrogatório, senhor — explicou o supervisor.

— Quem? — perguntou Ramón. — O que está acontecendo?

— O que eu disse, *hijo* — retrucou o supervisor. — Fim da linha.

Uma tela surgiu na parede e zumbiu ao ligar. Surgiu uma imagem da salinha infernal de interrogatório, vista do canto, num ângulo perturbador. Dava para ver a nuca do policial e o lugar onde o homem estava começando a perder cabelo. À frente dele, estava Elena, irritada, dedilhando um cigarro. Ramón tossiu.

— Ei! Ei, espera aí! Nem fodendo. Sem chance! Eu acabei de terminar com ela. Ela é *loca*! Vocês não podem acreditar em nada do que ela disser!

O governador olhou para o supervisor. Os olhos de ostra molhada do Enye pareciam piscar enquanto a criatura analisava Ramón. A mulher pareceu fazer de conta que não ouviu.

— *Señor Espejo*, as audiências de extradição requerem a presença do governador, de um representante da potência estrangeira, de um representante da polícia e do acusado. No caso, você — explicou o supervisor. — Não há nenhuma diretriz que indique que o acusado pode falar. Com todo o respeito aos seus direitos de cidadão, essa é sua chance de calar essa merda dessa boca antes que eu mande amordaçar você. Certo?

Na tela, o policial e Elena começavam a dança, dizendo o nome e o endereço dela, declarando que ela conhecia Ramón Espejo.

— Mas ela é uma mentirosa! — insistiu Ramón, envergonhado ao ouvir a voz afinando.

— Eu conheço aquele idiota há sete anos — dizia Elena, na tela. — Sempre que ele vem para a cidade, fica comigo. Come da minha comida, deixa suas porcarias no chão. Eu até lavava as merdas das roupas dele, dá para acreditar? Consegui um bom emprego e gastei meu tempo de folga garantindo que aquele *cabrón* vagabundo tivesse meias limpas!

— Então, você diria que tem um relacionamento íntimo com o *señor* Espejo?

Elena olhou para o policial, então para o chão, dando de ombros.

— Acho que sim — respondeu. — Quer dizer. Sim. Éramos íntimos.

— No tempo em que passou com o *señor* Espejo... sete anos, não foi? Você lavava as roupas dele com frequência?

— Claro.

— Ela nunca... — começou Ramón.

O supervisor balançou a cabeça uma vez, primeiro para direita, depois para esquerda, e parou, com um olhar ameaçador que fez Ramón ficar quieto.

— E, durante esse tempo, você alguma vez viu essa vestimenta?

Com um floreio, ele mostrou o manto. Ramón olhou para o Enye. A criatura estava com os olhos fixos na tela, a língua movendo-se incansável, disparando para dentro e para fora da boca, os cílios verdes e amarelos que margeavam o corpo se agitavam como vermes.

“Preciso contar”, pensou Ramón. “Putá que pariu, preciso contar antes que me entreguem para aquela coisa.” Visões emprestadas dos Enye de Prata a caminho da matança dançavam em sua mente. Que métodos usariam para extrair informação de um humano? Só precisava falar, dizer umas poucas palavras, para condenar o povo de Maneck à morte. Era mesmo tão difícil?

— Esse trapo? O tempo todo — retrucou Elena. — Ele deixa na porra do chão do banheiro sempre que toma banho. E sabe por quê? Por que acha que eu sou a maldita da empregada dele! *Pendejo*. Olha, estou muito melhor sem ele. Botá-lo para fora foi a melhor coisa que eu fiz na vida!

O pânico deixara Ramón surdo, então ele levou um tempo para entender o significado daquelas palavras. Virou-se para a tela de queixo caído. O silêncio imperava na sala de interrogatório. O policial mexia a boca, como se estivesse falando, mas não saía palavra alguma. Elena se coçou com vontade. Ramón sentiu que a mente dava voltas. Era balela. Elena *não podia* ter visto aquele manto, nem mesmo depois que voltara do hospital. Estava mentindo — a mentira ideal para salvar sua pele de merda. Ele não conseguia entender.

— Tem certeza? — perguntou o policial. A voz parecia um pouco tensa. — Por favor, olhe com cuidado. Tem certeza de que viu essa peça de vestimenta em particular?

— Sim.

— Mas, no seu depoimento, você disse que o *señor* Espejo não possuía um roupão.

— Isto não é um roupão — retrucou Elena. — Roupão é uma daquelas coisas que vão até o tornozelo, né? Esse aí só vai até o joelho. Está mais para uma bata.

— E essa bata... — começou o policial, então esqueceu o que ia dizer.

Ramón quase sentiu dó do merdinha. O que mais ele poderia perguntar?

— Ele tem isso aí desde que nos conhecemos. Eu vivia dizendo para jogar essa porcaria fora, mas acha que ele me ouvia? Nunca. Nem uma só vez, sobre nada. Aquele filho da puta.

— Hã... tem certeza? — indagou o policial, sem esperanças.

— Eu tenho cara de burra? — indagou Elena, franzindo o cenho.

Ramón foi tomado pela sensação de que aquilo tudo era absurdo. Alguém tinha falado com ela. Alguém abordara Elena entre a hora do depoimento e agora e a ensinara o que fazer para tirar Ramón da frigideira. Imaginou o quanto aquilo teria custado. Conhecendo Elena, provavelmente bastante. Conteve um sorriso a todo custo, mas o alívio era como tomar um gole do melhor uísque que já bebera. Até melhor, talvez.

Parada ao lado do governador, a mulher de cabelo alisado o encarou com um rosto inexpressivo.

Ramón pensou que o problema dos alienígenas é que eles nunca conseguiam entender totalmente as sutilezas com as quais os humanos se comunicavam. Mesmo que tagarelasse por cem anos, Ramón nunca seria capaz de explicar exatamente por que o fato de a mulher ter erguido o queixo uns poucos milímetros significara “de nada”, “obrigada” e “estamos quites”, tudo de uma vez só. Imaginou a alma do europeu, aprisionada em algum lugar no Inferno, lamentando furiosa ao ver Ramón escapar.

Na tela, o policial se arrastou por mais algumas perguntas irrelevantes e encerrou o interrogatório. O governador tocou uma vez no *datapad*, e a tela sumiu da parede. Ramón esfregou a mão na coxa, tentando esconder a empolgação ao fingir impaciência e raiva.

— Então, *pendejo*, ainda vai me amordaçar? Não quero ser inconveniente, nem nada do tipo. Mas agora que vocês me tranca-fiaram, me

encheram de porrada e tentaram me entregar para a grande bola de ranho ali do lado, será que alguém poderia me soltar dessas merdas de algemas para que eu possa falar com meu advogado sobre quanto dinheiro consigo tirar de vocês?

— O relato dele é consistente — entooou o Enye. — Ele não é do nosso interesse.

Nunca na vida Ramón se sentiu tão absolutamente satisfeito em não ser do interesse de alguém. O governador, a assistente e o Enye saíram enquanto ele era liberado. O supervisor explicou os procedimentos e formulários com uma eficiência tediosa, e sua presença contínua indicava que ele queria garantir que nada mais desse errado. Em uma hora, Ramón estava na rua. Todo arrebetado, mas mesmo assim sorrindo. Fez uma pausa para cuspir na base da escadaria da delegacia e saiu pela cidade, andando por quase meio quarteirão antes de descobrir que não tinha para onde ir.

Estava a caminho da casa de Lianna e da criação de algum tipo de vida nova para si. Levaria pelo menos duas horas para chegar lá a pé, ainda com a pulseira de identificação de quando estava sob custódia, cheio de hematomas e espancado pelo tempinho que passara com Johnny Joe. E sem a menor disposição para uma longa caminhada. Continuou se movendo até chegar a uma praça pública, um pedacinho de terra deprimente sob a sombra de um complexo administrativo. Sentou-se no banco, mas só por alguns minutos. Não queria que a polícia viesse incomodá-lo e percebeu que estava parecendo um mendigo.

Um mendigo. Sem lugar para morar. Sem trabalho. Não tinha nada, só um plano incompleto para reconstruir quem era e um segredo que não poderia contar para ninguém. Bem lá em cima, as naves Enye tremeluziram, formas opacas pela camada de poluição que cobria a cidade. O sol baixaria em breve, abrindo espaço para as poucas estrelas capazes de vencer as luzes da cidade. Ramón enfiou as mãos nos bolsos.

Lianna parecia um sonho. Uma ideia que tivera quando estava bêbado, mas que parecia bobagem quando a sobriedade retornava. Tentou imaginar o que teria dito, como explicaria o valor de um prospector miserável, arrebetado e sem um furgão ou lugar para dormir. Não importava que tivesse acabado de sair da cadeia e provavelmente cheirasse como alguém que acabara de ser solto. Não importava que acabara de se transformar no

novo Johnny Joe, o primeiro na lista de suspeitos prioritários a ser acochado, na próxima vez que o governador precisasse de alguém para levar a culpa por algum crime inconvenientemente insolúvel. Sabia o que Lianna veria quando olhasse para ele.

Veria Ramón Espejo.

Ainda era crepúsculo quando chegou ao açougue. Estava fechado havia horas, as barras de metal envolvendo as portas e janelas. Subiu pela escadaria lateral. Viu as luzes no apartamento de Elena. Ficou parado na escuridão do topo da escada por muito tempo. Viu gatos no beco, mais uma espécie importada da Terra. Lagartos corriam pela parede e voavam. O cheiro de sangue velho apodrecendo se misturava ao cheiro de fumaça de madeira e carburação de furgões. O odor acre de Villa Diego era familiar. A tensão nos ombros e na garganta, também. Lá em cima, no céu noturno, Garota espiava por trás das nuvens altas. Ouviu o ribombar e ruído de música distante.

Bateu à porta.

Quando ela abriu, viu o questionamento em seus olhos. Ramón podia ter voltado por muitos motivos. Para dizer obrigado. Para pegar alguma coisa que esquecera. Para ficar. Cada uma precisaria de uma saudação específica, e ela não tinha certeza de qual usar. Nem ele.

— Ei — cumprimentou Ramón.

— Você está péssimo. Os policiais fizeram isso?

— E sujar as próprias mãos? Não, um cara fez o serviço por eles.

Elena cruzou os braços. Não tinha aberto espaço — imaginou que estivesse com medo de que ele não aceitaria o convite.

— Você o deixou pior? — perguntou a mulher.

— Ele está morto. Não fui eu quem matou, então não estou encrencado. Mas ele estava lá por minha causa, e morreu. Acho que quer dizer que eu ganhei.

— *Cabrón* durão — retrucou Elena, só um pouco zombeteira. — Perigoso para quem cruza seu caminho.

Um transportador pulsou em direção à noite. Ramón sorriu. Doía um pouco ao redor do olho. Elena olhou para baixo, abriu um sorriso tímido para os joelhos dele e deu um passo para trás. Ele entrou, fechando a porta ao passar. Elena fez guisado de arroz. O tipo de prato que ela poderia dizer que

tinha feito para aproveitar as sobras da semana. Ou para servir duas pessoas. Ramón se sentou à mesa e deixou que ela servisse uma tigela.

— Você foi ótima. Com os policiais, quer dizer. Aquela sacada de falar que era uma bata?

— Gostou? Foi ideia minha.

— Foi ótimo. Só que, com aquela câmera, não consegui ver a cara dele.

Elena sorriu, serviu-se de uma tigela e se sentou. O clima entre os dois parecia tão frágil quanto vidro incandescente. Ramón pigarreou, mas não tinha o que dizer para continuar, então comeu uma garfada do guisado. Não era muito bom.

— Aquela mulher rica. Aquela que veio falar comigo? Era ela no El Rey?

— Sim. Era ela.

— Ela pareceu legal.

— Eu não sei. Nunca conversamos.

Elena estreitou os olhos, apertando os lábios. Ramón sentiu a desconfiança emanando dela como calor. E balançou a cabeça.

— Pode parar. Ela nunca disse uma porra de uma palavra para mim. Só ouvi o nome dela porque um dos policiais disse.

— Você se meteu numa briga de faca por causa de uma mulher de quem você nunca tinha ouvido falar?

Elena soava incrédula, não irritada.

— Bem, *ele* não sabia que era uma briga de faca — retrucou Ramón.

— Seu doido do caralho.

Ramón riu. Elena acompanhou. O momento de fragilidade passou, a briga de antes não passava de mais uma briga. Uma entre os milhares de brigas anteriores e os milhares ainda por vir, insignificantes demais para serem lembrados. Ele estendeu o braço e pegou a mão dela.

— Estou feliz que você tenha voltado — comentou Elena.

— Aqui é o meu lugar — respondeu ele. — Por um tempo, achei que eu fosse alguém diferente, mas é *aqui* que eu *sou*, entende? Ser Ramón e não ser Ramón é *aubre*.

— O que quer dizer *aubre*?

— Bem que eu queria saber — retrucou Ramón, por trás do sorriso. — É só uma coisa que um amigo meu costumava dizer.

CAPÍTULO 29

Era um dia fresco de Outubro. Os canos de flutuação do furgão protestavam, e um dos pares da traseira às vezes perdia potência. Se Ramón não ficasse de olho, acabaria voando num círculo longo e lento sobre o *terreno cimarrón* abaixo, até os núcleos de energia se esgotarem. Aquilo era ainda mais irritante porque as noites chegavam cedo no inverno do norte, e adoraria ter colocado o veículo no piloto automático e dormido um pouco. Em vez disso, continuou debruçado sobre a droga do painel, fazendo diagnósticos e dizendo a si mesmo que seus dias naquele furgão alugado de quinta logo acabariam. Só quatro ou cinco viagens boas em sequência. E, depois daquela viagem, seria fácil arranjar quatro ou cinco trabalhos bons.

Os Enye continuaram estacionados acima de São Paulo por mais dois meses, os transportadores subindo para a órbita e voltando às vezes cerca de doze vezes por dia. As semanas foram passando, e Ramón sentia cada vez mais dificuldade de permanecer na cidade. Assim que a última leva de ferimentos ficou mais ou menos curada, o impulso de voltar aos ermos retornou. A paciência com as pessoas à volta ficava cada vez menor. E, para piorar, Ramón nem se arriscava a ficar bêbado.

A polícia deixou bem claro que estava de olho nele. Não podia nem ir a uma loja sem ver alguém de farda zanzando por perto. Nas poucas vezes em que entrou num bar, parecia que um policial se materializava do nada alguns minutos depois. Por duas vezes, foi levado até a delegacia para interrogatório por conta de algum crime insignificante com o qual não tinha a menor ligação. Em ambas as vezes, tinha álibis que nem mesmo a polícia podia negar. Mas a situação estava clara. Queriam-no fora de cena, e ele queria

realizar os desejos da polícia. Teria feito isso antes, caso tivesse algum dinheiro.

Em vez disso, ficava em casa bebendo um pouco do uísque de Elena. Quando ficava meio alto, usava o link para fuçar arquivos e fóruns atrás de respostas para perguntas irrelevantes. Foi assim que descobriu que Martín Casaus morrera três anos antes num acidente e que Lianna estava casada e tinha um filho. Foi assim que descobriu o nome do europeu — Dorian Andres —, e que viera negociar vários acordos comerciais — que não seriam assinados nem naquela geração, nem na próxima — e seria enviado de volta para Europa na esperança de que o processo não fosse postergado por mais cem ou duzentos anos e concluído pelos filhos dos filhos de pais que ainda não haviam nascido. O espaço era grande demais para aquelas coisas terem a importância que os políticos queriam que tivessem.

E foi assim que descobriu que os Enye de Prata estavam partindo. Os devoradores de filhotes tinham finalizado os negócios ali e estavam partindo para a próxima colônia. Procurando sua presa, embora nenhum homem ou mulher no planeta soubesse — além dele. Na tarde em que estavam agendados para partir, houve outro grande carnaval no centro da cidade para homenageá-los, mas, em vez de participar, Ramón comprou umas cervejas, subiu sozinho no telhado do apartamento de Elena e viu as naves irem embora. Quando a última luz dos motores desapareceu do céu azul escuro, Ramón deu tchauzinho. *Pendejos* do caralho.

Elena o botou para fora de casa quando a neve começou a cair, mas foi estranho. Em geral, teria acontecido de um jeito diferente: ela teria ficado puta da vida, e teriam terminado trocando socos e jogando pratos. Em vez disso, certa manhã, Elena olhou para ele, balançou a cabeça e disse que era hora de ele ir embora, antes que fizesse algo idiota. Tinha sido daquele jeito desde que ela salvara sua vida lá na delegacia. Ainda brigavam, ainda gritavam, mas, quando era importante, bastava uma declaração pontual. “Os feijões estão frios.” “Esta camisa não está limpa.” “É hora de você ir embora antes que faça algo idiota.” O plano no qual Ramón estava trabalhando não tinha como ser melhorado, e o chamado do céu aberto ficava maior a cada dia. Elena tinha razão. Ele precisava sair dali por um tempo. E, quando estivesse desintoxicado da cidade, das pessoas e da ameaça residual dos Enye, poderia retornar.

Griego questionou a coisa toda, criticando Ramón por não ter um seguro melhor para o furgão anterior. Deixando claro que ele estava pedindo para que confiasse o equipamento nas mãos de um porra louca que da última vez que saíra tinha voltado pelado, quase morto e sem ter descoberto nada. A negociação amaciada pela cerveja de Griego durou até ambos estarem completamente bêbados e cantando músicas velhas. Pela manhã, os dois se lembraram de terem feito um acordo, mas o contrato era ininteligível. Ainda assim, tinha a assinatura dos dois, então Griego concordou em emprestar um furgão para Ramón sob a condição de que o aluguel seria metade do lucro resultante de qualquer viagem menos a depreciação do furgão. Estava tirando vantagem descaradamente, mas Ramón não se importava. Não ia fazer dinheiro nenhum com aquela primeira viagem, mesmo. Era só a primeira parte do plano. Ficar rico viria depois.

As duas luas estavam visíveis, Garota bem no topo, com Garotinha começando a despontar no horizonte. A luz azul e fria permitia uma vista parcial do terreno abaixo. O Oceano Tétrico era preto como café no escuro, mas Ramón sabia que a luz do dia, quando viesse, revelaria águas profundas de um verde vistoso. O inverno era época de crescimento no oceano, ao contrário da terra firme. Algo a ver com os níveis de oxigenação. Mas para ele aquilo só significava uma planície infinita de pequenas ondas verdes, as beliscadas do vento de inverno, o aroma salgado e as mudanças da maré. Pensou naquilo tudo, construindo o mundo em sua mente. A barriga não estava mais embrulhada desde que saíra de Villa Diego. A mente parecia mais calma, vagarosa, nada parecida com a de um cachorro preso num canil. Momentos como aquele faziam toda a diferença. O furgão emitiu um sinal, e a atenção retornou para as pequenas correções manuais quase infinitas que aquela coisa demandava durante o voo.

Num furgão de verdade, não naquela porcaria de latão moribundo, teria chegado em Sierra Hueso num único salto, mas sabia que a desconfiança que tinha no veículo o manteria acordado mesmo que abandonasse o painel e se deitasse. Perto da meia-noite, sobrevoou o Alto do Violinista e mirou o furgão para o leste, na direção das árvores virgens, circulando até encontrar uma clareira adequada para o pouso. A neve era profunda demais, e seria difícil abrir a porta, se quisesse sair. Mas, dentro da caixinha voadora, o aquecedor estava ligado e mantinha o ar quente. Era como ficar enrolado num

cobertor de lã numa noite fria. Ajeitou-se no leito e pegou no sono enquanto pensava nas diferenças entre chantagem e extorsão.

O plano, depois que fora finalmente concluído, era simples: Maneck e seu povo estavam se escondendo no subsolo daquele planeta muito antes de a colônia ser iniciada. Tinham escolhido o lugar para esconder a colmeia. Até poderiam existir outras colmeias espalhadas pelo planeta. Ele faria uma oferta comercial — os alienígenas compartilhariam a informação sobre os recursos minerais do planeta e, assim que estivesse ganhando dinheiro suficiente sem parecer suspeito, Ramón compraria e restringiria o acesso às áreas onde o povo de Maneck vivia, garantindo que aqueles locais não fossem explorados, que nenhum outro minerador tropeçaria neles. Para isso, precisaria ganhar muito dinheiro. Na verdade, teria que ser um dos homens mais ricos da colônia, então era muito importante — para Maneck e para os outros — garantir que Ramón encontrasse veios bastante lucrativos.

O truque, claro, era conseguir explicar tudo isso para os alienígenas de modo que entendessem o que significava fazer um acordo e quais seriam as consequências caso o matassem imediatamente sem ouvi-lo. Gravou tudo — horários, coordenadas, descrições dos alienígenas e do relacionamento deles com os Enye —, criptografou o arquivo e entregou a Mikel Ibrahim para deixar guardado na mesma gaveta onde ficava sua velha faca de gravidade. O homem se provara capaz de guardar um segredo. Talvez, quando Ramón ficasse rico, contrataria o cara para ser supervisor, ou coisa parecida. De qualquer forma, o acordo envolveria Ramón voltar para buscar as informações sigilosas quando terminasse aquela missão. Se a primavera chegasse, mas Ramón não, Mikel entregaria tudo para os policiais. Ramón sabia que confiar o destino dos alienígenas a um furgão de quinta categoria de Griego era uma ideia meio arriscada — se os tubos de elevação falhassem, ou uma célula de energia explodisse, seria o mesmo que condenar toda a raça. Mas não encontrou outro modo de resolver a situação. Além disso, se acontecesse algo do tipo, estaria morto e não daria a mínima.

Era arriscado, claro. Talvez até demais. Não tinha como saber o que aqueles imbecis pensariam ou fariam. Eram mais estranhos que os norteamericanos, até mesmo que os japoneses. Se não conseguisse fazer com que entendessem a apólice de seguro que deixara na cidade, provavelmente acabariam com ele. Porra, talvez o matassem de qualquer forma, mesmo que

entendessem. Não dava para saber. Mas a vida era um risco. Só havia um jeito de ter certeza de que estava vivendo.

A manhã demorava a começar, tão ao norte, e Ramón precisou realizar o ciclo de partida três vezes antes de todos os canos de flutuação descongelarem direito. Só conseguiu decolar pouco antes do meio-dia, bisbilhotando sobre as copas salpicadas de neve, observando as nuvens de gelo sobre as montanhas e cantarolando sozinho. Bem a oeste ficava a faixa fina, prata e branca do Río Embudo, onde quase morrera. Em algum lugar naquele fluxo — devorado pelos peixes, os ossos despejados no mar — o outro se tornara irreversivelmente parte daquele mundo. Ramón tocou a testa em respeito ao morto.

— Antes você do que eu, *cabrón* — repetiu.

Temia que a mudança das estações dificultaria a localização da descontinuidade na face da terra. Separou três dias para revirar as montanhas, mas não precisou. Pousou o furgão na mesma campina onde pousara tanto tempo antes, em outra vida, vestiu roupas mornas à prova d'água e pegou o novo equipamento de campo. Levou menos que uma hora para reconhecer o formato da pedra debaixo da neve, para reconhecer exatamente onde queria ir.

Enquanto caminhava penosamente pela neve, puxou uma estaca de exploração de cavernas da mochila. Era comprida como seu antebraço e tinha uma ponta afiada e temperada, e uma pequena tampa explosiva na extremidade. Ramón também levou sondas de prospecção, mas não queria fazer a parede toda desmoronar, como da outra vez. Quando chegou ao rochedo íngreme, limpou a área com as mãos, procurando por um lugar adequado, e fez uma pausa para avaliar a neve — morrer numa avalanche seria bem estúpido, ainda mais depois de tudo aquilo —, então posicionou a estaca.

O disparo produziu um som seco e agudo. Corvos de penas brancas saíram voando aos trancos das árvores, chiando em revolta, e barbataninhas sobrevoaram o declive, gritando como mulheres enlutadas. Com sorte, a ponta da estaca teria sido enfiada até o metal prateado da colmeia. Ramón se lembrava do que sentira, andando na direção daquele espelho imperfeito, vendo o próprio reflexo enevoadado indo ao seu encontro.

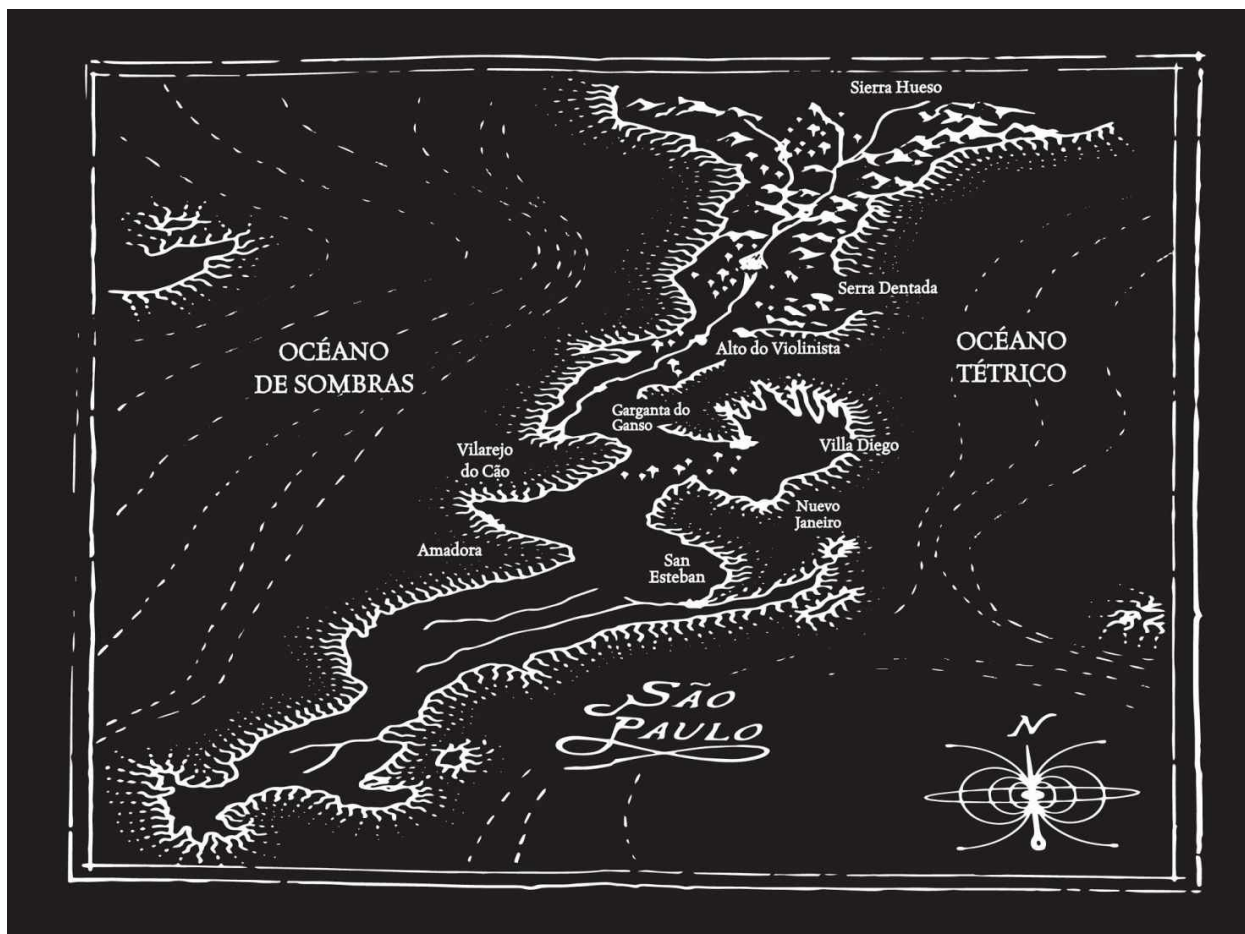
Por um bom tempo, nada aconteceu. Ramón começou a ponderar se

estava no lugar errado. Ou se a estaca não penetrara fundo o suficiente. Ou se os alienígenas tinham abandonado a colmeia, fugindo para algum canto mais distante do mundo, ou talvez submerso ainda mais. Tudo dependia da sorte. E se tivessem decidido que a fuga dele constituía *gaesu*, afinal de contas, e tivessem cometido suicídio coletivo? E se a montanha não abrigasse nada além de mortos?

Mas, quando começou o caminho de volta ao furgão para buscar as sondas de amostragem e tentar outra vez, a neve acima e um pouco para a esquerda se moveu. Camadas volumosas de neve tremeram e caíram quando a pedra abaixo abriu um olho. Um buraco, ainda mais negro do que teria parecido por conta do contraste com o inverno esbranquiçado. E, então, com um chiado agudo parecido com uma centrífuga acelerando, uma *yunea* emergiu, os flancos parecidos com cordas pálidas, o brilho amarelado de marfim envelhecido. A caixa pairou por um momento, como se o avaliasse.

Ramón sacudiu os braços, tentando atrair a atenção da coisa e indicar que não estava com medo. Tinha toda a intenção de estar ali. O veículo alienígena flutuou, movendo-se de um lado para o outro como se tentasse encontrar sentido na presença daquele homem. Ramón, tranquilizado pela hesitação do alienígena, acendeu um cigarro e sorriu para o vento frio. As tiras da lateral da *yunea* se afinaram, e ele viu a forma alienígena lá dentro. Devia ter cerca de dois metros de altura, a pele amarelada com padrões de redemoinhos pretos e prata cicatrizados sobre ferimentos antigos. Um dos olhos laranja incandescentes estava escuro. Ramón sorriu para seu velho amigo e captor.

— Ei, monstro! — gritou, as mãos em cone ao redor da boca. — Desce aqui! Tem outro monstro querendo falar com você!



GEORGE R.R. MARTIN nasceu em 1948 em Nova Jersey e é formado em jornalismo pela Northwestern University, em Chicago. Publicou sua primeira história de ficção científica, *The Hero*, em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugo Awards, dois Nebula Awards e o prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood como roteirista e editor de histórias nos seriados de TV *The Twilight Zone* (no Brasil, *Além da Imaginação*) e *Beauty and the Beast* – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua série fantástica “As Crônicas de Gelo e Fogo”, que deu origem ao sucesso da HBO – *Game of Thrones*. A série conta até agora com os títulos *A guerra dos tronos*, *A fúria dos reis*, *A tormenta de espadas*, *O festim dos corvos* e *A dança dos dragões*, todos publicados pela LeYa.

GARDNER DOZOIS é um autor e editor altamente admirado e ganhador do Hugo Awards em algumas antologias de ficção científica. Foi editor da revista *Asimov's Science Fiction* por vinte anos. Divide com George R.R. Martin a edição da coletânea *Mulheres perigosas*.

DANIEL ABRAHAM é ganhador do International Horror Guild Award e já foi indicado para o Nebula Award.

Caçador em fuga é uma história criada a seis mãos que levou quase trinta anos para ser escrita. A ideia surgiu em 1976, de Gardner Dozois, ganhador de mais de 15 Hugo Awards. O texto ficou alguns anos descansando até George R.R. Martin resgatá-lo e lapidá-lo, aprofundando-se, em especial, nas características do ecossistema do planeta-colônia São Paulo. Mais alguns anos se passaram até que Daniel Abraham fosse convidado pela dupla para concluir a obra. O resultado é uma aventura de ficção científica que cria mundos e espécies diferentes com detalhes fascinantes, analisando a humanidade em seus piores e melhores momentos através de um personagem politicamente incorreto, atrapalhado e carismático.

"Uma aventura incrivelmente fluida com grandes intrigas psicológicas. Uma exploração angustiante do que é ser humano."

– *San Francisco Chronicle*

"Uma atraente história de aventura e ação."

– *The Guardian*

"Uma tensa batalha de inteligência entre espécies com uma atmosfera penetrante e uma lição sombria sobre o significado da liberdade."

– *Entertainment Weekly*

"Este romance muito bem fundamentado, com um protagonista memorável e intrigante, satisfaz o leitor em todos os níveis."

– *Publishers Weekly*



omelete.com.br

Índice

[CAPA PÁGINA](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[DIREITOS AUTORAIS PÁGINA](#)

[DEDICAÇÃO](#)

[ÍNDICE](#)

[PRELÚDIO](#)

[PARTE UM](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[PARTE DOIS](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[PARTE TRÊS](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[PARTE QUATRO](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)